



Promessa de
Sangue

Richelle Mead



AV

Academia de Vampiros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RICHELLE MEAD

Promessa
de Sangue

Série Academia de Vampiros -
Livro 4

Tradução de Rafaela/Naru-Chan & Nessa Dantas
Revisão de Carla Ferreira
Formatação de Leytor

LIGADA POR AMOR, MAS JURADA A MATAR...

O resto do mundo estava considerando Dimitri morto. E a uma certa extensão, ele estava. Mas eu não fui capaz de esquecer a conversa que eu e ele tivemos uma vez. Nós dois concordamos que seria melhor morrer – morrer de verdade – que andar pelo mundo como um Strigoi. Era hora de honrar essas palavras.

A vida da guardiã Rose Hathaway nunca será a mesma.

O recente ataque a Academia St. Vladimir devastou todo o mundo Moroi. Muitos estão mortos. E, pelas poucas vitimas carregadas pelos Strigoi, o destino deles é ainda pior. Uma rara tatuagem agora adorna o pescoço de Rose, uma marca que diz que ela matou Strigoi demais para contar. Mas apenas uma vitima importa... Dimitri Belikov. Rose agora deve escolher, um de dois caminhos bem diferentes: princesa – ou, abandonar a academia para sair sozinha em uma caça para matar o homem que ela ama. Ela terá de ir ao fim do mundo para encontrar Dimitri e manter a promessa que ele implorou para ela fazer. Mas a pergunta é, quando a hora chegar, ele irá querer ser salvo?

Agora, com tudo em jogo – e mundos de distancia da St. Vladimir e sua desprotegida e vulnerável, e recentemente rebelde, melhor amiga – Rose pode encontrar forças para destruir Dimitri?

Ou, ela vai se sacrificar para ter uma chance em um amor eterno?”

PRÓLOGO

Uma vez, quando eu estava na nona série, eu tive que escrever um poema para um trabalho. Uma das linhas era, “Se seus olhos não estivessem abertos, você não saberia a diferença entre estar sonhando e estar acordada.” Não tinha significado muito para mim na época. Afinal de contas, tinha um cara na aula que eu gostava, então como podiam esperar que eu prestasse atenção a uma análise literária? Agora, três anos depois, eu entendo o poema perfeitamente.

Porque ultimamente, minha vida parece estar no precipício do sonho. E meu príncipe? Bem, essa era uma longa história. Meu príncipe foi transformado em um vampiro – um Strigoi, para ser específica. No meu mundo, existem dois tipos de vampiros que existem em segredo, dos humanos. Os Moroi são vampiros vivos, vampiros bons que possuem magia elementar e não matam quando estão procurando o sangue que eles precisam para sobreviver. Strigoi são vampiros morto-vivo, imortais e distorcidos, que matam quando se alimentam. Moroi nascem. Strigoi são feitos – a força ou por escolha – através de ações maldosas.

E Dimitri, o cara que eu amo, foi transformado em Strigoi contra vontade. Ele foi transformado durante a batalha, um resgate épico que eu participei também. Strigoi tinham sequestrado Moroi e dhampirs da escola em que eu frequentava, e nós fomos salvá-los. Dhampirs são meio vampiros e meio humanos com o dom da força humana e a dureza, e os sentidos e reflexos dos Moroi. Dhampirs treinam para se tornar guardiões, os guarda costas de elite que protegem os Moroi. Isso é o que eu sou. Isso é o que Dimitri era.

Depois da conversão dele, o resto do mundo Moroi o considerou morto. E a uma certa extensão, ele estava. Aqueles que são transformados em Strigoi perdem todo sentido do que é bom e da vida que eles tinham antes. Mesmo que não tivessem sido

transformados por escolha, não importa. Eles ainda se transformam em maus e cruéis, como todos os Strigoi. A pessoa que eles tinham sido desaparece, e honestamente, era mais fácil imaginar eles seguindo em frente para o céu ou para a próxima vida do que imaginar eles andando pela noite e tomando vítimas. Mas eu não fui capaz de esquecer Dimitri, ou aceitar que ele estava essencialmente morto. Meu coração se recusa a deixar ele ir – mesmo que ele tecnicamente fosse um monstro, ele ainda está lá fora em algum lugar. Eu também não tinha esquecido que uma vez eu e ele tínhamos tido. Nós dois concordamos que preferíamos estar mortos – mortos de verdade – do que andar no mundo como Strigoi.

E depois que tive meu tempo de luto pela bondade que ele perdeu, eu decidi honrar os desejos dele. Mesmo que ele não acreditasse mais neles. Eu tinha que encontrar ele. Eu tinha que matar ele e libertar sua alma daquele escuro e não natural estudado. Eu sabia que era o que o Dimitri que eu havia amado iria querer. Mas matar Strigoi não é fácil. Eles são insanamente rápidos e fortes. Eles não tem misericórdia. Eu já matei vários deles – o que é bem louco para alguém com recém 18 anos. E eu sabia que derrubar Dimitri seria meu maior desafio, tanto físico quanto emocional.

Na verdade, as consequências emocionais tinham aparecido assim que fiz minha decisão. Ir atrás de Dimitri significava aguentar algumas coisas da vida (e isso sem nem contar que lutar com ele poderia muito provavelmente resultar na perda da minha vida). Eu ainda estava na escola, só a alguns meses da formatura para me tornar um guardião formado. Todo dia eu aguentava a St. Vladimir Academy – uma remota e protegida escola para Moroi e dhampirs – significava mais um dia passando no qual Dimitri ainda estava lá fora, vivendo num estado que ele nunca quis. Eu amava ele demais para permitir isso. Então tive que sair da escola mais cedo e sair entre os humanos, abandonando o mundo que eu vivi quase minha vida toda. Partir também significava abandonar outras coisas – ou melhor, uma pessoa: minha melhor amiga, Lissa, também conhecida como Vasilisa Dragomir. Lissa é uma Moroi, a última numa linhagem real. Eu fui designada para ser a guardiã dela quando nos

formássemos, e minha decisão de caçar Dimitri tinha basicamente destruído esse futuro com ela. Eu não tive escolha se não abandonar ela.

Fora nossa amizade, Lissa e eu temos uma ligação única. Cada Moroi se especializa num tipo de magia elementar – terra, ar, água, ou fogo. Até recentemente, acreditávamos que só havia quatro elementos. Então descobrimos um quinto: espírito.

Esse era o elemento de Lissa, e com tão poucos usuários de espírito no mundo, não sabemos quase nada sobre isso. Na maioria, parecia estar ligado com poderes psíquicos. Lissa possuía uma incrível compulsão – a habilidade de exercer sua vontade em quase todo mundo. Ela também podia curar, e é aí que as coisas ficavam um pouco estranhas entre nós. Você vê, eu tecnicamente morri em um acidente de carro que matou a família dela. Lissa tinha me trazido de volta do mundo dos mortos sem perceber, criando uma ligação psíquica entre nós. Desde então, eu sempre estive ciente da presença e pensamentos dela. Eu sabia dizer o que ela estava pensando e sentir quando ela estava com problemas. Também tínhamos recentemente descoberto que eu podia ver fantasmas e espíritos que ainda não tinham deixado esse mundo, algo que eu acho desconcertante e luto para bloquear. Todo o fenômeno se chama ser shadow-kissed.

Nosso laço shadow-kissed me fazia a escolha ideal para proteger Lissa, já que eu saberia instantaneamente se ela está com problemas. Eu prometi proteger ela toda minha vida, mas então Dimitri – alto, lindo, e poderoso Dimitri – tinha mudado tudo. Eu tive que encarar essa horrível decisão: continuar a proteger Lissa ou libertar a alma de Dimitri. Somos melhores amigas desde o jardim de infância, e minha partida foi um choque para nós duas. Para ser justa, ela nunca nem viu chegar. Eu mantive meu romance com Dimitri em segredo. Ele era meu instrutor, sete anos mais velho que eu, e tinha sido designado para ser o guardião dela também. Portanto, ele e eu tentamos lutar contra nossa atração, sabendo que tínhamos que nos focar em Lissa mais do que em qualquer outra

coisa e que também nos meteríamos em uma bela confusão com nosso relacionamento estudante-aluno.

Mas ficar longe de Dimitri – mesmo que eu tenha concordado – me fez ter muito ressentimento não falado contra Lissa. Eu provavelmente deveria ter falado com ela e explicado minha frustração sobre ter minha vida toda planejada. Não parecia justo, de alguma forma, que enquanto Lissa estava livre para amar e viver do jeito que quisesse, eu sempre teria que sacrificar minha própria felicidade para assegurar que ela estivesse protegida. Mas ela era minha melhor amiga, e eu não podia aguentar a ideia de deixar ela

chateada. Lissa era particularmente vulnerável porque usar espírito tinha o horrível efeito colateral de deixar as pessoas insanas. Então eu guardei meus sentimentos até que eles finalmente explodiram, e eu abandonei a Academia – e ela – para sempre.

Um dos fantasmas que eu vi – Mason, um amigo que foi morto por Strigoi – tinha me dito que Dimitri havia voltado para sua terra natal: Sibéria. A alma de Mason tinha encontrado paz e partido desse mundo desde então, sem me dar nenhuma outra pista sobre onde na Sibéria Dimitri poderia estar. Então eu tive que ir lá cega, enfrentando um mundo de humanos e língua que eu não conhecia, para poder cumprir a promessa que eu fiz para mim mesma.

Depois de algumas semanas por conta própria, eu finalmente consegui chegar em São Petersburgo. Eu ainda estava procurando, ainda me debatendo – mas determinada a encontrar ele, embora ao mesmo tempo eu temesse. Porque se eu realmente completasse esse plano maluco, se eu conseguisse matar o homem que eu amava, significaria que Dimitri realmente partiria desse mundo. E eu honestamente não sabia se eu podia continuar num mundo assim.

Nada parecia real. Quem sabe? Talvez não seja. Talvez esteja acontecendo com outra pessoa. Talvez seja algo que eu imaginei. Talvez logo eu acorde e encontre tudo resolvido com Lissa e Dimitri. Todos estamos juntos, e ele vai estar lá com um sorriso para me segurar e me dizer que tudo vai ficar bem. Talvez tudo isso realmente seja um sonho.

Mas eu acho que não.

UM

Eu estava sendo seguida.

Era meio irônico, considerando o jeito que eu tenho seguido outros nas últimas semanas. Pelo menos não era um Strigoi. Eu sabia. Um recente efeito de ser Shadow-Kissed é a habilidade de sentir os mortos vivos – atrás de um ataque de náusea, infelizmente. Ainda sim, eu apreciava o aviso antecipado do meu corpo e estava aliviada por meu perseguidor de hoje a noite não ser um insanamente rápido e cruel vampiro. Eu lutei com o baste desses recentemente, e eu meio que queria a noite de folga.

Eu tinha que chutar que meu perseguidor era um dhampir como eu, provavelmente um do clube. Na verdade, essa pessoa estava se movendo de maneira um pouco menos firme do que eu esperaria de um dhampir. Seus passos eram claramente audíveis contra o pavimento da escura calçada em que eu estava, e, uma vez, eu vi um breve deslumbre de uma sombra. Ainda sim, considerando minha reação afobada hoje a noite, um dhampir era o culpado mais provável.

Tudo tinha começou no Nightingale ([Nota 1](#)). Esse não era o verdadeiro nome do bar, só uma tradução. Seu nome verdadeiro era algo em Russo que estava além da minha habilidade de pronunciar. Nos EUA, o Nightingale é bem conhecido entre os ricos Moroi que viajam para o exterior, e agora eu podia entender porque. Não importava que hora do dia seja, as pessoas no Nightingale se vestem como se estivessem num baile imperial. E, bem, todo o lugar meio que parecia como algo dos tempos antigos da realeza russa, com paredes de marfim cobertas com ornamentos espirais e mofo. Ele me lembrava muito o Palácio de Inverno, uma residência real deixada da época em que a Rússia ainda era regida pelo czar. Eu a visitei quando cheguei em São Petersburgo.

No Nightingale, elaborados lustres cheios de velas de verdade brilhavam no ar, iluminando a decoração dourada, para que mesmo com pouca luz, todo o estabelecimento brilhasse. Havia um grande salão de jantar com mesas envolvidas em veludo e barracas, assim como um lounge e um bar onde as pessoas podiam se misturar. Tarde da noite, uma banda se colocaria ali, e casais poderiam dançar.

Eu não tinha me incomodado com o Nightingale quando eu cheguei à cidade duas semanas atrás. Eu fui arrogante o bastante para pensar que eu podia encontrar Moroi que imediatamente me direcionariam para a cidade natal de Dimitri, na Sibéria. Com nenhuma outra pista sobre onde Dimitri tinha ido na Sibéria, a cidade que ele cresceu me pareceu a melhor chance de me aproximar dele. Só que, eu não sabia onde era, e era por isso que eu estava tentando encontrar Moroi para me ajudar. Havia várias cidades e comunidades de dhampir na Rússia mas quase nenhuma na Sibéria, o que me fez acreditar que a maior parte dos Moroi locais saberiam o lugar que ele nasceu. Infelizmente, acabou que os Moroi que viviam em cidades humanas eram muito bons em se esconder. Eu chequei o que pensei mais provavelmente ser os locais onde Moroi ficavam, só para não encontrar nada. E sem esses Moroi, eu não tinha respostas.

Então, eu comecei a visitar o Nightingale, o que não foi fácil. Era difícil para uma garota de 18 anos se misturar em um dos clubes de maior elite da cidade. Eu logo descobri que roupas caras e gorjetas altas o bastante me ajudariam bastante. Os garçons passaram a me conhecer, e se eles achavam que minha presença era estranha, eles não falaram nada e ficavam felizes em me dar a mesa de canto que eu sempre pedia. Eu acho que eles pensaram que eu era a filha de algum magnata ou político. Qualquer que fosse meu histórico, eu tinha o dinheiro para estar lá, e isso era tudo com que eles se importavam.

Mesmo assim, minhas primeiras noites lá foram desencorajadoras. O Nightingale pode ser um local de elite para os Moroi, mas também era frequentado por humanos. E a princípio,

pareceu que esses eram os únicos clientes do clube. As multidões ficavam cada vez maiores conforme a noite progredia, e observando através das mesas cheias e das pessoas amontoadas no bar, eu não tinha visto nenhum Moroi. A coisa mais notável que eu havia visto era uma mulher com longo cabelo loiro platinado andando pelo lounge com um grupo de amigos. Por um momento, meu coração havia parado. A mulher estava de costas para mim, mas ela parecia tanto com Lissa que eu senti certeza que eu havia sido rastreada. O estranho era que, eu não sabia se deveria me sentir excitada ou horrorizada. Eu sentia tanta, tanta falta de Lissa – mas ainda sim, ao mesmo tempo, eu não queria ela envolvida nessa perigosa viagem minha. Então a mulher virou. Não era Lissa. Ela nem era Moroi, só humana. Devagar, minha respiração voltou ao normal.

Finalmente, mais ou menos uma semana atrás, eu avistei alguns pela primeira vez. Um grupo de mulheres Moroi tinha chego para um almoço tardio, acompanhadas por dois guardiões, um homem e uma mulher, que sentavam cumprindo seu dever silenciosamente na mesa enquanto elas fofocavam e riam bebendo champagne a tarde. Evitar guardiões tinha sido a parte mais difícil. Para aqueles que sabiam o que procurar, Moroi eram fácil de se ver: mais altos que a maior parte dos humanos, pálidos, e super magros. Eles também tinham um jeito engraçado de sorrir e manter seus lábios numa posição em que não mostrasse suas presas. Dhampir, com nosso sangue humano, apareciam... bem, humanos.

Era assim que eu certamente parecia para o destreinado olhar humano. Eu tinha cerca de 1,70m e onde Moroi tendem ter um corpo de modelo irreal, o meu era atleticamente construído e tinha curvas no peito. Os genes do meu desconhecido pai turco e tempo demais no sol tinham me dado um leve bronzeado assim como um longo, e quase negro cabelo e olhos igualmente escuros. Mas aqueles que haviam sido criados no mundo Moroi podiam me ver como uma dhampir através de um exame mais detalhado. Eu não tenho certeza o que era – talvez algum instinto que nos leva para nossa própria espécie e nos faz reconhecer a mistura de sangue Moroi.

Independentemente, era imperativo que eu parecesse humana para aqueles guardiões, então eu não levantei suspeitas. Eu sentei do outro lado do aposento, no meu canto, pegando caviar e fingindo ler meu livro. Para registro, eu acho caviar nojento, mas ele parece estar em todo lugar na Rússia, particularmente nos bons lugares, isso e borscht – um tipo de sopa de beterraba. Eu quase nunca termino minha comida no Nightingale e vou com entusiasmo no Mc Donalds depois, embora os restaurantes russos do Mc Donalds fossem um pouco diferentes dos com os quais eu cresci nos EUA. Ainda sim, uma garota precisa comer.

Então se tornou um teste de minha habilidade, estudar os Moroi quando seus guardiões não estavam observando. Na verdade, guardiões tem pouco a temer durante o dia, já que não tem nenhum Strigoi sob o sol. Mas é da natureza dos guardiões observar tudo, e os olhos deles varriam o aposento continuamente. Eu tinha o mesmo treinamento e sabia seus truques, então eu consegui espionar sem ser detectada.

A mulher voltou várias vezes, normalmente tarde. St. Vladimir tinha um horário noturno, mas os Moroi e dhampir vivendo entre os humanos ou viviam de dia ou algo no meio termo. Por um tempo, eu considerei me aproximar deles – ou até mesmo de seus guardiões. Algo me segurou. Se alguém soubesse onde vários dhampir viviam, seriam Moroi homens. Muitos deles visitavam as cidades dhampir na esperança de conseguir garotas dhampir. Então eu me prometi que eu tinha que esperar outra semana para ver se algum cara aparecia. Caso contrário, eu veria que tipo de informação a mulher poderia me dar.

Finalmente, dois dias atrás, dois Moroi tinham começado a aparecer. Eles tendiam a vir tarde da noite, quando os verdadeiros festeiros chegavam. Os homens eram cerca de 10 anos mais velhos que eu e muito bonitos, usando ternos de marca e gravatas de seda. Eles andavam como poderosas e importantes pessoas, e eu apostaria muito dinheiro que eles eram da realeza – particularmente já que cada um tinha um guardião. Os guardiões eram sempre os mesmos; jovens homens que usam terno para se misturar mas ainda

sim observavam o lugar cuidadosamente com aquela inteligente natureza guardiã.

E havia mulheres – sempre mulheres. Os dois Moroi eram terríveis no flerte, sempre observando e flertando com qualquer mulher a vista, até mesmo humanas. Mas eles nunca foram para casa com nenhuma humana. Esse era um tabu ainda firmemente integrado no nosso mundo. Moroi se mantiveram separados dos humanos por séculos, temendo serem detectados por um raça que tinha crescido muito e era poderosa.

Ainda sim, isso não significa que os homens iam para casa sozinhos. Em algum ponto na noite, mulher dhampir apareciam – diferentes a cada noite. Elas vinham em vestidos com bainha curta e muita maquiagem, bebendo muito e rindo de tudo que os caras diziam – o que provavelmente não era nem engraçado. As mulheres sempre usavam seus cabelos soltos, mas de vez em quando, elas viram sua cabeça de uma forma que mostrava seu pescoço, que estava coberto de machucado. Elas eram meretrizes de sangue, dhampirs que deixavam Moroi beber seu sangue durante o sexo. Isso também era um tabu – embora ainda aconteça em segredo.

Eu fiquei esperando pegar um homem Moroi sozinho, longe dos olhos vigilantes dos seus guardiões para que eu pudesse questionar eles. Mas era impossível. Os guardiões nunca deixavam seus Moroi desprotegidos. Eu até tentei seguir eles, mas cada vez que o grupo saía do clube, eles quase que imediatamente subiam numa limusine – deixando impossível para mim seguir eles a pé. Era frustrante.

Eu finalmente decidi hoje a noite que eu tinha que me aproximar do grupo todo e arriscar ser detectada pelos dhampir. Eu não sabia se alguém de casa estava de fato procurando por mim, ou se o grupo sequer ia se importar com quem eu era. Talvez eu só tivesse que manter minhas opiniões para mim mesma. Era definitivamente possível que ninguém estivesse preocupado com uma desistente fugitiva. Mas se alguém estivesse procurando por mim, minha descrição sem sombra de dúvidas tinha circulado entre os guardiões

ao redor do mundo. Embora eu tivesse 18 anos agora, isso não me faria passar

por algumas das pessoas que eu sei que me enviariam de volta aos EUA, e eu não podia retornar até encontrar Dimitri.

Então, justo quando eu estava considerando como iria agir com o grupo de Moroi, uma das mulheres dhampir saiu da mesa e foi até o bar. Os guardiões a observaram, é claro, mas pareciam confiantes sobre a segurança dela e estavam mais ocupados com os Moroi. Todo esse tempo estive pensando que homens Moroi seriam o melhor jeito de conseguir informações sobre uma vila de dhampirs e meretrizes de sangue – mas que jeito melhor de localizar esse lugar do que perguntar para uma meretriz de sangue de verdade?

Eu saí casualmente da minha mesa e me aproximei do bar, como se eu fosse pegar uma bebida. Eu fiquei parada enquanto a mulher esperava pelo bartender e a estudei em meu perímetro. Ela era loira e vestia um longo vestido coberto com lantejoulas prateadas. Eu não conseguia decidir se isso fazia meu vestido preto aparecer de bom gosto ou chato. Todos os movimentos dela – até mesmo a forma como ela ficava parada – eram graciosos, como o de uma dançarina. O bartender estava atendendo outros, e eu sabia que era agora ou nunca. Eu me inclinei na direção dela.

“Você fala inglês?”

Ela pulou surpresa e olhou para mim. Ela era mais velha do que eu esperava, a idade dela inteligentemente escondida pela maquiagem. Os olhos azuis dela me olharam rapidamente, me reconhecendo como dhampir. “Sim,” ela disse cuidadosamente. Mesmo a única palavra carregava um forte sotaque.

“Estou procurando por uma cidade... uma cidade onde dhampir vivem, na Sibéria. Você sabe do que estou falando? Eu preciso encontrá-la.”

De novo ela me estudou, e eu não consegui ler a expressão dela. Ela podia muito bem ser uma guardiã por tudo que o rosto dela revelou. Talvez ela tenha treinado em alguma época da vida.

“Não,” ela disse rapidamente. “Deixe para lá.” Ela se virou, o olhar dela de volta no bartender, enquanto ele fazia algum coquetel azul adornado com cerejas.

Eu toquei o braço dela. “Eu preciso encontrar. Tem um homem...” eu quase me afoguei com a palavra. E lá se foi meu frio interrogatório. Só de pensar em Dimitri fazia meu coração grudar na minha garganta. Como eu poderia explicar isso para essa mulher? Que eu estava seguindo uma pista distante, procurando o homem que eu mais amava no mundo – o homem que tinha se tornado um Strigoi e que agora eu precisava matar? Mesmo agora, eu podia perfeitamente visualizar o calor em seus olhos castanhos e o jeito que as mãos dele costumavam me tocar. Como eu poderia fazer o que eu tinha cruzado o oceano para fazer?

Se concentre, Rose. Se concentre.

A mulher Dhampir olhou de volta para mim. “Ele não vale a pena,” ela disse, confundindo o que eu quis dizer. Sem dúvida ela pensava que eu era uma garota apaixonada, correndo atrás de algum namorado – o que, eu suponho, era mais ou menos isso. “Você é muito jovem... não é tarde demais para você evitar isso.” O rosto dela podia ser impassível, mas havia uma tristeza na voz dela. “Vá fazer outra coisa da vida. Fique longe daquele lugar.”

“Você sabe onde é!” Eu exclamei, muito agitada para explicar que eu não eu ia ser uma meretriz de sangue. “Por favor – você tem que me dizer. Eu tenho que chegar lá!”

“Algum problema?”

Tanto ela quanto eu viramos para olhar para o poderoso rosto de um dos guardiões. Merda. A mulher dhampir pode não ser a principal prioridade deles, mas eles notaram alguém incomodando ela. O guardião era apenas um pouco mais velho que eu, e eu dei a ele um doce sorriso. Eu posso não estar escorregando para fora do meu vestido como essa mulher, mas eu sabia que a bainha curta fazia maravilhas pelas minhas pernas. Certamente nem mesmo um guardião seria imune a isso? Bem, aparentemente ele era. A expressão dura dele mostrou que meu encanto não estava

funcionando. Ainda sim, eu achei que era melhor tentar minha sorte com ele ao tentar conseguir informação.

“Estou tentando encontrar uma cidade na Sibéria, uma cidade onde dhampirs vivem. Você conhece?”

Ele nem piscou. “Não.”

Maravilhoso. Os dois estavam sendo difíceis. “Yeah, bem, talvez seu chefe conheça?” eu perguntei modestamente, esperando soar como uma aspirante a meretriz de sangue. Se os dhampir não podiam falar, talvez um Moroi falasse. “Talvez ele queira companhia e fale comigo.”

“Ele já tem companhia,” o guardião respondeu. “Ele não precisa de mais.”

Eu mantive o sorriso. “Tem certeza?” Eu disse. “Talvez devêssemos perguntar para ele.”

“Não,” respondeu o guardião. Com aquela única palavra, eu ouvi o desafio e a ordem. Se afaste. Ele não hesitaria em derrubar ninguém que ele achasse que fosse uma ameaça para o seu mestre – mesmo uma dhampir. Eu considerei continuar a insistir mas rapidamente decidi seguir o aviso e de fato recuei.

Eu dei nos ombros despreocupadamente. “A perda é dele.”

E com nenhuma outra palavra, eu andei casualmente de volta para minha mesa, como se a rejeição não fosse nada demais. Enquanto eu segurava o fôlego, meio que esperando que o guardião me arrastasse para fora do clube pelos cabelos. Isso não aconteceu. Ainda sim, enquanto eu pegava meu casaco e colocava dinheiro na mesa, eu vi ele me observando, olhos atentos e calculistas.

Eu saí do Nightingale com aquele mesmo ar despreocupado, me dirigindo em direção a rua movimentada. Era sábado a noite, e haviam vários restaurantes e clubes por perto. Festeiros enchiam as ruas, alguns vestidos tão ricamente quanto os clientes da Nightingale; outros eram da minha idade e estavam vestidos casualmente. Filas se formavam fora dos clubes, música dançante alta e com muito baixo. Restaurantes com uma fachada de vidro

mostravam elegantes jornais e ricas mesas. Enquanto eu andava pelas multidões, cercada por conversa em russo, eu resisti a vontade de olhar para trás. Eu não queria aumentar ainda mais suspeitas se aquele dhampir estivesse observando.

Ainda sim, quando eu virei numa silenciosa rua, que era um atalho para o meu hotel, eu podia ouvir o suave som de passos. Eu aparentemente tinha chamado atenção o bastante para o guardião decidir me seguir. Bem, de jeito nenhum eu ia deixar ele por as mãos em mim. Eu posso ser menor que ele – e estar usando um vestido e salto alto – mas eu tinha lutado com vários homens, incluindo Strigoï. Eu podia lidar com esse cara especialmente se eu usasse o elemento de surpresa. Depois de observar essa vizinhança por tanto tempo eu conhecia suas entradas e saídas bem. Eu aumentei meu ritmo e virei

algumas esquinas, uma delas me levou a um beco escuro e deserto. Assustador, yeah, mas eu consegui um bom ponto de emboscada perto de uma porta. Silenciosamente tirei meu salto alto. Eles eram pretos com faixas de couro, mas não eram ideais para lutar, a não ser que eu planejasse furar o olho de alguém com o salto. Na verdade essa não é uma má ideia. Mas eu não estava tão desesperada ainda. Sem eles o pavimento era frio embaixo dos meus pés. Havia chovido mais cedo.

Eu não tive que esperar muito. Alguns minutos depois eu ouvi os passos e vi a sombra do meu perseguidor aparecer no chão, feita pela luz fraca do poste de luz da rua adjacente. Meu perseguidor parou, sem dúvidas procurando por mim. Na verdade, eu pensei, esse cara é descuidado. Nenhum guardião em perseguição teria sido tão óbvio. Ele deveria se mover mais silenciosamente, e não se revelar tão facilmente. Talvez o treinamento para guardião aqui na Rússia não fosse tão bom quanto o que eu cresci. Não isso não poderia ser verdade. Não do jeito que Dimitri acabava com seus inimigos. Eles o chamavam de deus na Academia.

Meu perseguidor deu mais alguns passos e foi então que agi. Eu pulei, deixando meus punhos prontos. “Ok,” eu exclamei. “Eu só

queria fazer algumas perguntas, então só afaste ou então -"

Eu congelei, o guardião do clube não estava parado ali.

Uma humana estava.

Uma garota, nem mais velha que eu. Ela tinha minha altura, cabelo loiro escuro, usando um casaco azul marinho que parecia caro. Debaixo eu podia ver uma calça e botas de couro que pareciam tão caras quanto o casaco. O mais surpreendente era que eu a reconheci. Eu a havia visto duas vezes no Nightingale, conversando com homens Moroi. Eu assumi que ela era só mais uma das mulheres que eles gostavam de flertar e tinha ignorado ela. Afinal de contas, que uso teria um humano para mim?

O rosto dela estava parcialmente coberto por sombras, mas mesmo com pouca luz não pude deixar de notar a expressão irritada dela. Isso não era o que eu esperava. "É você não é?" ela perguntou. Mais choque, o inglês dela era tão americano como o meu. "E você quem tem deixado corpos de Strigoi pela cidade. Eu te vi no clube hoje à noite, e soube que só pode ter sido você."

"Eu..." Nenhuma palavra se formou nos meus lábios. Eu não fazia ideia de como responder. Um humano falando casualmente sobre Strigoi? Nunca tinha ouvido falar disso. É mais surpreendente do que se encontrar com um Strigoi aqui. Eu nunca tinha visto algo assim na minha vida. Ela não pareceu se importar com meu estado de estupefação.

"Olha, você não pode simplesmente fazer isso, ok? Você sabe que saco é para eu lidar com isso? Esse estágio é ruim o bastante sem que você faça bagunça. A polícia encontrou o corpo que você deixou no parque. Você nem consegue imaginar quantos favores tive que pedir para cobrir aquilo."

"Quem... quem é você?" Eu perguntei finalmente. Era verdade. Eu tinha deixado um corpo no parque, mas sério, o que eu deveria fazer? Arrastar ele de volta para meu hotel e dizer ao mensageiro que meu amigo havia bebido muito?

“Sydney,” a garota disse ansiosa. “Meu nome é Sydney. Eu sou a Alquimista designada para cá.”

“A, o que?”

Ela suspirou alto, e eu tinha certeza que ela havia virado os olhos. “É claro. Isso explica tudo.”

“Não, na verdade não,” eu disse finalmente me recompondo. “Na verdade, eu acho que é você que tem muito a explicar.”

“E atitude também. Você é algum tipo de teste que eles mandaram para mim? Oh, cara. É isso.”

Eu estava ficando com raiva agora. Eu não gostava de ser perseguida. Eu certamente não gostava de ser perseguida por um humano que fazia soar como se eu matar Strigoi fosse algo ruim.

“Olha, eu não sei quem você é ou como você sabe sobre essas coisas, mas eu não vou ficar parada aqui e -”

Náusea tomou conta de mim e eu fiquei tensa, minha mão imediatamente se dirigiu para minha estaca de prata que eu mantinha no bolso do casaco. Sydney ainda estava com aquela expressão irritada, mas estava misturada com confusão agora, devido a brusca mudança na minha atitude. Ela era observadora, isso ela era.

“Qual o problema?” ela perguntou.

“Você vai ter outro corpo para lidar,” eu disse, assim que um Strigoi a atacou.

DOIS

Ir para cima dela ao invés de mim foi ruim para a parte do Strigoi. Eu era a ameaça; ele deveria ter me neutralizado primeiro. No entanto, nossa posição tinha colocado Sydney no caminho dele, então ele tinha que se livrar dela antes de poder me alcançar. Ele agarrou o ombro dela, sacudindo ela em direção a ele. Ele era rápido – eles sempre são – mas eu estava no meu jogo hoje a noite.

Um chute rápido derrubou ele num muro do prédio ali perto e libertou Sydney dele. Ele rosnou por causa do impacto e bateu no chão, estupefato e surpreso. Não era fácil derrubar um Strigoi, não com os reflexos de um raio deles. Abandonando Sydney, ele focou sua atenção em mim, olhos vermelhos raivosos e lábios curvados para trás para mostrar as suas presas. Ele se levantou com aquela sobrenatural velocidade e se lançou em mim. Eu desviei dele e tentei dar um soco que ele também desviou. O próximo movimento dele me pegou no braço, e eu tropecei, mantendo o equilíbrio por pouco. Minha estaca ainda estava na minha mão direita, mas eu precisava de uma abertura no peito dele. Um Strigoi inteligente teria se colocado num ângulo de uma forma que não mostrasse a linha do coração dele. Esse cara estava fazendo apenas um trabalho mediano, e se eu pudesse ficar viva tempo o bastante, eu provavelmente conseguiria uma abertura.

Então, Sydney apareceu e bateu nas costas dele. Não foi um golpe muito forte, mas assustou ele. Era minha abertura. Eu ataquei com máximo de força que consegui, jogando meu peso nele. Minha estaca perfurou o coração dele enquanto batíamos contra a parede. Foi simples assim. A vida – ou morta viva ou o que seja – sumiu dele. Ele parou de se mover. Eu tirei minha estaca assim que tive certeza que ele estava morto e observei o corpo dele cair no chão.

Assim como todos os Strigoi que matei ultimamente, eu tive um momento de um sentimento surreal. E se fosse Dimitri? Eu tentei

imaginar o rosto de Dimitri nesse Strigoi, tentei imaginar ele deitado diante de mim. Meu coração se contorceu no meu peito. Por um segundo, a imagem estava ali. Então – nada. Esse era apenas um Strigoi aleatório.

Eu prontamente deixei de lado a desorientação e me lembrei que eu tinha coisas mais importantes para me preocupar aqui. Eu tinha que checar Sydney. Mesmo com um humano, minha natureza protetora não podia se impedir de parecer. “Você está bem?”

Ela concordou, parecendo abatida mas fora isso ilesa. “Bom trabalho,” ela disse. Ela soava como se estivesse forçosamente tentando soar confiante.

“Eu nunca... eu nunca vi um deles ser morto...”

Eu não conseguia imaginar como ela teria visto, mas então, eu também não entendia como ela sabia sobre essas coisas. Ela parecia estar em choque, então eu peguei o braço dela e comecei a liderar o caminho. “Anda, vamos para onde tem mais gente.” Quanto mais eu pensava, mais Strigoi andando perto do Nightingale não parecia ser uma ideia tão louca. Que lugar melhor para rondar do que um dos lugares que os Moroi frequentam? Embora, com sorte, a maior parte dos guardiões tivesse senso o bastante para manter seus protegidos longe de becos como esses.

A sugestão de partir fez Sydney voltar ao normal. “O que?” ela exclamou. “Você vai deixar ele também?”

Eu ergui as mãos para cima. “O que você espera que eu faça? Eu acho que posso mover ele para trás das latas de lixo e deixar o sol incinerar ele. É o que eu normalmente faço.”

“Certo. E se alguém aparecer para tirar o lixo? Ou sair de uma daquelas portas?”

“Bem, eu dificilmente posso arrastar ele. Ou colocar fogo nele. Um churrasco de vampiro iria atrair atenção, você não acha?”

Sydney balançou a cabeça em exaspero e andou até o corpo. Ela fez uma cara enquanto olhava para o Strigoi e pegou algo em sua grande bolsa de couro. Dela, ela pegou um pequeno frasco. Com um

movimento hábil, ela derramou o conteúdo do frasco no corpo e então rapidamente se afastou. Onde as gotas tinham atingido o corpo, uma fumaça amarela começou a sair. A fumaça devagar se moveu para fora, se espalhando horizontalmente ao invés de verticalmente até que ela envolveu o Strigoi completamente. Então ela se contraiu e contraiu até não sobrar nada a não ser uma pequena bola. Em alguns segundos, a fumaça sumiu completamente, deixando uma pilha de pó para trás.

“De nada,” disse Sydney, ainda me dando um olhar desaprovador.

“O que diabos foi isso?” eu exclamei.

“Meu trabalho. Você por favor me liga da próxima vez que isso acontecer?” Ela começou a ir embora.

“Espere! Eu não posso ligar para você – eu não faço ideia de quem é você.”

Ela olhou para trás e tirou o cabelo loiro do rosto. “Verdade? Você está falando sério, não está? Eu pensei que vocês eram ensinados sobre nós quando se formavam.”

“Oh, bem. Engraçado... eu meio que, uh, não me formei.”

Os olhos de Sydney se alargaram. “Você derrubou uma daquelas... coisas... mas nunca se formou?”

Eu dei nos ombros, e ela permaneceu em silêncio por vários segundos.

Finalmente, ela suspirou de novo e disse, “Eu acho que precisamos conversar.”

Se precisávamos. Encontrar ela foi a coisa mais estranha que aconteceu comigo desde que vim para Rússia. Eu queria saber porque ela pensou que eu deveria manter contato com ela e como ela dissolveu o cadáver do Strigoi. E, enquanto virávamos para a rua cheia e andávamos em direção a um café que ela gostava, me ocorreu que se ela sabia sobre o mundo Moroi, havia uma chance dela saber onde era o vilarejo de Dimitri. Dimitri. Aí estava ele de novo, aparecendo de novo em minha mente. Eu não fazia ideia se

ele realmente estaria por perto da sua cidade natal, mas nesse ponto, eu não tinha mais nada para continuar. De novo, aquele estranho sentimento se apoderou de mim. Minha mente confundiu o rosto de Dimitri com o Strigoi que acabei de matar: pele pálida, olhos vermelhos...

Não, eu me firmei. Não se foque nisso ainda. Não entre em pânico. Até eu enfrentar Dimitri o Strigoi, eu iria ganhar o máximo de força lembrando do Dimitri que eu amava, com aqueles olhos profundos e castanhos, mãos quente, abraço feroz...

“Você está bem... um, qualquer que seja seu nome?”

Sydney estava me olhando de forma estranha, e eu percebi que paramos na frente de um restaurante. Eu não sabia qual era o meu olhar, mas deve ter sido o bastante para chamar a atenção dela. Até agora, minha impressão enquanto andávamos tinha sido que ela queria falar comigo o menos possível.

“Yeah, yeah, estou bem,” eu disse bruscamente, fazendo meu rosto de guardiã. “E me chamo Rose. Esse é o lugar?”

Era. O restaurante era claro e alegre, embora tinha uma similaridade com a opulência do Nightingale. Sentamos em uma cabine de couro preto – com o qual me refiro a um couro de plástico falso – e fiquei feliz por ver que o menu tinha tanto comida russa quanto americana. Os itens estavam traduzidos em inglês, e eu quase babei quando eu vi frango frito. Eu estava faminta depois de não ter comido no clube, e a ideia de carne frita era luxuriosa depois de semanas de pratos de repolho e um chamado McDonalds.

Uma garçonete chegou, e Sydney pediu em um russo fluente, enquanto eu apenas apontei para o menu. Huh. Sydney era cheia de surpresas. Considerando a atitude dura dela, eu esperei que ela me interrogasse imediatamente, mas então a garçonete saiu, e Sydney continuou em silêncio, simplesmente brincando com seu guardanapo e evitando contato visual. Era tão estranho. Ela estava definitivamente desconfortável perto de mim. Mesmo com a mesa entre nós, era como se ela não pudesse chegar longe o bastante. E ainda sim o ultraje dela não tinha sido falso, e ela foi determinada

sobre mim seguir qualquer que fossem as regras dela. Bem, ela podia estar bancando a modesta, mas eu não tinha tal hesitação sobre falar de tópicos desconfortáveis. Na verdade, era meio que minha marca registrada.

“Então, você está pronta para me dizer quem é você e o que está acontecendo?”

Sydney olhou para cima. Agora que estávamos sob uma luz brilhante, eu podia ver que os olhos dela eram castanhos. Eu também notei que ela tinha uma tatuagem interessante na parte de baixo da sua bochecha esquerda. A tinta parecia dourada, algo que eu nunca vi antes. Era um design elaborado de flores e folhas e só era visível quando ela virava sua cabeça de certas formas para que o dourado refletisse a luz.

“Eu te disse,” ela disse. “Sou uma alquimista.”

“E eu disse a você, eu não sei o que é isso. É alguma palavra russa?” Não parecia uma.

Uma meio sorriso apareceu nos lábios dela. “Não. Eu assumo que você nunca ouviu falar de alquimia também?”

Eu balancei a cabeça, e ela colocou o queixo em sua mão, olhos olhando para a mesa de novo. Ela engoliu, como se ela estivesse se preparando, e então com pressa as palavras saíram. “Na idade média, haviam pessoas que estavam convencidas que se eles achassem a fórmula certa ou magia, eles poderiam transformar couro em ouro. Sem surpresas, eles não conseguiram. Isso não impediu eles de perseguirem todo tipo de coisas místicas e sobrenaturais, e eventualmente eles encontraram algo mágico.” Ela franziu. “Vampiros.”

Eu pensei sobre minhas aulas de história Moroi. A idade média foi quando nossa gente realmente começou a se afastar dos humanos, se escondendo e ficando entre si. Foi essa a época que os vampiros realmente se transformaram em mitos até onde o mundo sabia, e mesmo os Moroi eram considerados como monstros que deviam ser caçados.

Sydney confirmou meus pensamentos. “E foi quando os Moroi começaram a se afastar. Eles tinham sua magia, mas humanos estavam começando a ficar mais numerosos que eles. Ainda numeramos.” Isso quase trouxe um sorriso no rosto dela. Moroi as vezes tinham problemas em conceber, enquanto humanos parecem fazer isso fácil demais as

vezes. “E os Moroi fizeram um trato com os alquimistas. Se os alquimistas ajudassem Moroi e dhampirs e a sociedade deles a ficar em segredo dos humanos, os Moroi nos dariam esses.” Ela tocou na sua tatuagem dourada.

“O que é isso?” eu perguntei. “Quero dizer, fora o óbvio.”

Ela gentilmente acariciou com a ponta de seus dedos e não se incomodou em esconder o sarcasmo quando falou. “Meu anjo da guarda. É na verdade ouro e” – ela fez uma careta e abaixou a mão – “sangue Moroi, encantado com água e terra.”

“O que?” minha voz saiu alta demais, e algumas pessoas no restaurante viraram para olhar para mim. Sydney continuou falando, o tom dela muito mais baixo – e muito amargo.

“Não estou feliz com isso, mas é nossa “recompensa” por ajudar vocês. A água e a terra se liga a nossa pele e nos dá as mesmas feições que os Moroi tem – bem, algumas delas. Eu quase nunca fico doente. Eu vou viver um longo tempo.”

“Eu suponho que isso seja bom,” eu disse incerta.

“Talvez para alguns. Não temos escolha. Esse “portador” é um negócio de família – é passado adiante. Todos temos que aprender sobre os Moroi e dhampir. Trabalhamos com conexões entre humanos que nos deixam acobertar para você já que podemos nos mover mais livremente. Temos truques e técnicas para se livrar do corpo de Strigoi – como a poção que você viu. Em troca, queremos ficar longe de vocês o máximo que pudermos – e é por isso que dhampirs não sabem sobre nós até se formarem. E Moroi quase nunca sabem.” Ela parou bruscamente. Eu suponho que a aula tenha terminado.

Minha cabeça estava rodando. Eu nunca, nunca considerei nada assim – espere. Eu tinha? A maior parte da minha educação tinha enfatizado os aspectos físicos dos Moroi e como tirar eles de situações estranhas e perigosas. Eu nunca pensei muito ou ouvi o termo alquimista. Se eu tivesse permanecido na escola, talvez eu tivesse.

Isso provavelmente não era uma ideia que eu devesse ter sugerido, mas minha natureza não pode impedir. “Porque manter o encanto para vocês mesmos? Porque não dividir com o mundo humano?”

“Porque tem uma parte extra no seu poder. Nos impede de falar sobre sua gente de uma forma que pudesse colocar em perigo ou expor eles.”

Um feitiço que os impede de falar... isso parece muito com compulsão. Todos Moroi podem usar um pouco de compulsão, e a maior parte pode colocar um pouco de sua mágica em objetos para dar a eles certas propriedades. A mágica Moroi tinha mudado com o passar dos anos, e compulsão era visto como uma coisa imoral agora. Eu suponho que essa tatuagem seja velha, um velho feitiço que é passado através dos séculos.

Eu repassei o resto do que Sydney disse, mais perguntas surgindo na minha cabeça. “Porque... porque vocês querem ficar longe de nós? Eu quero dizer, não que eu esteja procurando ser sua melhor amiga nem nada disso...”

“Porque é nosso dever a Deus proteger o resto da humanidade das criaturas malignas da noite.” Distraidamente, a mão dela foi para algo no pescoço dela. A maior parte estava coberta pelo casaco dela, mas uma parte do colar dela revelou brevemente uma cruz dourada.

Minha reação inicial a isso foi agitada, já que eu não era muito religiosa. Na verdade, eu ficava completamente confortável perto daqueles que tinham crenças hard-core. Trinta segundos depois, o impacto completo das palavras dela se aprofundaram.

“Espere um minuto,” eu exclamei indignada. “Você está falando sobre todos nós – dhampirs e Moroi? Todos somos criaturas malignas da noite?”

As mãos dela saíram da cruz, ela não respondeu.

“Não somos como Strigoi!” Eu surtei.

O rosto dela permaneceu em branco. “Moroi bebem sangue. Dhampirs são a cria não natural deles e de humanos.”

Ninguém nunca tinha me chamado de não natural antes, a não ser quando coloquei ketchup num taco. Mas sério, ele estava sem salsa, então o que mais eu deveria fazer? “Moroi e dhampirs não são malignos,” eu disse a Sydney. “Não como os Strigoi.”

“Isso é verdade,” ela concordou. “Strigoi são mais malignos.”

“Hey, não é isso que eu –”

A comida então chegou, e o frango frito foi quase o bastante para me distrair do ultraje de ser comparada com um Strigoi. Na maior parte tudo o que ele fez foi me atrasar de responder imediatamente ao que ela alegava, e eu morde um pouco da crosta dourada e quase derreti ali. Sydney tinha pedido um cheeseburger e fritas e mordiscava a comida delicadamente.

Depois de comer uma perna de galinha inteira, eu finalmente fui capaz de voltar a discussão. “Não somos como o Strigoi mesmo. Moroi não matam. Você não tem motivo para ter medo de nós.” De novo, eu não estava animada em acalmar humanos. Ninguém da minha raça era, não com a forma como os humanos tendiam a matar qualquer um e estavam prontos para experimentar qualquer coisa que eles não entendiam.

“Qualquer humano que aprende sobre vocês inevitavelmente vai aprender sobre Strigoi,” ela disse. Ela estava brincando com suas fritas mas sem comer elas.

“Saber sobre os Strigoi pode permitir que os humanos se protejam.” Porque diabos eu estava bancando a advogada do diabo?

Ela terminou de brincar com sua batata e a derrubou no prato. "Talvez. Mas tem muitas pessoas que ficariam tentadas com a ideia de imortalidade – mesmo com o custo de servir Strigoi em troca de ser transformado em criaturas do inferno. Você ficaria surpresa em saber como vários humanos respondem quando aprendem sobre vampiros. Imortalidade atrai – apesar do mal que vem com ela. Vários humanos que aprendem sobre Strigoi tentam servir eles, na esperança de serem transformados."

"Isso é insano –" eu parei. Ano passado, descobrimos evidências de humanos ajudando Strigoi. Strigoi não podiam tocar em estacas de prata, mas humanos podem, e alguns tinham usado essas estacas para quebrar as wards dos Moroi. Aqueles humanos tinham sido prometidos a imortalidade?

"E também," disse Sydney, "é por isso que é melhor que nós nos certifiquemos que ninguém saiba sobre vocês. Você está lá fora – todos vocês – e não tem nada para ser feito sobre isso. Você faz sua coisa para se livrar dos Strigoi, e nós fazemos a nossa e salvamos o resto da minha gente."

Eu mastiguei uma asa de galinha e me segurei de implicar que ela estava salvando sua gente de pessoas como eu também. De algumas formas, o que ela dizia fazia sentido. Não era possível que nós sempre andássemos pelo mundo invisíveis, e sim, eu podia admitir, era necessário que alguém se livrasse do corpo dos Strigoi. Humanos trabalhando com Moroi eram a escolha ideal. Tais humanos seriam capazes de se moverem pelo mundo

livremente, particularmente se eles tinham o tipo de contatos e conexões que ela ficava implicando.

Eu congelei no meio da mastigação, lembrando meus pensamentos de mais cedo quando eu estava vindo para cá com Sydney. Eu me forcei a engolir e então tomei um longo gole de água. "Aqui vai uma pergunta. Você tem contatos por toda a Rússia?"

"Infelizmente," ela disse. "Quando um alquimista faz 18 anos, somos mandados a um estágio e fazemos todo tipo de conexão. Eu

preferia ficar em Utah.”

Isso era quase tão louco quanto tudo que ela me disse, mas eu não insisti. “Que tipo de conexões exatamente?”

Ela deu nos ombros. “Rastreamos o movimento de vários Moroi e dhampirs. Também conhecemos vários oficiais de alto ranking do governo – entre humanos e Moroi. Se houve um avistamento de vampiro entre os humanos, podemos normalmente encontrar alguém importante que pode subornar alguém ou algo assim... tudo é varrido para debaixo do tapete.”

Rastrear o movimento de vários Moroi e dhampirs. Ponto. Eu me inclinei mais para frente e baixei minha voz. Tudo pareceu se dobrar a esse momento.

“Estou procurando um vilarejo... um vilarejo de dhampirs na Sibéria. Eu não sei o nome.” Dimitri só tinha mencionado seu nome uma vez, e eu esqueci. “É meio que perto... Om?”

“Omsk,” ela corrigiu.

Eu me endireitei. “Você conhece?”

Ela não respondeu imediatamente, mas os olhos dela a traíram. “Talvez.”

“Você conhece!” eu exclamei. “Você tem que me dizer onde é. Eu tenho que chegar lá.”

Ela fez uma cara. “Você vai ser... uma daquelas?”

Então alquimistas sabia sobre meretrizes de sangue. Nenhuma surpresa. Se Sydney e seus associados sabiam tudo sobre o mundo vampiro, eles saberiam isso também.

“Não,” eu disse arrogantemente. “Eu só preciso encontrar alguém.”

“Quem?”

“Alguém.”

Isso quase a fez sorrir. Os olhos castanhos dela estavam pensativos enquanto ela mastigava outra batata. Ela só tinha dado

duas mordidas em seu cheeseburger, e ele estava rapidamente ficando frio. Eu meio que queria comer eu mesma por principio.

“Eu já volto,” ela disse bruscamente. Ela se levantou e caminhou até um canto quieto do café. Pegando um celular daquela bolsa mágica dela, ela virou suas costas para o salão e fez uma ligação.

Eu terminei meu frango e me fiz comer algumas das batatas dela já que estava parecendo cada vez menos que ela iria fazer qualquer coisa com elas. Enquanto eu comia, eu ponderei as possibilidades diante de mim, me perguntando se encontrar a cidade de Dimitri seria realmente tão simples. E quando eu estivesse lá... seria simples então? Ele estaria lá, vivendo nas sombras e caçando presas? E quando eu o encarasse, eu poderia realmente colocar minha estaca no coração dele? Aquela imagem não desejada veio até mim de novo, Dimitri com olhos vermelhos e –

“Rose?”

Eu pisquei. Eu totalmente viajei, e Sydney estava de volta. Ela voltou a sentar na minha frente. “Então, parece –” ela pausou e olhou para baixo. “Você comeu algumas das minhas fritas?”

Eu não fazia ideia de como ela sabia, já que havia uma pilha tão grande. Eu mal diminui a pilha. Achando que eu roubar fritas contaria como mais evidências sobre ser uma criatura maligna da noite, eu disse abundantemente, “Não.”

Ela franziu por um momento, considerando, e então disse, “Eu sei onde é esse cidade. Eu já estive lá.”

Eu me ajeitei. Puxa vida. Isso realmente iria acontecer, depois de todas aquelas semanas de procura. Sydney iria me dizer onde era o lugar, e eu poderia ir e tentar fechar esse horrível capítulo na minha vida.

“Obrigada, muito obrigado – ”

Ela ergueu a mão e me silenciou, e então eu notei o quão miserável ela parecia.

“Mas não vou te dizer onde é.”

Minha boca se abriu. "O que?"

"Eu mesma vou te levar lá."

TRÊS

“Espera – O que?” eu exclamei.

Isso não estava nos planos. Isso não estava nos planos mesmo. Eu estava tentando me mover pela Rússia de uma forma mais incógnita possível. Além do mais, eu realmente não gosto da ideia de ter alguém junto – particularmente alguém que parecia me odiar. Eu não sabia quanto tempo iria levar para chegar a Sibéria – alguns dias, eu pensei – e eu não conseguia imaginar passar eles ouvindo Sydney falar sobre o ser nada natural e maligno que eu era.

Engolindo meu ultraje, eu tentei a razão. Afinal de contas, eu estava pedindo o favor aqui. “Isso não é necessário,” eu disse, me forçando a sorrir. “É gentil da sua parte oferecer, mas eu não quero incomodar você.”

“Bem,” ela respondeu secamente, “não tem como escapar disso. E eu não estou sendo gentil. Não é nem minha escolha. É uma ordem dos meus superiores.”

“Ainda soa como um saco para você. Porque você simplesmente não me diz onde é e vai embora?”

“Você obviamente não conhece as pessoas para qual eu trabalho.”

“Não preciso. Eu ignoro autoridade o tempo todo. Não é difícil depois que você se acostuma.”

“Yeah? Como isso está funcionando para você encontrar esse vilarejo?” ela perguntou zombando. “Olha, se você quer chegar lá, esse é o único jeito.”

Bem – era o único jeito de eu chegar lá se eu usasse a informação de Sydney. Eu poderia voltar a ficar no Nightingale... mas eu tinha levado todo esse tempo para conseguir uma pista de

lá. Enquanto isso, ela estava aqui na minha frente com a informação que eu precisava.

“Porque?” eu perguntei. “Porque você também tem que ir?”

“Não posso te dizer isso. No final das contas: Eles me mandaram.”

Que ótimo. Eu a olhei, tentando entender o que estava acontecendo. Porque diabos qualquer um – muito menos humanos com suas mãos no mundo Moroi – iria se importar onde uma adolescente dhampir ia? Eu não achei que Sydney tinha motivos obscuros – a não ser que ela fosse uma atriz muito, muito boa. Ainda sim, claramente as pessoas a quem ela respondia também tinham uma agenda, e eu não gostava de jogar no plano de ninguém. Ao mesmo tempo, eu estava ansiosa para andar com isso. Cada dia que passava era outro no qual eu não encontrei Dimitri.

“Quando podemos partir?” eu perguntei finalmente. Sydney, eu decidi, era uma burocrata ([Nota 2](#)). Ela não mostrou nenhuma habilidade em me perseguir mais cedo. Certamente não seria difícil abandonar ela quando estivéssemos perto da cidade de Dimitri.

Ela parecia meio desapontada com minha resposta, quase como se ela esperasse que eu rejeitasse e então ela estaria livre. Ela não queria vir comigo tanto quanto eu não queria que ela fosse. Abrindo sua bolsa, ela pegou seu celular de novo, se ocupou com ele por alguns minutos, e finalmente conseguiu os horários do trem. Ela me mostrou os horários para o dia seguinte.

“Está bom pra você?”

Eu estudei e concordei. “Eu sei onde é a estação. Posso chegar lá.”

“Ok.” Ela levantou e jogou dinheiro na mesa. “Te vejo amanhã.” Ela começou a se afastar e olhou de volta para mim. “Oh, e você pode comer o resto das minhas fritas.”

Quando eu recém tinha chegado na Rússia, eu me hospedei em hotéis novos. Eu certamente tinha o dinheiro para ficar em outros,

mas eu queria ficar longe de vista. Além do mais, luxo não tinha sido a primeira coisa na minha mente. Mas quando eu comecei a ir para o Nightingale, eu descobri que eu mal podia voltar para uma pensão ou um alojamento para estudantes usando um vestido de marca.

Então agora eu estava em um hotel de luxo, completo com caras que sempre abriam as portas e um lobby com chão de mármore. O lobby era tão grande que eu acho que um hotel inteiro poderia caber nele. Talvez dois hotéis. Meu quarto era grande e exagerado também, e eu fiquei agradecida por chegar até ele e tirar o salto e o vestido. Eu percebi com um pouco de arrependimento que eu tinha que deixar os vestidos que comprei em São Petersburgo para trás. Oh bem. Esses vestidos fariam o dia de alguma mulher da limpeza, sem dúvidas. O único ornamento que eu realmente precisava era meu nazar, um pingente que parecia um olho azul. Tinha sido um presente da minha mãe, que tinha ganho de presente do meu pai. Eu sempre usava no meu pescoço.

Nosso trem para Moscou partiria tarde da manhã, e iríamos então pegar um trem para Sibéria. Eu queria estar bem descansada e pronta para tudo. Quando estava de pijama, eu me enfiei debaixo da cama confortável e esperei o sono chegar. Ao invés disso, minha mente girava com todas as coisas que tinham acontecido recentemente. A situação com Sydney era uma reviravolta bizarra mas uma que eu poderia lidar. Desde que ficássemos em transporte público, ela dificilmente poderia me levar para as garras dos seus misteriosos superiores. E pelo que ela disse sobre nosso tempo de viagem, iria de fato levar apenas alguns dias para chegar até o vilarejo. Dois dias pareciam tanto impossivelmente longos quanto impossivelmente curtos.

Significa que eu poderia muito bem confrontar Dimitri em alguns dias... e então o que? Eu poderia fazer isso? Eu podia matar ele? E mesmo se eu decidisse que poderia, eu teria a habilidade para derrotar ele? As mesmas perguntas que eu estava me perguntando nas duas últimas semanas ficavam rodeando minha mente. Dimitri me ensinou todo que eu sabia, e com reflexos de Strigoi melhorados, ele poderia realmente ser o deus que eu sempre

brinquei que ele era. Morte era uma possibilidade muito real para mim.

Mas me preocupar não estava ajudando agora e, olhando para o relógio no quarto, eu descobri que eu estava deitada acordada a quase uma hora. Isso não era bom. Eu precisava estar na minha melhor condição. Então eu fiz algo que eu sabia que não deveria, mas que sempre funcionava para tirar minha mente das preocupações – em grande parte porque envolvia estar na mente de outra pessoa.

Entrar dentro da mente de Lissa requeria só um pouco de concentração da minha parte. Eu não sabia se eu seria capaz estando tão longe, mas eu descobri que o processo não era diferente de que se eu estivesse ao lado dela.

Era tarde da manhã em Montana, e Lissa não tinha aula hoje, já que era sábado. Durante meu tempo longe, eu trabalhei muito para colocar paredes mentais entre nós, bloqueando ela e seus sentimentos quase completamente. Agora, dentro dela, todas as barreiras estavam baixas, e as emoções dela me atingiram como uma maré.

“Porque ela acha que pode simplesmente estalar os dedos e me levar para qualquer lugar que ela queira, sempre que ela quer?” Lissa rosou.

“Porque ela é a rainha. E porque você fez um trato com o diabo.”

Lissa e o namorado dela, Christian, estavam no sótão da capela da escola. Assim que eu reconheci os arredores, eu quase sai da cabeça dela. Os dois tinham tido encontros “românticos” demais aqui, e eu não queria ficar se roupas fossem ser arrancadas em breve. Felizmente – ou talvez não – os sentimentos irritados dela me disseram que não haveria sexo hoje, não com o mau humor dela.

Na verdade era meio irônico. O papel deles estava reverso. Lissa era a mau humorada enquanto Christian permanecia tranquilo e composto, tentando parecer calmo pelo bem dela. Ele estava sentado no chão, inclinado contra a parede, enquanto ela estava

sentada na frente dele, suas pernas abertas e os braços dele segurando ela. Ela descansou sua cabeça no peito dele e suspirou.

“Nas últimas semanas, eu fiz tudo que ela pediu! „Vasilisa, por favor mostre aos visitantes reais idiotas o campus.? „Vasilisa, por favor pule num avião pelo fim de semana para que eu possa te apresentar para alguns oficiais chatos da Corte.? „Vasilisa, por favor tenha um tempo voluntário com estudantes mais novos.? Fica bem.” Apesar da frustração de Lissa, eu não podia impedir de sentir um pouco de diversão. Ela imitou a voz da rainha Tatiana perfeitamente.

“Você fez o último por vontade própria,” Christian apontou.

“Yeah.... o ponto em ser por vontade própria. Eu odeio ela tentando ditar cada parte da minha vida ultimamente.”

Christian se inclinou e beijou a bochecha dela. “Como eu disse, você fez um trato com o diabo. Você é a querida dela agora. Ela quer se certificar que você esteja fazendo ela parecer bem.”

Lissa fez uma carranca. Embora os Moroi vivam dentro de países humanos e estejam sujeitos a seu governo, eles também são governados por um rei ou rainha que vinha de uma das doze famílias reais dos Moroi. Rainha Tatiana – uma Ivashkov – era a governante atual, e ela tinha um interesse particular em Lissa como o último membro vivo da família Dragomir. Portanto, Tatiana fez a Lissa um trato. Se Lissa vivesse na Corte depois de se graduar do St. Vladimir, a rainha iria fazer arranjos para que ela estudasse na universidade Lehigh na Pensilvânia. Lissa era uma nerd e embora viver na casa de Tatiana valesse a pena para frequentar a universidade prestigiosa e semi-grande, ao contrário daquelas que os Moroi normalmente iam (por razões de segurança). Como Lissa estava descobrindo, as cordas ligadas ao trato já estavam no lugar agora. “E eu simplesmente sento e aguento,” Lissa disse. “Eu só sorrio e digo „Sim, vossa majestade. Qualquer coisa que você quiser, vossa majestade?.”

“Então diga para ela que o trato já era. Você fará 18 em alguns meses. Realeza ou não, você não tem obrigação nenhuma. Você não

precisa dela para ir para uma escola grande. Vamos fugir você e eu. Ir para qualquer faculdade que você queira. Ou nem ir para

faculdade. Podemos fugir para Paris ou algo assim e trabalhar numa cafeteria pequena. Ou vender arte ruim nas ruas.”

Isso fez Lissa rir, e ela se aproximou ainda mais de Christian. “Certo. Eu posso totalmente ver você tendo a paciência para esperar as pessoas. Você seria demitido no primeiro dia. Parece que o único jeito que vamos sobreviver é se eu for para faculdade e nos sustentar.”

“Tem outras formas de ir para faculdade, sabe.”

“Yeah, mas nenhuma que seja tão boa,” ela disse desejosamente. “Não facilmente, pelo menos. Esse é o único jeito. Eu só queria enfrentar ela um pouco. Rose iria.”

“Rose seria presa por traição na primeira vez que Tatiana pedisse a ela para fazer algo.”

Lissa sorriu tristemente. “Yeah. Ela seria.” O suspiro virou um suspiro. “Eu sinto tanta falta dela.”

Christian beijou ela de novo. “Eu sei.” Essa era uma conversa familiar para eles, uma que nunca ficava velha porque os sentimentos de Lissa nunca sumiam. “Ela está bem, você sabe. Onde ela estiver, ela está bem.”

Lissa encarou a escuridão do sótão. A única luz vinha da janela de vidro que fazia todo o lugar parecer a terra das fadas. O lugar tinha sido limpo recentemente – por Dimitri e eu, na verdade. Só fazia alguns meses, mas pó e caixas já estavam se acumulando. O padre era um cara legal mais meio que um cara que guarda de tudo. Lissa não notou nada disso. Os pensamentos dela estavam focados demais em mim.

“Eu espero que sim. Eu queria ter alguma ideia – qualquer ideia – sobre onde ela está. Eu fico pensando que se alguma coisa acontecer a ela, se ela –” Lissa não conseguia terminar o pensamento. “Bem, eu fico pensando que eu vou saber de alguma forma. Que eu vou sentir. Eu quero dizer, eu sei que a ligação é de

apenas um lado... isso nunca mudou. Mas eu tenho que saber se algo acontecer com ela, certo?"

"Eu não sei," disse Christian. "Talvez. Talvez não." Qualquer outro cara teria dito algo super doce e reconfortante, assegurando ela que sim, sim, é claro que ela saberia. Mas parte da natureza de Christian era ser brutalmente honesto. Lissa gostava disso nele. E eu também. Nem sempre fazia dele um amigo agradável, mas pelo menos ele não estava sacaneando você.

Ela suspirou de novo. "Adrian diz que ela está bem. Ele visita ela nos seus sonhos. Eu daria qualquer coisa para ser capaz de fazer isso. Minha cura fica cada vez melhor, e eu vejo auras agora. Mas nenhum sonho ainda."

Saber que Lissa sentia minha falta doía mais do que se ela estivesse esquecido de mim completamente. Eu nunca quis magoar ela. Mesmo quando eu estava ressentida com ela por sentir como se ela estivesse controlando minha vida, eu nunca a odiei. Eu amava ela como uma irmã e não podia suportar a ideia dela sofrendo agora por minha causa. Como as coisas tinham ficado tão erradas entre nós?

Ela e Christian continuaram sentados num silêncio confortável, tirando força do amor um pelo outro. Eles tinham o que Dimitri e eu tínhamos, um senso de tal unicidade e familiaridade que palavras normalmente não eram necessárias. Ele passou seus dedos pelo cabelo dela, e embora eu não conseguisse ver muito bem através dos olhos dela, eu podia imaginar o jeito que o cabelo pálido dela iria brilhar na luz do arco Iris do vitral da

janela. Ele colocou várias mechas atrás da orelha dela e colocou sua cabeça para trás, trazendo seus lábios até os dela. O beijo começou doce e leve e então devagar se intensificou, calor se espalhando da boca dele para a dela.

Uh-h, eu pensei. Pode ser hora para sair afinal de contas. Mas ela terminou antes de eu precisar.

"Está na hora," ela disse arrependidamente. "Temos que ir."

O olhar dos olhos azuis de Christian dizia ao contrário. “Talvez essa seja a hora perfeita para você enfrentar a rainha. Você deveria ficar aqui – seria um jeito ótimo de construir o caráter.”

Lissa acotovelou ele levemente e então deu um beijo na testa dele antes de levantar. “Não é por isso que você quer que eu fique, então nem tente brincar comigo.”

Eles deixaram a capela, e Christian murmurou algo sobre querer fazer mais do que brincar e ele levou outra cotovelada. Eles estavam indo em direção ao prédio da administração, que era no coração do campus da escola. Fora os primeiros florescer da primavera, tudo parecia exatamente como estava quando eu parti – pelo menos do lado de fora. Os prédios de pedra permaneciam grandes e imponentes. As árvores altas e antigas continuavam seu turno. Ainda sim, dentro do coração do staff e dos estudantes, as coisas tinham mudado. Todos carregavam cicatrizes do ataque. Muitos da nossa gente foram mortos, e embora as aulas estivessem acontecendo de novo, todos ainda estavam de luto.

Lissa e Christian alcançaram seu destino: o prédio da administração. Ela não sabia o motivo da convocação dela, só que Tatiana queria que ela conhecesse um cara real que tinha acabado de chegar a Academia. Considerando a quantidade de pessoas que Tatiana estava sempre forçando ela a conhecer ultimamente, Lissa não pensou muito. Ela e Christian entraram no escritório principal, onde eles encontraram a Diretora Kirova sentada e conversando com um Moroi mais velho e uma garota da nossa idade.

“Ah, Sra. Dragomir. Aí está você.”

Eu me meti muito em problemas com Kirova quando era estudante, ainda sim ver ela me deixou meio nostálgica. Ser suspensa por começar uma briga em aula parecia muito melhor do que vagar pela Sibéria para encontrar Dimitri. Kirova tinha a mesma aparência de pássaro de sempre, os óculos balançando no fim do nariz dela. O homem e a garota levantaram, e Kirova gesticulou em direção a eles.

“Esse é Eugene Lazar e sua filha Avery.” Kirova virou em direção a Lissa. “Esses são Vasilisa Dragomir e Christian Ozera.”

Eles se observaram. Lazar era um nome real, mas isso não era surpresa já que Tatiana tinha iniciado esse encontro. Sr. Lazar deu a Lissa um sorriso e apertou a mão dela. Ele parecia um pouco surpreso por encontrar Christian, mas o sorriso permaneceu. É claro, esse tipo de reação a Christian não era raro.

As duas formas de se tornar Strigoi eram por escolha ou a força. Um Strigoi pode transformar outra pessoa – humano, Moroi, ou dhampir – bebendo seu sangue e então dando sangue de Strigoi para eles. Foi isso que aconteceu com Dimitri. O outro jeito de se tornar Strigoi era único a Moroi – e era feito por escolha. Moroi que propositalmente escolhiam matar uma pessoa bebendo seu sangue também se tornariam Strigoi. Normalmente, Moroi só bebiam quantidades pequenas de humanos que permitiam. Mas

tomar tanto que destruía outra força de vida? Bem, isso viraria o Moroi para o lado negro, tirando sua mágica elementar e transformando ele em mortos vivos selvagens.

Isso era exatamente o que os pais de Christian tinham feito. Eles mataram por vontade própria e se tornaram Strigoi para ganhar vida eterna. Christian nunca mostrou nenhum desejo de se tornar Strigoi, mas todos agiam como se ele estivesse prestar a virar. (Eu admito, a atitude dele nem sempre ajuda). Muitos dos familiares próximos a ele – apesar de serem da realeza – eram evitados também. Mas eu e ele nos juntamos para chutar uma boa quantidade de Strigoi durante o ataque. Rumores sobre isso estavam circulando e melhorando a reputação dele.

Kirova nunca foi de perder tempo com formalidades, então ela foi direto ao ponto. “Sr. Lazar vai ser o novo diretor aqui.”

Lissa ainda estava sorrindo para ele educadamente, mas a cabeça dela imediatamente virou para Kirova. “O que?”

“Eu vou renunciar,” explicou Kirova, a voz chata e sem emoção o bastante para rivalizar a de um guardião. “Embora ainda vá servir a

escola como professora.”

“Você vai ensinar?” Christian perguntou incrédulo.

Ela deu a ele um olhar seco. “Sim, Sr. Ozero. Foi o motivo pelo qual eu originalmente vim a escola. Tenho certeza que se tentar com vontade o bastante, eu posso lembrar como fazer isso.”

“Mas porque?” Perguntou Lissa. “Você faz um trabalho excelente.”

Era mais ou menos verdade. Apesar das minhas disputas com Kirova – normalmente sobre mim quebrar as regras – eu ainda tinha um respeito saudável por ela. Lissa também.

“É algo pelo qual andei pensando a retornar a um tempo,” explicou Kirova. “Agora parece uma boa época, e o Sr. Lazar é um administrador muito capaz.”

Lissa era muito bom em ler pessoas. Eu acho que é parte do efeito colateral do espírito, assim como o espírito fazia quem o usava muito, muito carismático. Lissa achava que Kirova estava mentindo, e eu também. Se eu fosse capaz de ler a mente de Christian, meu palpite seria que ele achava a mesma coisa. O ataque a academia tinha deixado muitas pessoas em pânico, realeza em particular, embora o problema que tinha permitido o ataque a muito tivesse sido concertado. Eu estava supondo que a mão de Tatiana estava nisso, forçando Kirova a renunciar e fazer alguém da realeza tomar o lugar dela, fazendo outros da realeza se sentirem melhor.

Lissa não mostrou seus pensamentos, e ela virou de volta ao Sr. Lazar. “Bem, é um prazer conhecer você. Tenho certeza que você fará um ótimo trabalho. Me avise se houver algo que eu possa fazer por você.” Ela estava bancando o papel de princesa apropriada perfeitamente. Ser educada e doce era um dos seus muitos talentos.

“Na verdade,” disse o Sr. Lazar, “tem algo.” Ele tinha uma voz profunda e rouca, o tipo que preenchia uma sala. Ele gesticulou em direção a sua filha. “Eu estava me perguntando se você poderia mostrar a Avery as coisas e ajudar ela a se encaixar aqui. Ela se formou ano passado mais vai me auxiliar nas minhas tarefas. Mas

tenho certeza que ela prefere passar o tempo com alguém da sua própria idade.”

Avery sorriu, e pela primeira vez, Lissa realmente prestou atenção nela. Avery era linda. Impressionante. Lissa era linda também, entre aquele cabelo lindo e os olhos de jade que eram de sua família. Eu achava que ela era cem vezes mais bonita que Avery, mas ao

lado de uma garota mais velha, Lissa parecia meio sem graça. Avery era alta e magra como a maior parte dos Moroi mas tinha algumas curvas sexys. O tipo de peito, como o meio, era invejado entre os Moroi, e o cabelo castanho longo dela e olhos azuis completavam o pacote.

“Eu prometo não ser muito chata,” disse Avery. “E se você quiser, eu te dou algumas dicas sobre a vida na Corte. Eu ouvi falar que você vai se mudar para lá.”

Instantaneamente, as defesas de Lissa se ergueram. Ela percebeu o que estava acontecendo. Tatiana não tinha apenas removido Kirova, ela mandou um guardião para Lissa. Uma linda e perfeita companhia que iria espionar Lissa e tentar treinar ela nos padrões de Tatiana. As palavras de Lissa foram perfeitamente educadas quando ela falou, mas havia definitivamente um certo gelo em sua voz.

“Seria ótimo,” ela disse. “Estou bem ocupada ultimamente, mas podemos tentar conseguir algum tempo.”

Nem o pai de Avery nem Kirova pareceram notar o subtexto “se afaste”, mas algo brilhou nos olhos de Avery que disse a Lissa que a mensagem tinha sido passada.

“Obrigado,” disse Avery. A não ser que eu esteja enganada, tinha algo legitimamente magoado no rosto dela. “Tenho certeza que vamos dar um jeito.”

“Bom, bom,” disse o Sr. Lazar, totalmente inconsciente do drama. “Talvez você possa mostrar a Avery a casa de convidados? Ela está ficando na ala leste.”

“Claro,” disse Lissa, desejando que ela pudesse fazer qualquer coisa menos isso.

Ela, Christian, e Avery começaram a sair, mas então, dois caras entraram na sala. Um era um Moroi, um pouco mais jovem que nós, e o outro era um dhampir com seus 20 anos – um guardião, pelas feições duras e sérias dele.

“Ah, aí está você,” disse o Sr. Lazar. Chamando os caras para dentro. Ele colocou suas mãos no ombro do garoto. “Esse é meu filho Reed. Ele é um calouro e vai frequentar as aulas aqui. Ele está muito excitado.”

Na verdade, Reed parecia extremamente não excitado. Ele era o cara mais grosseiro que eu já vi. Se eu precisasse fazer o papel de adolescente descontente, eu poderia aprender tudo que havia para se saber com Reed Lazar. Ele tinha as mesmas feições que Avery, mas elas estavam estragadas por uma careta que parecia estar grudada em seu rosto. O Sr. Lazar apresentou os outros para Reed. A resposta de Reed foi um “hey,” gutural.

“E esse é Simon, o guardião de Avery,” continuou o Sr. Lazar. “É claro, no campus ele não precisava estar com ela o tempo todo. Você sabe como é. Ainda sim, tenho certeza que ele estará por perto.”

Eu espero que não. Ele não parecia completamente desagradável como Reed, mas ele tinha uma certa natureza severa que parecia extrema mesmo entre os guardiões.

De repente, eu meio que senti pena de Avery. Se essa era a única companhia dela, eu gostaria de ser amiga de alguém como Lissa. Lissa, no entanto, deixou claro que ela não faria parte do esquema de Tatiana. Com pouca conversa, ela e Christian escoltaram Avery até a casa de hóspedes e a foram embora. Normalmente, Lissa teria ficado e ajudado Avery a se ajeitar e se oferecido para comer com ela mais tarde. Dessa vez não. Não com motivos ocultos.

Eu voltei para meu próprio corpo, de volta para o hotel. Eu sabia que não deveria mais me importar com a vida na academia e que eu não deveria me sentir mal por Avery. Ainda sim ficar deitada ali encarando a escuridão, eu não conseguia me impedir de uma presunçosa – e sim, egoísta – satisfação desse encontro: Lissa não iria fazer compras com sua nova melhor amiga tão cedo.

QUATRO

Em qualquer outro tempo da minha vida, eu teria amado explorar Moscou. Sydney tinha planejado nossa viagem para que quando nosso trem chagasse lá, teríamos algumas horas antes de subirmos no próximo em direção a Sibéria. Isso nos deu algum tempo para perambular e pegar a janta, embora ela quisesse se certificar de que estivéssemos seguras dentro da estação antes de ficar muito escuro. Apesar das minhas marcas molnija, ela não quis arriscar.

Não fazia diferença para mim como passávamos o tempo. Desde que estivéssemos nos aproximando de Dimitri, isso era o que importava. Então Sydney e eu andamos desinteressadamente, absorvendo o que víamos e falando muito pouco. Eu nunca estive em Moscou. Era uma cidade linda, próspera e cheia de pessoas e comércio. Eu podia passar dias lá só fazendo compras e experimentando os restaurantes. Lugares que ouvi em minha vida – o Kremlin, a Praça Vermelha, e Teatro Bolshoi – estavam todos a meu alcance. Apesar do quão legal era, eu tentei sintonizar os sons e atrações da cidade depois de um tempo porque me lembrava de... bem, Dimitri.

Ele costumava falar sobre a Rússia todo o tempo e tinha jurado que eu iria amar.

“Para você, vai ser como um conto de fadas,” ele me disse uma vez. Foi durante um treino depois da aula no mais tardar do outono, logo antes do anoitecer. O ar tinha estado nebuloso, e revestia tudo.

“Desculpe, camarada,” eu respondi, colocando a mão para trás para amarrar meu cabelo num rabo de cavalo. Dimitri adorava meu cabelo solto, mas em treino de combate? Cabelo comprido era uma deficiência. “Borg e músicas antigas não são parte de nenhum final feliz que eu tenha imaginado.”

Ele me deu seu raro e fácil sorriso então, o tipo que enrugava levemente o canto dos olhos dele. “Borscht, não borg. E eu vi seu apetite. Se você tiver fome o bastante, você comeria.”

“Então passar fome é necessário para esse conto de fadas funcionar?” Não havia nada que eu amava mais do que provocar Dimitri. Bem, a não ser beijar ele.

“Estou falando da terra. Dos prédios. Vá para uma das cidades grande – é como nada que você já tenha visto. Todos nos EUA tendem a construir do mesmo jeito – sempre em blocos grandes e grossos. Eles fazem o que é mais fácil e rápido. Mas na Rússia, tem prédios que são como pedaços de arte. Eles são todos arte – mesmo muitos dos prédios normais de todo dia. E lugares como o palácio de inverno e a igreja Trotsky em São Petersburgo? Eles vão tirar seu fôlego.”

O rosto dele brilhou com a memória das coisas que ele tinha visto, a alegria fazendo suas feições já bonitas se tornarem divinas. Eu acho que ele poderia ter nomeado marcos históricos o dia todo. Meu coração queimou dentro de mim, só de observar ele. E então, como eu sempre fazia quando eu me preocupava em ficar toda sentimental, eu fazia uma piada e mudava a atenção dele para esconder minhas emoções. O que fez ele voltar para o modo negócios, e fomos trabalhar.

Agora, andando pelas ruas da cidade com Sydney, eu queria ter não dito a piada e ouvido Dimitri falar mais sobre sua terra natal. Eu daria qualquer coisa para ter Dimitri aqui comigo, do jeito que ele costumava ser. Ele tinha razão sobre os prédios. Claro, a maioria eram copias de qualquer coisa que você pode encontrar nos EUA ou em qualquer lugar do mundo, mas alguns eram requintados – pintados em cores brilhantes, adornados com seus domos estranhos mas ainda lindos domos em forma de cebola. As vezes, realmente parecia como algo do outro mundo. E o tempo todo, eu fiquei pensando que deveria ser Dimitri aqui do meu lado, apontando as coisas e explicando para mim. Nós deveríamos estar tendo uma fuga romântica. Dimitri e eu poderíamos ter comido em restaurantes

exóticos e então saído para dançar a noite. Eu poderia usar um dos vestidos de marca que eu deixei para trás no hotel em São Petersburgo. Era assim que deveria ter sido. Não deveria ser eu com uma humana carrancuda.

“Surreal, uhu? Como algo saído de uma história.”

A voz de Sydney me assustou, e eu percebi que tínhamos parado na frente da estação de trem. Havia várias delas em Moscou. Ela ecoando minha conversa com Dimitri enviou calafrios para minha espinha – em grande parte porque ela tinha razão. A estação não tinha os domos em forma de cebola mas ainda parecia como algo saído de um conto de fadas, como um cruzamento entre o castelo da cinderela e uma casa de pão de gengibre. Tinha um telhado grande em forma de arco e torres dos dois lados. Suas paredes brancas foram intercaladas com pedaços de tijolo marrom e mosaico verde, quase fazendo com que ela parecesse listrada. Nos EUA alguém poderia chamar de berrante. Para mim, era lindo.

Eu senti lágrimas se espalhando nos meus olhos e me perguntei o que Dimitri teria dito sobre esse prédio. Ele provavelmente teria amado assim como ele amava todo o resto. Percebendo que Sydney estava esperando uma resposta, eu engoli minha dor e banquei a adolescente irreverente. “Talvez algo de uma história sobre uma estação de trem.”

Ela arqueou uma sobrancelha, surpresa com minha indiferença, mas ela não a questionou. O que ela poderia dizer? Talvez se eu mantivesse meu sarcasmo, ela eventualmente se irritasse e me deixasse. De alguma forma, eu duvido que eu tenha tanta sorte. Eu tinha certeza que o medo dela por seus superiores venceria qualquer outro sentimento que ela pudesse ter em relação a mim.

Tínhamos acomodações de primeira classe no trem, o que acabou sendo menos do que eu esperava. Havia uma combinação de cama/banco em cada lado, uma janela, e uma TV na parede. Eu suponho que isso ajude a passar o tempo, mas eu tinha problemas para seguir a televisão russa – não apenas por causa da língua mas porque alguns dos shows eram bizarros. Ainda sim, Sydney e eu

teríamos nosso própria espaço, mesmo se o quarto fosse mais aconchegante do que nós esperávamos.

As cores me lembravam as mesmas estampas que eu vi pela cidade. Mesmo o corredor fora da nossa cabine era de cores brilhantes, com carpete fofo em vermelho e designs amarelos e um verde escuro e amarelo indo para o meio. Dentro do nosso quarto, os bancos estavam cobertos de almofadas de veludo laranja, e as cortinas combinavam em tons de dourado e pêssego, feitas de um tecido grosso e pesado costurando com uma estampa sedosa. Entre tudo isso e a mesa ornamentada no meio da cabine, era quase como viajar num mini palácio.

Estava escuro quando o trem deixou a estação. Por qualquer que fosse a razão, os trens para Sibéria sempre deixavam Moscou a noite. Não era tão tarde ainda, mas Sydney disse que queria dormir, e eu não queria deixar ela mais irritada do que ela já estava. Então ela desligou as luzes, a não ser pela pequena lâmpada perto da minha cama. Eu comprei uma revista na estação de trem, e mesmo que eu não conseguisse entender a língua, as fotos de maquiagem e roupas transcendiam a barreira cultural. Eu virei as páginas o mais silenciosamente que pude, admirando tops de verão e vestidos e me perguntando quando – se algum dia – eu seria capaz de me preocupar com esse tipo de coisa de novo.

Eu não estava cansada quando deitei, mas o sono me tomou mesmo assim. Eu estava sonhando com esqui aquático quando de repente, as ondas e o sol ao meu redor se dissolveram em um quarto com prateleiras e prateleiras de livros. Mesas com computadores top de linha se alinhavam na sala, e havia uma calma que permeava o lugar. Eu estava na biblioteca da Academia St. Vladimir.

Eu rosnei. “Oh, qual é. Hoje não.”

“Porque hoje não? Porque não todo dia?”

Eu virei e me encontrei olhando para o rosto bonito de Adrian Ivashkov. Adrian era um Moroi, o sobrinho neto da rainha, e alguém que eu deixei para trás na minha antiga vida quando parti para essa

missão suicida. Ele tinha lindos olhos esmeralda que fazia a maior parte das garotas desmaiar, particularmente já que eles estavam junto com um cabelo castanho bagunçado. Ele também estava meio que apaixonado por mim e era a razão do porque eu tinha tanto dinheiro nessa viagem. Eu o convenci a me dar.

“Verdade,” eu admiti. “Eu suponho que eu deveria ficar agradecida por você aparecer só uma vez por semana.”

Ele sorriu e sentou em uma das cadeiras de madeira. Ele era alto, como a maioria dos Moroi, com um corpo levemente musculoso. Os caras Moroi nunca ficam muito musculosos. “Ausência faz o coração ficar ainda mais afeiçoado, Rose. Não quero que você me tome por garantido.”

“Você não está em perigo disso; não se preocupe.”

“Eu não suponho que você vá me dizer onde está?”

“Não.”

Fora Lissa, Adrian era o único outro usuário de espírito vivo conhecido, e entre seus talentos estava a habilidade de aparecer nos meus sonhos – geralmente sem ser convidado – e conversar comigo. Eu achava que era uma benção seus poderes não serem capazes de dizer onde eu estava.

“Você me mata, Rose,” ele disse melodramaticamente. “Todo dia é uma agonia sem você. Vazio. Sozinho. Eu me consumo me perguntando se você ainda está viva.”

Ele falou de um jeito bobo e exagerado que era característico dele. Adrian raramente levava as coisas a sério e sempre tinha vantagem irreverente. Espírito também tinha a tendência de deixar a pressão instável, e enquanto ele lutava, ele parecia não ser afetado. Por debaixo do melodrama, no entanto, eu senti uma verdade. Não importava o quão superficial ele parecia, ele realmente se importava comigo.

Eu cruzei os braços. “Bem, ainda estou viva, claramente. Então eu suponho que você pode me deixar voltar a dormir.”

“Quantas vezes te disse? Você está dormindo.”

“E ainda sim eu me sinto inexplicavelmente exausta por falar com você.”

Isso fez ele rir. “Oh, eu sinto sua falta.” O sorriso sumiu. “Ela sente sua falta também.”

Eu endureci. Ela. Ele nem precisava dizer o nome dela. Não havia dúvida sobre quem ele estava falando.

Lissa.

Mesmo dizer o nome dela em minha mente causava dor, particularmente já que eu a vi ontem a noite. Escolher entre Lissa e Dimitri tinha sido a decisão mais dura da minha vida, e o passar do tempo não facilitou. Eu posso ter escolhido ele, mas ficar longe dela era como ter um braço cortado, particularmente por causa do laço que assegurava que nunca estivéssemos realmente separadas.

Adrian me deu um olhar sagaz, como se ele tivesse adivinhado meus pensamentos. “Você a viu?”

“Não,” eu disse, me recusando a reconhecer que eu tinha visto ela ontem a noite. Deixe ele pensar que eu estava realmente livre de tudo. “Essa não é mais minha vida.”

“Certo. Sua vida é sobre missões perigosas de vigilante.”

“Você não entenderia nada que não seja beber, fumar, e conquistar mulheres.”

Ele balançou a cabeça. “Você é a única que eu quero, Rose.”

Infelizmente, eu acreditava nele. Seria mais fácil para nós dois se ele pudesse encontrar outra pessoa. “Bem, você pode continuar sentindo isso, mas você vai ter que continuar esperando.”

“Muito mais tempo?”

Ele me perguntava isso o tempo todo, e toda vez, eu enfatizava quanto tempo seria e como ele estava perdendo tempo. Pensando na possível pista de Sydney, eu hesitei hoje a noite. “Eu não sei.”

Esperança floresceu no rosto de Adrian. "Essa é a coisa mais otimista que você me disse até agora."

"Não imagine demais. Eu não sei, pode ser um dia ou um ano. Ou nunca."

O sorriso maldoso dele retornou, e até eu tinha que admitir que era fofo. "Vou esperar que seja algum dia."

Pensar em Sydney trouxe a pergunta a minha mente. "Hey, você já ouviu falar dos Alquimistas?"

"Claro," ele disse.

Típico. "É claro que você ouviu."

"Porque? Você encontrou um deles??"

"Mais ou menos."

"O que você fez?"

"Porque você acha que fiz alguma coisa?"

Ele riu. "Alquimistas só aparecem quando problemas acontecem, e você trás problema para onde vai. Mas tenha cuidado. Eles são malucos religiosos."

"Isso é meio extremo," eu disse. A fé de Sydney não parecia ser tão ruim.

"Só não deixe eles te converterem." Ele piscou. "Eu gosto de você ser a pecadora que é."

Eu comecei a dizer a ele que Sydney provavelmente achava que eu estava além de qualquer salvação, mas ele terminou o sonho, me mandando de volta a dormir. A não ser

que, ao invés de voltar a meus próprios sonhos, eu acordei. Ao meu redor, o trem balançava confortavelmente enquanto passávamos pelo campo russo. Minha lâmpada ainda estava acesa, sua luz muito brilhante para meus olhos sonolentos. Eu me estiquei para desligar elas e notei que a cama de Sydney estava vazia. Provavelmente no banheiro eu pensei. Ainda sim, me senti agitada. Ela e seu grupo de Alquimistas ainda eram um mistério, e eu de

repente me preocupei que um plano sinistro estivesse acontecendo. Ela estava se encontrando com algum agente secreto? Eu decidi encontrar ela.

Eu admito, eu não fazia ideia de onde ela poderia estar em um trem desse tamanho, mas lógica nunca foi meu forte antes. Não tem porque ser agora.

Graças a Deus, depois de colocar meus sapatos e entrar no corredor adjacente a nossa cabine, eu descobri que não tinha que procurar muito.

O corredor estava alinhado com janelas, todas enroladas com aquelas cortinas ricas, e Sydney estava de costas para mim, olhando para fora, um corredor envolvido ao redor dela. O cabelo dela estava bagunçado de deitar e parecia menos dourado na luz fraca.

“Hey...” eu comecei hesitantemente. “Você está bem?”

Ela virou devagar em minha direção. Uma mão segurava o cobertor; a outra brincava com a cruz ao redor do pescoço dela. Eu lembrei do comentário de Adrian sobre religião.

“Não consigo dormir,” ela disse sem rodeios.

“É... é por minha causa?”

A única resposta dela foi virar de volta para a janela.

“Olha,” eu disse me sentindo desamparada. “Se tem algo que eu possa fazer... eu quero dizer, fora voltar atrás e cancelar essa viagem...”

“Eu vou lidar com isso,” ela disse. “Isso é só, bem, é realmente estranho para mim, eu lido com vocês o tempo todo, mas eu não lido com você, sabe?”

“Provavelmente poderíamos conseguir nossas próprias cabines, se isso ajuda. Podemos encontrar um atendente, eu tenho dinheiro.”

Ela balançou a cabeça. “É só por alguns dias, se tanto.”

Eu não sabia o que mais dizer. Ter Sydney comigo era um inconveniente no grande esquema das coisas, mas eu não queria

que ela sofresse. Observando ela brincar com a cruz, eu não achei que dizer a ela como eu tinha batalhas diárias com Deus e duvidava da existência Dele ultimamente iria realmente me ajudar com toda a reputação de criatura maligna da noite.

“Ok,” eu disse finalmente. “Me avise se mudar de ideia.”

Eu voltei para minha cama e cai no sono surpreendentemente rápido, apesar da preocupação de que Sydney ficasse no corredor a noite toda. Ainda sim, quando acordei de manhã, ela estava em sua própria cama, dormindo. Aparentemente, a exaustão dela tinha sido tão forte que mesmo o medo de mim não impediu ela de descansar. Eu levantei em silêncio e troquei a camiseta e calça de abrigo que eu fui dormir. Eu estava com fome para comer café e achei que Sydney poderia dormir mais se eu não estivesse por perto.

O restaurante era no próximo carro e parecia com algo saído de um filme antigo. Elegantes toalhas de linho estavam sob as mesas, e bronze e madeira escura junto com pedaços coloridos de vitrais, davam a todo lugar uma sensação de antiguidade. Parecia mais um restaurante que eu encontraria nas ruas de São Petersburgo do que em um vagão restaurante. Eu pedi algo que me lembrou vagamente como torrada, a não ser o fato de

que havia queijo nela. Ela veio com salsicha, que até então parecia ser a mesma em toda parte que eu fui.

Eu estava terminando quando Sydney entrou. Quando a encontrei na primeira noite, eu assumi que ela vestia calça e blusa próprias para o Nightingale. Eu estava descobrindo, no entanto, que esse era o estilo normal dela. Ela me parecia uma daquelas pessoas que não tinha jeans ou camiseta. Ela tinha feito confusão ao ficar em pé no corredor ontem à noite, mas agora ela estava usando um calça preta e um suéter verde escuro. Eu estava usando jeans e uma camiseta de manga comprida cinza e me senti meio desajeitada perto dela. O cabelo dela estava escovado em estilo mas tinha um visual levemente bagunçado que eu suspeitava que nunca sumisse, não importava o quanto ela se esforçasse. Pelo menos eu estava usando meu rabo de cavalo hoje.

Ela sentou na minha frente e pediu omelete quando o garçom apareceu, de novo pedindo em russo.

“Como você sabe isso?” eu perguntei.

“O que, russo?” ela deu nos ombros. “Eu tive que aprender enquanto crescia. E algumas outras línguas.”

“Wow.” Eu tinha feito introdução em algumas línguas também e tive uma performance miserável nelas. Eu não pensei muito naquela época, mas agora, por causa dessa viagem e por causa de Dimitri, eu realmente queria ter aprendido russo. Eu suponho que não seja tarde demais, e eu tinha pegado algumas frases no meu tempo aqui, mas ainda sim... era uma tarefa difícil.

“Você deve ter que aprender várias coisas nesse trabalho,” eu disse, ponderando o que deveria significar ser parte de um grupo secreto que cruzava fronteiras internacionais e interagia com todo tipo de governo. Algo mais cruzou minha mente. “E quanto aquela coisa que você usou no Strigoi? Que desintegrou o corpo?”

Ela sorriu. Quase. “Bem, eu te disse que a alquimia começou como um grupo de pessoas tentando fazer poções, certo? Aquele é um desenvolvimento químico para se livrar do corpo dos Strigoi rapidamente.”

“Você poderia usar para matar alguém?” eu perguntei. Espalhar um líquido que dissolvia um Strigoi poderia ser muito mais fácil do que da forma normal: decapitação, empalamento, ou queimar.

“Uma pena,” eu disse. Eu me perguntei se ela não tinha mais nenhuma poção nas mangas mas achei melhor racionar a quantidade de perguntas que eu tinha para Sydney por dia. “O que vamos fazer quando chegarmos em Omsh?”

“Omsk,” ela corrigiu. “Vamos pegar um carro e dirigir o resto do caminho.”

“Você esteve lá? Nesse vilarejo?”

Ela concordou. “Uma vez.”

“Como é?” eu perguntei, surpresa por ouvir uma nota desejosa em minha própria voz. Fora minha busca para encontrar Dimitri, havia uma parte de mim que queria se apegar em qualquer coisa que eu pudesse em relação a ele. Eu queria saber tudo sobre ele que eu não soube antes. Se a escola tivesse me dado as poses dele, eu dormiria com elas toda noite. O quarto dele foi esvaziado bem rápido. Agora eu só podia reunir os pedaços dele que eu conseguia, como se reunir essas informações comigo fossem manter ele comigo de alguma forma.

“É como qualquer cidade dhampir, eu suponho.”

“Eu nunca vi uma.”

O garçom serviu o omelete de Sydney, e ela pausou com o garfo no ar. “Verdade? Eu pensei que todos vocês... bem, eu não sei.”

Eu balancei minha cabeça. “Estive na academia minha vida toda. Mais ou menos.” Meus dois anos com os humanos não era realmente relevante. Sydney mastigou pensando. Eu estava disposta a apostar que ela não iria terminar o omelete. Pelo que eu vi na primeira noite e enquanto esperávamos pelos trens ontem, ela mal parecia comer alguma coisa. Era como ela subsistisse apenas de ar. Talvez fosse uma coisa de alquimistas. Mais provavelmente era apenas uma coisa de Sydney.

“A cidade é metade humana metade dhampir, mas os dhampirs se misturam. Eles tem toda uma sociedade secreta que os humanos são completamente inconscientes.”

Eu sempre achei que havia um tipo de subcultura, mas eu não fazia ideia de como iria me encaixar no resto da cidade. “E?” eu perguntei. “Como é essa subcultura?”

Ela soltou o garfo. “Vamos apenas dizer que é melhor você se preparar.”

CINCO

O resto da viagem passou sem nada de especial. Sydney nunca perdeu totalmente o desconforto que ela parecia ter ao meu redor, mas às vezes, enquanto eu estava tentando entender a televisão russa, ela explicava o que estava acontecendo. Havia algumas diferenças culturais entre aqueles shows e os que nós tínhamos crescido vendo, então tínhamos isso em comum. De vez em quando, ela dava um sorriso sobre algo que nós duas achávamos engraçado, e parecia que havia alguém ali que eu poderia ser amiga. Eu sabia que nunca encontraria um substituto para Lissa, mas acho que uma parte de mim ainda anseia preencher o vazio de amizade que fora aberto quando a deixei para trás.

Sydney dormiu de dia, e eu comecei a pensar que ela tinha insônia com aquele padrão de sono bizarro. Ela também continuou seu tratamento estranho com comida, mal tocando nas refeições. Ela sempre deixava eu comer as sobras e era um pouco mais aventureira na cozinha russa. Eu tive que experimentar quando cheguei, e era sempre bom ter o guia de alguém que, embora não fosse local, sabia muito sobre esse país do que eu.

No terceiro dia de viagem, chegamos em Omsk. Omsk era uma cidade mais grande e bonita do que eu esperava da Sibéria. Dimitri sempre me provocou sobre as imagens de que a Sibéria parecia a antártica eram erradas, e eu percebi que ele tinha razão – pelo menos em relação a parte sul da região. O clima não era muito diferente do que Montana esse ano, vento frio de primavera ocasionalmente esquentado pelo sol.

Sydney me disse que quando chegássemos aqui iríamos conseguir uma carona com um Moroí que ela conhecia. Vários viviam na cidade, se misturando com a grande população. Ainda sim enquanto o dia passava, descobrimos que tínhamos um problema. Nenhum Moroí podia nos levar para o vilarejo. Aparentemente, a

estrada era perigosa. Strigoi geralmente ficavam por lá durante a noite, esperando pegar um viajante Moroi ou dhampir. Quanto mais Sydney explicava, o mais preocupada eu ficava com meu plano. Aparentemente, não tem muitos Strigoi na cidade de Dimitri. Segundo ela, eles ficam no perímetro da cidade, mas poucos viviam lá permanentemente. Se esse fosse o caso, minhas chances de encontrar Dimitri diminuía. As coisas ficaram ainda piores enquanto Sydney continuava a descrever a situação.

“Vários Strigois viajam pelo país procurando vítimas, o vilarejo é só uma área de passagem,” ela explicou. “As estradas são meio remotas, então algum Strigoi fica por um tempo e tenta conseguir uma presa fácil. Então eles seguem em frente.”

“Nos EUA, Strigoi geralmente se escondem em cidades grande,” eu disse agitada.

“Eles fazem isso aqui também. É mais fácil para eles tomar vítimas sem serem notados.”

Sim, isso definitivamente atrapalha meus planos. Se Dimitri não estivesse residindo na cidade, eu iria ter sérios problemas. Eu sei que Strigoi gostam de cidades grandes, mas de alguma forma, eu me convenci que Dimitri iria voltar para o lugar que ele cresceu.

Mas se Dimitri não estivesse lá... bem, de repente, o tamanho da Sibéria me atingiu. Eu soube que Omsk não era nem a maior cidade da região, e encontrar mesmo um Strigoi

aqui poderia ser difícil. Procurar por ele em várias cidades que podem ser ainda maiores? As coisas iriam ficar muito feias se meu palpite se provasse errado.

Desde que saí para encontrar Dimitri, eu ocasionalmente tinha momentos de fraqueza que eu esperava nunca encontrar ele. A ideia dele como um Strigoi ainda me atormentava. Eu também era visitada por outras imagens... imagens do jeito que ele era e das memórias do tempo que passamos juntos.

Eu acho que minha memória mais preciosa era aquela de logo antes dele ser transformado. Foi quando eu sujei muita escuridão

induzida pelo espírito de Lissa. Eu estava fora de controle, incapaz de me segurar. Eu estava com medo de me tornar um monstro, com medo de me matar como outro guardião shadow-kiss tinha feito.

Dimitri me trouxe de volta, me emprestando sua força. E então eu percebi o quão forte era nossa conexão, o quão perfeitamente nos entendíamos. Eu fui cética sobre pessoas serem alma gêmeas no passado, mas naquele momento, eu soube que era verdade. E com aquela conexão emocional veio a física. Dimitri e eu finalmente tínhamos cedido a atração. Juramos que nunca iríamos, mas... bem, nossos sentimentos eram simplesmente fortes demais. Ficar longe um do outro se tornou impossível. Nós transamos, e foi minha primeira vez. As vezes eu sentia certeza que seria minha única vez.

O ato em si fora incrível, e eu fui incapaz de separar a alegria física da emocional. Depois, ficamos deitados juntos naquela pequena cabana por tanto quanto nos atrevemos, e isso foi incrível também. Tinha sido um daqueles poucos momentos onde eu senti que ele era realmente meu.

“Você se lembra do feitiço de luxúria de Victor?” eu perguntei, me aproximando dele.

Dimitri olhou para mim como se eu fosse louca. “É claro.”

Victor Dashkov era da realeza Moroi, alguém que tinha sido amigo de Lissa e sua família. Pouco sabíamos que ele secretamente estudava espírito e tinha identificado Lissa como uma usuária de espírito antes dela sequer saber. Ele a torturou com todo tipo de jogos mentais que realmente a fizeram pensar que ela estava ficando maluca. Os esquemas dela tinham culminado em sequestro e tortura até que ela o curou da doença que estava matando ele.

Victor agora estava preso para sempre, tanto pelo que ele fez por Lissa e por causa dos seus planos de traição para se rebelar contra o governo Moroi. Ele era um dos poucos a saber da minha relação com Dimitri, algo que me preocupou até o fim. Ele até facilitou nossa relação criando um feitiço de luxúria – um colar fundindo com terra e compulsão. O feitiço estava cheio de magia perigosa que fez Dimitri e eu cedermos a nossos instintos mais básicos. Tínhamos nos

afastados no último momento, e até nossa noite na cabana, eu acreditei que nosso encontro induzido pelo encanto tinha sido nosso pico em encontro físico.

“Eu não imaginei que poderia melhor,” eu disse a Dimitri depois que dormimos juntos. Eu me senti um pouco tímida em falar sobre isso. “Eu pensei sobre isso o tempo todo... o que aconteceu entre nós.”

Ele virou para mim, erguendo as cobertas. A cabana estava fria, mas sua cama tinha cobertores quentes. Eu suponho que pudéssemos ter colocado as roupas, mas essa era a última coisa que eu queria fazer. Ficar pressionada pele contra pele era bom.

“Eu também.”

“Você pensou?” eu perguntei, surpresa. “Eu pensei... eu não sei. Eu pensei que você era muito disciplinado para isso. Eu pensei que você tentaria esquecer.”

Dimitri riu e beijou meu pescoço. “Rose, como eu poderia esquecer de estar pelado com alguém tão linda quanto você? Eu fiquei acordado tantas noites, repassando todos os detalhes. Eu me disse de novo e de novo que era errado, mas você era impossível de esquecer.” Seus lábios se moveram para a minha clavícula, e sua mão acariciou meus lábios. “Você queimou em minha mente para sempre. Não tem nada, nada nesse mundo que nunca irá mudar isso.”

E eram memórias assim que faziam tão difícil compreender essa busca para matar ele, mesmo que ele fosse um Strigoi. Ainda sim... ao mesmo tempo, era exatamente por causa de memórias assim que eu tinha que destruir ele. Eu precisava lembrar dele como o homem que me amava e me segurou na cama. Eu precisava lembrar que aquele homem não iria querer permanecer um monstro.

Eu não estava muito excitada quando Sydney me mostrou o carro que ela comprou, particularmente já que eu dei o dinheiro para ele.

“Vamos nisso?” eu exclamei. “Podemos sequer chegar até lá?” A viagem aparentemente era de sete horas.

Ela me deu um olhar chocado. “Você está falando sério? Você sabe o que é isso? É um citroen 1972. Essas coisas são incríveis. Você tem ideia do quão difícil deve ter sido trazer isso de volta para o país no tempo dos Soviéticos? Eu não acredito que esse cara vendeu. Ele não tem noção.”

Eu sabia pouco sobre os soviéticos e ainda menos sobre carros clássicos, mas Sydney acariciou o capô vermelho como se ela estivesse apaixonada. Quem iria adivinhar? Ela gostava de carros. Talvez ele tivesse valor e eu simplesmente não conseguisse apreciar. Eu gostava mais de carros esportivos novos. Para ser justa, não tinha nenhum amassado e arranhões, e fora o visual antigo, ele parecia limpo e bem cuidado.

“Vai ligar?” eu perguntei.

Se possível, a expressão dela ficou ainda mais incrédula. “É claro!”

E ele ligou. O motor ligou firme, e do jeito que ele acelerou, eu comecei a entender a fascinação dela. Ela queria dirigir, e eu estava prestes a discutir que foi o meu dinheiro que o comprou. Vendo o olhar de adoração no rosto dela, no entanto, eu finalmente decidi não ficar entre o carro e ela.

Eu só estava feliz por estarmos partindo. Já era tarde. Se a estrada era tão perigosa quanto todos alegavam, não iríamos querer estar lá no escuro. Sydney concordou mas disse que poderíamos fazer a maior parte da viagem antes do pôr-do-sol e então passar a noite em um lugar que ela conhecia. Chegaríamos no nosso destino amanhã.

Quanto mais dirigíamos para longe de Omsk, o terreno se tornava mais remoto. Enquanto eu o estudava, eu comecei a entender o amor de Dimitri por essa terra. Ele tinha um visual miserável e estéril, verdade, mas a primavera estava transformando o terreno em verde, e havia algo lindo sobre ver toda

aquela selvagem intocada. Me lembrava de Montana de certa forma e ainda sim tinha uma certa qualidade que era própria sua.

Eu não pude me impedir de usar a adoração de Sydney pelo carro para conversar. "Você sabe muito sobre carros?" eu perguntei.

"Um pouco," eu disse. "meu pai é o alquimista da nossa família, mas minha mãe é uma mecânica."

"Verdade?" eu perguntei, surpresa. "Isso é meio... raro." É claro, eu dificilmente posso falar sobre o papel dos sexos. Considerando que minha vida era dedicada para lutar e matar, eu não poderia alegar ter um papel feminino normal também.

"Ela é muito boa e me ensinou muito. Eu não teria me importado em fazer isso para viver. Não teria me importado em ir para faculdade também." Tinha um tom amargo em sua voz. "Eu suponho que tem várias outras coisas que eu gostaria de fazer."

"O que poderia fazer?"

"Eu tive que ser a próxima alquimista da família. Minha irmã... bem, ela é mais velha, e normalmente são os mais velhos que fazem o trabalho. Mas, ela é meio que... inútil."

"Isso é duro."

"Yeah, talvez. Mas ela não conseguiu lidar com esse tipo de coisa. Quando se trata de organizar a coleção de gloss dela, ninguém a para. Mas lidar com o tipo de ligações e pessoas que conversamos? Não, ela nunca é capaz. Papai diz que eu sou a única capaz."

"Pelo menos isso é um elogio."

"Eu suponho."

Sydney parecia tão triste agora que eu me senti mal por tocar no assunto. "Se você pudesse ir para faculdade, o que você estudaria?"

"Arquitetura grego romano."

Eu decidi então que era uma boa coisa por eu não estar atrás do volante, porque provavelmente teria dirigido para fora da estrada.

“Sério?”

“Você sabe alguma coisa sobre isso.”

“Um, não.”

“É incrível.” A expressão triste foi substituída por de maravilha – ela parecia quase tão enamorada quanto pelo carro. Eu entendi então porque ela gostou da estação de trem. “A ingenuidade que era necessária para alguém fazer isso... bem, isso é surreal. Se os alquimistas não me mandarem de novo para os EUA, estou esperando ser designada para Grécia ou Itália.”

“Isso seria legal.”

“Yeah.” O sorriso dela sumiu. “Mas não tem garantias de que você vai conseguir o que quer nesse trabalho.”

Ela ficou em silêncio depois disso, e eu decidi que persuadir ela a conversar tinha sido um vitória. Eu a deixei com seus próprios pensamentos de carros clássicos e arquitetura enquanto minha mente divagava sobre assuntos próprios. Strigoi. Dever. Dimitri. Sempre Dimitri...

Bem, Dimitri e Lissa. Era sempre uma luta sobre quem me causaria mais dor. Hoje, enquanto o carro me atraía em deslumbramento, era com Lissa que me preocupava, graças principalmente a recente visita de Adrian a meus sonhos.

Cedo da noite na Rússia significava cedo da manhã em Montana. É claro, já que a escola tinha um horário noturno, era tecnicamente noite para eles também, apesar do sol. Era hora de se recolher, e todo mundo teria que voltar para seus próprios dormitórios.

Lissa estava com Adrian, no seu quarto. Adrian, como Avery, tinha se formado, mas como o único outro usuário de espírito, ele veio ficar indefinitivamente na escola e trabalhar com Lissa. Lissa deitou, esticando seus braços sobre a cabeça.

“Isso é inútil,” ela gemeu. “Eu nunca vou aprender.”

“Nunca supus que você fosse uma desistente, prima.” A voz de Adrian era irreverente como sempre, mas eu percebi que ele estava

cansado também. Eles não eram primos de verdade; esse era apenas o termo que a realeza usava para chamar uns aos outros.

“Eu só não entendo como fazer isso.”

“Eu não sei como explicar. Eu só penso, e... bem, acontece.” Ele deu nos ombros e pegou um cigarro que ele sempre carregava. “Você se importa?”

“Sim,” ela disse. Para minha surpresa, ele o guardou. O que diabos? Ele nunca me perguntou se eu me importava quando ele fumava – que eu me importava. Na verdade, na maior parte do tempo, eu juro que ele fazia para me irritar, o que não fazia sentido. Adrian passou da idade quando os caras tentavam atrair garotas que eles gostam zombando delas.

Ele tentou explicar o processo. “Eu só penso sobre como eu quero e meio que... eu não sei. Expando minha mente em direção a eles.”

Lissa sentou e cruzou as pernas. “Soa muito como Rose descrevia me ler.”

“Provavelmente é o mesmo princípio. Olha, você levou um tempo para aprender sobre auras. Isso não é diferente. E você não é a única com uma curva de aprendizado. Eu estou apenas agora finalmente passando de curar arranhões, e você pode trazer os mortos de volta, o que – me chame de louco – é meio hard-core.” Ele pausou. “É claro, alguns iriam discutir que eu sou louco.”

Ao mencionar auras, ela o estudou e convocou a habilidade para ver o campo de luz que brilhava ao redor de tudo. A aura dele entrou em foco, o cercando com um brilho dourado. De acordo com Adrian, a aura dela era igual. Nenhum outro Moroi tinha esse tipo de dourado puro. Lissa e Adrian achavam que era único para usuários de espírito.

Ele sorriu, adivinhando o que ela estava fazendo. “Como está?”

“O mesmo.”

“Vê o quão boa você está agora? Só seja paciente com sonhos.”

Lissa queria tanto andar nos sonhos do jeito que ele podia. Apesar da sua decepção, eu estava feliz por ver que ela não conseguia. As visitas nos sonhos de Adrian eram difíceis o bastante para mim. Ver ela seria... bem, eu não tinha certeza, mas faria essa atitude legal e dura que eu estava tentando manter na Rússia muito mais difícil.

“Eu só queria saber onde ela está,” disse Lissa baixo. “Eu não suporto não saber.” Era a conversa com Christian de novo.

“Eu a vi o outro dia. Ela está bem. E eu vou de novo em breve.”

Lissa acenou. “Você acha que ela vai fazer isso? Você acha que ela pode matar Dimitri?”

Adrian demorou para responder. “Eu acho que ela pode. A questão é se vai matar ela no processo.”

Lissa recuou, e eu estava um pouco surpresa. A resposta foi tão direta quanto a de Christian. “Deus, eu queria que ela não tivesse decidido ir atrás dele.”

“Desejar é inútil agora. Rose tem que fazer isso. É a única forma de conseguirmos ela de volta.” Ele pausou. “É o único jeito que ela vai ser capaz de seguir em frente.”

Adrian às vezes me surpreendia, mas esse foi demais. Lissa achava que era tolo e suicida ir atrás de Dimitri. Eu sabia que Sydney concordaria se eu contasse a ela a verdade sobre essa viagem. Mas Adrian... tolo, superficial, e festeiro Adrian entendia? Estudando ele pelos olhos de Lissa, eu percebi que ele entendia. Ele não gostava, e eu podia ouvir a magoa em suas palavras. Ele se importava comigo. Eu ter sentimentos tão fortes por outra pessoa causava a ele dor. E ainda sim... ele realmente acreditava que eu estava fazendo a coisa certa – a única coisa que eu poderia fazer.

Lissa olhou para o relógio. “Eu tenho que ir antes do toque de recolher. Eu provavelmente deveria estudar para minha prova de história também.”

Adrian sorriu. “Estudar é superestimado. Só encontre alguém inteligente para colar.”

Ela levantou. “Você está dizendo que não sou inteligente?”

“Diabos não.” Ele se levantou e foi se servir de um drink do bar totalmente estocado que ele mantinha a mão. Auto medicação era o jeito irresponsável dele de controlar o efeito do espírito, e se ele esteve usando espírito a noite toda, ele iria querer a dormência dos vícios dele. “Você é a pessoa mais inteligente que conheço. Mas isso não significa que você tem que fazer um trabalho desnecessário.”

“Você não pode ter sucesso na vida se não trabalhar. Copiar dos outros não te leva a lugar nenhum.”

“Tanto faz,” ele disse com um sorriso. “Eu coleei a escola toda, e olhe onde estou hoje.”

Virando os olhos, Lissa deu a ele um rápido abraço de despedida e partiu. Fora de vista, o sorriso dela sumiu um pouco. Na verdade, os pensamentos dela viraram negros inesperadamente. Me mencionar tinha trazido todo tipo de pensamento a tona. Ela estava preocupada comigo – desesperadamente preocupada. Ela disse a Christian que ela se sentia mal pelo que havia acontecido entre nós, mas a força total disso não me atingiu até agora. Ela estava se remoendo de culpa e confusão, continuamente se castigando pelo o que ela deveria ter feito. E acima de tudo, ela sentia minha falta. Ela tinha os mesmos sentimentos que eu – como se uma parte dela tivesse sido cortada.

Adrian vivia no quarto andar, e Lissa optou pelas escadas ao invés do elevador. Enquanto isso, a mente dela girava em preocupação. Preocupação sobre quando ela iria dominar o espírito. Preocupação por mim. Preocupada por não estar sentindo os efeitos negros do espírito, o que a fez se perguntar se eu estava absorvendo eles, como a guardiã chamada Anna fazia. Ela viveu séculos atrás e estava ligada a Santo Vladimir, a quem a escola foi nomeada. Ela absorvia os efeitos horríveis do espírito dele – e ficou louca.

No segundo andar, Lissa podia ouvir sons e gritaria, mesmo através da porta que separava a escadaria do corredor. Apesar de saber que não tinha nada a ver com ela, ela hesitou, a curiosidade

se apoderando dela. Um momento depois, ela silenciosamente empurrou a porta e parou no corredor. As vozes estavam vindo do canto. Ela cuidadosamente espiou – não que ela precisasse. Ela reconheceu as vozes.

Avery Lazar estava no corredor, as mãos nos quadris enquanto ela encarava seu pai. Ele estava na porta que deveria levar para sua suíte. Suas posturas estavam rígidas e hostis, e raiva passava entre eles.

“Eu faço o que eu quero,” ela gritou. “Não sou sua escrava.”

“Você é minha filha,” ele diz com uma voz calma e condescendente. “Embora às vezes eu deseje que você não fosse.”

Ouch. Lissa e eu ficamos chocadas.

“Então porque você está me fazendo ficar nesse buraco do inferno? Me deixe voltar para a Corte!”

“E me envergonhar ainda mais? Nós mal saímos sem manchar a reputação da família – muito. De jeito nenhum vou te mandar sozinha e deixar você fazer só Deus sabe o que.”

“Então me mande para minha mãe! Suíça tem que ser um lugar melhor do que esse lugar.”

Houve uma pausa. “Sua mãe está... ocupada.”

“Oh, ótimo,” disse Avery, a voz cheia de sarcasmo. “Esse é um jeito educado de dizer que ela não me quer. Nenhuma surpresa. Eu só vou interferir com ela e aquele cara que ela está dormindo.”

“Avery!” A voz dele saiu alta e furiosa. Lissa se esquivou e deu um passo para trás. “Essa conversa terminou. Volte para o seu quarto e se acalme antes que alguém te veja. Te espero no café amanhã, e espero que você esteja respeitável. Temos visitas importantes.”

“Yeah, Deus sabe que temos mantido as aparências.”

“Vá para seu quarto,” ele repetiu. “Antes que eu ligue para Simon e faça ele te arrastar para lá.”

“Sim, senhor,” ela sorriu com afetação. “Imediatamente, senhor. O que você disser, senhor.”

E com isso, ele bateu a porta. Lissa, abaixada atrás do canto, mal podia acreditar que ele disse aquelas coisas para sua própria filha. Por alguns momentos, houve silêncio. Então, Lissa ouviu o som de passos – vindo em direção a ela. Avery de repente virou o canto e parou na frente de Lissa, nos dando a primeira boa olhada nela.

Avery estava usando um vestido apertado feito de algum tipo de tecido azul que brilhava em prata na luz. O cabelo dela era longo e selvagem, e haviam lágrimas saindo dos olhos azul acinzentados que destruíram a pesada maquiagem que ela usava. O cheiro de álcool vinha forte e claro. Ela rapidamente passou a mão sobre os olhos, obviamente embaraçada por ser vista assim.

“Bem,” ela disse. “Eu acho que você ouviu nosso drama familiar.”

Lissa se sentia igualmente envergonhada por ter sido pega espionando. “Eu – eu sinto muito. Eu não queria. Eu só estava passando...”

Avery deu uma risada dura. “Bem, eu não acho que importa. Provavelmente todos no prédio nos ouviram.”

“Sinto muito,” Lissa repetiu.

“Não sinta. Você não fez nada errado.”

“Não... quero dizer, eu sinto muito por ele... você sabe, ter tido aquelas coisas para você.”

“É parte de ser uma “boa família”. Todos tem esqueletos em seus armários.” Avery cruzou os braços e se inclinou contra a parede. Mesmo chateada e bagunçada, ela era linda. “Deus, eu odeio ele às vezes. Sem ofensa, mas esse lugar é tão chato. Eu encontrei

uns veteranos para andar hoje a noite, mas... eles também eram bem chatos. A única coisa que eles tinham a favor deles era a cerveja.”

“Porque... porque seu pai te trouxe aqui?” Lissa perguntou. “Porque você não está... eu não sei, na faculdade?”

Avery deu um risada dura. “Ele não confia em mim o bastante. Quando estávamos na Corte, eu me envolvi com um cara bonito que trabalhava lá – totalmente não real, é claro. Papai enlouqueceu e estava com medo que as pessoas descobrissem. Então quando ele ganhou o trabalho aqui, ele me trouxe junto para manter um olho em mim – e me torturar. Eu acho que ele tem medo que eu fuja com um humano se eu for para faculdade.” Ela suspirou. “Eu juro por Deus, se Reed não estivesse aqui, eu simplesmente fugiria, ponto final.”

Lissa não disse nada por um longo tempo. Ela saiu do seu caminho para evitar a diligência de Avery. Com todas aquelas ordens que a rainha estava dando a Lissa ultimamente, esse parecia o único jeito de Lissa poder lutar contra e se impedir de ser controlada. Mas agora, ela se perguntava se ela estava errada sobre Avery. Avery não parecia uma espiã para Tatiana. Ela não parecia alguém que queria moldar Lissa em alguém perfeito da realeza. Na maior parte, Avery parecia uma garota triste e magoada, cuja vida estava saindo de controle. Alguém que estava recebendo tantas ordens quanto Lissa ultimamente.

Com um profundo suspiro, Lissa falou rapidamente as próximas palavras. “Você quer almoçar comigo e Christian amanhã? Ninguém iria se importar se você viesse no nosso horário de almoço. Não posso prometer que vá ser, um, tão excitante quanto você quer.”

Avery sorriu de novo, mas dessa vez, um pouco menos amarga. “Bem, meus outros planos eram ficar bêbada sozinha no meu quarto.” Ela ergueu uma garrafa do que parecia ser uísque da sua bolsa. “Consegui algumas coisas sozinha.”

Lissa não tinha certeza de que tipo de resposta isso era. “Então... te vejo no almoço?”

Agora Avery hesitou. Mas devagar, um fraco brilho de esperança e interesse apareceu no rosto dela. Concentrando-se, Lissa tentou ver a aura dela. Ela teve um pouco de dificuldades a princípio,

provavelmente cansada por causa do treino com Adrian hoje a noite. Mas quando ela finalmente foi capaz de ver a aura de Avery, ela viu uma mistura de cores: verde, azul e dourado. Não era incomum. Ela estava atualmente tendendo ao vermelho, como acontecia quando as pessoas ficavam chateadas. Mas diante dos olhos de Lissa, a vermelhidão sumiu.

“Yeah,” Avery disse finalmente. “Séria ótimo.”

“Eu acho que aqui é o máximo que podemos ir hoje.”

Do outro lado do mundo, a voz de Sydney me tirou dos pensamentos de Lissa. Eu não sabia quanto tempo estive sonhando acordada, mas Sydney tinha saído da estrada principal e estava dirigindo até uma cidade pequena que se encaixava perfeitamente na imagens de florestas da Sibéria. Na verdade, “cidade” era um exagero total. Haviam algumas casas espalhadas, uma loja, um posto de gasolina. Terra a ser arada se esticava além dos prédios, e eu vi mais cavalos do que carros. As poucas pessoas que estavam na rua olhavam nosso carro maravilhados. O céu se tornou de um laranja profundo, e o sol estava afundando mais e mais no horizonte. Sydney tinha razão. Já era quase o anoitecer, e precisávamos sair da estrada.

“Estamos apenas a umas duas horas de distância no máximo,” ela continuou. “Fizemos um bom tempo e devemos chegar lá bem cedo da manhã.” Ela dirigiu até o outro lado do vilarejo – o que levou, tipo, um minuto – e estacionou na frente de uma casa branca com um celeiro do lado. “Vamos ficar aqui.”

Saímos do carro e nos aproximamos da casa. “Eles são seus amigos?”

“Não. Nunca os conheci. Mas estão nos esperando.”

Mais conexões misteriosas de Alquimista. A porta foi atendida por uma humana com aparência amigável que tinha vinte e poucos e nos fez entrar. Ela só falou algumas palavras de inglês, mas Sydney traduziu com habilidade. Sydney estava mais extrovertida e

charmosa do que eu tinha visto até agora, provavelmente porque nossos hospedeiros não eram uma horrível cria de vampiros.

É de se imaginar que ficar num carro um dia todo fosse cansativo, mas eu me sentia exausta e ansiosa para que amanhã chegasse. Então depois da janta e um pouco de TV, Sydney e eu fomos para o quarto que tinha sido preparado para nós. Era pequeno e sem graça mas tinha duas camas cobertas num grosso e peludo cobertor. Eu me aninhei na minha, grata por um pouco de suavidade e calor, e me perguntei se iria sonhar com Lissa ou Adrian. Eu não sonhei. Eu acordei, no entanto, acordei com náusea passando por mim – a náusea que me disse que havia um Strigoi por perto.

SEIS

Eu levantei rapidamente, cada parte de mim acordada e alerta. Não haviam luzes da cidade para brilhar, e eu levei vários segundos para distinguir qualquer coisa no quarto escuro. Sydney estava deitada em sua cama, seu rosto em paz enquanto dormia.

Onde estava o Strigoi? Definitivamente não no nosso quarto. Ele estava na casa? Todos diziam que a estrada para casa de Dimitri era perigosa. Ainda sim, eu pensei que Strigoi iriam atrás de Moroí e dhampir – embora humanos fossem uma grande parte da dieta deles também. Pensando no casal gentil que nos deu boas vindas a sua casa, em senti algo se apertar no meu peito. De jeito nenhum eu iria deixar alguma coisa acontecer com eles.

Saindo silenciosamente da cama, eu peguei minha estaca e sai do quarto sem perturbar Sydney. Mais ninguém estava acordado, e assim que eu cheguei na sala, a náusea sumiu. Ok. O Strigoi não estava dentro, o que era uma boa coisa. Ele estava do lado de fora, aparentemente do lado da casa perto do meu quarto. Ainda me movendo silenciosamente, eu sai pela porta da frente e virei a esquina, tão silenciosa quanto a noite ao meu redor.

A náusea ficou mais forte enquanto me aproximava do celeiro, e eu não conseguia me impedir de me sentir orgulhosa. Eu ia surpreender esse Strigoi que pensou que poderia vir de fininho em um vilarejo humano para jantar. Ali. Perto da entrada do celeiro, eu podia ver uma longa sombra se movendo. Te peguei, eu pensei. Eu aprontei minha estaca e comecei a me mover para frente –

– e então algo me atingiu no meu ombro.

Eu tropecei, surpresa, e olhei para o rosto de um Strigoi. Com o canto do olho, eu vi a sombra perto do celeiro se materializar em outro Strigoi se movendo para frente. Pânico passou por mim.

Haviam dois, e meu sistema de detecção secreto não foi capaz de dizer a diferença. Pior, eles me agarraram.

Um pensamento imediatamente passou pela minha mente: E se um deles fosse Dimitri?

Não era. Pelo menos, o mais perto de mim não era. Era uma mulher. Eu ainda precisava ver o segundo. Esse estava se aproximando do meu outro lado, se movendo rápido. Eu tinha que lidar com a ameaça imediata e ataquei a mulher com minha estaca, esperando ferir ela, mas ela se esquivou tão rapidamente, que eu mal vi ela se mover. Ela foi em minha direção de um jeito casual. Eu não fui rápida o bastante para reagir e fui voando em direção ao outro Strigoi – um cara que não era Dimitri.

Eu respondi rapidamente, pulando e chutando ele. Eu estava segurando a estaca, dando uma distância entre nós, mas ajudou pouco quando a mulher veio por trás de mim e me agarrou, trazendo meu corpo contra o dela. Eu dei um choro abafado e senti as mãos dela na minha garganta. Ela provavelmente ia quebrar meu pescoço, eu percebi. Era uma técnica rápida e fácil para os Strigoi que permitia que eles arrastassem sua vítima para se alimentar.

Eu lutei, me soltando levemente das mãos dela, mas enquanto o outro Strigoi se inclinava na nossa direção, eu soube que era inútil. Eles me surpreenderam. Eles eram dois. Eles eram fortes.

Pânico passou por mim de novo, um senso de medo e desespero que me sobrepujou. Eu tinha medo toda vez que lutava com um Strigoi, mas medo estava atingindo seu limite. Ele era desfocado e fora de controle, e eu suspeitava que era o toque de loucura e escuridão que eu absorvia de Lissa. Os sentimentos explodiram dentro de mim, e eu me perguntei se eles iriam me destruir antes dos Strigoi. Eu estava correndo um real perigo de morrer aqui – de deixar Sydney e os outros serem mortos. A raiva e o estresse desse pensamento me sufocou.

Então, de repente, foi como se a terra tivesse se aberto. Formas translúcidas, brilhando suavemente na escuridão, se espalhavam em toda parte. Alguns pareciam pessoas normais. Outras eram horríveis,

seus rostos magros e com forma de crânio. Fantasmas. Espíritos. Eles nos cercaram, sua presença fazendo meu cabelo levantar e enviando dor de cabeça pelo meu crânio.

Os fantasmas viraram em nossa direção. Isso aconteceu antes, no avião, quando aparições tinham enxameado e ameaçado me consumir. Eu me preparei, tentando desesperadamente convocar forças para construir as barreiras que iriam me cortar do mundo dos espíritos. Era uma habilidade que tive que aprender, uma que eu normalmente mantinha sem esforço. O desespero e o pânico dessa situação quebraram meu controle. Naquele horrível momento, eu de novo de forma egoísta desejei que Mason não tivesse encontrado paz e deixado esse mundo. Eu teria me sentido melhor se o fantasma dele estivesse aqui.

Então eu percebi que não era o alvo.

Os fantasmas estavam indo em direção dos dois Strigoi. Os espíritos não tinham formas sólidas, mas todo lugar que eles tocavam e passavam parecia gelo para mim. A mulher Strigoi imediatamente começou a mexer seus braços para espantar as aparições, rosnando de raiva e algo como quase medo. Os fantasmas não pareciam ser capazes de machucar os Strigoi, mas eles eram bem irritantes – e distrativos.

Eu empalei o homem Strigoi antes dele sequer chegar a me ver chegar. Imediatamente, os fantasmas ao redor dele se moveram em direção a mulher. Ela era boa, eu admito. Apesar da luta para se livrar dos espíritos, ela ainda foi capaz de se desviar muito bem dos meus ataques. Um soco de sorte dela fez estrelas brilharem nos meus olhos e me jogou contra a parede do celeiro. Eu ainda tinha a dor de cabeça induzida pelos fantasmas, e minha cabeça bater contra o celeiro não ajudou. Levantando, tonta, eu voltei até ela e continuei meus esforços para acertar o coração dela. Ela conseguiu manter seu peito fora de alcance – pelo menos até que um fantasma particularmente assustador a pegou desprevenida. Sua distração momentânea me deu uma chance, e eu a empalei também. Ela caiu no chão – me deixando sozinha com os espíritos.

Com o Strigoi, os fantasmas claramente queriam atacar eles. Comigo, foi como no avião. Eles pareciam estar fascinados comigo, desesperados para chamar minha atenção. Só que, com dezenas de fantasmas pairando, era como se eu tivesse sido atacada.

Desesperadamente, eu tentei de novo convocar minhas paredes, para bloquear os fantasmas de mim como tinha feito um longo tempo atrás. O esforço era excruciante. De

alguma forma, minhas emoções descontroladas tinham trazido esses espíritos, e enquanto eu estava me acalmando, esse controle era mais difícil de trazer. Minha cabeça continuava a latejar.

“Vão embora,” eu assoviei. “Eu não preciso mais de vocês.”

Por um momento, parecia que meus esforços seriam inúteis. Então, devagar, um por um, os espíritos começaram a sumir. Eu senti o controle gradualmente voltar ao seu lugar. Logo, não havia nada a não ser eu, a escuridão, e o celeiro – e Sydney.

Eu notei ela assim que cai no chão. Ela estava correndo para fora da casa de pijama, rosto pálido. Ajoelhada ao meu lado, ela me ajudou a sentar, medo legítimo em seu rosto. “Rose! Você está bem?”

Eu senti como se cada fragmento de energia em meu cérebro e corpo tivessem sido sugados. Eu não conseguia me mover. Eu não conseguia pensar.

“Não,” eu disse a ela.

E então eu desmaiei.

Eu sonhei com Dimitri de novo, os braços dele ao meu redor e seu rosto lindo inclinando perto de mim para cuidar de mim como ele fazia tão frequentemente quando estava doente. Memórias de coisas do passado vieram para mim, nós dois rindo de uma piada. As vezes, nesses sonhos, ele me carregava para longe. As vezes, estávamos andando de carro. Ocasionalmente, o rosto dele começava a tomar aquelas feições de Strigoi cuja imagem sempre me atormentava. Então eu rapidamente ordenei que minha mente espantasse esses pensamentos.

Dimitri tinha cuidado de mim tantas vezes e sempre esteve lá quando precisei dele. Eu admito, ele não parecia acabar na enfermaria tanto quanto eu. Essa era minha sorte. Mesmo quando ele estava ferido, ele não reconhecia. E eu estava sonhando e alucinando, imagens que vinham a mim das poucas vezes que fui capaz de cuidar dele.

Logo antes da escola ser atacada, Dimitri estava envolvido em vários testes comigo e alguns dos meus colegas para ver o quão bem reagíamos a ataques surpresa. Dimitri era tão duro que era quase impossível vencer ele, embora ele se machucasse algumas vezes. Eu encontrei ele no ginásio uma vez durante essas provas, e fiquei surpresa por ver um corte na bochecha dele. Dificilmente era fatal, mas havia uma quantidade grande de sangue saindo.

“Você percebeu que está sangrando até a morte?” Eu exclamei. Era meio que um exagero, mas mesmo assim.

Ele tocou sua bochecha distraído e pareceu notar o ferimento pela primeira vez. “Eu não exageraria tanto. Não é nada.”

“Não é nada até você ficar com uma infecção!”

“Você sabe que isso é improvável,” ele disse obstinado. Essa era a verdade. Moroi – fora nas vezes que contraíam uma doença rara, como a que Victor tinha – dificilmente ficavam doentes. Nós dhampir tínhamos herdado isso deles, assim como as tatuagens de Sydney davam a ela alguma proteção. Mas mesmo assim, eu não iria deixar Dimitri ficar sangrando.

“Anda,” eu disse, apontando para o pequeno banheiro do ginásio. Minha voz era poderosa, e para minha surpresa, ele obedeceu.

Depois de molhar um algodão, eu gentilmente limpei o rosto dele. Ele continuou a protestar a principio, mas finalmente ficou quieto. O banheiro era pequeno, e estávamos a centímetros um do outro. Eu conseguia sentir o cheiro limpo e intoxicante dele e estudei cada detalhe de seu rosto e corpo forte. Meu coração batia rápido no meu peito, mas deveríamos nos comportar, então eu tentei parecer tranquila e composta. Ele estava calmo também, mas quando

coloquei o cabelo dele atrás da orelha para limpar o resto do seu rosto, ele recuou. A ponta dos meus dedos tocavam sua pele e enviavam ondas de choque através de mim, e ele também as sentiu. Ele pegou minha mão e se afastou.

“Chega,” ele disse, sua voz rouca. “Estou bem.”

“Tem certeza?” eu perguntei. Ele não tinha soltado minha mão. Estávamos tão, tão perto. O pequeno banheiro parecia pronto para explodir com a eletricidade crescendo entre nós. Eu sabia que isso não poderia durar mas odiava deixar ele ir. Deus, era difícil ser responsável as vezes.

“Sim,” ele disse. A voz dele era suave, e eu sabia que ele não estava bravo comigo. Ele tinha medo, medo do quão pouco era preciso para acender um fogo entre nós. “Obrigado, Roza.”

Ele soltou minha mão, e nós saímos, nós dois fomos fazer nossas próprias coisas. Mas o senso de sua pele e cabelo ficaram comigo durante horas depois...

Eu não sei porque sonhei com essa memória depois de ser atacada perto do celeiro. Parecia estranho eu ter sonhado em cuidar de Dimitri quando era eu quem precisava de cuidado. Eu acho que não faz realmente diferença que tipo de memória era, desde que envolvesse ele. Dimitri sempre me fez sentir melhor, mesmo em meus sonhos, me dando força e determinação.

Mas enquanto eu estava naquele delírio saindo e voltando a ficar consciente, o rosto reconfortante dele ocasionalmente ficava com aqueles olhos vermelhos e presas. Eu chorei, lutando para deixar isso de lado. Outras vezes, ele nem parecia com Dimitri. Ele se transformava em um homem que eu não conhecia, um Moroi mais velho com cabelo escuro e olhos astutos, joias douradas brilhando eu sem pescoço e orelhas. Eu chorei por Dimitri de novo, e eventualmente, o rosto dele retornou, seguro e maravilhoso.

Em certo ponto, a imagem mudou de novo, e dessa vez era de uma mulher. Claramente, ela não era Dimitri, mas tinha algo em seus olhos castanhos que me lembravam dele. Ela era mais velha,

nos seus 40 anos talvez, e uma dhampir. Ela colocou uma toalha fria na minha testa, e eu percebi que não estava mais sonhando. Meu corpo doía, e eu estava em uma cama desconhecida, em um quarto desconhecido. Nenhum sinal de Strigoi. Eu tinha sonhado com eles também?

“Não tente se mover,” a mulher disse com um fraco traço de sotaque russo. “Você foi atingida com força.”

Meus olhos se alargaram enquanto os eventos do celeiro voltavam para mim, a convocação dos fantasmas. Não tinha sido um sonho. “Onde está Sydney? Ela está bem?”

“Ela está bem. Não se preocupe.” Algo na voz da mulher me disse que eu podia acreditar nela.

“Onde estou?”

“Em Baia.”

Baia, Baia. Em algum lugar, no fundo da minha mente, esse nome era familiar. De repente a ficha caiu. Muito, muito tempo atrás, Dimitri havia dito. Ele mencionou o nome da sua cidade apenas uma vez, e mesmo eu tendo tentado, eu nunca fui capaz de lembrar. Sydney nunca me diria o nome. Mas agora estávamos aqui. A casa de Dimitri.

“Quem é você?” eu perguntei.

“Olena,” ela disse. “Olena Belikova.”

SETE

Era como a manhã de natal.

Eu não era normalmente a favor de Deus ou destino, mas agora eu estava seriamente reconsiderando. Depois que desmaiei, Sydney aparentemente fez algumas ligações frenéticas, e alguém que ela conhecia em Baia tinha ido até nós – se arriscando na escuridão – para nos resgatar e nos levar até onde eu pudesse ser tratada. Não havia dúvidas do porque eu tive a vaga sensação de estar em um carro durante meu delírio; não tinha sido parte de um sonho.

E então, de alguma forma, de todos os dhampirs em Baia, eu fui levada a mãe de Dimitri. Isso foi o bastante para me fazer seriamente reconsiderar que havia realmente uma força maior que trabalhava no universo. Ninguém me disse exatamente o que aconteceu, mas eu logo soube que Olena Belikova tinha uma reputação entre seus iguais para cura – e não era nem cura mágica. Ela tinha treinamento médico e era a pessoa que outros dhampirs – e até mesmo alguns Moroí – recorriam nessa região se eles queriam evitar contato humano. Ainda sim. As coincidências eram estranhas, e não consegui me impedir de pensar que havia algo acontecendo que eu não entendia.

Por agora, eu não me preocupei demais com os comos e porquês da situação atual. Eu estava muito ocupada olhando com olhos bem abertos meus arredores e habitantes. Olena não vivia sozinha. Todas as irmãs de Dimitri – três delas – viviam na casa também, junto com seus filhos. A semelhança familiar era surpreendente. Nenhum deles parecia exatamente como Dimitri, mas em cada rosto, eu podia ver. Os olhos. O sorriso. Mesmo o senso de humor. Ver eles alimentou a ausência de Dimitri que eu sentia desde que ele desapareceu – e piou tudo ao mesmo tempo. Sempre que eu olhava para qualquer um deles em minha visão periférica, eu achava que tinha visto

Dimitri. Era como uma casa de espelhos, com reflexos distorcidos em toda parte.

Até mesmo a casa me animou. Não havia sinais óbvios de que Dimitri viveu ali, mas eu continuei pensando, É aqui que ele cresceu. Ele andou nesse chão, tocou essas paredes... Enquanto eu andava de quarto em quarto, eu toquei as paredes também, tentando tirar a energia delas. Eu imaginava ele no sofá, em casa nas férias da escola. Eu me perguntei se ele deslizava pelo corrimão quando era pequeno. As imagens eram tão reais que eu ficava me lembrando que ele não vinha pra cá a séculos.

“Você fez uma incrível recuperação,” Olena notou na manhã seguinte depois que fui trazida para ela. Ela observou com aprovação enquanto eu inalava o prato de blini. Elas eram panquecas ultra finas recheadas com manteiga e geleia. Meu corpo sempre requeria muita comida para manter minha força, e eu achei que desde que não mastigasse de boca aberta nem nada disso, eu não teria motivos para me sentir mal por comer tanto. “Eu pensei que você estava morta quando Abe e Sydney te trouxeram.”

“Quem?” Eu perguntei entre as mordidas.

Sydney estava sentada na mesa com o resto da família, mal tocando na sua comida como sempre. Ela parecia claramente agitada por estar na casa de dhampir, mas quando descii as escadas essa manhã, eu definitivamente vi alívio nos olhos dela.

“Abe Mazur,” disse Sydney. A não ser que eu esteja enganada, algumas das outras pessoas trocaram olhares de conhecimento. “Ele é um Moroi. Eu... eu não sabia o quão mal você estava ferida ontem a noite, então liguei para ele. Ele veio com seus guardiões. Foi ele quem te trouxe aqui.”

Guardiões. Plural. “Ele é da realeza?” Mazur não era um sobrenome real, mas isso nem sempre era um sinal da linhagem de alguém. E enquanto estava começando a confiar na rede social e conexões com pessoas poderosas de Sydney, eu não conseguia entender porque alguém da realeza iria querer algo comigo. Talvez ele devesse aos alquimistas um favor.

“Não,” ela disse abruptamente. Eu franzi. Um Moroí que não é da realeza e tem mais do que um guardião? Muito estranho. Estava claro que ela não iria dizer mais nada sobre o assunto – pelo menos por agora.

Eu engoli outra mordida no blini e voltei minha atenção de volta para Olena. “Obrigado por me abrigar.”

A irmã mais velha de Dimitri, Karolina, estava na mesa também, junto com sua filhinha e filho Paul. Paul tinha cerca de 10 anos e parecia estar fascinado comigo. A irmã adolescente de Dimitri, Viktoria, também estava ali. Ela parecia ser mais nova que eu. A terceira irmã Belikov se chamava Sonya e tinha saído para trabalhar antes de eu acordar. Eu teria que esperar para conhecer ela.

“Você realmente matou dois Strigoi sozinha?” Paul me perguntou.

“Paul,” xingou Karolina. “Essa não é uma pergunta muito gentil.”

“Mas é excitante,” disse Viktoria com um sorriso. O cabelo castanho dela tinha mechas em dourado, mas seus olhos escuros brilhavam tanto quanto os de Dimitri quando ele fica excitado que meu coração se apertou. De novo, eu tinha aquela sensação de que Dimitri estava mas não estava aqui.

“Ela matou,” disse Sydney. “Eu vi os corpos. Como sempre.”

Ela tinha uma expressão atormentada mas cômica, e eu ri. “Pelo menos os deixei onde você pudesse encontrar eles dessa vez.” Meu humor de repente diminuiu. “Alguém... algum humano notou ou ouviu?”

“Me livrei dos corpos antes de alguém notar,” ela disse. “Se as pessoas ouvirem alguma coisa... bem, as florestas como aquela sempre estão cheias de histórias de fantasma. Eles não tem evidências reais de vampiros, mas tem todo o tipo de crença que o sobrenatural e o perigo estão lá fora. Mal sabem eles.”

Ela disse “histórias de fantasma” sem mudar de expressão. Eu me perguntei se ela tinha visto algum dos espíritos de ontem a noite, mas finalmente decidi que ela provavelmente não tinha. Ela saiu quase no fim da luta, e como as evidências passadas indicavam,

mais ninguém podia ver os espíritos que eu via – a não ser Strigoi, como acabou se mostrando.

“Você deve ter tido um bom treinamento então,” disse Karolina, se mexendo para que o bebê se inclinasse contra seu ombro. “Você parece como se devesse estar ainda na escola.”

“Acabei de sair,” eu disse, recebendo outro olhar examinador de Sydney.

“Você é americana,” disse Olena de forma muito „por sinal?. “ O que te trouxe aqui?”

“Eu... estou procurando por alguém,” eu disse depois de alguns segundos de hesitação.

Eu tive medo que eles fossem pressionar por detalhes ou que ela tivesse suspeitas que eu fosse uma meretriz de sangue, mas então, a porta da cozinha se abriu e a avó de Dimitri, Yeva, entrou. Ela tinha enfiado sua cabeça pra dentro mais cedo e me observado. Dimitri tinha me dito que ela era uma espécie de bruxa, e eu podia acreditar. Ela parecia ter um zilhão de anos e era tão magra, que era de se admirar que o vento não a soprasse para longe. Ela mal tinha 1,50m e o cabelo dela cobria sua cabeça em mechas grisalhas. Mas eram os olhos dela que realmente me assustavam. O resto dela pode ser frágil, mas aqueles olhos escuros eram afiados e alertas e pareciam olhar minha alma. Mesmo sem a explicação de Dimitri, eu iria achar que ela era uma bruxa. Ela era também a única na casa que não falava inglês.

Ela sentou numa das cadeiras vazias, e Olena rapidamente pulou para pegar para ela mais blini. Yeva murmurou algo em russo que fez os outros parecerem desconfortáveis. Os lábios de Sydney se torceram em um pequeno sorriso. Os olhos de Yeva estavam em mim enquanto ela falava, e eu olhei ao redor pela tradução.

“O que?” eu perguntei.

“Vovó diz que você não está nos contando a verdade toda do porque você está aqui. Ela diz que quanto mais você procrastinar,

pior será,” Viktoria explicou. Então ela deu um olhar apoplético para Sydney. “E ela quer saber quando a alquimista vai embora.”

“Assim que possível,” disse Sydney secamente.

“Bem, porque estou aqui... é meio que uma longa história.” Eu poderia ser mais vaga?

Yeva disse outra coisa, e Olena respondeu com o que soava ser um corredor. Comigo, ela falou gentilmente: “Ignore ela, Rose. Ela está com um dos seus humores. Porque você está aqui é da sua conta – embora tenha certeza que Abe gostaria de conversar com você alguma hora.” Ela franziu um pouco, e eu lembrei dos olhares de mais cedo na mesa. “Você deveria se certificar de agradecer a ele. Ele parecia muito preocupado com você.”

“Eu meio que gostaria de ver ele também,” eu murmurei, ainda curiosa com esse bem protegido Moroí que não era da realeza, que tinha me dado uma carona e parecia deixar todos agitados. Ansiosa para evitar mais conversa do porque eu estava aqui, eu rapidamente mudei de assunto. “Eu também adoraria dar uma olhada em Baía. Nunca estive em um lugar assim antes – onde tantos dhampir vivem, quero dizer.”

Viktoria se alegrou. “Eu posso definitivamente te fazer um tour – se você tem certeza de que está se sentindo bem. Ou se você não tiver que partir imediatamente.”

Ela acreditava que eu estava de passagem, o que era basicamente isso. Honestamente, eu não tinha mais certeza do que estava fazendo, agora que parecia que Dimitri não estava na área. Eu olhei para Sydney de forma questionadora.

Ela deu nos ombros. “Faça o que quiser. Não vou a lugar nenhum.” Eu achei isso um pouco desconcertante também. Ela me trouxe aqui como os superiores dela haviam mandado – mas e agora? Bem, essa era uma preocupação para mais tarde.

Assim que terminei minha comida, Viktoria praticamente me arrastou pela porta, como se eu fosse a coisa mais excitante que aconteceu por aqui em um tempo. Yeva não tinha tirado seus olhos

de mim pelo resto da refeição, e embora ela nunca tenha dito mais nada, o olhar suspeito dela claramente me disse que ela não acreditava numa palavra que eu

disse. Eu convidei Sydney para vir junto, mas ela recusou, preferindo se trancar em um quarto para ler sobre templos gregos ou fazer ligações de controle-do-mundo ou o que quer que fosse que ela fazia.

Viktoria disse que o centro não era longe de onde eles viviam e era mais fácil caminhar. O dia estava claro e frio, com sol o bastante para deixar o lado de fora bem agradável.

“Não recebemos muitos visitantes,” ela explicou. “A não ser homens Moroi, mas a maioria não fica muito tempo.”

Ela não acrescentou mais nada, mas me perguntei sobre as implicações dela. Esses homens Moroi estavam procurando encontrar ação com mulheres dhampir? Eu cresci pensando que essas mulheres, dhampirs que escolheram não se tornar guardiões, eram desgraçadas e sujas. Aquelas em Nightingale certamente faziam jus ao estereotipo de meretriz de sangue, mas Dimitri tinha me assegurado que nem todas as mulheres dhampir eram assim. Depois de conhecer os Belikovs, eu acreditei nele.

Enquanto nos aproximávamos do centro da cidade, eu logo descobri outro mito que foi quebrado. As pessoas falavam sobre meretrizes de sangue vivendo em campos ou comunas, mas esse não era o caso aqui. Mala não era enorme, não como São Petersburgo ou mesmo Omsk, mas era uma cidade de verdade com uma população humana grande. Dificilmente um assentamento rural ou fazenda. O lugar todo era surpreendentemente normal, e enquanto nos aproximávamos do centro, linhas de pequenas lojas e restaurantes, faziam parecer que era realmente como qualquer outro lugar para se viver. Moderno e normal, como um vilarejo deveria ser.

“Onde estão todos os dhampirs?” Eu me perguntei em voz alta. Sydney disse que havia um sub cultura secreta, mas eu não vi nenhum sinal.

Viktoría sorriu. "Oh, estão por aí. Temos vários negócios e outros lugares que humanos não conhecem." Enquanto podia entender humanos não serem notados em cidades grandes, parecia incrível conseguir isso aqui. "Muitos de nós só vivem e trabalham com os humanos." Ela acenou em direção o que parecia ser uma farmácia. "Sonya trabalha lá agora."

"Agora?"

"Agora que está grávida." Viktoria virou seus olhos. "Eu te levaria para conhecer ela, mas ela está mau humorada o tempo todo ultimamente. Eu espero que o bebê chegue cedo."

Ela deixou nisso, e eu estava de novo me perguntando sobre a dinâmica de Moroi e dhampirs por aqui. Não mencionamos de novo, e nossa conversa permaneceu leve e até um pouco provocadora. Viktoria era fácil de gostar, e em apenas uma hora, nos demos como se nos conhecêssemos a vida toda. Talvez minha conexão com Dimitri me ligasse a família dele também.

Meus pensamentos foram cortados quando alguém chamou o nome de Viktoria. Viramos para ver um dhampir bonitinho cruzando a rua. Ele tinha cabelo bronze e olhos escuros, sua idade entre a minha e de Viktoria.

Ele falou algo loquaz e conversador. Ela sorriu para ele e então gesticulou em minha direção, me apresentando em russo. "Esse é Nikolai," ela me disse em inglês.

"Prazer em te conhecer," ele disse, também trocando de língua. Ele me avaliou rapidamente do jeito que os caras sempre fazem, mas quando ele virou de volta para

Viktoria, ficou claro quem era o objeto de sua afeição. "Você deveria trazer Rose para a festa da Marina. É sábado a noite." Ele hesitou, ficando um pouco tímido. "Você vai, não?"

Viktoria ficou pensativa, e eu percebi que era completamente inconsciente a paixão dele. "Estarei lá, mas..." Ela virou em minha direção. "Você ainda vai estar por perto?"

“Eu não sei,” eu disse honestamente. “Mas vou se estiver aqui. Que tipo de festa é?”

“Marina é uma amiga da escola,” explicou Viktoria. “Vamos nos reunir e celebrar antes de voltarmos.”

“Para escola?” eu perguntei idiotamente. De alguma forma, nunca tinha me ocorrido que os dhampirs daqui iam para escola.

“Estamos de férias agora,” disse Nikolai. “Para páscoa.”

“Oh.” Era tarde de abril, mas eu não fazia ideia de que dia cairia a páscoa esse ano. Eu perdi a noção dos dias. Não tinha acontecido ainda, então a escola deve estar em um feriado antes da páscoa. St. Vladimir fazia as férias depois. “Onde é sua escola?”

“É a cerca de 3 horas de distância. Ainda mais remota do que aqui.” Viktoria fez uma cara.

“Baia não é tão ruim,” provocou Nikolai.

“Fácil para você dizer. Você eventualmente vai partir e conhecer lugares excitantes.”

“Você não pode?” eu perguntei a ela.

Ela franziu, de repente desconfortável. “Bem, eu poderia... mas não é assim que fazemos por aqui – pelo menos não na minha família. Vovó tem... opiniões fortes sobre homens e mulheres. Nikolai será um guardião, mas eu vou ficar aqui com minha família.”

Nikolai de repente me deu uma nova avaliação. “Você é uma guardiã?”

“Ah, bem.” Agora eu era a desconfortável.

Viktoria falou antes de eu inventar algo para dizer. “Ela matou dois Strigoi fora da cidade. Sozinha.”

Ele parecia impressionado. “Você é uma guardiã.”

“Bem, não... eu já matei antes, mas não sou jurada.” Virando ergui meu cabelo para mostrar a eles meu pescoço. Fora minhas marcas molnija regulares, eu também tinha uma pequena tatuagem em forma de estrela que significava que estive em batalha. Os dois

ofegaram, e Nikolai disse algo em russo. Eu soltei meu cabelo e olhei para trás. "O que?"

"Você..." Viktoria mordeu os lábios, olhos contemplativos enquanto ela engolia o que ia dizer. "Não prometida? Eu não sei a palavra em inglês."

"Não prometida?" eu disse. "Eu suponho... mas tecnicamente, não são todas as mulheres daqui?"

"Mesmo que não sejamos guardiãs, ainda temos marcas que mostram que completamos nosso treinamento. Mas nenhuma marca da promessa. Para você ter matado tantos Strigoi e não ter lealdade a uma escola ou aos guardiões..." Viktoria deu nos ombros. "Não chamamos de ser prometida – é uma coisa estranha."

"É estranho de onde venho também," eu admiti. Nunca tinha ouvido falar, na verdade. Era por isso que não tínhamos um termo para isso. Simplesmente não acontecia.

"Eu deveria deixar vocês duas irem," disse Nikolai, os olhos amorosos dele de volta a Viktoria. "Mas te vejo na Marina com certeza? Talvez mais cedo?"

"Sim," ela concordou. Eles se despediram em russo, e então ele saiu pela rua com o tipo de fácil e atlética graça que os guardiões geralmente adquiriam com treinamento. Me lembrou um pouco de Dimitri.

"Eu devo ter assustado ele," eu disse.

"Não, ele acha que você é excitante."

"Não tão excitante quanto ele pensa que você é."

As sobrancelhas dela se ergueram. "O que?"

"Ele gosta de você... eu quero dizer, realmente gosta. Você não percebeu?"

"Oh. Somos apenas amigos."

Eu percebi pela atitude dela que ela falou sério. Ela foi completamente indiferente a ele, o que era uma pena. Ele era fofo e

gentil. Deixando o pobre Nikolai ir, eu toquei no assunto de guardiões de novo. Eu estava intrigada com a diferença de atitude por aqui. “Você disse que não pode... mas você quer ser uma guardiã?”

Ela hesitou. “Nunca realmente considerei. Tenho o mesmo treinamento na escola, e gosto de saber me defender. Mas prefiro usar para defender minha família do que os Moroi. Eu acho que soa...” ela pausou de novo para pensar na palavra certa. “...maxista? Mas, os homens se tornam guardiões, e as mulheres ficam em casa. Só meu irmão partiu.”

Eu quase tropecei. “Seu irmão?” eu perguntei, mantendo minha voz o mais firme possível.

“Dimitri,” ela disse. “Ele é mais velho que eu e é guardião a um tempo. Ele está nos EUA, na verdade. Não o vemos a um longo tempo.”

“Huh.”

Eu me sentia horrível e culpada. Culpada porque eu estava escondendo a verdade de Viktoria e os outros. Horrível porque aparentemente ninguém de casa tinha se incomodado em avisar a família ainda. Sorrindo com suas próprias memórias, ela não notou minha mudança de humor.

“Paul na verdade parece exatamente como ele nessa idade. Eu deveria te mostrar fotos dele – e algumas recentes também. Dimitri é bem bonito. Pro meu irmão, quero dizer.”

Eu tinha certeza que ver Dimitri como um garotinho iria rasgar meu coração. E estava acontecendo, quando mais Viktoria falava dele, o mais doente eu me sentia.

Ela não fazia ideia do que tinha acontecido, e embora fizesse alguns anos que desde que ela não o via, estava claro que ela e o resto da família o amam como louco. Não que isso deva ser surpreendente (E verdade, quem não amaria Dimitri?). Estar com eles por apenas uma manhã tinha mostrado o quão íntimos eles

eram. Eu sabia das histórias de Dimitri que ele era maluco por todos eles também.

“Rose? Você está bem?” Viktoria estava me olhando com preocupação, provavelmente porque eu não tinha dito nada nos últimos 10 minutos.

Tínhamos feito a volta e estávamos quase de volta na casa dela. Olhando para ela, para seu rosto e olhos amigáveis que eram tão parecidos com os de Dimitri, eu percebi que eu tinha outra tarefa antes de ir atrás de Dimitri, onde quer que ele estivesse. Eu engoli.

“Eu... yeah. Eu acho... eu acho que precisamos sentar com você e o resto da sua família.”

“Ok,” ela disse, a preocupação ainda em sua voz.

Dentro da casa, Olena estava andando pela cozinha com Karolina. Eu achei que elas estavam fazendo planos para o jantar de hoje a noite, o que era surpreendente considerando que acabamos um enorme café da manhã. Eu podia definitivamente me acostumar com o jeito que eles eram por aqui. Na sala, Paul estava construindo uma elaborada pista de corrida feita de Legos. Yeva estava sentada numa cadeira de balanço e parecia ser a avó mais estereotipada do mundo enquanto ela tricotava um par de meias. A não ser que a maioria das avós não pareciam que podiam te incinerar com seus olhos.

Olena estava conversando com Karolina em russo mas mudou para inglês quando ela me viu. “Vocês duas voltaram mais cedo do que eu esperava.”

“Vimos a cidade,” disse Viktoria. “E... Rose queria falar com você. Com todos nós.”

Olena me deu um olhar intrigado e preocupado como o de Viktoria. “O que está acontecendo?”

O peso daqueles olhos Belikov em mim fizeram meu coração bater mais forte no meu peito. Como eu iria fazer isso? Como eu poderia explicar algo que eu não falava a semanas? Eu não suportava fazer eles – ou eu mesma – passar por isso. Quando Yeva

correu para dentro, fez tudo ficar ainda pior. Talvez ela tivesse algum senso místico que algo grande estava para acontecer.

“Deveríamos sentar,” eu disse.

Paul ficou na sala, pelo que eu fiquei agradecida. Eu tinha certeza que não iria suportar dizer o que eu precisava com um garotinho – um que parecia com Dimitri, aparentemente – me observando.

“Rose, qual o problema?” perguntou Olena. Ela parecia tão doce e, bem... como uma mãe, e eu quase chorei. Sempre que eu fiquei brava com minha própria mãe por não ficar por perto e fazer um bom trabalho, eu sempre comparava ela com a imagem de uma mãe – uma mãe que parecia muito como a de Dimitri, eu percebi. As irmãs de Dimitri pareciam igualmente preocupadas, como se eu fosse alguém que elas conheciam a uma eternidade. Essa aceitação e preocupação fez meus olhos queimarem ainda mais, já que elas me conheceram apenas essa manhã. Yeva tinha uma expressão estranha, no entanto – quase como se ela tivesse esperado algo assim o tempo todo.

“Bem... o negócio é que, a razão de eu ter vindo aqui, para Baia, foi para encontrar vocês.”

Isso não era inteiramente verdade. Eu vim procurar por Dimitri. Nunca pensei muito sobre ver a família dele, mas agora, eu percebi que isso era uma boa coisa.

“Você vê, Viktoria estava falando de Dimitri mais cedo.” O rosto de Olena se iluminou quando ela ouviu o nome de seu filho. “E... eu conheci – er, conheço ele. Ele costumava ser um guardião na minha escola. Meu professor, na verdade.”

Karolina e Viktoria se iluminaram também. “Como ele está?” perguntou Karolina. “Faz séculos desde que vimos ele. Você sabe quando ele vem visitar?”

Eu não conseguia nem pensar sobre responder a pergunta dela, então eu continuei minha história antes de perder minha coragem na frente daqueles rostos amorosos. Enquanto as palavras saiam da

minha boca, era quase como se outra pessoa as estivesse dizendo e eu estivesse simplesmente observando a distância. “Um mês atrás... nossa escola foi atacada por Strigoi. Um ataque muito ruim... um grupo grande de Strigoi. Perdemos várias pessoas – Moroi e dhampirs.”

Olena exclamou em russo. Viktoria se inclinou em minha direção. “St. Vladimir?”

Eu segurei minha história, surpresa. “Você ouviu falar?”

“Todo mundo ouviu,” disse Karolina. “Todos sabemos o que aconteceu. Aquela era sua escola? Você estava lá aquela noite?”

Eu concordei.

“Não é de se admirar que você tenha tantas marcas molnija,” falou Viktoria em admiração.

“E é lá que Dimitri está agora?” perguntou Olena. “Perdemos noção de onde ele está desde sua última missão.”

“Um, yeah...” Minha língua parecia presa na minha garganta. Eu não conseguia respirar. “Eu estava na escola na noite do ataque,” eu reafirmei. “E Dimitri também. Ele era um dos líderes de batalha... e do jeito que ele lutou... ele foi... ele foi muito corajoso... e...”

Minhas palavras estavam se quebrando, mas nesse ponto, os outros estavam entendendo. Olena ofegou e de novo murmurou algo em russo. Eu entendi a palavra para “Deus”. Karolina permaneceu congelada, mas Viktoria se inclinou em minha direção. Aqueles olhos que eram tão parecidos com o de seu irmão me olharam com intensidade, tão intensamente quanto os dele quando ele insistia que eu contasse a verdade, não importava o quão horrível fosse.

“O que aconteceu?” ela exigiu. “O que aconteceu com Dimitri?”

Eu desviei o olhar de seus rostos, meus olhos passando pela sala. Na parede distante, eu vi uma estante de livros com livros antigos de capa de couro. Elas tinham letras douradas bordadas neles. Era totalmente aleatório, mas eu de repente me lembrei da menção que

Dimitri fez a eles. Eles eram antigos livros de aventura que minha mãe coleciona, ele me disse uma vez. As capas eram lindas, e eu os amava. Se eu tomasse cuidado, ela me deixava ler as vezes. Os pensamentos de um jovem Dimitri sentado na frente da estante, cuidadosamente virando as páginas – e oh, ele tomava cuidado – quase me fez perder o controle. Foi aqui que ele desenvolveu seu amor por histórias do faroeste?

Eu estava perdendo o controle. Eu estava me distraíndo. Eu não iria ser capaz de dizer a eles a verdade. Minhas emoções estavam ficando muito poderosas, minhas memórias flutuando por mim enquanto lutava para pensar em algo – qualquer coisa – que não envolvesse uma horrível batalha.

Então olhei para Yeva de novo, e algo sobre a estranha e sábia expressão dela inexplicavelmente me estimulou. Eu tinha que fazer isso. Eu virei de volta para os outros. “Ele lutou com muita bravura na batalha, e depois, ele liderou uma missão de resgate para salvar algumas pessoas que os Strigoi capturaram. Ele foi realmente incrível lá também, só que... ele...”

Eu parei de novo percebendo que lágrimas estavam rolando pelo meu rosto. Em minha mente, eu estava repassando aquela horrível cena na caverna, com Dimitri tão perto da liberdade e então derrubado por um Strigoi no último minuto. Mandando o pensamento para longe, eu respirei profundamente. Eu tinha que terminar isso. Eu devia a família dele.

Não havia um jeito gentil de dizer isso. “Um dos Strigoi lá... bem, ele dominou Dimitri.”

Karolina enterrou seu rosto no ombro da mãe, e Olena se esforçou para esconder suas próprias lágrimas. Viktoria não estava chorando, mas o rosto dela ficou perfeitamente

parado. Ela estava trabalhando duro para manter suas emoções controladas, como Dimitri teria feito. Ela buscou meu rosto, precisando saber com certeza.

“Dimitri está morto,” ela disse.

Era uma afirmação, não uma pergunta, mas ela estava procurando por confirmação. Eu me perguntei se eu tinha deixado algo escapar, uma dica de que havia ainda mais na história. Ou talvez ela simplesmente precisasse ter certeza daquelas palavras. E por um momento, eu considerei dizer a eles que Dimitri estava morto.

Era o que a Academia diria a eles, o que os guardiões diriam a eles. Seria mais fácil... mas de alguma forma, eu não suportava mentir para eles – mesmo que fosse uma mentira para confortar. Dimitri iria querer toda a verdade, e sua família também.

“Não,” eu disse, e por um segundo, esperança se espalhou no rosto de todos – pelo menos até eu falar de novo. “Dimitri é um Strigoi.”

OITO

As reações foram misturadas entre os familiares de Dimitri. Alguns choraram. Alguns ficaram chocados. E alguns – principalmente Yeva e Viktoria – simplesmente absorveram e mantiveram a emoção longe de seus rostos, como Dimitri teria feito. Isso me chateou tanto quanto as lágrimas; me lembrou demais dele. De todos eles, a grávida Sonya – que chegou logo depois da notícia – teve a reação física mais intensa. Ela correu chorando até sua mãe e não saiu.

Não levou muito tempo, no entanto, para Yeva e Olena agirem. Elas falaram rapidamente em russo, claramente planejando algo. Ligações foram feitas, e Viktoria foi despachada para fazer tarefas. Ninguém parecia precisar de mim, então eu basicamente perambulei pela casa e tentei ficar fora do caminho,.

Eu me encontrei estudando as prateleiras que tinha visto mais cedo, passando minhas mãos pelos lindos livros com capa de couro. Os títulos estavam em cirílico, mas não importou.

“Procurando por uma leitura leve?” Sydney andou e parou ao meu lado. Ela não estava por perto mais cedo mas ouviu as notícias.

“Muito leve, já que eu não consigo entender nenhuma delas,” eu repliquei. Eu gesticulei em direção aos familiares. “O que está acontecendo?”

“Estão planejando o funeral de Dimitri,” Sydney explicou. “Ou, bem, seu memorial.”

Eu franzi. “Mas ele não está morto –”

“Shh.” Ela me cortou com um gesto afiado e olhou ansiosa para os outros enquanto eles se movimentavam. “Não diga isso.”

“Mas é verdade,” eu falei em resposta.

Ela balançou a cabeça. “Não para eles. Aqui... nesses vilarejos... não existe um meio termo. Você está vivo ou você está morto. Eles não vão reconhecer ele ser um... daqueles.” Ela não conseguiu esconder o nojo da sua voz. “Para todas as intenções e propósitos, ele está morto para eles. Eles vão ficar em luto por ele e seguir em frente. Você também deveria.” Eu não me ofendi com a atitude dura dela porque eu sabia que ela não queria ser dura. Era simplesmente o jeito dela.

O problema era, que no estado de meio termo era bem real para mim, e não tinha como eu seguir em frente. Ainda não.

“Rose...” começou Sidney depois de vários segundos de silêncio. Ela não olhou nos meus olhos. “Sinto muito.”

“Você diz, por Dimitri?”

“Yeah... eu não fazia ideia. Eu não fui muito gentil com você. Eu quero dizer, não vou agir como se me sentisse melhor por andar com sua gente, mas vocês ainda são... bem, não humanos, obviamente. Mas... eu não sei. Você ainda tem sentimentos; você ainda ama e se magoa. E enquanto estávamos vindo aqui, você tinha essa horrível notícia com você, e eu não facilitei. Então sinto muito por isso. E sinto muito por pensar o pior de você.”

A princípio, eu pensei que ela estava falando sobre pensar que eu era maligna, mas então eu entendi. Ela pensou todo esse tempo que eu realmente vim aqui para ser uma

meretriz de sangue e agora acreditava que entregar as notícias para a família de Dimitri tinha sido meu único propósito. Não me incomodei em corrigir ela.

“Obrigado, mas você não tinha como saber. E honestamente, se eu estivesse no seu lugar... eu não sei. Eu provavelmente agiria do mesmo jeito.”

“Não,” ela disse. “Você não agiria. Você é sempre gentil com as pessoas.”

Eu dei a ela um olhar incrédulo. “Você esteve viajando com outra pessoa nos últimos dias? Em casa, eu tenho uma reputação de nem

sempre ser gentil. Eu tenho uma atitude e eu sei.”

Ela sorriu. “Yeah, você tem. Mas você também diz a coisa certa para as pessoas quando precisa. Dizer aos Belikov o que você disse... bem, isso foi difícil. E não importa o que você diga, você é educada e faz coisas para ajudar as pessoas a se sentirem bem. Na maioria das vezes.”

Eu estava um pouco assustada. Era assim que eu parecia? Eu frequentemente pensava em mim com a rainha das vadias impulsivas e tentei pensar em meu comportamento com ela durante os últimos dias. Eu tinha discutido muito com ela, porém com os outros que nós encontramos, eu acho que eu fui amigável.

“bem, obrigada,” eu disse, sem saber o que mais dizer.

“Você já viu Abe? Quando andou pela cidade?”

“Não,” eu disse, percebendo que eu tinha esquecido sobre o meu misterioso salvador. “Eu deveria?”

“Eu só achei que ele iria encontrar você.”

“Quem é ele? Porque ele foi nos buscar quando você disse que eu estava machucada?”

Sydney hesitou, e eu achei que iria ganhar um pouco mais do tratamento de silêncio dos alquimistas. Então, depois de olhar ao redor desconfortavelmente, ela disse em uma voz baixa, “Abe não é da realeza, mas ele é um cara muito importante. Eles nem é russo, mas ele vem para cá, sempre a trabalho – tanto ilegal quanto legal, eu acho. Ele é amigo de todos os Moroi importantes, e metade do tempo, parece que ele controla os alquimistas, também. Eu sei que ele está envolvido no processo de produção das nossas tatuagens... mas seus negócios vão além disso. Nós o demos um apelido sem ele saber... Zmey.”

“Zma o que?” eu mal tinha ouvido a palavra. Ela soava como zz-may. Certamente não era nada que eu já tenha escutado antes.

Ela deu um pequeno sorriso perante minha confusão. “Zmey é a palavra russa para „cobra?. Mas não para qualquer cobra,” os olhos

dela se estreitaram enquanto ela ponderava uma melhor explicação. “É um termo usado em vários mitos. As vezes para cobras gigantes que os heróis tem que combater. Existem também algumas histórias sobre feiticeiros com sangue de cobra que são chamados assim. A cobra no jardim do Éden? Que fez Eva cair na tentação? Ele era chamado de zmey também.”

Eu tremi. Okay, isto era muito estranho, porém fez com que algo se encaixasse. Os alquimistas alegavam ter ligações com líderes e autoridades, e Abe aparentemente demonstrava muita influência sobre esses. “Foi Abe a pessoa que queria que você viesse comigo para Baía? A razão que os alquimistas fizeram você vir pra cá?”

Novamente, ela pausou, e então concordou. “Yeah... quando eu fiz a ligação aquela noite em São Petersburgo, me disseram que você estava sendo procurada. Abe deu

ordens através dos alquimistas para que eu ficasse com você até ele poder se encontrar conosco aqui. Ele aparentemente tem estado procurando por você em nome de alguém.”

Eu fiquei gelada. Meus medos estavam se realizando. Pessoas estavam procurando por mim. Mas quem? Se Lissa tivesse iniciado uma perseguição, eu teria sentido isso enquanto visitava sua mente. Eu também não achava que era Adrian, não pelo jeito que ele parecia tão desesperado e sem ideia sobre o meu paradeiro. Além do mais, ele parecia aceitar minha necessidade de realizar essa busca.

Então quem estava procurando por mim? E por que razão? Esse Abe soava como uma pessoa de alto escalão – apesar de ser alguém envolvido com negócios obscuros – alguém que poderia muito bem estar ligado a rainha ou outras pessoas quase tão importante quanto ela. Teria sido ele ordenado a me achar e me levar de volta? Ou – considerando o quanto a rainha me odiava – ele talvez teria sido ordenado a se certificar que eu não voltasse? Estava eu lidando com um assassino? Sydney certamente parecia considerar ele com um misto de medo e respeito.

“Talvez eu não queira me encontrar com ele,” eu disse.

“Eu não acho que ele irá te machucar. Quero dizer, se ele quisesse, ele já teria feito. Mas seja cuidadosa. Ele sempre está jogando vários jogos de uma vez, e ele trata de suficientes segredos que rivaliza com os alquimistas.”

“Então você não confia nele?”

Ela sorriu tristemente enquanto virava para ir embora. “Você esqueceu: eu não confio em nenhum de vocês.”

Quando ela se foi, eu decidi sair de dentro de casa, para longe da tristeza e arranjos sendo resolvidos dentro dela. Eu sentei no topo do degrau da varanda do quintal, assistindo Paul brincar. Ele estava construindo um forte para alguns de seus bonecos de ação. Embora sensível a aflição de sua família, era difícil ele ser muito afetado pela “morte” de um tio que ele só tinha encontrado algumas poucas vezes. A notícia não significava tanto pra ele quanto significava para o resto de nós.

Com tanto tempo sobrando para mim o resto do dia, eu decidi dar uma rápida conferida em Lissa. Pois querendo ou não, eu estava meio curiosa sobre como as coisas tinham se resolvido para Avery Lazar.

Enquanto as intenções de Lissa eram boas, ela ainda tinha tido algumas dúvidas sobre almoçar com Avery. E ainda, ela ficou agradavelmente surpresa por ver Avery se encaixando perfeitamente, encantando ambos Adrian e Christian. Admitidamente, Adrian era impressionado por quase qualquer coisa feminina. Christian era mais difícil de ganhar, mas até ele parecia estar ficando mais e mais encantado por ela – provavelmente porque ela ficava tesando Adrian. Qualquer um que fizesse piada as custas de Adrian subia na lista de pontos de Christian.

“Sendo assim, explique isso,” Avery disse, enrolando o linguine no garfo. “Você apenas, tipo, perambula pela academia o dia inteiro? Você está tentando refazer suas experiências do ensino médio?”

“Nada de refazer,” disse Adrian com orgulho. “Eu totalmente regi o meu ensino médio. Eu era cultuado e adorado – não que isso seja

um choque.” Ao lado dele, Christian quase se engasgou com sua comida.

“E aí... você estava tentando reviver seus dias de glória. Isso tudo foi por água abaixo desde então, huh?”

“De jeito nenhum,” disse Adrian. “Eu sou como um vinho fino. Ficou melhor com o tempo. O melhor ainda está por vim.”

“Parece que ficará velho depois de um tempo,” disse Avery, aparentemente não convencida pela convincente comparação com vinho. “Eu certamente estou entediada, e eu até passei parte do dia ajudando meu pai.”

“Adrian dorme a maior parte do dia,” apontou Lissa, tentando manter a rosto sério. “Assim ele não tem realmente que se preocupar sobre encontrar coisas pra fazer.”

“Hey, eu passo uma boa porção do meu tempo ajudando você a desvendar os mistérios do Espírito,” Adrian a lembrou.

Avery se inclinou para frente, curiosidade por todo o seu bonito rosto. “Então isso é realmente real? Eu ouvi histórias sobre Espírito... e como você pode curar pessoas?”

Levou um momento até Lissa responder. Ela não estava certa se conseguiria se acostumar com o fato de sua magia ser exposta a todos. “Entre outras coisas. Nós ainda estamos tentando compreender isso.”

Adrian estava mais ansioso que ela para discutir isso – provavelmente na esperança de impressionar Avery – e providenciou um rápido resumo de algumas das habilidades do Espírito, como auras e compulsão. “E,” ele adicionou, “eu posso visitar os sonhos das pessoas.”

Christian levantou a mão. “Pare. Eu acabei de sentir que há um comentário vindo sobre como as mulheres já sonham com você. Eu comi agora, você sabe.”

“Eu não estava indo por esse caminho,” disse Adrian. Mas ele meio que parecia como se desejasse que ele tivesse pensado na

piada primeiro. Eu não pude não achar engraçado.

Adrian era tão imprudente e petulante em público... mas aí, nos meus sonhos, ele mostrava o seu lado sério e preocupado. Ele era mais complexo do que qualquer um o dava crédito.

Avery parecia derrotada. "Cara. Eu costumava pensar que Ar era legal. Acho que não." Uma pequena brisa de repente soprou o cabelo dela, fazendo-a parecer como se estivesse pousando para um ensaio fotográfico de roupa de banho. Ela deu ao grupo um sorriso deslumbrante. Tudo que faltava era um fotógrafo.

O som do sinal fez todos eles se levantarem. Christian percebeu que tinha deixado a lição em outra sala e saiu apressado para pegá-la – depois de dar um beijo de despedida em Lissa, é claro.

Adrian saiu igualmente apressado. "Os professores começam a me dar olhares sujos se eu perambulo por aí depois que as aulas começam." Ele deu a Lissa e Avery uma pequena meia reverência.

"Até a próxima vez, senhoras."

Avery, que não poderia se importar menos com o que os professores pensavam, acompanhou Lissa até sua próxima aula. O rosto da garota mais velha estava pensativo. "Então... você realmente está com Christian, certo?" Ela sempre estava. Se Avery tivesse visto metade das coisas que eu tinha visto Christian e Lissa fazerem através da nossa ligação, não haveria nenhuma pergunta.

Lissa riu. "Sim, porque?"

Avery hesitou, provocando a curiosidade de Lissa. "Bem... eu ouvi que você estava envolvida com Adrian."

Lissa quase parou de andar. "Onde você ouviu isso?"

"Na corte. A rainha estava dizendo o quando ela estava feliz sobre vocês serem um casal e como vocês estão sempre juntos."

Lissa gemeu. "Isto é porque sempre que eu vou para a corte, ela convida ele também e então nos manda para fazer coisas para ela. Isso não é por escolha... bem, quero dizer, não me entenda mal. Eu

não me importo em passar tempo com ele, mas a razão de nós estarmos sempre juntos é porque Tatiana nos faz.”

“Ela parece gostar de você, entretanto. Ela fala sobre você o tempo todo, sobre quanto potencial você tem e como ela está orgulhosa de você.”

“Eu achou que ela está orgulhosa de me manipular. Ir lá é um saco. Ela também ignora totalmente o fato que eu estou saindo com Christian ou em qualquer chance que ela tem começa a insultá-lo.” Rainha Tatiana, como muitas outras pessoas, nunca conseguia perdoar os pais de Christian por vontade própria terem se tornado Strigoi.

“Desculpa,” disse Avery, parecendo como se ela se sentisse realmente mal. “Eu não queria trazer a tona um assunto ruim. Eu só meio que queria saber se Adrian estava disponível, é tudo.”

Lissa não estava furiosa com Avery. Sua fúria se voltou para a rainha, em como ela assumia que todo mundo iria se comportar do jeito que ela queria e dançar quando ela mandasse. O mundo Moroi tinha sido regido por reis e rainhas desde o início dos tempos, e as vezes, Lissa pensava que era tempo para uma mudança. Eles precisavam de um sistema onde todos fossem vistos como iguais – reais e não reais. Até os Dhampirs.

Quanto mais ela pensava sobre isso, mais ela sentia seu temperamento piorar, raiva e frustração inflamando de um jeito mais comum para mim do que para ela. Fazendo ela querer gritar as vezes, ir até Tatiana e dizer a ela que o trato estava acabado. Nenhuma faculdade valia isso. Talvez ela até dissesse a Tatiana que era hora de uma revolução, hora de superar o passado Moroi – Lissa piscou, surpresa por descobrir que ela estava tremendo. De onde aquela emoção tinha vindo? Uma coisa era estar chateada com Tatiana, mas isso...?

Ela não tinha tido esse tipo de fúria sem controle desde as primeiras vezes que ela tinha começado a usar o Espírito. Respirando fundo, ela tentou usar algumas das técnicas calmantes

que tinha adquirido assim Avery não saberia o quão louca ela quase tinha se tornado.

“Eu só odeio as pessoas falando sobre mim, é tudo,” Lissa disse finalmente.

Avery não parecia ter notado o lapso de raiva. “Bem, se isso te faz sentir melhor, nem todos pensam isso sobre você. Eu encontrei um garota... Mia? Yeah, este era seu nome. Uma não realeza.” O tom desdenhoso de Avery sugeria que ela tinha a mesma visão que um monte de realezas tinham em relação aos Moroi “comuns”. “Ela apenas riu sobre você e Adrian estarem juntos. Disse que isso era ridículo.”

Lissa quase sorriu com isso. Mia tinha sido uma vez rival de Lissa e uma egocêntrica pirralha. Porém, depois que um Strigoi matou sua mãe, Mia tinha adquirido uma atitude feroz e determinada, uma que tanto eu quanto Lissa gostávamos imensamente. Mia vivia

na corte com seu pai, secretamente treinando luta, assim ela seria capaz de combater Strigoi um dia.

“Oh,” disse Avery de repente. “Aí está Simon. Eu devo ir.”

Lissa olhou através do corredor e viu o severo guardião de Avery. Simon pode não ser tão sério quanto o irmão de Avery, Reed, mas ele ainda tinha a mesma rigidez e duro olhar que ele tinha quando Lissa o encontrou pela primeira vez. Avery parecia se dar bem com ele, entretanto.

“Okay,” disse Lissa. “Te vejo mais tarde.”

“Pode apostar,” disse Avery, começando a virar para ir.

“Oh, e Avery?”

Avery olhou para Lissa. “Yeah?”

“Adrian está disponível.”

Avery respondeu apenas com um pequeno sorriso antes de ir se juntar com Simon. De volta com os Belikovs em Baia, a cerimônia memorial estava progredindo. Vizinhos e amigos, todos Dhampirs, lentamente chegavam, na maioria trazendo comida. Essa era minha

primeira olhada na comunidade Dhampir, apesar dela ainda não parecer tão misteriosa quanto Sydney tinha insinuado. A cozinha se tornou um salão de festas, com todo as superfícies do balcão e mesa cobertas com pratos. Alguns eram comidas que eu conhecia, e tinha um monte de sobremesas – biscoitos e massas cobertos de nozes e açúcar que pareciam saídos do forno. Alguns dos pratos eu nunca tinha visto antes e não tinha certeza se queria ver de novo. Tinha uma tigela viscosa de repolho em particular que me fez desviar do meu caminho para evitá-la.

Mas antes de nós comermos, todos foram para fora e se juntaram em um semi-circulo no quintal. Esse era o único lugar que conseguia acomodar tantas pessoas. E então um padre apareceu, um padre humano. Isso me surpreendeu um pouco, mas eu supus que quando viviam em uma cidade humana, dhampirs iam a igrejas humanas. E para a maioria dos humanos, dhampirs eram parecidos com eles, assim o padre sem dúvida pensava que estava atendendo a um normal chamado. Um punhado de Moroí que estavam na cidade também estavam presentes, porém eles, também, poderiam mais ou menos passar por humanos – humanos pálidos – se eles fossem discretos com as presas. Humanos não esperam ver coisas sobrenaturais, por isso sua mente raramente considerava isso uma opção, mesmo quando isso estava bem na sua frente.

Todo mundo ficou em silêncio. Era pôr-do-sol agora, com fogo laranja queimando no céu a oeste, e sombras caindo sobre todos nós. O padre executou a cerimônia memorial em russo, orando em uma voz que soava sobrenatural no quintal escurecido. Todos os cultos da igreja que eu já tinha visto eram em inglês, mas eu podia perceber como esse tinha o mesmo sentido. De vez em quando, as pessoas diziam alguma coisa. Eu não tinha ideia do que, assim eu simplesmente assistia e esperava, deixando a triste voz do padre preencher minha alma. Meus sentimentos por Dimitri se agitavam dentro de mim como uma tempestade crescendo, e eu me esforcei para manter-los dentro, trancados em meu coração. Quando a cerimônia finalmente acabou, a sombria pressão que tinha engolfado o grupo dispersou. Pessoas se movimentavam novamente,

abraçando os Belikovs e apertando a mão do padre. Ele foi embora logo depois.

Comida seguiu. Pratos eram preenchidos, e todos sentavam onde achavam espaço, seja isso dentro da casa ou no quintal. Nenhum dos convidados realmente me conhecia, e a família de Dimitri estava muito ocupada para prestar muita atenção em mim enquanto eles corriam de um lado para o outro e tentavam fazer todo mundo se sentir bem vindo. Sydney ficou comigo muito tempo, e enquanto a conversa estava leve entre nós, eu consegui sentir conforto através da presença dela. Nos sentamos no chão da sala de estar, encostadas na parede perto da estante de livros. Ela tinha beliscado sua comida, como sempre, o que me fez sorrir. Havia algo reconfortante sobre aquele hábito familiar.

Quando o jantar acabou, pessoas continuaram conversando em pequenos grupos. Eu não conseguia entender nada, mas eu continuava ouvindo o nome dele sendo mencionado: Dimitri, Dimitri. Isso me lembrava do incompreensível silvo que os fantasmas fizeram durante sua visita. Era opressivo e sufocante, a força do nome dele pressionando o meu coração. Dimitri, Dimitri. Depois de um tempo, isso se tornou demais. Sydney tinha se afastado por alguns momentos, então eu fui para fora para conseguir um pouco de ar. Algumas pessoas tinham feito uma fogueira na parte de trás e estavam sentando ao seu redor, ainda falando sobre Dimitri, por isso eu fui em direção a parte da frente da casa.

Eu andei pela rua, não planejando ir muito longe. A noite estava morna e clara, com a lua e as estrelas queimando vivamente na escuridão sobre mim. Meus sentimentos estavam confusos, e agora que eu estava longe dos outros, eu permiti que um pouco da emoção presa dentro de mim se libertasse, vindo para fora como lágrimas silenciosas nas minhas bochechas. Quando eu estava algumas casas longe, eu sentei no meio-fio, descansando e desfrutando da quietude ao meu redor. Entretanto, minha paz foi curta – meus afiados ouvidos captaram o som de vozes vindo da casa dos Belikov. Três figuras apareceram. Uma, alta e esbelta, era Moroi, e os outros eram dhampirs. Eu observei enquanto eles

vinham e paravam na minha frente. Não me importando com formalidades, eu lembrei onde eu estava, olhando acima pra os negros olhos do Moroi. Eu não reconheci o grupo da cerimônia – mas eu reconheci o Moroi de outro lugar. Eu dei a ele um sorriso meio torto.

“Abe Mazur, eu presumo.”

NOVE

“Eu pensei que você era um sonho,” eu disse.

Todos eles permaneceram em pé, os dhampir rondando o Moroi em uma formação protetora. Abe era o rosto estranho que eu vi quando estava entrando e saindo de consciência depois da luta no celeiro. Ele era mais velho que eu, perto da idade de Olena. Ele tinha cabelo preto e uma barbicha, e um bronzado que Moroi tinham. Se você já viu pessoas de cor escura que estão doentes e ficam pálidas, é muito parecido. Havia algum pigmento na pele dele, mas estava descolorido com a intensa palidez. O mais surpreendente de tudo eram suas roupas. Ele usava um longo casaco escuro que gritava dinheiro, junto com um cachecol vermelho de cashmere. Abaixo dele, eu podia ver uma corrente de ouro que combinava com o brinco que ele usava em uma de suas orelhas. Minha impressão inicial daquele extravagante seria de um pirata ou um cafetão. Um momento depois, eu mudei de ideia. Algo nele dizia que ele era o tipo de cara que quebrava joelhos para conseguir o que queria.

“Sonho, eh? Isso,” o Moroi disse, com um leve sorriso, “não é algo que eu ouço sempre. Bem, não.” Ele reconsiderou. “Eu ocasionalmente apareço nos pesadelos das pessoas.” Ele não era nem americano nem russo; eu não conseguia identificar o sotaque.

Ele estava tentando me impressionar ou me intimidar com sua reputação ruim? Sydney não tinha estado exatamente com medo dele, mas ela certamente possuía uma quantidade saudável de cuidado.

“Bem, eu assumo que você já saiba quem sou,” eu disse. “Então, a questão é, o que você está fazendo aqui?”

“Não,” ele disse, o sorriso ficando mais duro. “A pergunta é, o que você está fazendo aqui?”

Eu gesticulei em direção a casa, tentando bancar a bacana. “Vou a um funeral.”

“Não é por isso que você veio para Rússia.”

“Eu vim para Rússia para dizer aos Belikov que Dimitri está morto, já que ninguém se incomodou em fazer isso.” Isso estava se tornando uma explicação útil do porque eu estava aqui, e de novo eu senti a ponta perigosa da personalidade jovial dele.

Abe balançou a cabeça, e agora o sorriso tinha sumido. “Essa também não é a razão. Não minta para mim, garotinha.”

Eu senti meu descuido aumentar. “E não me interrogue, velhote. A não ser que você esteja pronto para me dizer porque você e seus ajudantes arriscaram dirigir naquela estrada para pegar Sydney e eu.” Os dhampirs de Abe se endureceram com a palavra velhote, mas para minha surpresa, ele sorriu de novo – embora o sorriso não tenha alcançado seus olhos.

“Talvez eu estivesse apenas ajudando.”

“Não pelo que ouvi. Foi você quem fez os alquimistas enviarem Sydney aqui comigo.”

“Oh?” ele arqueou uma sobrancelha. “Ela te disse isso? Mmm... isso é um mal comportamento por parte dela. Os superiores dela não vão gostar. Nem um pouco.”

Oh, merda. Eu falei sem pensar. Eu não queria meter Sydney em problemas. Se Abe realmente era um tipo de Poderoso Chefão Moroi – do que ela tinha chamado ele? Zmey?

A cobra? – eu não duvidava que ele poderia convencer os outros alquimistas a deixarem a vida dela ainda mais miserável.

“Eu forcei ela a me dizer,” eu menti. “Eu... eu a ameacei no trem. Não foi tão difícil. Ela já morre de medo de mim.”

“Eu não duvido que ela morra. Todos eles tem medo de nós, ligados por séculos de tradição e se escondendo atrás de suas cruces para proteger eles – apesar dos dons que eles tem através de suas tatuagens. Em muitos jeitos, eles tem os mesmos traços que os

dhampirs – só não tem problemas de reprodução.” Ele olhou para as estrelas enquanto falava, como uma espécie de filósofo meditando sobre os mistérios do universo. De alguma forma, isso me deixou ainda mais irritada. Ele estava tratando como se fosse uma piada, quando ele claramente tinha algum plano em relação a mim. Eu não gostava de ser parte dos planos de ninguém – particularmente quando não sabia que planos eram esses.

“Yeah, yeah, tenho certeza que poderíamos falar sobre os alquimistas e como você controla eles a noite toda,” eu surtei. “Mas eu ainda quero saber o que você quer comigo.”

“Nada,” ele disse simplesmente.

“Nada? Você passou por vários problemas para me colocar com Sydney e me seguir aqui para nada.”

Ele olhou de volta para o céu, e havia um brilho perigoso em seu olhar. “Você não me interessa. Eu tenho meu próprio negócio. Eu vim a favor de outros que estão interessados em você.”

Eu endureci, e finalmente, medo verdadeiro passou por mim. Merda. Havia procura por mim. Mas quem? Lissa? Adrian? Tatiana? De novo, essa última me deixou nervosa. Os outros iriam me procurar porque se importavam. Mas Tatiana... Tatiana temia que eu fugisse com Adrian. Mais uma vez eu pensei que se ela queria que eu fosse encontrada, poderia ser porque ela queria se assegurar que eu não voltasse. Abe me parecia o tipo de pessoa que fazia as pessoas desaparecerem.

“E o que os outros querem? Eles querem que eu vá para casa?” eu perguntei, tentando parecer corajosa. “Você achou que poderia vir aqui e me arrastar de volta para os EUA?”

Aquele sorriso de segredos de Abe retornou. “Você acha que eu poderia te arrastar de volta?”

“Bem,” eu zombei, de novo sem pensar, “você não poderia. Seus homens poderiam. Bem, talvez, eu posso ser capaz de derrubar eles.”

Abe riu alto pela primeira vez, um som rico e profundo cheio de uma diversão sincera. "Você faz jus a sua reputação. Encantador." Ótimo.

Abe provavelmente tinha todo um arquivo sobre mim em algum lugar. Ele provavelmente sabia o que eu gostava de comer no café. "Eu faço um trato com você. Me diga porque está aqui, e eu te digo porque estou aqui."

"Eu já te disse."

Em um segundo, a risada desapareceu. Ele deu um passo mais para perto, e eu vi os guardiões ficarem tensos. "E eu te disse para não mentir para mim. Você tem um motivo para estar aqui. Eu preciso saber o que é."

"Rose? Você pode entrar?"

Na casa dos Belikov, a voz clara de Viktoria correu pela noite. Olhando para trás de mim, eu vi ela parada na porta. De repente, eu queria sair de perto de Abe. Tinha algo letal

debaixo daquela exagerada e jovial fachada, e eu não queria passar outro minuto com ele. Virando, eu comecei a andar em direção da casa, meio que esperando que os guardiões dele viessem me sequestrar, apesar das palavras dele. Os dois guardiões ficaram onde estavam, mas seus olhos me observavam com cuidado. O sorriso esquisito de Abe voltou para seu rosto.

"Desculpe por não poder ficar e conversar," eu disse.

"Está tudo bem," ele disse exageradamente. "Vamos encontrar tempo mais tarde."

"Difícilmente," eu disse. Ele riu, e eu segui rapidamente Viktoria de volta para casa, sem me sentir segura até que fechei a porta. "Eu não gosto daquele cara."

"Abe?" ela perguntou. "Eu pensei que ele era seu amigo."

"Difícilmente. Ele é um tipo de gangster, certo?"

"Eu suponho," ela disse, como se não fosse nada demais. "Mas ele é o motivo do porque você está aqui."

“Yeah, eu sei sobre ele ter ido nos buscar.”

Viktoría balançou sua cabeça. “Não, eu quero dizer aqui. Eu acho que quando você estava no carro, você ficou dizendo, „Belikov, Belikov?. Abe achou que você nos conhecia. É por isso que ele te trouxe para nossa casa.”

Isso era surpreendente. Eu estava sonhando com Dimitri, então é claro que eu iria dizer o sobrenome dele. Mas eu não fazia ideia de que fora assim que acabei aqui. Eu achei que era porque Olena tinha treinamento médico.

Então Viktoria acrescentou a coisa mais surpreendente de todas. “Quando ele percebeu que nós não te conhecíamos, ele ia te levar para outro lugar – mas vovó disse que precisávamos ficar com você. Eu acho que ela teve um sonho de que você viria.”

“O que?” A maluca e assustadora Yeva que me odiava? “Yeva sonhou comigo?”

Viktoría acenou. “É um dom que ela tem. Tem certeza que não conhece Abe? Ele é importante demais para estar aqui sem motivo.”

Olena correu até nós antes de eu poder responder. Ela pegou meu braço. “Estivemos procurando você. Porque demorou tanto?” A pergunta era dirigida para Viktoria.

“Abe estava –”

Olena balançou sua cabeça. “Esqueça. Venha. Todos estão esperando.”

“Pelo que?” eu perguntei, deixando ela me arrastar pela casa até o quintal.

“Eu devia te dizer,” explicou Viktoria, andando junto. “Essa é a parte onde todo mundo senta e lembra de Dimitri contando histórias.”

“Ninguém vê ele a tanto tempo; não sabemos o que aconteceu com ele recentemente,” disse Olena. “Precisamos que você nos conte.”

Eu recuei. Eu? Eu me neguei a continuar com isso, particularmente quando emergimos do lado de fora e eu vi todos aqueles rostos na fogueira. Eu não conhecia nenhum deles.

Como eu poderia falar de Dimitri? Como eu poderia revelar o que estava fechado no meu coração? Todos pareceram se misturar juntos, e eu pensei que iria desmaiar.

Por um momento, nenhum deles me notou. Karolina estava falando, seu bebê nos braços. De vez em quando ela parava, e os outros riam. Viktoria sentou em um ponto coberto por um cobertor no chão e eu sentei perto dela. Sydney se juntou a nós um pouco depois.

“O que ela está dizendo?” eu sussurrei.

Viktoria ouviu sua irmã por alguns momentos e então se inclinou mais perto de mim. “Ela está falando sobre quando Dimitri era muito jovem, como ele costumava sempre implorar para ela e seus amigos que deixasse ele brincar com eles. Ele tinha cerca de seis anos e eles tinham oito e não queriam ele por perto.” Viktoria pausou de novo para ouvir a próxima parte da história. “Finalmente, Karolina disse a ele que ele poderia se ele concordasse em casar com um das bonecas deles. Então Karolina e seus amigos vestiram ele e as bonecas de novo e de novo e ficavam fazendo casamentos. Dimitri se casou pelo menos 10 vezes.”

Eu não consegui me impedir de rir enquanto eu tentava imaginar, o sexy Dimitri deixando sua irmã mais velha vestir ele. Ele provavelmente teria tratado essa cerimônia de casamento com uma boneca séria e com auto domínio igual ao que ele tinha nos assuntos de guardiões.

Outras pessoas falaram, e eu tentei acompanhar a tradução. Todas as histórias eram sobre a bondade e força de caráter de Dimitri. Mesmo quando não estava lutando contra os mortos vivos, Dimitri sempre esteve lá para ajudar quem precisava. Quase todo mundo conseguia se lembrar de algum tempo quando Dimitri tinha parado para ajudar outros, saindo do seu caminho para fazer o que

era certo, mesmo nas situações que poderiam colocar ele em risco. Isso não era surpresa para mim. Dimitri sempre fazia a coisa certa.

E foi essa atitude que me fez amar tanto ele. Eu tinha uma natureza similar. Eu também corro quando os outros precisam de mim, as vezes quando não deveria. Outros me chamam de louca por fazer isso, mas Dimitri entendeu. Ele sempre me entendia, e parte do que trabalhávamos era como controlar essa necessidade impulsiva para correr para o perigo com razão e cálculo. Eu tinha o pressentimento que mais ninguém nesse mundo iria me entender do jeito que ele entendia.

Eu não notei o quão forte as lágrimas estavam rolando pelas minhas bochechas até que vi todos olhando para mim. A princípio, eu pensei que eles me consideravam maluca por chorar, mas então eu percebi que alguém me fez uma pergunta.

“Eles querem que você fale sobre os últimos dias de Dimitri,” Viktoria disse. “Nos conte algo. O que ele fez. Como ele era.”

Eu usei minhas mangas para limpar meu rosto e desviei o olhar, me focando na fogueira. Eu falei na frente de outros antes sem hesitar, mas isso era diferente. “Eu... eu não posso,” eu disse a Viktoria, minha voz firme e suave. “Eu não posso falar sobre ele.”

Ela apertou minha mão. “Por favor. Eles precisam ouvir sobre ele. Eles precisam saber. Só nos conte qualquer coisa. Como ele era?”

“Ele... ele era seu irmão. Você sabe.”

“Sim,” ela disse gentilmente. “Mas queremos saber como você acha que ele era.”

Meus olhos ainda estavam na fogueira, observando como as chamas dançavam e mudavam de laranja para azul. “Ele... ele era o melhor homem que já conheci.” Eu parei para me preparar, e Viktoria usou a oportunidade para traduzir as palavras em russo. “E ele era um dos melhores guardiões. Eu quero dizer, ele era jovem comparado a vários deles, mas todos sabiam quem ele era. Todos conheciam a reputação dele, e várias pessoas confiavam nos conselhos dele. Eles chamavam ele de deus. E onde quer que

houvesse uma luta... ou perigo... ele era sempre o primeiro a se colocar lá. Ele nunca recuou. E alguns meses atrás, quando nossa escola foi atacada...”

Eu me engasguei um pouco. Os Belikovs falaram que sabiam do ataque – que todos sabiam – e pelos rostos daqui, era verdade. Eu não precisei elaborar sobre aquela noite, e os horrores que eu vi.

“Aquela noite,” eu continuei, “Dimitri correu para enfrentar os Strigoi. Eu e ele estávamos juntos quando percebemos que eles estavam atacando. Eu queria ficar e ajudar ele, mas ele não me deixou. Ele me disse para ir, para correr e alertar os outros. E ele ficou para trás – sem saber quantos Strigoi ele teria que derrubar enquanto eu ia buscar ajuda. Eu ainda não sei com quantos ele lutou – mas haviam vários. E ele derrubou todos eles sozinho.”

Eu me atrevi a olhar para os rostos ao meu redor. Todos estavam tão quietos e parados que eu me perguntei se eles sequer estavam respirando. “Foi tão difícil,” eu disse a eles. Sem perceber, minha voz caiu para um sussurro. Eu tive que repetir mais alto. “Foi tão difícil. Eu não queria deixar ele, mas eu sabia que precisava. Ele me ensinou tanto, mas uma das maiores coisas era que sempre temos que proteger outros. Era meu dever avisar a todos, mesmo que eu apenas quisesse ficar com ele. Todo o tempo eu fiquei repetindo para mim mesma, “Volte, volte. Vá até ele!” Mas eu sabia o que eu tinha que fazer – e eu também sabia que parte dele estava tentando me manter segura. E se o papel fosse reverso... bem, eu teria feito ele correr também.”

Eu suspirei, surpresa por revelar tanto do meu coração. Eu voltei para o modo negócios. “Mesmo quando os outros guardiões se juntaram a ele, Dimitri nunca recuou. Ele derrubou mais Strigoi do que ninguém.” Christian e eu tínhamos matado a maioria na verdade. “Ele... foi incrível.”

Eu contei a eles o resto da história que eu tinha contado aos Belikovs. Só que eu forcei um pouco de detalhes dessa vez, dizendo eles o quão vívido e bravo e poderoso ele foi. As palavras me machucavam enquanto eu falava, e ainda sim... era quase um alívio

soltar elas. Eu mantive as memórias daquela noite fechadas em mim. Mas eventualmente, eu tive que contar a eles sobre a caverna. E aquilo... aquilo era o pior.

“Fizemos uma armadilha para os Strigoi na caverna. Havia duas entradas, e viemos dos dois lados. Uma parte do nosso pessoal ficou preso, e havia mais Strigoi do que esperávamos. Perdemos gente... mas teríamos perdido muito mais se Dimitri não estivesse lá. Ele não sairia até que todos estivessem fora. Ele não se preocupou com o risco para si mesmo. Ele só sabia que tinha que salvar outros...”

Eu vi nos olhos dele, aquela determinação. Nosso plano era finalmente recuar assim que todos escapassem, mas eu tinha o pressentimento que ele teria ficado e matado cada Strigoi que ele pudesse encontrar. Mas ele também seguia ordens, finalmente começando a recuar quando os outros estavam em segurança. E naqueles últimos momentos, logo antes do Strigoi morder ele, Dimitri encontrou meus olhos e encarou tão cheio de amor que foi como se toda a caverna se enchesse de luz. A expressão dele dizia o que havíamos conversado mais cedo: Podemos ficar juntos, Rose. Logo. Estamos quase lá. E nada vai nos separar de novo...

Mas não mencionei essa parte. Quando finalmente terminei o resto da história, o rosto daqueles reunidos estavam triste, mas cheio de temor e respeito. Perto do fundo da multidão, eu notei Abe e seus guardiões ouvindo também. A expressão dele era ilegível. Dura, mas não irritada ou assustadora. Copos pequenos começaram a circular pelo grupo,

e alguém me entregou um. Um dhampir que eu não conhecia, um dos poucos homens presente, levantou e ergueu seu copo no ar. Ele falou alto e reverentemente, e eu ouvi o nome de Dimitri mencionado vários vezes. Quando ele terminou, ele bebeu do copo. Todos os outros beberam então eu segui a deixa.

Era como fogo em forma líquida. Foi preciso toda minha força para engolir e não cuspir naqueles ao meu redor. “O... o que é isso?” Eu perguntei, tossindo.

Viktoria sorriu. “Vodka.”

Eu olhei para o copo. “Não, não é. Eu já tomei Vodka.”

“Não vodka russa.”

Aparentemente não. Eu forcei o resto do copo por respeito a Dimitri, embora eu tivesse o pressentimento de que se ele estivesse aqui, ele estaria balançando sua cabeça para mim. Eu pensei que tinha terminado de ser o centro das atenções na história, mas aparentemente não. Todos ficavam fazendo perguntas. Eles queriam saber mais sobre Dimitri, mais sobre como era a vida dele recentemente. Eles também queriam saber sobre mim e Dimitri como um casal. Todos eles pareciam ter descoberto que Dimitri e eu estávamos apaixonados – e eles não se importaram. Me perguntaram sobre quando nos conhecemos, quanto tempo estivemos juntos...

E o tempo todo, algum ficava enchendo meu copo. Determinada a não parecer uma idiota de novo, eu fiquei bebendo até finalmente conseguir beber a vodka sem tossir ou derramar. Quanto mais eu bebia, mais altas e animadas minhas histórias ficavam. Meus membros começaram a formigar, e parte de mim sabia que isso provavelmente era uma má ideia. Ok, toda parte minha sabia.

Finalmente, as pessoas começaram a ir embora. Eu não fazia ideia de que horas era, mas eu acho que era metade da noite. Talvez mais tarde. Eu levantei também, achando muito mais difícil do que eu esperava. O mundo girou, e meu estômago não estava muito feliz comigo. Alguém pegou meu braço e me firmou.

“Calma,” disse Sydney. “Não force.” Devagar, cuidadosamente, ela me levou para a casa.

“Deus,” eu gemi. “Eles usavam essa coisa para abastecer foguetes?”

“Ninguém te obrigou a beber.”

“Hey, não me dê sermões. Além do mais, eu tinha que ser educada.”

“Claro,” ela disse.

Conseguimos entrar e então tínhamos a tarefa impossível de subir as escadas para o quarto que Olena me cedeu. Cada passo era agonia.

“Todos eles sabiam sobre Dimitri e eu,” eu disse, imaginando se eu estava dizendo alguma parte disso sóbria. “Mas nunca disse a eles que estávamos juntos.”

“Você não precisava. Está escrito no seu rosto.”

“Eles agiram como se eu fosse a viúva dele ou algo assim.”

“É como se fosse.” Chegamos no meu quarto, e ela me ajudou a sentar na cama. “Não são muitas pessoas que se casam por aqui. Se você estiver com alguém por tempo o bastante, eles acham que é quase a mesma coisa.”

Eu suspirei e encarei sem nenhum foco em particular. “Eu sinto tanta falta dele.”

“Sinto muito,” ela disse.

“Algum dia vai melhorar?”

A pergunta pareceu pegar ela de surpresa. “Eu... eu não sei.”

“Você já se apaixonou??”

Ela balançou a cabeça. “Não.”

Eu não tinha certeza se isso fazia dela sortuda ou não. Eu não tinha certeza se todos os dias brilhantes que eu tive com Dimitri valeram a dor que eu sentia agora. Um momento depois, eu sabia a verdade. “É claro que valeram.”

“Huh?” perguntou Sydney.

Eu percebi que falei meus pensamentos em voz alta. “Nada. Só estava falando comigo mesma. Eu deveria dormir um pouco.”

“Você precisa de mais alguma coisa? Você vai ficar enjoada?”

Eu avaliei a situação do meu estômago. “Não, mas obrigado.”

“Ok.” No jeito tipicamente brusco dela, ela saiu, desligando as luzes e fechando a porta.

Eu pensei que iria desmaiar imediatamente. Honestamente, eu queria. Minha cabeça foi aberta para tanto de Dimitri hoje a noite, e eu queria que a dor fosse embora. Eu queria escuridão e ignorância. Ao invés disso, talvez porque eu estava querendo me punir, minha cabeça decidiu terminar o trabalho e se abrir completamente.

Eu fui visitar Lissa.

DEZ

Todo mundo se deu tão bem no almoço com Avery que o grupo se juntou de novo aquela tarde e teve meio que um tempo selvagem. Lissa estava pensando nisso enquanto estava sentada no primeiro período de aula tendo inglês, na manhã seguinte. Eles ficaram acordados até mais tarde ontem a noite, ignorando o toque de recolher. A memória trouxe um sorriso ao rosto de Lissa, mesmo enquanto ela abafava um bocejo. Eu não consegui evitar sentir um pouquinho de ciúmes. Eu sabia que Avery era responsável pela felicidade de Lissa, e isso aborreceu uma pequena parte de mim. Ainda... a nova amizade de Avery estava também me fazendo sentir menos culpada sobre deixar Lissa.

Lissa bocejou novamente. Era difícil se concentrar em A Carta Escarlate enquanto lutava com uma leve ressaca. Avery parecia ter um suplemento inacabável de licor. Adrian tinha caído em cima do licor imediatamente, mas Lissa tinha sido um pouco mais hesitante. Ela tinha abandonado seus dias de festa a muito tempo atrás, porém ela tinha finalmente sucumbido na noite passada e bebido mais copos de vinho do que ela deveria.

Ironicamente, isso não era diferente da minha situação com a vodka. Ambas nos excedemos, apesar de estarmos separadas por km?s e km?s.

De repente, um som alto e agudo preencheu o ar. A cabeça de Lissa se levantou, junto com a de todos os outros da turma. No canto da sala, um pequeno alarme de incêndio brilhava e soava seu alerta. Naturalmente, alguns estudantes começaram a se animar enquanto outros fingiam estar assustados. O resto só aparentava surpresa e espera.

A instrutora de Lissa também parecia meio desorientada, e depois de uma rápida examinação, Lissa percebeu que esse não era

um alarme planejado. Professores geralmente eram pré-avisados de quando haveria treinamento, e Sra. Malloy não estava com a usual expressão enfadada dos professores quando tentavam calcular quanto tempo o treinamento poderia tirar de suas aulas.

“Em pé e andando,” disse Sra. Malloy aborrecida, agarrando uma prancheta. “Vocês sabem onde ir.” O procedimento do treinamento contra incêndios era padrão. Lissa seguiu os outros e acabou alcançando Christian. “Você armou isso?” ela provocou.

“Não. Queria eu, de qualquer forma. Essa aula estava me matando.”

“Você? Eu estou com a pior de todas as dores de cabeça.”

Ele deu um sorriso de compreensão. “Que isto seja uma lição para você, Pequena Senhorita Bêbada.”

Ela fez uma cara em resposta e deu um leve soco nele. Eles alcançaram o ponto de encontro na quadra e se juntaram as aparentes filas que os outros estavam tentando formar. Sra. Malloy chegou e checkou a lista de pessoas na prancheta, satisfeita que ninguém tinha sido deixado para trás.

“Eu não acho que isso foi planejado,” disse Lissa.

“Concordo,” disse Christian. “O que significa que mesmo não tendo fogo, isso pode demorar um pouco.”

“Bem, e aí. Nada útil em ficar esperando aqui, né?”

Christian e Lissa viraram surpresos pela voz atrás deles e viram Avery. Ela vestia um vestido de lã roxo e sandália de salto preta que parecia totalmente inadequado na grama molhada.

“O que você está fazendo aqui?” perguntou Lissa. “Achei que você estaria em seu quarto.”

“Que seja. Estava tão chato lá. Eu tive que vir libertar vocês.”

“Você fez isso?” perguntou Christian, levemente impressionado.

Avery encolheu os ombros. “Eu disse a vocês, eu estava entediada. Agora, venham enquanto ainda está meio caótico.”

Christian e Lissa se olharam. “Bem,” Lissa disse devagar, “eu achou que eles já anotaram a presença...”

“Rápido!” Avery disse. O entusiasmo dela era contagiante, e, sentindo corajosa, Lissa se apressou depois dela, Christian atrás. Com tantos alunos vagando por ali, ninguém notou eles andando pelo campus – até eles chegarem do lado de fora do edifício para hóspedes. Simon estava encostado contra a porta, e Lissa endureceu. Eles foram descobertos.

“Tudo certo?” perguntou Avery a ele.

Simon, definitivamente o tipo forte-e-silencioso, deu um rápido aceno com sua única resposta antes de se endireitar. Ele enfiou suas mãos nos bolsos do casaco e saiu andando. Lissa olhou assombrada.

“Ele acabou... ele acabou de nos deixar ir? E ele está metido nisso?” Simon não estava no campus como professor, mas ainda... isso não significava necessariamente que ele deixaria estudantes matarem aula por causa de um treinamento de incêndio falso.

Avery sorriu de forma travessa, o observando ir. “Nós estamos juntos a um tempo. Ele tem coisas melhores a fazer do que ser nossa babá.”

Ela nos liderou para dentro, porém ao invés de ir para o quarto dela, eles seguiram por uma parte diferente do prédio e foram para um lugar que eu conhecia bem: o quarto de Adrian.

Avery bateu na porta. “Hey, Ivashkov! Abra.”

Lissa pôs uma mão sobre sua boca para abafar os risinhos. “Depois de tanta discrição. Todo mundo vai te ouvir.”

“Eu preciso que ele me escute,” respondeu Avery.

Ela continuou esmurrando a porta e gritando, até que finalmente, Adrian respondeu. Seu cabelo estava todo bagunçado, e ele tinha círculos escuros embaixo dos seus olhos. Ele tinha bebido duas vezes mais que Lissa a noite passada.

“O que...?” Ele piscou. “Vocês não deveriam estar na aula? Oh Deus. Eu não dormi tanto assim, não foi?”

“Nos deixe entrar,” disse Avery, abrindo passagem. “Nós temos refugiados de um incêndio aqui.”

Ela se jogou no sofá dele, se fazendo confortável enquanto ele continuava encarando. Lissa e Christian se juntaram a ela.

“Avery acionou o alarme de incêndio,” explicou Lissa.

“Bom trabalho,” disse Adrian, caindo em uma macia cadeira. “Mas porque vocês tinham que vir para cá? Este é o único lugar que não está pegando fogo?”

Avery bateu seus cílios para ele. “Você não está feliz em nos ver?”

Ele a observou especulativamente por um momento. “Sempre feliz por te ver.”

Lissa normalmente era muito certinha pra esse tipo de coisa, mas algo sobre isso a divertia. Isso era tão selvagem, tão bobo... era um descanso de todas as suas recentes preocupações. “Não vai levar muito para eles perceberem o que aconteceu, você sabe. Eles podem estar mandando todo mundo entrar agora mesmo.”

“Eles poderiam estar,” concordou Avery, colocando seus pés em cima da mesinha de café. “Mas eu posso dizer com certeza que outro alarme está para ser acionado na escola uma vez que eles abram as portas das salas novamente.”

“Como infernos você fez isso?” Christian perguntou.

“Super secreto.”

Adrian coçou os olhos, também claramente divertido com a situação, apesar de ter sido acordado bruscamente. “Você não pode ativar alarmes de incêndio o dia todo, Lazar.”

“Na verdade, eu tenho certeza que uma vez que eles tenham se recuperado do segundo alarme, um terceiro será acionado.”

Lissa riu alto, apesar de isso ser mais por causa da reação dos garotos do que pelo anúncio de Avery. Christian, devido a sua rebelião anti-social, tinha posto fogo em pessoas. Adrian passava a maior parte dos seus dias bêbado e fumando como uma chaminé.

Para uma fofa garota da alta sociedade como Avery os surpreender, algo realmente memorável tinha acontecido. Avery parecia muito satisfeita por ter os ultrapassado.

“Se a interrogação acabou agora,” ela disse, “você não vai oferecer aos seus convidados nenhum refresco?”

Adrian se levantou e bocejou. “Certo, certo, sua garota insolente. Eu irei fazer café.”

“Batizado né?” ela inclinou sua cabeça em direção ao gabinete de licor de Adrian.

“Você tem que estar brincando,” Christian disse. “Você pelo menos tem algo do fígado sobrando?”

Avery perambulou até o gabinete e pegou uma garrafa de alguma coisa. Ela a ofereceu para Lissa. “Tá dentro?”

Até mesmo a rebelião matutina de Lissa tinha limites. A dor de cabeça do vinho ainda pulsava em seu crânio. “Ugh, não.”

“Covardes,” disse Avery. Ela se virou para Adrian. “Então certo, Sr. Ivashkov, é melhor você começar a fazer esse café. Eu sempre gosto de um pouco de café com meu Brandy.”

Não muito depois disso, eu saí da cabeça de Lissa e escorreguei de volta para a minha, retornando para a escuridão do sono e de sonhos comuns. Isso durou pouco, porém, sendo que uma pancada forte me sacudiu de volta para a consciência.

Meus olhos se abriram, e uma funda, e queimante dor apareceu na parte de trás do meu crânio – os efeitos colaterais daquela vodka tóxica, sem dúvida. A ressaca de Lissa não tinha sido nem um pouco como a minha. Eu comecei a fechar meus olhos, esperando afundar de volta e deixar o sono curar o pior da minha dor. Entretanto, eu ouvi a batida de novo – e pior, toda a minha cama estremeceu violentamente. Alguém estava chutando ela.

Abrindo meus olhos novamente, eu virei e me encontrei olhando para os perspicazes olhos escuros de Yeva. Se Sydney tivesse encontrado principalmente dhampirs como Yeva, eu poderia

entender o porque ela pensava que a nossa raça era serviçal do inferno. Franzinho seus lábios, Yeva chutou a cama novamente.

“Hey,” eu gritei. “Eu acordei, okay?”

Yeva murmurou alguma coisa em russo, e Paul saiu de trás dela, traduzindo. “Ela disse que você não está acordada até você de fato estar fora da cama e em pé.”

E sem nenhum aviso, a velha sádica mulher continuou a chutar a cama. Eu levantei rápido, e o mundo girou ao meu redor. Eu tinha dito isso antes, mas desta vez, eu realmente queria dizer isso: eu nunca mais iria beber de novo. Nenhum bem vem disso. Os cobertores pareciam incrivelmente tentadores para o meu agonizante corpo, porém mais alguns chutes das botas pontudas de Yeva me jogaram para fora da cama.

“Okay, okay. Está feliz agora? Levantei.” A expressão de Yeva não mudou, mas pelo menos ela parou de chutar a cama. Eu virei para Paul. “O que está acontecendo?”

“Vovó diz que você tem que ir com ela.”

“Onde?”

“Ela diz que você não precisa saber.”

Eu comecei a dizer que não iria seguir aquela velha bruxa doida a lugar algum, entretanto depois de olhar para seu assustador rosto, eu pensei melhor. Eu não tinha descartado o fato dela ser capaz de transformar as pessoas em sapos.

“Certo,” eu disse. “Eu estarei pronta para ir assim que eu tomar banho e trocar de roupa.”

Paul traduziu minhas palavras, mas Yeva balançou a cabeça e falou de novo. “Ela disse que não há tempo,” ele explicou. “Nós temos que ir agora.”

“Eu posso pelo menos escovar meus dentes?”

Ela concedeu esta pequena concessão, porém uma mudança de roupas estava totalmente fora de questão. Mas isso estava tudo bem. Cada passo que eu dava me fazia sentir tonta, e eu

provavelmente teria desmaiado fazendo algo tão complicado como tirar e vestir a roupa. As roupas não cheiravam mal ou algo do tipo; elas estavam mais amassadas onde eu tinha dormido em cima.

Quando eu cheguei no andar de baixo, eu vi que ninguém estava acordado exceto Olena. Ela estava lavando os pratos sobressalentes da noite passada e parecia surpresa em me ver de pé. Isto fazia duas de nós.

“Isso é muito cedo para você, não?” ela perguntou.

Eu virei e vi o relógio da cozinha. Eu arfei. Eram apenas 4 horas depois de eu ter ido para a cama. “Bom Deus. O sol já nasceu?”

Incrivelmente, já. Olena se ofereceu para fazer café da manhã para mim, mas novamente, Yeva repetiu que nosso tempo era curto. Meu estômago parecia simultaneamente querer e odiar comida, desse jeito eu não poderia dizer se abstinência era a melhor coisa ou não.

“Que seja,” eu disse. “Apenas vamos logo para acabar com isso.”

Yeva foi para a sala de estar e retornou um tempo depois com uma grande sacola. Ela me passou isso expectativamente. Eu dei os ombros e peguei, pendurando em um dos ombros. Isso claramente estava cheio de coisas, porém não tão pesada. Ela entrou em outro quarto e retornou com outra sacola. Eu peguei essa também e a pendurei no mesmo ombro, balanceando elas duas. Esta era mais pesada, entretanto minhas costas não reclamaram muito. Quando ela saiu uma terceira vez e retornou com uma caixa gigante, eu

comecei a ficar irada. “O que é isso?” eu reclamei, pegando dela. Parecia como se a caixa tivesse pedras dentro dela.

“Vovó precisa de você para carregar algumas coisas,” Paul me disse.

“Sim,” eu disse com os dentes cerrados. “Eu meio que percebi isso 23 quilos atrás.”

Yeva me deu mais uma caixa, colocando-a no topo da outra. Não estava assim tão pesada, mas a essa hora isso não importava. Olena

me lançou um olhar simpático, balançou a cabeça, e retornou silenciosamente para seus pratos, aparentemente não a fim de discutir com Yeva.

Yeva saiu depois disto, e eu segui obedientemente, tentando ao mesmo tempo segurar as coisas e não deixar as sacolas caírem do meu ombro. Isso era uma carga pesada, uma que meu corpo com ressaca realmente não queria carregar, mas eu era forte o suficiente que eu achei que não seria um problema ir a cidade ou a qualquer lugar ao qual ela estava me levando. Paul ia ao meu lado, aparentemente lá para me deixar saber se Yeva achou alguma coisa no caminho que ela queria que eu carregasse também.

Parecia como se a primavera estivesse se espalhando pela Sibéria mais rápido que ela fazia em Montana. O céu estava claro, e o sol da manhã estava aquecendo as coisas surpreendentemente rápido. Isso era dificilmente a estação do verão, mas o calor era o suficiente para ser notado. Isso poderia ter feito a caminhada para um Moroi muito desconfortável.

“Você realmente sabe para onde estamos indo?” eu perguntei a Paul.

“Não,” ele disse alegremente.

Para alguém tão velho, Yeva podia se mover a um passo muito bom, e eu me encontrei tendo que me apressar para alcançá-la com a minha carga. Em um ponto, ela olhou para trás e disse algo que Paul traduziu pra mim como, “Ela está meio surpresa que você não pode se mover mais rápido.”

“Yeah, bem, eu estou meio surpresa que ninguém mais possa carregar qualquer dessas coisas.”

Ele traduziu novamente: “Ela disse que se você é realmente uma famosa matadora de Strigoi, então isso não deveria ser um problema.”

Eu fui tomada por um grande alívio quando o centro da cidade entrou no campo de vista... só que nós passamos isso.

“Oh, vamos lá,” eu disse. “Onde diabos nós estamos indo?”

Sem nem olhar pra trás para mim, Yeva tagarelou alguma coisa. “Vovó disse que tio Dimitri nunca teria reclamado tanto,” disse Paul.

Nada disso era culpa de Paul; ele era apenas o mensageiro. Ainda, toda vez que ele falava, eu meio que queria chutá-lo. Apesar de tudo, eu continuei carregando meu fardo e não disse mais nada pelo resto da caminhada. Yeva estava correta até certo ponto. Eu era uma caçadora de Strigoi, e era verdade que Dimitri nunca teria reclamado sobre alguns caprichos de uma velha senhora louca. Ele teria feito seu dever pacientemente.

Eu tentei chamá-lo para minha mente e tirar força de sua imagem. Eu pensei sobre o tempo na cabana de novo, pensei no modo como seus lábios se sentiam nos meus e o maravilhoso cheiro de sua pele quando eu estava pressionada perto dele. Eu podia ouvir sua voz mais uma vez, murmurando no meu ouvido que ele me amava, que eu era linda,

que eu era a única... pensando nele não tirou o desconforto da minha jornada com Yeva, mas fez isso um pouco mais tolerável.

Nós andamos por quase mais uma hora antes de alcançar um pequena casa, e eu estava pronta para cair em alívio, ensopada de suor. A casa era de um andar, feita de toras de madeira marrons, planas e desgastadas. A janela, porém, era cercada nos 3 lados por persianas azuis, delicadas e altamente estilizadas revestidas com um design branco. Era o mesmo tipo do ofuscante uso da cor que eu tinha visto nos edifícios em Moscou e São Petersburgo. Yeva bateu na porta. primeiramente só houve silêncio, e eu entrei em pânico, pensando que nós teríamos que dar a volta e ir para casa.

Finalmente, uma mulher atendeu a porta – uma Moroi mulher. Ela tinha talvez uns 30, muito bonita, com altos ossos na bochecha e cabelo louro morango. Ela exclamou em surpresa por ver Yeva, sorrindo e cumprimentando ela em russo. Vendo eu e Paul, e mulher rapidamente se afastou e gesticulou para nós entrarmos.

Ela trocou para o inglês assim que percebeu que eu era americana. Todas essas pessoas bilíngues era meio que espantoso. Isso não era algo que eu via muito frequentemente nos EUA. Ela

apontou para a mesa e me disse para colocar tudo lá, o que eu fiz com alívio.

“Meu nome é Oksana,” ela disse, apertando minha mão. “Meu marido, Mark, está no jardim e deve estar aqui logo.”

“Eu sou Rose,” eu disse a ela.

Oksana nos ofereceu cadeiras. A minha era de madeira e de costas retas, mas naquele momento, parecia com uma cama confortável. Eu suspirei feliz e sequei o suor da minha sobrancelha. Enquanto isso, Oksana desempacotava as coisas que eu tinha carregado.

As sacolas estavam cheias de sobras do funeral. A caixa de cima continha alguns pratos e potes, o que Paul explicou que tinha sido emprestado por Oksana um tempo atrás. Oksana finalmente chegou na caixa de baixo, e ninguém merece, ela estava cheia de tijolos para jardim.

“Você tem que estar brincando,” eu disse. Do outro lado da sala, Yeva parecia muito orgulhosa.

Oksana estava alegre pelos presentes. “Oh, Mark irá ficar feliz de tê-lo,” ela sorriu para mim. “Isso foi muito doce da sua parte carregá-los o caminho todo.”

“Feliz por ajudar,” eu disse diretamente.

A porta de trás abriu, e um homem entrou – Mark, presumivelmente. Ele era alto e com o corpo bem construído, o seu cabelo cinza indicando uma idade maior que a de Oksana. Ele lavou suas mãos na pia da cozinha e então se juntou a nós. Eu quase arfei quando eu vi seu rosto e descobri algo mais estranho que a diferença de idade. Ele era um dhampir. Por um momento, eu pensei que era outra pessoa e não o marido dela, Mark. Mas este foi o nome que ela o introduziu, e aí a verdade me acertou: um casal Moroi e dhampir casados. Certo, nossas duas raças se tinham relações o tempo todo. Mas casamento? Era muito escandaloso no mundo Moroi.

Eu tentei manter a surpresa longe do meu rosto e me comportar tão educadamente quanto pudesse. Oksana e Mark pareciam muito interessados em mim, apesar dela ter feito a maior parte da conversa. Mark simplesmente assistia, curiosidade por todo o seu rosto. Meu cabelo estava solto, assim minhas tatuagens não podiam denunciar meu status não

prometido. Talvez ele só tivesse se perguntando como uma garota americana tinha encontrado o caminho para o meio desse buraco. Talvez ele pensasse que eu era uma nova recrutada meretriz do sangue.

Pelo meu terceiro copo de água, eu comecei a me sentir melhor. Foi por volta dessa hora que Oksana disse que nós deveríamos comer, aí nesse momento, meu estômago estava pronto para isso. Oksana e Mark prepararam a comida juntos, negando minhas ofertas de ajuda.

Observando o casal trabalhar era fascinante. Eu nunca tinha visto um time tão eficiente. Eles nunca entravam no caminho um do outro e nunca precisavam falar sobre o que fazer depois. Eles apenas sabiam. Apesar da localização remota, os componentes da cozinha eram modernos, e Oksana colocou um prato de algum tipo de batata de caçarola no microondas. As costas de Mark estavam pra ela enquanto ele inspecionava a geladeira, mas assim que ela apertou o start, ele disse, "Não, não precisa ser por tanto tempo."

Eu pisquei em surpresa, olhando de um lado para o outro entre eles. Ele não tinha nem visto quanto tempo ela tinha selecionado. Foi aí que eu entendi. "Vocês estão ligados," eu exclamei.

Ambos olharam para mim com igual surpresa. "Sim. Yeva não te contou?" Oksana perguntou.

Eu lancei um olhar rápido para Yeva, que estava com aquele irritante olhar de alto-satisfação no rosto. "Não, Yeva não tem sido muito sociável esta manhã."

"Quase todos por aqui sabem," Oksana disse, retornando ao seu trabalho.

“Então... então você é uma usuária do Espírito.”

Isto a fez parar novamente. Ela e Mark trocaram olhares assustados. “Isto,” ela disse, “não é algo que é largamente conhecido.”

“A maioria das pessoas pensa que você não se especializou, certo?”

“Como você sabe?”

Porque isso era exatamente como tinha sido para mim e Lissa. História sobre laços tinham sempre existido no folclore Moroi, mas como laços se formavam sempre tinha sido um mistério. Era geralmente acreditado que eles “apenas aconteciam”. Como Oksana, Lissa tinha sido geralmente considerada como uma Moroi não-especializada – uma que não tinha nenhuma habilidade especial com nenhum dos elementos. Nós percebemos agora, claro, que a ligação apenas ocorria com usuários de espírito, quando eles salvavam a vida dos outros.

Algo na voz de Oksana me disse que ela não estava totalmente surpresa por eu saber. Eu não conseguia entender como ela tinha percebido isso, porém, eu estava muito surpresa pela minha descoberta para dizer alguma coisa. Lissa e eu nunca, nunca tínhamos encontrado outros com a ligação. Os únicos outros dois que nós sabíamos sobre, era o legendário Vladimir e Anna. E aquelas histórias estavam cobertas por centenas de anos de história incompleta, fazendo difícil saber o que é fato e o que é ficção. As únicas outras pistas que nós tínhamos sobre o mundo dos espíritos eram Sra. Karp – um antiga professora que ficou louca – e Adrian. Até agora, ele tinha sido nossa maior descoberta, um usuário de espírito que era mais ou menos estável – dependendo de como você analisava.

Quando a comida estava pronta, espírito nunca virou um tópico. Oksana liderou a conversa, mantendo tópicos leves e trocando de língua. Eu estudei ela e Mark enquanto comia, procurando por sinais de instabilidade. Eu não vi nenhum. Eles pareciam perfeitamente felizes, pessoas perfeitamente comuns. Se eu não soubesse o que

eu sabia, eu não teria nenhum razão para suspeitar disso. Oksana não parecia deprimida ou doida. Mark não tinha herdado aquela escuridão vil que as vezes penetrava em mim.

Meu estômago recebeu bem a comida, e o resto da minha dor de cabeça acabou. Nesse ponto, entretanto, uma estranha sensação passou por mim. Isso foi desorientador, como uma palpitação na minha cabeça, uma onda de calor e então de frio passou por mim. A sensação desapareceu tão rápida quanto apareceu e eu esperava que esse tivesse sido o último demônio dos efeitos colaterais da vodka.

Nós terminamos de comer, e eu pulei para ajudar. Oksana balançou a cabeça. “Não, não precisa. Você deveria ir com Mark.”

“Huh?” eu perguntei.

Ele limpou o rosto com o guardanapo e levantou. “Sim. Vamos para o jardim.”

Eu comecei a seguir, então pausei e olhei para Yeva. Eu esperei que ela me xingasse por abandonar as louças. Ao invés disso, eu não encontrei nenhum olhar presunçoso ou de desaprovação. A expressão dela era... sábia. Quase de expectativa. Algo sobre isso mandou calafrios pelas minhas costas, e eu lembrei das palavras de Viktoria: Yeva tinha sonhado com minha chegada.

O jardim que Mark me levou era maior do que eu esperava, fechado com uma profunda cerca e árvores alinhadas. Folhas novas estavam penduradas nelas, bloqueando a maior parte do calor. Vários arbustos e flores já estavam florescendo, e aqui e ali, os botões estavam bem no seu caminho para a vida adulta. Era lindo, e eu me perguntei se Oksana tinha uma mão nisso. Lissa era capaz de fazer plantas crescerem com espírito. Mark gesticulou em direção a um banco de pedra. Sentamos lado a lado, e silêncio caiu.

“Então,” ele disse. “O que você gostaria de saber?”

“Wow. Você não perde tempo.”

“Não vejo porque. Você deve ter várias perguntas. Vou fazer meu melhor para responder.”

“Como você sabia?” eu perguntei. “Que eu também sou uma shadow-kiss. Você sabia, certo?”

Ele concordou. “Yeva nos disse.”

Ok, isso era uma surpresa. “Yeva?”

“Ela pode sentir coisas... coisas que o resto de nós não pode. Mas ela nem sempre sabe o que está sentindo. Ela só sabia que havia algo estranho em você, e ela só sentia isso ao redor de outra pessoa. Então ela te trouxe até mim.”

“Parece que ela poderia ter feito isso sem me fazer carregar uma caixa cheia de coisas.”

Isso fez ele rir. “Não leve para o lado pessoal. Ela estava testando você. Ela queria ver se você era uma digna companheira para o neto dela.”

“Qual o ponto? Ele está morto agora.” Eu quase engasguei com a palavra.

“Verdade, mas para ela, ainda é importante. E, por sinal, ela acha que você é digna.”

“Ela tem um jeito engraçado de demonstrar. Eu quero dizer, fora me trazer aqui para conhecer você, eu suponho.”

Ele riu de novo. “Mesmo sem ela, Oksana saberia o que você é assim que ela te conheceu. Ser uma shadow-kiss tem um efeito na aura.”

“Então ela também vê auras,” eu murmurei. “O que mais ela pode fazer? Ela deve ser capaz de curar, ou você não seria um shadow-kissed. Ela tem super compulsão? Ela pode entrar em sonhos?”

Isso o pegou de guarda baixa. “A compulsão dela é forte, sim... mas como assim, entrar em sonhos?”

“Tipo... ela é capaz de entrar na mente de alguém quando estão dormindo. A mente de qualquer um – não só a sua. Então eles podem conversar, como se estivessem juntos. Meu amigo consegue fazer isso.”

A expressão de Mark me disse que isso era novidade para ele. "Seu amigo? Seu parceiro de laço?"

Parceiro de laço? Nunca ouvi esse termo. Soava estranho, mas fazia sentido. "Não... outro usuário de espírito."

"Outro? Quantos você conhece?"

"Três, tecnicamente. Bem, quatro agora, contando Oksana."

Mark virou, encarando distraidamente o amontoado de flores rosas. "Tantos... isso é incrível. Só conheci outro usuário de espírito, e isso foi a anos atrás. Ele também estava ligado a seu guardião. O guardião morreu, e isso o destruiu. Ele ainda nos ajudou quando Oksana e eu estávamos tentando entender as coisas."

Eu me preparava para minha própria morte o tempo todo, e temia por Lissa. Ainda sim nunca me ocorreu como seria com nosso laço. Como isso afetaria a outra pessoa? Isso seria como fazer um buraco, onde antes você estava intimamente ligado com outra pessoa?

"Ele nunca mencionou entrar nos sonhos também," Mark continuou. Ele riu de novo, linhas amigáveis aparecendo ao redor dos seus olhos azuis. "Eu pensei que iria te ajudar, mas talvez você me ajude."

"Eu não sei," eu disse em dúvida. "Eu acho que vocês tem mais experiência nisso do que nós."

"Onde está seu parceiro de laço?"

"Nos EUA." Eu não precisava elaborar, mas de alguma forma, eu precisava contar a ele toda a verdade. "Eu... eu deixei ela."

Ele franziu. "Deixou como em... você simplesmente viajou? Ou deixou como em abandonou ela?"

Abandonei. A palavra foi como um tapa no meu rosto, e de repente, tudo o que eu podia ver era o último dia com ela, quando eu a deixei chorando.

"Eu tinha coisas para fazer," eu disse evasivamente.

“Sim, eu sei. Oksana me disse.”

“Te disse?”

Agora ele hesitou. “Ela não deveria ter feito isso... ela tenta não fazer.”

“Fazer o que?” eu exclamei, inquieta por uma razão que eu não conseguia explicar.

“Ela, bem... ela tocou na sua mente. Durante o almoço.”

Eu pensei e de repente lembrei de um formigamento na minha cabeça, o calor passando por mim. “O que isso significa exatamente?”

“Uma aura pode dizer a um usuário de espírito sobre a personalidade de alguém. Mas Oksana pode também ir mais a fundo, alcançando e fazendo leituras mais específicas de informação sobre uma pessoa. As vezes ela pode ligar essa habilidade com compulsão... mas os resultados são muito, muito poderosos. E errados. Não é certo fazer isso com alguém com quem você não tem um laço.”

Eu levei um segundo para processar isso. Nem Lissa nem Adrian liam o pensamento de outros. O mais perto que Adrian podia chegar da mente de alguém era entrar em sonhos. Lissa não conseguia fazer isso, nem mesmo comigo. Eu podia sentir ela, mas o oposto não ocorria.

“Oksana pode sentir... oh, eu não sei como explicar. Tem uma imprudência em você. Você está em algum tipo de busca. Tem vingança escrito por toda a sua alma.” Ele de repente levantou meu cabelo, olhando meu pescoço. “Como pensei. Você não é prometida.”

Eu afastei minha cabeça. “Porque que isso é tão importante? Toda a cidade está cheia de dhampirs que não são guardiões.” Eu ainda achava que Mark era um cara legal, mas levar sermão sempre me irritava.

“Sim, mas eles escolheram se acomodar. Você... e outros como você... vocês se tornam vigilantes. Ficam obcecados com caçar Strigoi sozinhos, com ideias próprias de certo e errado que toda a raça trouxe para nós. Isso só pode trazer problemas. Eu vejo o tempo todo.”

“O tempo todo?” eu perguntei, surpresa.

“Porque você acha que o número de guardiões está diminuindo? Estão saindo de suas casas e suas famílias. Ou eles agem como você, ainda lutando mas sem responder a ninguém – a não ser que sejam contratados como guarda-costas de caçadores de Strigoi.”

“Dhampirs contra...” eu de repente comecei a entender como a não realeza como Abe tinha seus guarda-costas. Dinheiro podia fazer as coisas acontecerem, eu suponho. “Eu nunca ouvi falar de nada assim.”

“É claro que não. Você acha que os Moroi e os outros guardiões querem que saibam? Querem balançar isso na sua frente como uma opção?”

“Não vejo qual o problema de caçar Strigoi. Sempre nos defendemos, nunca atacamos, quando se trata de Strigoi. Talvez se mais dhampirs fossem atrás deles, eles não fossem tanto problema.”

“Talvez, mas tem jeitos diferentes de tratar isso, alguns melhores do que os outros. E quando você sai como você está fazendo – com o coração cheio de pesar e raiva? Esse não é uma das melhores maneiras. Te deixa descuidada. A escuridão do shadow-kissed complica as coisas.”

Eu cruzei meus braços no peito e olhei para frente duramente. “Yeah, bem, não é como se eu pudesse fazer muita coisa sobre isso.”

Ele virou para mim, sua expressão mais uma vez surpresa. “Porque você não faz seu parceiro de laço curar a escuridão em você?”

ONZE

Eu encarei Mark por vários longos segundos. Finalmente, idiotamente, eu perguntei, "Você disse... curar?"

Mark me encarou igualmente surpreso. "Sim, é claro. Ela pode curar outras coisas, certo? Porque não isso?"

"Porque..." eu franzi. "Isso não faz sentido. A escuridão... todos os efeitos colaterais ruins... eles vem de Lissa. Se ela pudesse simplesmente curar, porque ela mesma não se cura?"

"Porque quando está nela, está muito impregnado. Muito apertado no ser dela. Ela não pode curar do jeito que ela pode com outras coisas. Mas quando o seu laço puxar isso para você, é como qualquer outra doença."

Meu coração batia com força no peito. O que ele estava sugerindo parecia ridiculamente fácil. Não, era apenas ridículo e ponto final. Não tinha como, depois de tudo que nós passamos, Lissa pudesse curar aquela raiva e depressão do jeito que ela podia curar uma perna quebrada. Victor Dashkov, apesar de seus esquemas, sabia de uma quantidade impressionante de usuários de espírito e explicou para nós. Os outros quatro elementos eram mais de natureza física, mas espírito vinha da mente e da alma. Usar essa energia mental – ser capaz de fazer coisas tão poderosas – não podia ser feito sem efeitos colaterais devastadores. Estivemos lutando contra esses efeitos colaterais desde o início, primeiro em Lissa e depois em mim. Eles não podiam simplesmente sumir.

"Se isso fosse possível," eu disse rapidamente, "então todos teriam feito. A Sr. Karp não teria ficado maluca. Anna não teria se suicidado. O que você está dizendo é fácil demais." Mark não sabia de quem eu estava falando, mas claramente não importava para o que ele queria expressar.

“Você tem razão. Não é nenhum um pouco fácil. É preciso um balanço cuidadoso, um círculo de confiança e força entre duas pessoas. Oksana e eu levamos um longo tempo para aprender... muitos anos difíceis...”

O rosto dele escureceu, e eu só pude imaginar como aqueles anos devem ter sido. Meu tempo curto com Lissa já fora ruim o bastante. Eles tinham que estar vivendo com isso a muito mais tempo do que nós. Deve ter sido insuportável as vezes. Devagar, com admiração, eu me atrevi a dar crédito para as palavras dele.

“Mas agora vocês estão bem?”

“Hmm.” Havia um sorriso seco nos lábios dele. “Eu dificilmente vou dizer que estamos perfeitamente bem. Ela tem um limite do que pode fazer, mas deixa a vida mais suportável. Ela intercala as curas pelo máximo de tempo que consegue, já que ela precisa de muita energia. É cansativo, e limita o poder dela.”

“Como assim?”

Ele deu nos ombros. “Ela ainda consegue fazer as outras coisas... cura, compulsão... mas não no nível que ela faria se não estivesse sempre me curando.”

Minha esperança diminuiu. “Oh... Então... eu não poderia. Eu não poderia fazer isso com Lissa.”

“Comparado ao que ela faz com você? Rose. Eu tenho o pressentimento que ela vai achar que é uma troca justa.”

Eu pensei no nosso último encontro. Eu pensei sobre como eu deixei ela lá, apesar dela ter implorado. Eu pensei os baixos que ela estava experimentando em minha ausência. Eu pensei sobre como ela se recusou a curar Dimitri quando pensei que ainda haveria esperança para ele. Nós duas fomos amigas ruins. Eu balancei minha cabeça. “Eu não sei,” eu disse baixo. “Eu não sei se ela acharia.”

Mark me deu um longo olhar nivelado, mas ele não insistiu no assunto. “Os outros vão se perguntar o que aconteceu conosco. Antes de irmos...” Ele botou a mão no bolso e pegou um pequeno anel de prata comum. “Aprender a curar leva tempo. O que me

preocupa mais é esse seu humor de vigilante em que você está. A escuridão só vai piorar. Leve isso.”

Ele estendeu o anel para mim. Eu hesitei e então o peguei. “O que é isso?”

“Oksana o fundiu com espírito. É um amuleto de cura.”

Mais uma vez, choque passou por mim. Moroi encantavam objetos com sua magia o tempo todo. Estacas eram fundidas com os quatro elementos, fazendo delas letais para os Strigoi. Victor tinha encantado um colar com magia da terra, usando a base da natureza da terra para transformar o colar em um amuleto de luxúria. Até mesmo a tatuagem de Sydney era encantada. Eu suponho que não tenha porque o espírito não poder encantar objetos também, mas nunca tinha me ocorrido, provavelmente porque os poderes de Lissa ainda eram novos e estranhos demais.

“O que ele faz? Eu quero dizer, que tipo de cura?”

“Ajuda com seu humor. Não se livra dele, mas o diminui – ajuda você a pensar mais claramente. Pode te manter longe de problemas. Oksana faz eles para ajudar entre as curas.” Eu comecei a colocar, mas ele balançou a cabeça. “Poupe para quando você realmente se sentir fora de controle. A mágica não vai durar para sempre. Ela some como em qualquer outro objeto.”

Eu encarei o anel, minha mente de repente aberta para todo o tipo de novas possibilidades. Alguns momentos depois, eu o guardei no bolso do meu casaco.

Paul colocou sua cabeça pra fora da porta.

“Vovó quer ir embora agora,” ele me disse. “Ela quer saber porque você está demorando tanto e disse para perguntar porque você faria alguém tão velho quanto ela ficar esperando quando ela sofre de problema nas costas.”

Eu lembrei o quão rápido Yeva estava andando quando lutei para segurar minha carga. As costas dela não pareciam tão ruins para mim, mas de novo, eu lembrei que Paul era apenas o mensageiro e poupei ele do meu comentário.

“Ok. Já estou indo.” Quando ele saiu, eu balancei minha cabeça. “É difícil valer a pena.” Eu me movi para a porta, então olhei para Mark, e um pensamento aleatório me ocorreu. “Você está me dizendo que ficar por conta própria é ruim... mas você também não é um guardião.”

Ele sorriu de novo, um daqueles sorrisos tristes e torto. “Eu costumava ser. Então Oksana salvou minha vida. Nos ligamos e eventualmente nos apaixonamos. Eu não consegui suportar ficar longe dela depois disso, e os guardiões teriam me designado para outro lugar. Eu precisei partir.”

“Foi difícil deixar eles?”

“Muito. A nossa diferença de idade fez tudo ainda mais escandaloso.” Um estranho calafrio passou por mim. Mark e Oksana eram a personificação das duas metades da minha vida. Eles lutavam contra o laço shadow-kiss como Lissa e eu fazíamos e também enfrentavam a mesma condenação por sua relação que Dimitri e eu enfrentamos. Mark continuou, “Mas as vezes, temos que ouvir nosso curador. E mesmo que eu tenha partido, eu não estou indo descuidadamente caçar Strigoi. Sou um velho vivendo com a mulher que ama e cuidando desse jardim. Tem uma diferença – não esqueça disso.”

Minha mente estava rebobinando quando eu voltei para a casa dos Belikov. Sem os tijolos, a caminhada de volta foi muito mais fácil. Ela tinha me dado uma chance para pensar sobre as palavras de Mark. Eu senti como se tivesse recebido uma vida inteira de informações em uma conversa de horas.

Olena estava andando pela casa, fazendo as tarefas normais de limpar e cozinhar. Embora eu, pessoalmente, nunca queira passar meus dias fazendo esse tipo de afazeres domésticos, eu tinha de admitir que havia algo de reconfortante em ter sempre alguém que estava sempre por perto, pronta para cozinhar e se preocupar comigo diariamente. Eu sabia que era um desejo puramente egoísta, como eu sabia que a minha própria mãe estava fazendo coisas importantes com sua vida. Eu não deveria julgá-la. Ainda assim, me

fez sentir quente e cuidada ter Olena me tratando como uma filha, quando ela mal me conhecia.

“Você está com fome?” ela perguntou automaticamente. Acho que um dos maiores temores de sua vida é o de que alguém passe fome em sua casa. A perpétua falta de apetite de Sydney era uma preocupação constante para Olena.

Escondi um sorriso. “Nós comemos no Mark e na Oksana.”

“Ah, era lá que você estava? Eles são pessoas boas.”

“Onde estão todos?” Eu perguntei. A casa estava anormalmente quieta.

“Sonya e Karolina estão no trabalho. Viktoria saiu com uns amigos, mas ela vai ficar feliz por você estar de volta.”

“E quanto a Sydney?”

“Ela partiu a um tempinho. Ela disse que estava voltando para São Petersburgo.”

“O que?” Eu exclamei. “Partiu de vez? Simplesmente assim?” Sydney tinha uma natureza dura, mas isso foi abrupto até mesmo para ela.

“Os alquimistas... bem, eles estão sempre em movimento.” Olena me entregou um pedaço de papel. “Ela deixou isso para você.”

Peguei o bilhete e imediatamente o abri. A caligrafia de Sidney era organizada e precisa. De alguma forma isso não me surpreendeu.

Rose,

Me desculpe por ter que sair tão rapidamente, mas quando os alquimistas me dizem para saltar... bem, eu pulo. Eu tenho uma carona de volta para aquela cidade de campo que ficamos para que eu possa pegar o Furacão Vermelho, e então eu volto para São Petersburgo. Aparentemente, agora que você já foi entregue a Baia, eles não precisam que eu fique por perto. Eu gostaria de poder te contar mais sobre Abe e o que ele quer de você.

Mesmo que me fosse permitido, não há muito a dizer. Em alguns aspectos, ele é um mistério para mim tanto quanto é para você. Como eu disse, vários de negócios que ele lidam são ilegais – nos negócios tanto entre os humanos quanto entre os Moroi. A única vez que ele se envolve diretamente com as pessoas é quando algo se relaciona com esse negócio – ou se é um caso muito, muito especial. Acho que você é um desses casos, e mesmo que ele não pretenda te prejudicar, ele pode querer te usar para seus próprios propósitos.

Poderia ser tão simples como ele querer te contratar como um guarda-costas, te vendo como uma patife. Talvez ele queira te usar para chegar ao outros. Talvez tudo isto faça parte do plano de outra pessoa, de alguém que seja ainda mais misterioso do que ele. Talvez ele esteja fazendo um favor a alguém. Zmey pode ser perigoso ou gentil, tudo depende do que ele precisa realizar. Eu nunca pensei que me importaria o suficiente para dizer isso para uma dhampir, mas tome cuidado. Eu não sei quais são os seus planos agora, mas tenho o pressentimento que problemas estão ao redor. Me ligue se houver algo em que eu possa ajudar, mas se você voltar para as grandes cidades para caçar Strigoi, não deixe nenhum corpo abandonado!

Sinceramente,

Sydney.

P.S “O furacão vermelho” é o nome que dei para o carro.

P.P.S. Só porque eu gosto de você, isso não significa que eu ainda não acho que você seja uma criatura maligna da noite. Você é.

Seu número de telefone celular foi colocado na parte inferior, e eu não pude deixar de sorrir. Desde que pegamos uma carona para Baía com Abe e seus guardiões, Sydney teve que deixar o carro para trás, o que tinha traumatizado ela quase tanto como os Strigoi. Eu esperava que os alquimistas deixassem ela ficar com ele. Eu balancei a cabeça, divertida, apesar de suas advertências sobre Abe. O Furacão Vermelho.

Enquanto me dirigia para o meu quarto no andar de cima, o meu sorriso desapareceu. Apesar de sua atitude brusca, eu iria sentir falta de Sydney. Ela pode não ser exatamente um amigo – ou ela era? – mas nesse breve período de tempo, eu passei a considerá-la como uma constante na minha vida. Eu não tenho muitos desses sobrando mais. Eu me sentia à deriva, sem saber o que fazer agora. Eu vim aqui para trazer a paz para Dimitri e acabei trazendo apenas sofrimento para sua família. E se o que todos diziam era verdade, eu não iria encontrar muitos Strigoi aqui na Baía. De alguma forma, eu não conseguia imaginar Dimitri, vagando pelas estradas e fazendas para pegar uma presa ocasional.

Mesmo sendo um Strigoi – e me matava pensar nessas palavras – Dimitri teria um propósito. Se ele não estava voltando para os locais familiares de sua cidade natal, então ele estaria fazendo algo mais significativo, na medida em que um Strigoi podia. O comentário de Sydney, no bilhete tinha certificado o que eu ouvia repetidamente: Strigoi estavam nas cidades. Mas quais? Aonde Dimitri iria?

Agora era eu que não tinha um propósito. Além de tudo isso, eu não poderia deixar de repetir as palavras de Mark. Eu estava realmente em uma missão de vigilante louco? Eu

estava tolamente apressando a minha morte? Ou eu estava me apressando tolamente para o... nada? Eu estava condenada a passar o resto dos meus dias perambulando? Sozinha?

Sentada na minha cama, senti meu humor cair e sabia que tinha de me distrair. Eu estava muito suscetível a emoções escuras, enquanto Lissa usasse o espírito; eu não precisava incentivar eles ainda mais. Coloquei o anel que Mark tinha me dado, esperando que ele trouxesse algum tipo de clareza e tranquilidade. Não senti nenhuma diferença notável, porém, decidi procurar a paz no lugar que eu sempre procurava: a mente de Lissa.

Ela estava com Adrian, e os dois estavam praticando com espírito novamente. Depois de alguns solavancos iniciais na estrada, Adrian estava se provando um rápido aluno na cura.

Essa tinha sido a primeira das manifestações do poder de Lissa, e sempre a irritou que ele fizesse mais progressos no que ela tinha para ensinar do que vice-versa.

“Eu estou ficando sem coisas para curar,” disse ela, colocando um vaso pequeno de plantas sobre uma mesa. “A não ser que começamos a cortar membros ou algo assim.”

Adrian sorriu. “Eu costumava implicar com Rose sobre isso, como eu iria impressionar ela curando amputados ou algo tão absurdo quanto.”

“Ah, e eu tenho certeza que ela tinha uma resposta esperta para você toda vez.”

“Sim, sim, que ela tinha.” Seu rosto era doce ao relembrar da memória. Tinha uma parte de mim que sempre foi loucamente curiosa para ouvir eles falarem de mim... mas, ao mesmo tempo, eu sempre me sentia mal com o sofrimento que meu nome parecia invocar.

Lissa gemeu e se esticou no chão acarpetado. Eles estavam no salão do dormitório, e o toque de recolher se aproximava rapidamente. “Eu quero falar com ela, Adrian.”

“Você não pode,” ele desse. Havia uma seriedade incomum em sua voz. “Eu sei que ela ainda verifica você – isso é o mais próximo que você vai ficar de falar com ela. E sinceramente? Isso não é tão ruim. Você pode dizer a ela exatamente como você sente.”

“Sim, mas eu quero ver ela responder como você faz em seus sonhos.”

Isso o fez sorrir de novo. “Ela responde bastante, acredite em mim.”

Lissa se endireitou. “Faça agora.”

“Fazer o que agora?”

“Vá visitar os seus sonhos. Você sempre tenta explicar isso para mim, mas eu nunca vi. Me deixe ver.”

Ele encarou, sem palavras. “Isso é meio que um voyeurismo.”

“Adrian! Eu quero aprender isso, e nós tentamos de tudo. Posso sentir a magia em torno de você, às vezes. Só faça isso, okay?”

Ele começou a protestar novamente, mas depois de estudar o rosto por um momento mordeu seu comentário. As palavras dela foram afiadas e muito exigentes de forma incharacterístico para ela. “Tudo bem. Vou tentar.”

A ideia toda de Adrian tentar entrar em minha cabeça enquanto eu estava observando ele pela cabeça de Lissa era surreal, para dizer o mínimo. Eu não sabia bem o que esperar dele. Eu sempre me perguntei se ele tinha que estar dormindo ou pelo menos estar de olhos fechados. Aparentemente não. Ao invés disso ele encarou o nada, seus olhos ficando vagos enquanto sua mente deixava o mundo à sua volta. Através dos olhos de Lissa, eu pude ver a magia irradiando fora dele e de sua aura, e ela tentou analisar cada vertente. Então, sem aviso, toda a magia desapareceu. Ele piscou e balançou a cabeça.

“Desculpe. Eu não posso fazer isso.”

“Por que não?”

“Provavelmente porque ela está acordada. Você aprendeu alguma coisa assistindo?”

“Um pouco. Provavelmente teria sido mais útil se você tivesse realmente feito a ligação.”

De novo, Lissa tinha aquele tom petulante.

“Ela pode estar em qualquer lugar do mundo, você sabe, em qualquer horário.” As palavras dele foram sufocadas por um bocejo. “Talvez possamos tentar em horários diferentes do dia. Estive captando ela... na verdade, perto desse horário. Ou às vezes eu capto ela realmente cedo.”

“Ela pode estar por perto, então,” disse Lissa.

“Ou, em um horário diurno humano em alguma outra parte do mundo.”

O entusiasmo dela diminuiu. “Certo. Isso também.”

“Como é que vocês nunca parecem estar trabalhando?”

Christian deu uma volta na sala, parecendo estar se divertindo com Lissa sentada no chão e Adrian esparramado no sofá. Parado atrás de Christian estava alguém que não achei que veria tão cedo. Adrian, que poderia detectar mulheres a um quilômetro de distância, também notou o recém-chegado imediatamente.

“Onde você achou essa belezura?” Perguntou ele.

Christian disparou um olhar de advertência para Adrian. “Esta é Jill.” Jill Mastrano se permitiu ser deslocada para a frente, seus olhos verde-claros impossivelmente largos enquanto ela olhava ao redor. “Jill, esses são Lissa e Adrian.”

Jill era uma das últimas pessoas que eu esperava ver ali. Eu a conheci a um pouco mais de um mês atrás. Ela está na nona série, o que significava que ela estaria no campus dos veteranos no outono. Ela tinha o mesmo corpo super-magro que a maioria dos Moroi tinha, mas era acompanhada com uma altura que era impressionante, mesmo pelos padrões vampirescos normais. Isso fazia ela parecer fina como um trilho. Seu cabelo caia em cachos castanhos até o meio das costas e seria bonito – quando ela aprendesse a arrumar eles corretamente.

Por agora, parecia meio bagunçado, e sua impressão geral – embora fosse bonito – era meio desajeitada.

“O-oi,” disse ela, olhando de rosto em rosto. Até onde ela sabia, estes eram celebridades Moroi de ouro. Ela quase desmaiou quando ela conheceu a mim e Dimitri, graças à nossa reputação. Pela expressão dela, ela estava em um estado semelhante agora.

“Jill quer aprender a usar seu poder para o bem em vez do mal,” disse Christian, com uma piscadela exagerada. Essa era a sua maneira recatada de dizer Jill queria aprender como lutar com a sua magia. Ela manifestou o interesse para mim, e eu disse a ela para encontrar Christian. Fiquei contente por ela ter tido a coragem para aceitar meu conselho. Christian era uma celebridade no campus também, se bem que uma infame.

“Outro recruta?” perguntou Lissa, sacudindo a cabeça. “Acha que você vai manter esta por perto?” Jill deu a Christian um olhar assustado. “O que isso significa?”

“Após o ataque, muitas pessoas disseram que queriam aprender a lutar com a magia,” explicou Christian. “Então, eles me procuraram, e trabalhamos juntos... uma ou duas vezes.

Então, todo mundo desapareceu logo que ficou difícil, e eles perceberam que tinham de continuar praticando.”

“Não ajuda você ser um professor ruim,” apontou Lissa.

“E agora você tem que recrutar entre as crianças,” disse Adrian solenemente.

“Hey,” disse Jill indignada. “Eu tenho catorze anos.” Imediatamente, ela enrubesceu por ter falado tão atrevidamente com ele. Ele achou divertido, como ele achava tantas outras coisas.

“Meu erro,” disse ele. “Qual é o seu elemento?”

“Água.”

“O fogo e a água, huh?” Adrian pôs a mão no bolso e tirou uma nota de cem dólares. Ele a deixou reta. “Querida, eu vou fazer um trato com você. Se você conseguir fazer um balde de água aparecer e despejar sobre a cabeça de Christian, eu vou te dar isso.”

“Vou acrescentar em dez,” riu Lissa.

Jill parecia espantada, mas eu suspeitava que era porque Adrian tinha chamado ela de “querida”. Subestimei Adrian com tanta frequência que era fácil esquecer que ele realmente era um cara quente. Christian empurrou Jill em direção a porta.

“Ignore-os. Eles estão com inveja porque os usuários de espírito não podem ir para a batalha como nós podemos.” Ele se ajoelhou na altura de Lissa no chão e deu um beijo rápido. “Nós estávamos praticando no salão no andar de cima, mas eu tenho que levá-la de volta. Vejo você amanhã.”

“Você não precisa,” disse Jill. “Eu posso voltar lá muito bem. Eu não quero ser nenhum problema.”

Adrian se levantou. “Você não é. Se alguém vai se prontificar e ser o cavaleiro de armadura brilhante aqui, ele pode muito bem ser eu. Vou levar você de volta deixar esses pombinhos fazerem suas pombices.” Jill deu uma grande reverência. “Vamos?”

“Adrian,” disse Lissa, uma nota aguda em sua voz.

“Ah, vamos lá,” disse ele, revirando os olhos. “Eu tenho que voltar de qualquer maneira – vocês não tem uso, quando chega o toque de recolher. E sinceramente, me dê algum crédito aqui. Até eu tenho limites.”

Ele deu a Lissa um olhar significativo, um que dizia que ela era uma idiota por pensar que ele iria cantar Jill. Lissa sustentou o olhar por alguns instantes e percebeu que ele estava certo. Adrian era um canalha as vezes, e nunca tinha feito do seu interesse em mim um segredo, mas levar Jill para casa não fazia parte de alguma grande sedução. Ele realmente estava apenas sendo legal.

“Tudo bem,” disse Lissa. “Te vejo mais tarde. Prazer em conhecê-la, Jill.”

“Você também,” disse Jill. Ela ousou dar um sorriso para Christian. “Obrigado novamente.”

“É melhor você aparecer para nossa próxima prática,” ele alertou.

Adrian e Jill começaram a sair pela porta, assim que Avery apareceu.

“Hey, Adrian.” Avery deu a Jill um aceno. “Quem é a belezura?”

“Dá para vocês pararem de me chamar disso?” Exclamou Jill.

Adrian apontou para Avery criticamente. “Silêncio. Eu vou lidar com você mais tarde, Lazar.”

“Eu certamente espero que sim,” disse ela em um tom cantante. “Vou deixar a porta destrancada.”

Jill e Adrian partiram, e Avery sentou ao lado de Lissa. Ela parecia animada o suficiente para beber, mas Lissa sentiu o cheiro de licor nela. Lissa estava aprendendo rapidamente que alguma

parte da Avery estava sempre cheia de vida e despreocupada, independentemente de intoxicação.

“Você realmente convidou Adrian para ir para o seu quarto mais tarde?” Perguntou Lissa. Ela falou provocativamente, mas secretamente se perguntou se algo estava acontecendo entre eles. E yeah, isso fazia nós duas.

Avery encolheu os ombros. “Eu não sei. Talvez. Às vezes, saímos quando vocês estão todos indo dormir. Você não vai ficar com ciúmes, vai?”

“Não,” riu Lissa. “Só por curiosidade. Adrian é um cara bom.”

“Oh?” perguntou Christian. „Defina „bom?“

Avery levantou a mão e começou marcando pontos com cada um de seus dedos. “Ele é devastadoramente bonito, engraçado, rico, parente da rainha...”

“Você escolheu as cores do seu casamento?” perguntou Lissa, ainda rindo.

“Ainda não,” disse Avery. “Eu ainda estou testando as águas. Eu imaginei que ele seria um entalhe fácil na correia Avery Lazar, mas ele é meio difícil de se ler.”

“Eu realmente não quero ficar ouvindo isso,” disse Christian.

“Algumas vezes ele atua como um tipo de „amo-os e deixo-os?. Outras vezes, ele geme como um romântico de coração partido.” Lissa trocou um olhar de cumplicidade com Christian que Avery não percebeu enquanto falava. “Enfim, eu não estou aqui para falar sobre ele. Eu estou aqui para falar sobre você e eu fugindo daqui.” Avery jogou seu braço em torno de Lissa, que quase caiu.

“De onde? Do dormitório?”

“Não. Da escola. Estamos saindo em um fim de semana selvagem para a Corte Real.”

“O que, neste fim de semana?” Lissa sentiu como se estivesse três passos atrás, e eu não a culpava. “Porquê?”

“Porque é Páscoa. E sua majestade real pensou que seria “adorável” se você se juntasse a ela no feriado.” O tom de Avery estava alto e agudo. “E, já que eu tenho andado com você. Papai decidiu que estou comportada agora.”

“Pobre bastardo alienado,” murmurou Christian.

“Então, ele disse que eu posso ir com você.” Avery olhou para Christian. “Você pode ir também, eu acho. A rainha disse que Lissa poderia trazer um convidado, além de mim é claro.”

Lissa olhou para o rosto radiante de Avery e não partilhou do seu entusiasmo. “Eu detesto ir a Corte. Tatiana não para, falando sobre o que ela pensa que são conselhos úteis para mim. É sempre chato e miserável.” Lissa não acrescentou que ela uma vez já tinha achado a Corte divertida, quando eu tinha ido com ela.

“Isso é porque você não foi comigo ainda. Vai ser uma explosão! Eu sei onde todas as coisas boas ficam. E eu aposto que Adrian vai ir também. Ele pode empurrar o seu caminho em qualquer coisa. Vai ser como um encontro duplo.”

Lentamente, Lissa começou a perceber que isso poderia ser divertido. Ela e eu tínhamos conseguido encontrar um pouco das “coisas boas” que estavam escondidas sob

o superfície polida da vida na Corte. Cada visita tinha sido exatamente como ela havia descrito – asfixiante e profissional. Mas agora ir com Christian e a selvagem e espontânea Avery? Isso tem potencial.

Até Christian estragar tudo. “Bem, não conte comigo,” disse ele. “Se você só pode levar uma pessoa, leve Jill.”

“Quem?” Perguntou Avery.

“A beleza,” explicou Lissa. Ela olhou para Christian espantada. “Por que eu iria levar Jill? Eu acabei de conhecer ela.”

“Porque ela está realmente falando sério sobre aprender a se defender. Você deveria apresentá-la a Mia. Ambas são usuárias de água.”

“Certo,” disse Lissa, conscientemente. “E o fato de que você odeia a Corte não tem nada a ver com isso?”

„Bem...”

“Christian!” Lissa, de repente estava ficando chateada. “Porque você não pode fazer isso por mim?”

“Porque eu odeio a maneira como a Rainha vadia olha para mim,” disse ele.

Lissa não achou isso convincente. “Sim, mas quando nos formarmos, eu vou morar lá. Você vai ter que ir lá.”

“Sim, bem, então me dê essa pequena férias primeiro.”

A irritação de Lissa cresceu. „Oh, eu vejo como é. Eu tenho que aguentar o seu lixo o tempo todo, mas você não pode sair do seu caminho por mim.”

Avery olhou entre eles e então levantou. “Eu vou deixar vocês crianças resolverem sozinhos. Eu não me importo se Christian ou a belezura vão, desde que você esteja lá.”

Ela olhou para baixo para Lissa. “Você vai, né?”

“Yeah. Eu vou.” Se tanto, a recusa do Christian, de repente estimulou mais Lissa.

Avery sorriu. “Incrível. Estou saindo daqui, mas é melhor vocês dois se beijarem e se acertarem quando eu sair.”

O irmão de Avery, Reed de repente apareceu na porta. “Você está pronta?” Ele perguntou. Toda vez que ele falava, sempre saia como uma espécie de grunhido.

Avery deu aos outros um olhar triunfante.

“Viu? Meu galante irmão, vindo me levar de volta antes que aquelas matronas do dormitório comecem a gritar para eu sair. Agora Adrian vai ter que encontrar uma forma nova e excitante de provar a sua cavalaria.”

Reed não parecia muito galante e cavalheiresco, mas eu suponho que seja gentil da parte dele vir levar ela de volta para o seu quarto.

O timing dele foi misteriosamente perfeito. Talvez ela tivesse razão sobre ele não ser tão ruim quanto as pessoas sempre pensavam.

Assim que Avery foi embora, Lissa virou para Christian. “Você está falando realmente sério sobre mim levar Jill ao invés de você?”

“Sim,” disse Christian. Ele tentou se recostar no colo dela, mas ela o empurrou. “Mas eu vou contar os segundos até você voltar.”

“Eu não posso acreditar que você acha que isso é uma piada.”

“Eu não acho,” disse ele. “Olha, eu não quis te deixar toda agitada, está bem? Mas, na verdade... eu simplesmente não quero lidar com todo o drama da Corte. E seria bom para Jill.” Ele franziu a testa. “Você não tem nada contra ela, não é?”

Eu nem conheço ela,” disse Lissa. Ela ainda estava chateada – muito mais do que era de se esperar, o que era estranho.

Christian pegou as mãos de Lissa, o rosto sério. Aqueles olhos azuis que ela amava suavizaram sua raiva um pouco. “Por favor, eu não estou tentando te chatear. Se é realmente tão importante assim...”

Com isso, a ira de Lissa se difundiu. Foi abrupto, como um interruptor. “Não, não. Estou bem sobre trazer Jill – embora eu não tenha certeza se ela deveria andar com a gente e ir fazer o que quer que Avery tem em mente.”

“Deixe Jill com a Mia. Ela vai cuidar dela no fim de semana.”

Lissa concordou, se perguntando por que ele estava tão interessado em Jill. “Tudo bem. Mas você não está fazendo isso porque você não gosta de Avery, está?”

“Não, eu gosto de Avery. Ela faz você sorrir mais.”

“Você me faz sorrir.”

“É por isso que acrescentei o 'mais'.” Christian delicadamente beijou a mão de Lissa. “Você esteve tão triste desde que Rose partiu. Estou feliz que você esteja saindo com outra pessoa, quero dizer, não que você não possa obter tudo o que precisa de mim.”

“Avery não substitui a Rose,” disse Lissa rapidamente.

“Eu sei. Mas ela me lembra ela.”

“O quê? Elas não têm nada em comum.”

Christian se levantou e sentou ao lado dela, apoiando seu rosto contra o ombro dela. “Avery é como Rose costumava ser, antes de vocês partirem.”

Tanto Lissa quanto eu paramos para refletir sobre isso. Ele estava certo? Antes dos poderes de espírito de Lissa começarem a se mostrar, eu e ela vivíamos uma vida de garota festeira. E sim, metade do tempo era eu que bolava as ideias malucas para se divertir e nos trazer problemas. Mas eu era tão atirada quanto Avery as vezes parecia?

“Nunca haverá outra Rose,” disse Lissa infeliz.

“Não,” concordou Christian. Ele deu a ela um breve beijo suave na boca. “Mas haverá outros amigos.”

Eu sabia que ele estava certo, mas não pude deixar de sentir uma pontada de ciúmes. Eu também não pude deixar de sentir um pouco de preocupação. Os breves surtos de irritação de Lissa tinham sido um aviso. Eu podia entender que ela desejasse que Christian pudesse ir, mas sua atitude tinha sido um pouco idiota – e a preocupação quase ciumenta por Jill era estranha também. Lissa não tinha nenhuma razão para duvidar dos sentimentos de Christian, certamente não por alguém como Jill. As linhas de humor de Lissa me lembravam muito dos velhos tempos.

O mais provável era que ela estava muito cansada, mas um instinto – talvez fosse parte da ligação – me disse que algo estava errado. Foi uma sensação fugaz, uma que eu não conseguia entender direito, como a água deslizando pelos meus dedos. Ainda assim, meus instintos tinham estado certos antes, e eu decidi que iria checar Lissa com mais frequência.

DOZE

Estar com Lissa me deixou com mais perguntas do que respostas, e sem um plano de ação, eu simplesmente continuei a ficar com os Belikov nos próximos dias. Eu caí numa rotina normal, de novo surpresa por quão fácil era. Eu me esforcei para me fazer ser útil, fazendo qualquer tarefa que eles me deixassem fazer indo até cuidar do bebê (algo que eu não estava inteiramente confortável fazendo, já que como guardiã em treinamento não tinha sobrado muito tempo para trabalhos depois da escola, como por exemplo o de babá). Yeva me observou o tempo todo, sem nunca dizer nada mas sempre parecendo como se ela estivesse desaprovando. Eu não tinha certeza se ela queria que eu fosse embora ou se era assim que ela sempre parecia. Os outros, no entanto, não me questionaram. Eles ficaram felizes por me ter por perto e deixaram óbvio a cada movimento. Viktoria estava especialmente feliz.

“Eu queria que você pudesse voltar para a escola conosco,” Viktoria disse desejosa uma tarde. Ela e eu estivemos passando muito tempo juntas. “Quando você volta?”

“Domingo, logo depois da páscoa.”

Eu senti um pouco de tristeza. Independente de eu ainda estar aqui ou não, eu iria sentir falta dela. “Oh, cara. Eu não percebi que já era tão logo.”

Um pequeno silêncio caiu entre nós; então ela me deu um olhar de lado. “Você pensou... bem, você pensou em talvez voltar para St. Basil conosco?”

Eu encarei. “St. Basil? Sua escola também tem o nome de um santo?” Nem todas tinham. Adrian tinha frequentado uma escola na costa leste chamada Alder.

“O nosso é um santo humano,” ela disse com um sorriso. “Você poderia frequentar lá. Você poderia terminar seu último ano – tenho

certeza que eles vão receber você.”

De todas as opções malucas que eu tinha considerado nesta viagem, e acreditei em mim – eu considereei um monte de coisas malucas – coisas que nunca passaram pela minha cabeça. Eu saí da escola. Eu tinha a certeza que não havia mais nada que eu pudesse aprender – bem, após encontrar Sydney e de Mark, se tornou óbvio que ainda havia ainda mais algumas coisas.

Considerando o que eu queria fazer com minha vida, no entanto, eu não achei que outro semestre de matemática e ciência faria muito para mim. E quanto ao treinamento para guardião, na maior parte tudo que eu tinha que fazer era me preparar para os testes do fim de ano. Eu de alguma forma duvidava que esses testes e desafios chegassem sequer remotamente perto do que eu já experimentei com os Strigoi.

Eu balancei a cabeça, “Acho que não. Acho que terminei a escola. Além do mais, tudo será em russo.”

“Eles traduzem para você.” Um sorriso travesso se acendeu no rosto dela. “Além do mais, chutar e socar se traduz em qualquer língua.” O sorriso dela desapareceu um pouco com a expressão pensativa dela. “Mas sério. Se você não vai terminar a escola, e você não vai ser um guardião... bem, porque você não fica aqui? Eu quero dizer, em Baia. Você poderia viver conosco.”

“Não vou ser uma meretriz de sangue,” eu disse imediatamente.

Um olhar estranho cruzou o rosto dela. “Não é o que eu quis dizer.”

“Não deveria ter dito isso. Desculpe.” Eu me senti mal pelo comentário. Enquanto eu continuava a ouvir rumores sobre meretrizes de sangue na cidade, eu só tinha visto uma ou duas, e certamente as mulheres Belikov não estavam entre elas. A gravidez de Sonya era um mistério, mas trabalhar numa farmácia não parecia tão sórdido. Eu soube um pouco sobre a situação de Karolina. O pai dos filhos dela era um Moroí que ela aparentemente tinha uma conexão genuína. Ela não tinha se banalizado para ficar com ele, e

ele não a usou. Depois que o bebê nasceu, os dois decidiram se separar, mas foi amigável. Karolina agora estava aparentemente saindo com um guardião que a visitava sempre que podia.

As poucas meretrizes de sangue que eu vi na cidade se encaixavam no estereótipo. Suas roupas e maquiagem gritavam sexo fácil. Os machucados em seus pescoços claramente mostrava que elas não tinham problema em deixar seus parceiros beber sangue durante o sexo, o que era a coisa mais baixa que um dhampir poderia fazer. Só humanos davam sangue para os Moroi. Minha raça não. Permitir isso – particularmente durante a atividade sexual – bem, como eu disse, era baixo. A coisa mais suja das sujas.

“Mamãe adoraria que você ficasse. Você poderia conseguir um trabalho também. Só ser parte da nossa família.”

“Não posso tomar o lugar de Dimitri, Viktoria,” eu disse suavemente.

Ela estendeu a mão e deu um aperto tranquilizador. “Eu sei. Ninguém espera que você o substitua. Gostamos de você, Rose. Você estar aqui parece o certo – tem um motivo do porque Dimka escolheu ficar com você. Você se encaixa aqui.”

Eu tentei imaginar a vida que ela descrevia. Soava... fácil. Confortável. Nenhuma preocupação. Só viver com uma família adorável, rindo e ficar juntos a noite. Eu poderia viver minha própria vida, sem ter que seguir alguém o dia todo. Eu teria irmãs. Não haveria lutas – a não ser que fosse para defender. Eu poderia desistir desse plano de matar Dimitri – que eu sabia que me mataria também, tanto física quanto espiritualmente. Eu poderia escolher o caminho racional, deixar ele ir e aceitar sua morte. E, ainda sim... se eu fizesse isso, porque não voltar para Montana? Voltar para Lissa e a Academia?

“Eu não sei,” eu disse finalmente a Viktoria. “Não sei o que vou fazer.”

Era logo depois da janta, e ela olhou hesitante para o relógio. “Eu não quero deixar você já que não temos muito tempo juntas,

mas... eu fiquei de encontrar alguém...”

“Nikolai?” eu provoquei.

Ela negou, e eu tentei esconder meu desapontamento. Eu o vi algumas vezes, e ele pareceu cada vez mais confiável. Era uma pena que Viktoria não sentia nada por ele. Agora, eu me perguntei se haveria algo impedindo ela – ou melhor, alguém.

“Oh, desembucha,” eu disse com um sorriso. “Quem é ele?”

Ela manteve seu rosto em branco numa boa imitação de Dimitri. “Um amigo,” ela disse evasivamente. Mas pensei ter visto um sorriso nos olhos dela.

“Alguém da escola?”

“Não,” ela suspirou. “E esse é o problema. Vou sentir tanto a falta dele.”

Meu sorriso sumiu. “Posso imaginar.”

“Oh.” Ela parecia envergonhada. “Isso foi idiota da minha parte. Meus problemas... bem, eles não são nada comparado aos seus. Eu quero dizer, não vou ver ele por um tempo... mas vou ver ele. Mas Dimitri se foi. Você não vai ver ele de novo.”

Bem, isso não era inteiramente verdade. Mas eu não disse isso a ela. Ao invés disso eu só disse, “Yeah.”

Para minha surpresa, ela me deu um abraço. “Eu sei como é o amor. Perder isso... eu não sei. Não sei o que dizer. Tudo que posso te dizer é que estamos aqui por você. Todos nós, ok? Você não pode substituir Dimitri, mas você parece ser nossa irmã.”

Ela me chamar de irmã tanto me atordoou quanto aqueceu. Ela teve que ir se preparar para seu encontro afinal de contas. Ela rapidamente trocou de roupa e colocou maquiagem – definitivamente mais do que um amigo, eu decidi – e saiu pela porta. Eu fiquei meio feliz porque eu não queria que ela visse as lágrimas que as palavras dela trouxeram para meus olhos. Eu passei minha vida toda como filha única. Lissa era o mais perto que eu tinha de uma irmã. Eu sempre pensei em Lissa como uma; uma que

agora eu perdi. Ouvir Viktoria me chamar de irmã agora... bem, ligou algo em mim. Algo que me disse que eu realmente tinha amigos e não estava sozinha.

Eu fui até a cozinha depois disso, e Olena logo se juntou a mim. Eu estava procurando comida.

“Foi Viktoria que ouvi sair?” ela perguntou.

“Yeah, ela foi ver um amigo.” Para crédito meu, eu mantive minha expressão neutra. De jeito nenhum eu iria dedurar Viktoria. Olena suspirou. “Eu queria que ela fizesse umas coisas na cidade.”

“Eu faço,” eu disse ansiosa. “Depois que eu pegar algo para comer.”

Ela me deu um sorriso gentil e deu tapinhas na minha bochecha. “Você tem um bom coração, Rose. Posso ver porque Dimka amou você.”

Era tão maravilhoso, eu pensei, como foi aceita a minha relação com Dimitri por aqui. Ninguém mencionou idade ou a relação professor-aluno.

Como eu tinha dito Sydney, era como se eu fosse a viúva dele ou algo assim, e as palavras de Viktoria sobre mim ficaram se repetindo na minha cabeça. A maneira como Olena olhava para mim me fez me sentir como se eu realmente fosse sua filha, e mais uma vez, experimentei aqueles sentimentos traidores em relação a minha própria mãe. Ela provavelmente teria zombado de mim e Dimitri. Ela o teria chamado de inadequado e dito que eu era muito jovem. Ou será que ela teria? Talvez eu estivesse sendo muito dura.

Me vendo na frente do armário aberto, Olena balançou a cabeça em reprovação. “Mas você precisa comer primeiro.”

“Apenas um lanche,” assegurei ela. “Não vai ter nenhum problema.”

Ela acabou cortando pedaços grandes de pão preto que ela assou mais cedo naquele dia e colocou um monte de manteiga, porque ela sabia que eu gostava de uma quantidade generosa nas minhas

fatias. Karolina tinha me provocado dizendo que os americanos ficariam chocados em saber o que tinha neste pão, por isso nunca fiz perguntas. Ele era, de alguma forma doce e picante ao mesmo tempo, e eu adorei.

Olena sentou na minha frente e ficou me olhando comer. "Este era o favorito dele quando ele era pequeno."

"De Dimitri?"

Ela concordou. "Sempre que ele estava de férias da escola, a primeira coisa que ele pedia era esse pão. Eu praticamente tinha que fazer uma nova fornalha toda vez que ele comia. As garotas nunca comeram muito."

"Caras sempre parecem comer mais." Eu admito, eu posso acompanhar a maioria deles. "E ele era mais alto e maior que a maioria."

"Verdade," ela meditou. "Mas eu finalmente atingi um ponto em que eu fiz ele começar a assar ele mesmo. Eu disse a ele que se ele iria comer toda a minha comida, era melhor ele saber o trabalho que dava fazer."

Eu ri. "Eu não consigo imaginar Dimitri assando pão."

E, no entanto, logo que as palavras saíram, eu as reconsiderarei. Minhas associações imediatas com Dimitri eram sempre intensas e ferozes; era sua personalidade "sexy", deus de batalha que vinha a minha mente. No entanto, tinha sido a gentileza e ponderação misturada com aquela capacidade mortal que o faziam ser tão maravilhoso. As mesmas mãos que empalavam com tanta precisão cuidadosamente tiravam o cabelos do meu rosto. Os olhos que poderiam astutamente localizar qualquer perigo na área me olhava com admiração e adoração, como se eu fosse a mulher mais linda e maravilhosa do mundo.

Suspirei, consumida por aquela dor agri-doce no meu peito, que se tornou tão familiar agora. Que coisa idiota, ficar agitada com uma fatia de pão entre todas as coisas. Mas era assim que era. Eu ficava emocional sempre que pensava em Dimitri.

Os olhos de Olena estavam em mim, doces e compassivos. “Eu sei,” ela disse, adivinhando meus pensamentos. “Eu sei exatamente como se sente.”

“Fica mais fácil?” eu perguntei.

Diferente de Sydney, Olena tinha uma resposta. “Sim. Mas nunca será a mesma coisa.”

Eu não sabia se deveria ou não sentir conforto com aquelas palavras. Depois que terminei de comer, ela me deu uma breve lista de compras, e eu fui para o centro, feliz por estar em movimento lá fora. Inatividade não me caía bem.

Enquanto estava no mercado, fiquei surpresa por encontrar Mark. Eu tinha a impressão que ele e Oksana não vinham muito para a cidade. Eu não me surpreenderia com eles cultivando seu próprio alimento e viver da terra. Ele me deu um sorriso quente. “Eu fiquei pensando se você ainda estava por aí.”

“Yeah.” Eu mostrei minha cesta. “Estou fazendo umas compras para Olena.”

“Fico feliz que você ainda esteja aqui,” ele disse. “Você parece mais... em paz.”

“Seu anel está ajudando, eu acho. Pelo menos com a paz. Não fez muito no que se trata de decisões.”

Ele franziu, trocando de mão o leite que ele segurava. “Que decisão?”

“O que fazer agora. Onde ir.”

“Porque não fica aqui?”

Era assustadoramente tão semelhante a conversa que tive com Viktoria. E minha resposta foi igualmente similar. “Não sei o que fazer se eu ficar aqui.”

“Arranje um trabalho. Viva com os Belikov. Eles te amam, sabe. Você se encaixa bem na família.”

Aquele sentimento quente voltou, e de novo eu tentei me imaginar junto com eles, trabalhando numa loja como essa ou atendendo mesas.

“Eu não sei,” eu disse. Eu era um disco arranhado. “Não sei se isso é o certo para mim.”

“Melhor do que a alternativa,” ele avisou. “Melhor do que fugir sem propósito, se jogando na cara do perigo. Essa não é uma escolha.”

E, no entanto, foi a razão de eu ter vindo para a Sibéria em primeiro lugar. Minha voz interior me repreendeu. Dimitri, Rose. Você esqueceu Dimitri? Você esqueceu de que você veio aqui para libertar ele, como ele teria querido? Ou era isso realmente o que ele teria querido? Talvez ele quisesse que eu ficasse segura. Eu não sabia, e sem a ajuda de Mason, minhas escolhas ficaram ainda mais confusas. Pensar em Mason, de repente me lembrou algo que eu esqueci totalmente.

“Quando nós falamos antes... bem, nós conversamos sobre o que Lissa e Oksana podem fazer. Mas e você?”

Mark estreitou os olhos. “O que você quer dizer?”

“Você já... você já encontrou, um, fantasmas?”

Alguns minutos se passaram e então ele exalou. “Eu esperava que isso não acontecesse com você.”

Me surpreendeu o quão alívio eu senti ao saber que eu não estava sozinha nas minhas experiências fantasmagóricas. Embora agora eu entendesse que ter morrido e ido para o mundo dos mortos me fez um alvo para os espíritos, isso ainda era uma das coisas mais esquisitas de ser shadow-kissed.

“Aconteceu sem você querer?” Eu perguntei.

“A princípio. Então eu aprendi a controlar.”

“Eu também.” De repente, lembrei do celeiro. “Na verdade, isso não é inteiramente verdade.”

Abaixando minha voz ainda mais, eu recapitulei rapidamente o que tinha acontecido em minha viagem para cá com Sydney. Eu nunca tinha falado sobre isso com ninguém.

“Você nunca, nunca mais deve fazer isso de novo,” disse ele severamente.

“Mas eu não queria! Simplesmente aconteceu.”

“Você entrou em pânico. Você precisava de ajuda, e uma parte de você chamou os espíritos ao seu redor. Não faça isso. Não é certo, e é fácil perder o controle.”

“Eu nem sei como fiz isso.”

“Como eu disse, lapso de controle. Nunca deixe seu pânico tirar o melhor de você.”

Uma mulher mais velha passou por nós, um lenço na cabeça e um cesto de hortaliças em seus braços. Eu esperei até que ela se fosse antes de perguntar a Mark, “Porque eles lutam por mim?”

“Porque os mortos odeiam Strigoi. Os Strigoi não são naturais, nem vivo nem morto, só existem em meio termo. Assim como sentimos o mal, o mesmo acontece com os fantasmas.”

“Parece que eles poderiam ser uma boa arma.”

Aquele rosto, normalmente, fácil e aberto, franziu. “É perigoso. Pessoas como você e eu já estamos na beira da escuridão e da insanidade. Apelar para os mortos só nos traz mais perto de perder a cabeça.” Ele olhou para o relógio e suspirou. “Olha, eu tenho que ir, mas estou falando sério, Rose. Fique aqui. Fique longe de problemas. Lute com Strigoi se eles vierem até você, mas não vá atrás deles cegamente. E definitivamente deixe os fantasmas em paz.”

Foram vários conselhos para dar numa mercearia, vários conselhos que eu não tinha certeza de que eu poderia seguir. Mas eu agradeci e mandei lembranças a Oksana antes

de pagar e sair. Eu estava voltando para a Olena quando eu virei uma esquina e dei um encontrão em Abe.

Ele estava vestido de sua forma extravagante habitual, vestindo o casaco caro e um lenço amarelo-ouro que combinava com o ouro em suas joias. Seus guardiões pairavam nas proximidades, e ele se inclinou casualmente contra a parede de um edifício de tijolos.

“Então é por isso que você veio para a Rússia. Para ir para o mercado como um camponês.”

“Não,” eu disse. “Claro que não.”

“Apenas passear então?”

“Não. Eu só estou sendo útil. Pare de tentar obter informações de mim. Você não é tão esperto quanto você pensa que é.”

“Isso não é verdade,” disse ele.

“Olha eu já te disse. Eu vim contar as novidades aos Belikov. Então volte e conte a quem quer que seja que você está trabalhando nisso.”

“E eu te disse para não mentir para mim,” ele disse. De novo, eu vi aquela estranha mistura de perigo e humor. “Você não faz ideia do quão paciente tenho sido com você. De qualquer outro, eu teria conseguido a informação que eu precisava na primeira noite.”

“Sorte minha,” eu surtei em resposta. “E agora? Você vai me levar para o beco e bater em mim até eu te dizer porque estou aqui? Estou perdendo o interesse na rotina de mafioso assustador, sabia.”

“E estou perdendo a paciência com você,” ele disse. Lá se foi o humor, e enquanto ele estava parado perto de mim, não pude deixar de notar inquieta que ele tinha mais músculos do que a maioria dos Moroi. Muitos Moroi evitavam brigas, mas eu não ficaria surpresa se Abe tivesse brigado com tantas pessoas como seus guardiões. “E honestamente? Eu não me importo mais com o porque de você estar aqui. Só vá embora. Agora.”

“Não me ameace, velhote. Eu vou embora quando quiser.” Era engraçado, eu tinha acabado de jurar para Mark se eu iria ficar em Baia, mas quando Abe me pressionou, eu só quis me segurar. “Eu

não sei o que você está tentando fazer, mas não tenho medo de você.” Isso também não era inteiramente verdade.

“Você deveria ter,” ele respondeu agradável. “Posso ser um amigo muito bom ou um péssimo inimigo. Eu posso fazer com que valha a pena você partir. Podemos fazer um trato.”

Tinha um brilho excitante nos olhos dele enquanto ele falava. Eu lembrei de Sydney dizendo que ele manipulava os outros, e eu tinha o pressentimento que era para isso que ele vivia – negociar, fazer negócios para conseguir o que ele queria.

“Não,” eu disse. “Vou partir quando estiver pronta. E não tem nada que você ou pra quem quer que você esteja trabalhando possam fazer para mudar isso.”

Esperando parecer corajosa, eu virei. Ele me alcançou e agarrou meu ombro, me empurrando para trás, quase fazendo eu derrubar as compras. Eu comecei a entrar no modo de ataque, mas os guardiões dele estavam ali em um segundo. Eu sabia que não iria longe.

“Seu tempo aqui acabou,” assoviou Abe. “Em Baía. Na Rússia. Volte para os EUA. Eu vou te dar o que você precisa – dinheiro, passagem de primeira classe, tanto faz.”

Eu sai do alcance dele, me afastando com cuidado. “Não preciso da sua ajuda ou do seu dinheiro – que só Deus sabe de onde ele vem.” Um grupo de pessoas viraram no canto do outro lado da rua, rindo e conversando, e eu me afastei mais, certa que Abe não iria fazer uma cena com testemunhas presentes. Me fez sentir corajosa, o que provavelmente foi idiota da minha parte. “E eu já te disse: Eu vou quando quiser.”

Os olhos de Abe se ergueram para os outros pedestres, e ele também se afastou até seus guardiões. Aquele sorriso frio em seu rosto. “E eu te disse. Eu posso ser um amigo muito bom ou um terrível inimigo. Saia de Baía antes que você descubra qual deles sou.”

Ele virou e partiu, para meu alívio. Eu não queria que ele visse quanto medo as palavras dele trouxeram para meu rosto.

Eu fui para cama cedo aquela noite, de repente me sentindo anti social. Eu fiquei deitada ali por um tempo, folheando uma revista que eu não conseguia rir, e incrivelmente me encontrei ficando mais e mais cansada. Eu acho que o encontro com Mark e Abe me cansaram. As palavras de Mark sobre ficar tinham batido perto demais de casa depois da minha conversa com Viktoria. As ameaças de Abe ergueram todas as minhas defesas, me colocando em guarda contra quem quer que estivesse trabalhando com ele para me fazer ir embora da Rússia. Naquele ponto, eu me perguntei, ele realmente perderia a paciência e pararia de tentar negociar?

Eu cai no sono e um senso familiar de um Adrian sonho me envolveu. Fazia um longo tempo desde que isso aconteceu, e eu acho que ele me ouviu quando eu disse a ele para ficar longe antes. É claro, eu sempre dizia isso a ele. Esse tinha sido o maior período de tempo sem uma visita, e por mais que eu odiasse admitir, eu meio que sentia falta dele.

O lugar que ele escolheu essa vez ficava na propriedade da academia, uma área cheia de árvores perto de um lago. Tudo estava verde e florescendo, e o sol brilhava acima de nós. Eu suspeitei que a criação de Adrian não combinava de como o clima de Montana estava agora, mas de novo, ele estava no controle. Ele poderia fazer o que ele quisesse.

“Pequena dhampir,” ele disse, sorrindo. “A quanto tempo.”

“Eu pensei que você tinha terminado comigo,” eu disse, sentando numa enorme pedra.

“Nunca termino com você,” ele disse, enfiando as mãos nos bolsos e andando até mim. “Embora... para falar a verdade, eu pretendi ficar longe dessa vez. Mas, bem, eu tinha que me certificar que você estava viva.”

“Viva e saudável.”

Ele sorriu para mim. O sol brilhou no cabelo castanho dele, fazendo luzes douradas. “Bom. Você parece muito bem, na verdade. Sua aura está melhor do que nunca.” Os olhos dele desceram do meu rosto para onde minhas mãos estavam no meu colo. Franzindo, ele se abaixou e pegou minha mão direita. “O que é isso?”

O anel de Oksana estava nela. Apesar da falta de decoração do anel, o metal brilhava na luz. Os sonhos eram tão estranhos. Mesmo que Adrian e eu não estivéssemos juntos, exatamente, o anel me seguiu e manteve seu poder forte o bastante para ele sentir.

“Um amuleto. Está fundido com espírito.”

Como eu, isso era aparentemente algo que ele nunca considerou. A expressão dele ficou ansiosa. “E ele cura, certo? É o que está mantendo a escuridão longe da sua aura.”

“Um pouco,” eu disse, agitada com a fixação dele. Eu o tirei e coloquei no meu bolso. “É temporário. Eu conheci outro usuário de espírito – e um dhampir shadow-kissed.”

Mais surpresa se registrou no rosto dele. “O que? Onde?”

Eu mordi meus lábios e balancei a cabeça.

“Merda, Rose! Isso é muito importante. Você sabe que Lissa e eu estivemos procurando por usuários de espírito. Me diga onde eles estão.”

“Não. Talvez mais tarde. Não quero vocês vindo atrás de mim.” Por tudo que sabia, eles já estavam atrás de mim, usando Abe como seu agente. Os olhos verdes dele ficaram irritados. “Olha, finja por um momento que o mundo não gira em torno de você, ok? Isso é sobre Lissa e eu, sobre entender essa magia maluca dentro de nós. Se você tem pessoas que podem nos ajudar, precisamos saber.”

“Talvez mais tarde,” eu repeti dura. “Estarei me mudando logo – então te conto.”

“Porque você é sempre tão difícil?”

“Porque você gosta de mim assim.”

“No momento? Nem tanto.”

Era o tipo de comentário de brincadeira que Adrian normalmente fazia, mas então algo me incomodou. Por alguma razão, eu tinha o menor, menor pressentimento que eu de repente não era tão simpática para ele, como de costume.

“Só tente ser paciente,” eu disse a ele. “Tenho certeza que vocês tem outras coisas para fazerem. E Lissa parece bem ocupada com Avery.” As palavras escaparam antes de eu impedir, e um pouco da amargura e da inveja que eu senti observando eles ontem a noite apareceu no meu tom.

Adrian ergueu uma sobrancelha. “Senhoras e senhores, ela admite. Você esteve espionando Lissa – e sabia.”

Eu desviei o olhar. “Eu só queria saber se ela estava viva também.” Como se eu pudesse ir a qualquer lugar no mundo e não saber disso.

“Ela está. Viva e bem, como você. Er... quase bem.” Adrian franziu. “As vezes eu recebo essa estranha vibração dela. Ela não parece muito certa ou a aura dela pisca um pouco. Nunca dura muito, mas ainda me preocupa.” Algo na voz de Adrian se suavizou. “Avery se preocupa com ela também, então Lissa está em boas mãos. Avery é incrível.”

Eu dei a ele um olhar ferido. “Incrível? Você gosta dela ou algo assim?” Eu não tinha esquecido o comentário de Avery sobre deixar a porta destrancada para ele.

“É claro que gosto. Ela é uma ótima pessoa.”

“Não, eu quero dizer gosta. Não gosta.”

“Oh, eu vejo.” Ele disse, virando os olhos. “Estamos lidando com a definição da escola de „gostar?“

“Você não respondeu a pergunta.”

“Bem, como eu disse, ela é uma ótima pessoa. Inteligente. Extrovertida. Linda.”

Algo na forma como ele disse “Linda” me incomodou. Eu desviei os olhos de novo, brincando com o nazar azul ao redor do meu

pescoço enquanto tentava entender meus sentimentos. Adrian entendeu a coisa primeiro.

“Você está com ciúmes, pequena dhampir?”

Eu olhei para ele. “Não. Se eu fosse ter ciúmes de você, eu teria ficado louca a muito tempo, considerando todas as garotas que você mexe.”

“Avery não é o tipo de garota que você mexe.”

De novo, eu ouvi aquela afeição na voz dele, aquele devaneio. Não deveria ter me incomodado. Eu deveria ficar feliz por ele estar interessado em outra garota. Afinal de contas, eu estive tentando convencer ele a me deixar em paz a um bom tempo. Parte das condições dele me dar dinheiro para essa viagem tinha envolvido prometer a ele em lhe dar uma chance em sair quando – e se – eu voltasse para Montana. Se ele ficasse com Avery, seria uma coisa a menos para me preocupar.

E honestamente, se fosse qualquer outra garota a não ser Avery, eu provavelmente não teria me importado. Mas de alguma forma, a ideia dela encantando ele era demais. Já não era ruim o bastante eu estar perdendo Lissa para ela? Como era possível que uma garota pudesse tão facilmente me substituir? Ela roubou minha melhor amiga, e agora o cara que tinha jurado que eu era a única que ele queria estava considerando me substituir.

Você está sendo hipócrita, uma voz dentro de mim disse. Porque você deveria sentir tanto sobre outra pessoa entrar na vida deles? Você os abandonou. Lissa e Adrian. Eles tem o direito de seguir em frente.

Eu levantei com raiva. “Olha, chega de falar com você hoje. Você vai me deixar sair desse sonho? Não vou te dizer onde estou. Não estou interessada em ouvir sobre o quão maravilhosa Avery é e como ela é melhor do que eu.”

“Avery nunca agiria como um pirralha,” ele disse. “Ela não ficaria tão ofendida por alguém se importar o bastante para checar ela. Ela não me negaria a chance de saber mais sobre minha mágica porque

ela não ficaria paranóica que alguém arruinasse a tentativa maluca dela de superar a morte do namorado dela.”

“Não fale comigo sobre ser uma pirralha,” eu respondi. “Você é tão egoísta e se importa só com você mesmo como sempre. Tudo é sempre sobre você – até esse sonho. Você me segura aqui contra a vontade, quer eu queira ou não, porque diverte você.”

“Tudo bem,” ele disse, a voz fria. “Vou terminar isso. E tudo entre nós. Eu não vou voltar.”

“Ótimo. Eu espero que você esteja falando sério dessa vez.”

Os olhos verdes dele foram a última coisa que eu vi antes de acordar na minha cama.

Eu levantei, ofegando. Meu coração parecia estar se quebrando, e eu quase pensei que iria chorar. Adrian tinha razão – eu fui uma pirralha. Eu briguei com ele quando ele não merecia. E ainda sim... eu não fui capaz de impedir. Eu sentia falta de Lissa. Eu sentia falta até de Adrian. E agora outra pessoa estava tomando o meu lugar, alguém que não iria se afastar como eu o fiz.

Eu não vou voltar.

E pela primeira vez, eu tinha o pressentimento que ele não voltaria.

TREZE

O dia seguinte era páscoa. Todo mundo estava de pé e andando, se aprontando para ir para igreja. A casa toda tinha um cheiro delicioso, cheio dos temperos da culinária de Olena. Meu estômago roncou, e eu me perguntei se eu ia aguentar esperar até o enorme jantar que ela preparou. Embora eu nem sempre tivesse certeza sobre Deus, eu fui a igreja a minha vida toda. Na maior parte, era uma cortesia aos outros, uma forma de ser educada e social. Dimitri ia porque ele encontrava paz lá, e eu estava me perguntando se ir hoje fosse me oferecer uma dica do que eu deveria fazer.

Eu me sentia um pouco mal arrumada acompanhando os outros. Todos eles se vestiram bem, mas eu não tinha nada a não ser jeans e camiseta. Viktoria, notando meu horror, me emprestou uma blusa branca que era um pouco apertada mas ainda sim caia bem. Assim que sentei com a família em um banco, eu olhei ao redor, me perguntando como Dimitri tinha conseguido consolo na capela da Academia quando ele cresceu nesse lugar.

Era enorme. Cabiam quatro capelas. O teto era mais alto e mais elaborado, e decorações douradas e ícones de santos pareciam cobrir todas as superfícies. Era incrível, deslumbrante para os olhos. O cheiro de incenso estava pesado no ar, tanto que eu podia até mesmo ver a fumaça.

Haviam várias pessoas ali, humanos e dhampir, e fiquei surpresa por ver até alguns Moroi. Aparentemente, os Moroi que visitavam a cidade eram devotos o bastante para virem a igreja, apesar das atividades sórdidas que eles possivelmente estavam procurando aqui. E falando em Moroi...

"Abe não está aqui," eu disse para Viktoria, olhando ao redor. Ela estava na minha esquerda; Olena estava na direita. Embora ele não tivesse me parecido o tipo religioso, eu meio que esperava ele me

seguir para cá. Eu esperava que talvez a ausência dele significasse que ele deixou Baia. Eu ainda estava agitada com nosso último encontro. “Ele saiu da cidade?”

“Eu acho que ele é mulçumano,” Viktoria explicou. “Mas pelo que eu soube, ele ainda está por ai. Karolina o viu hoje de manhã.”

Maldito Zmey. Ele ainda não tinha partido. O que ele tinha dito? Bom amigo horrível inimigo.

Quando não disse nada, Viktoria me deu um olhar preocupado. “Ele nunca fez nada realmente ruim. Ele normalmente tem reuniões e então desaparece. Eu falei sério antes quando disse não achava que ele iria te machucar, mas agora você está me preocupando. Você está em algum tipo de problema?”

Excelente pergunta. “Eu não sei. Ele simplesmente parece interessado em mim, só isso. Eu não sei porque.”

O franzido dela se aprofundou. “Não vamos deixar nada acontecer com você,” ela disse ferozmente.

Eu sorri, tanto da preocupação dela como por causa da semelhança dela com Dimitri naquele momento. “Obrigado. Tem algumas pessoas em casa que podem estar procurando por mim, e eu acho que Abe está apenas... me checando.” Esse era um ótimo

jeito de descrever que iria me arrastar de volta para os EUA chutando e gritando – ou ia simplesmente me fazer desaparecer de vez.

Viktoria para sentir que eu estava suavizando a verdade. “Bem, falei sério. Não vamos deixar nada acontecer com você.”

A missa começou, cortando a conversa. As palavras do padre eram lindas, mas significou ainda menos para mim do que as missas normalmente significavam. Ela era toda em russo, como no funeral, e ninguém iria se incomodar em traduzir para mim hoje. Não importava. Falando na beleza dos arredores, eu encontrei minha mente divagando. A esquerda do altar, um anjo com cabelos dourados olhava para mim em um ícone a quatro metros de altura.

Uma memória inesperada veio até mim. Dimitri uma vez conseguiu permissão para acompanhar ele numa rápida viagem de fim de semana para Idaho para encontrar alguns outros guardiões. Idaho não era um lugar que eu estava ansiosa para ir, mas eu dei boas vindas ao tempo com ele, e ele convenceu os oficiais da escola que era uma "experiência de aprendizado". Isso foi logo depois da morte de Mason, e depois da onda de choque que aquela tragédia enviou pela escola, eu acho que eles teriam me permitido fazer qualquer coisa, para ser honesta.

Infelizmente, tinha pouco de romance ou lazer na viagem. Dimitri tinha um trabalho para fazer, e ele tinha que fazer rapidamente. Então fizemos o melhor tempo que pudemos, parando somente quando era absolutamente necessário. Considerando nossa última viagem que envolveu encontrar um massacre Moroí, essa provavelmente seria melhor. Como sempre, ele não me deixou dirigir, apesar de eu ter alegado que eu poderia chegar lá na metade do tempo. Ou talvez fosse por isso que ele não me deixou dirigir.

Paramos em certo ponto para colocar gasolina e pegar comida em uma loja. Estávamos nas montanhas em algum lugar, em uma pequena cidade que rivalizava St. Vladimir na localização remota. Eu podia ver montanhas, em um dia limpo, da escola, mas era uma experiência totalmente diferente estar nelas. Elas nos cercavam e estavam tão perto que parecia que você poderia simplesmente saltar e pousar em uma delas. Dimitri estava terminando com o carro. Segurando meu sanduíche, eu fui até o posto para olhar melhor.

Qualquer que fosse a civilização que o posto de gasolina oferecia desapareceu assim que eu cheguei. Pinheiros cheios de neve se estendiam infinitamente diante de mim, e tudo estava parado e quieto, a não ser o som distante da estrada atrás de mim. Meu coração doía pelo que tinha acontecido com Mason, e eu ainda estava tendo pesadelos com os Strigoi que tinham nos mantido em cativeiro. A dor estava muito longe de desaparecer, mas alguma coisa sobre este cenário pacífico me acalmou por um momento.

Olhando para a neve intocada, um pensamento maluco me ocorreu. Eu me permiti cair no chão. A neve grossa me abraçou, e eu fiquei ali por um momento, me confortando em ficar deitada. Então movi minhas pernas e braços para frente e pra trás, fazendo novos buracos na neve. Quando terminei, eu não levantei imediatamente. Eu simplesmente continuei deitada, olhando para o céu azul.

“O que,” perguntou Dimitri, “você está fazendo? Fora esfriar seu sanduíche.”

A sombra dele caiu em mim, e eu olhei para a forma alta dele. Apesar do frio, o sol estava alto, e seu raios iluminavam o cabelo dele. Ele mesmo poderia ter sido um anjo.

“Estou fazendo um anjo de neve,” eu respondi. “Você não sabe o que é isso?”

“Sim, eu sei. Mas porque? Você deve estar congelando.”

Eu estava usando um casaco de inverno, chapéu, luvas, e todos os acessórios necessários para um tempo frio. Ele tinha razão sobre o sanduíche. “Nem tanto, na verdade. Meu rosto está um pouco, eu acho.”

Ele balançou a cabeça e me deu um sorriso torto. “Você vai ficar com frio quando estiver no carro e toda essa neve começar a derreter.”

“Eu acho que você está mais preocupado com o carro do que comigo.”

Ele riu. “Estou mais preocupado com você pegar pneumonia.”

“É isso? Isso não é nada.” Eu bati no chão ao meu lado. “Vem. Faça um também, e então poderemos ir.”

Ele continuou a olhar para mim. “Para que eu possa congelar também?”

“Para que você se divirta. Para que você deixe sua marca em Idaho. Além do mais, não deveria te incomodar, certo? Você não tem algum tipo de super resistência ao frio por causa da Sibéria?”

Ele suspirou, um sorriso ainda em seus lábios. Foi o bastante para me esquentar até com esse tempo. "Aí vai você de novo, convencida que a Sibéria é como a antártica. Sou da parte sul. O tempo é quase o mesmo que o daqui."

"Você está inventando desculpas," eu disse a ele. "A não ser que você queira me arrastar de volta para o carro, você vai ter que fazer um anjo também."

Dimitri me estudou por vários momentos, e eu pensei que ele realmente fosse me arrastar. Mas o rosto dele ainda estava leve e aberto, e sua expressão estava cheia de carinho o que fez meu coração bater forte. Então, sem aviso, ele caiu na neve ao meu lado, deitando ali em silêncio.

"Ok," eu disse quando ele não fez mais nada. "Agora você tem que mover seus braços e pernas."

"Eu sei como fazer um anjo de neve."

"Então faça! Caso contrário, vai ser mais parecido com um contorno de giz numa cena de crime."

Ele riu de novo, e o som era rico e quente no ar frio. Finalmente, depois de um pouco mais de incentivo da minha parte, ele moveu seus braços e pernas também, fazendo um anjo próprio. Quando ele terminou, eu esperava que ele levantasse e exigisse que voltássemos para a estrada, mas ao invés disso, ele ficou ali também, observando o céu e as montanhas.

"Bonito, huh?" eu perguntei. Minha respiração fazia nuvens no ar. "Eu acho que de certa forma, não é tão diferente quanto a vista do resort de esqui... mas eu não sei. Eu sinto diferente hoje."

"A vida é assim," ele disse. "Conforme crescemos e mudamos, às vezes as coisas que experimentamos antes adquirem um novo significado. Vai acontecer pelo resto da sua vida."

Eu comecei a provocar ele sobre sua tendência de sempre dar essas lições profundas de vida, mas me ocorreu que ele tinha razão. Quando eu comecei a me apaixonar por Dimitri, os sentimentos me consumiram. Nunca senti nada assim antes. Estive convencida que

não havia como eu amar ele ainda mais. Mas agora, depois do que testemunhei com

Mason e os Strigoi, as coisas estavam diferente. Eu amava Dimitri mais intensamente. Eu amava ele de uma forma diferente, de uma forma mais profunda. Algo sobre ver como a vida era frágil me fez apreciar ele mais. Me fez perceber o quanto ele significava para mim e o quão triste eu ficaria se o perdesse.

“Você acha que seria bom ter uma cabana lá?” eu perguntei, apontando para o pico mais próximo. “Na floresta onde ninguém pudesse te encontrar?”

“Eu acho que seria bom. Eu acho que você ficaria entediada.”

Eu tentei me imaginar presa naquela vastidão com ele. Um quarto pequeno, lareira, cama... eu não achava isso chato. “Não seria tão ruim se tivéssemos net. E internet.” E calor corporal.

“Oh, Rose.” Ele não riu, mas eu pude ver que ele estava sorrindo de novo. “Eu não acho que você seria feliz em um lugar tranquilo. Você sempre precisa de algo pra fazer.”

“Você está dizendo que tenho déficit de atenção?”

“De jeito nenhum. Estou dizendo que tem um fogo em você que comanda tudo que você faz, que te faz precisar ser a melhor do mundo para aqueles que você ama. Para defender aqueles que você puder. É um das coisas maravilhosas em você.”

“Uma, huh?” eu falei leve, mas as palavras dele me animaram. Ele falou sério sobre aqueles maravilhosos traços, e sentir o orgulho dele significava mais para mim do que qualquer coisa naquela época.

“Um de muitos,” ele disse. Ele sentou e olhou para mim. “Então, sem cabana pacífica para você. Não até que você seja uma mulher idosa.”

“O que, tipo 40?”

Ele balançou a cabeça em exaspero e levantou, sem responder minha brincadeira. Ainda sim, ele me olhou com a mesma afeição

que eu ouvi em sua voz. Havia admiração também, e eu pensei que eu nunca seria infeliz enquanto Dimitri me achasse maravilhosa e bonita. Se abaixando ele estendeu sua mão. “Hora de ir.”

Eu a peguei, deixando ele me ajudar a levantar. Uma vez de pé, nós ficamos de mãos dadas por um segundo mais do que necessário. Então nos soltamos e admiramos nosso trabalho.

Dois anjos de neve perfeitos – um muito, muito mais alto que o outro. Tendo cuidado para pisar dentro da linha, eu me inclinei e fiz uma linha horizontal acima deles.

“O que é isso?” ele perguntou, quando eu levantei ao lado dele de novo.

“Aureolas,” eu disse com um sorriso. “Para criaturas divinas como nós.”

“Isso pode ser um desenvolvimento.”

Nós estudamos nossos anjos por mais alguns momentos, olhando para onde tínhamos ficado lado a lado em um doce e quieto momento. Eu queria que o que eu tinha dito fosse verdade, que nós tivéssemos realmente deixado nossa marca na montanha. Mas eu sabia que depois da próxima nevasca, nossos anjos iriam desaparecer no nada e não seriam nada além de uma memória.

Dimitri tocou meu braço gentilmente, e sem outra palavra, viramos e voltamos para o carro.

Comparado com aquele momento e a forma que ele olhou para mim lá nas montanhas, eu pensei que o anjo olhando para mim na igreja parecia pálido e sem graça em comparação. Sem ofensas.

A congregação estava enchendo seus assentos depois de pegar o pão e o vinho. Eu fiquei sentada, mas eu entendi algumas das palavras do padre. Vida. Morte. Destruir. Eterno. Eu sabia o bastante sobre tudo isso para juntar o significado. Eu apostaria um bom dinheiro que “ressurreição” era o assunto. Eu suspirei, desejando que fosse realmente assim tão fácil vencer a morte e trazer de volta aqueles que amamos.

A missa terminou, e eu parti com os Belikov, me sentindo melancólica. Enquanto as pessoas passavam perto da entrada, eu vi alguns ovos sendo trocados.

Viktoría disse que isso era uma tradição grande por aqui. Algumas pessoas que eu não conhecia me deram alguns, e me senti um pouco mal por não ter nada para dar em troca. Eu também me perguntei como eu iria comer todos eles. Eles estavam decorados de todo o tipo de forma. Alguns eram de cor simples; outros eram de um design elaborado.

Todos pareciam tagarelar depois da igreja, e ficamos todos do lado de fora. Amigos e familiares se abraçavam e ouviam as fofocas. Eu estava perto de Viktoría, sorrindo e tentando acompanhar as conversas que ocorriam frequentemente em Inglês e Russo.

“Viktoría!”

Viramos e vimos Nikolai vir em nossa direção. Ele nos deu – pelo que, me refiro a ela – um brilhante sorriso. Ele se arrumou para o feriado e estava incrível em uma camisa e gravata verde escuro. Eu olhei para Viktoría, me perguntando se teria algum efeito nela. Nope. O sorriso dela era educado, genuinamente feliz por ver ele, mas não havia nada romântico ali. De novo, eu me perguntei sobre o misterioso “amigo” dela.

Ele tinha alguns caras com ele que eu não conhecia. Eles nos saudaram também. Como os Belikovs, eles pareciam pensar que eu era um elemento permanente por aqui.

“Você ainda vai na festa da Marina?” perguntou Nikolai.

Eu quase tinha esquecido. Foi a festa que ele nos convidou para ir quando o conheci. Viktoría tinha aceito, mas para minha surpresa, ela balançou a cabeça. “Não podemos. Temos planos familiar.”

Isso era novidade para mim. Havia uma possibilidade de algo ter surgido e eu ainda não saber, mas eu duvidava. Eu tinha o pressentimento que ela estava mentindo, e sendo uma amiga leal, eu não disse nada para contradizer ela. Mas foi difícil ver o rosto de Nikolai cair.

“Verdade? Vamos sentir sua falta.”

Ela deu nos ombros. “Vamos nos ver na escola.”

Ele não parecia de bem com isso. “Yeah, mas –”

Os olhos de Nikolai de repente se ergueram do rosto dela e se focaram em algo atrás de nós. Ele franziu. Viktoria e eu olhamos para trás, e eu senti o humor dela mudar também.

Três caras estavam vindo em direção ao nosso grupo. Eles também eram dhampir. Não notei nada estranho neles – fora o sorriso – mas outros Moroi e dhampir reunidos do lado de fora da igreja tinham expressões similares a dos meus companheiros. Problema. Preocupação. Desconforto. Os três caras pararam diante de nós, entrando no nosso círculo.

“Eu pensei que você estaria aqui, Kolya,” disse um. Ele falou um inglês perfeito, e eu levei um momento para perceber que ele estava falando com Nikolai. Eu nunca iria entender os apelidos russos.

“Eu não sabia que você estava de volta,” respondeu Nikolai duramente. Estudando os dois, eu podia ver uma distintiva semelhança. Eles tinham o mesmo cabelo bronze e corpo estrutural. Irmãos, aparentemente.

O olhar do irmão de Nikolai caiu em mim. Ele se alegrou. “E você deve ser a americana não prometida.” Eu não me surpreendi por ele saber quem eu era. Depois do funeral, a maior parte dos dhampirs locais tinham contado histórias sobre a americana que lutou em batalha contra Strigoi mas não carregava nem uma marca de promessa e nem uma marca de formatura.

“Sou Rose,” eu disse. Eu não sabia qual era a desses caras, mas eu certamente não iria mostrar medo entre eles. O cara pareceu apreciar minha confiança e apertou minha mão.

“Sou Denis.” Ele gesticulou em direção a seus amigos. “Artur e Lev.”

“Quando você chegou na cidade?” perguntou Nikolai, ainda não parecendo feliz com essa reunião.

“Essa manhã,” Denis virou para Viktoria. “Ouvi sobre seu irmão. Sinto muito.”

A expressão de Viktoria era dura, mas ela acenou educadamente. “Obrigado.”

“É verdade que ele caiu defendendo os Moroi?”

Eu não gostei da zombaria na voz de Denis, mas foi Karolina que deu voz a meus pensamentos raivosos. Eu não notei ela se aproximar do nosso grupo. Ela não parecia nem um pouco feliz de ver Denis.

“Ele caiu lutando com Strigoi. Ele morreu como um herói.”

Denis deu nos ombros, não afetado pelo tom raivoso na voz dela. “Ainda faz dele morto. Tenho certeza que os Moroi vão cantar o nome dele por anos.”

“Eles vão,” eu respondi. “Ele salvou um enorme grupo deles. E dhampirs também.”

O olhar de Denis voltou para mim, seus olhos pensativos enquanto ele estudava meu rosto por alguns segundos. “Eu ouvi que você esteve lá também. Que vocês dois foram enviados para uma batalha impossível.”

“Não era impossível. Nós ganhamos.”

“Dimitri diria isso se ele estivesse vivo?”

Karolina cruzou os braços. “Se você só está aqui para começar algo, então você deve ir embora. Isso é uma igreja.” Era engraçado. Quando a conheci, eu pensei que ela parecia tão gentil e bondosa, como uma mãe jovem comum trabalhando para sustentar sua família. Mas nesse momento, ela parecia mais do que nunca com Dimitri. Eu podia ver a mesma força nela, aquela ferocidade que levava ela a proteger quem ela amava e enfrentar seus inimigos. Não que aqueles caras fossem seus inimigos, exatamente. Eu honestamente não entendia quem eles eram.

“Estamos apenas conversando,” disse Denis. “Eu só quero entender o que houve com seu irmão. Acredite em mim, eu acho

que a morte dele é uma tragédia.”

“Ele não teria se arrependido,” eu disse a ele. “Ele morreu lutando pelo o que acreditava.”

“Defender outros que o subestimavam.”

“Isso não é verdade.”

“Oh?” Denis me deu um sorriso torto. “Então porque você não trabalha para os guardiões? Você matou Strigoi mas não tem marca da promessa. Nem mesmo uma marca de graduação, eu ouvi. Porque você não está lá fora se jogando na frente dos Moroi?”

“Denis,” disse Nikolai inquieto, “por favor vá embora.”

“Não estou falando com você, Kolya.” Os olhos de Denis ainda estavam em mim. “Só estou tentando entender Rose. Ela mata Strigoi mas não trabalha para os guardiões. Ela claramente não é como o resto das pessoas nessa cidade. Talvez ela seja como nós.”

“Ela não tem nada a ver com você,” Viktoria respondeu.

Então entendi, e um calafrio passou pela minha espinha. Esses eram o tipo de dhampir que Mark tinha falado. Eles eram os verdadeiramente não prometidos. Os vigilantes que caçavam Strigoi sozinhos, aqueles que nunca se assentavam e não respondiam a nenhum guardião. Eles não deveriam ter me irritado, não mesmo. De certa forma, Denis tinha razão... em termos simples, eu realmente era como eles. E ainda sim... tinha algo nesses caras que me parecia errado.

“Então porque você está na Rússia?” perguntou um dos amigos de Denis. Eu já não conseguia lembrar seu nome. “É uma longa viagem para você. Você não teria vindo para cá sem motivo.”

Viktoria estava ficando tão irritada quanto a irmão. “Ela veio nos contar sobre Dimka.”

Denis me olhou. “Eu acho que ela está aqui para caçar Strigoi. Tem mais para escolher na Rússia do que nos EUA.”

“Ela não estaria em Baía caçando Strigoi, seu idiota,” respondeu Viktoria. “Ela estaria em Vladivostok ou Novosibirsk, ou algo assim.”

Novosibirsk. O nome soava familiar. Mas onde eu tinha ouvido? Um momento depois a resposta veio até mim. Sydney tinha mencionado. Novosibirsk era a maior cidade da Sibéria.

Denis continuou. "Talvez ela esteja apenas de passagem. Talvez ela queira se juntar a nós quando formos para Novosibirsk amanhã."

"Pelo amor de Deus," eu exclamei. "Estou bem aqui. Parem de falar de mim como se eu não estivesse. E porque eu iria querer ir com você?"

Os olhos de Denis brilharam com uma luz intensa e febril. "Boa caça lá. Vários Strigoi. Venha conosco, e você pode ajudar a ir atrás deles."

"E quantos de vocês voltam disso?" Karolina perguntou com uma voz dura. "Onde está Timosha? Onde está Vasily? Seu grupo de caçada diminui cada vez que você volta. Qual de vocês vai ser o próximo? Qual família vai ser a próxima a ficar de luto?"

"Fácil falar," respondeu o amigo. Lev, eu acho que esse era o nome dele. "Você fica aqui e não faz nada enquanto nós saímos e mantemos você segura."

Karolina deu um olhar de nojo para ele, e eu lembrei que ela estava saindo com um guardião. "Vocês vão e se metem em situações sem pensar. Se querem nos manter seguros, então fiquei aqui e defendam suas famílias quando eles precisarem. Se querem ir atrás de Strigoi, vão se juntar aos guardiões e trabalhar com aqueles que tem algum senso."

"Os guardiões não caçam Strigoi!" disse Denis. "Eles sentam e esperam e se acovardam diante dos Moroi."

Infelizmente nessa parte ele tinha razão. Mas não totalmente.

"Isso está mudando," eu disse. "Tem um movimento para começar a agir ofensivamente contra Strigoi. Também existe uma conversa sobre deixar os Moroi aprenderem a lutar conosco. Você poderia ajudar sendo parte disso."

“Como você?” ele riu. “Você ainda não nos disse porque está aqui e não com eles. Você pode dizer o que quiser para o resto desse grupo, mas sei porque você está aqui. Eu posso ver em você.” Aquele olhar maluco que ele me deu quase me fez pensar que ele podia. “Você sabe que o único jeito de livrar o mundo do mal é fazer você mesma. Procurar os Strigoi e matar eles, um por um.”

“Sem um plano,” terminou Karolina. “Sem qualquer noção das consequências.”

“Somos fortes e sabemos como lutar. É só isso que é necessário para matar Strigoi.”

E foi então que entendi. Eu finalmente entendi o que Mark estava tentando me dizer. Denis estava dizendo exatamente o que estive pensando desde que saí da St. Vladimir. Eu fugi sem um plano, querendo me colocar em perigo porque eu sentia que tinha uma missão que ninguém mais poderia fazer. Somente eu poderia matar Dimitri. Só eu poderia destruir o mal dentro dele. Eu não pensei sobre como fazer isso – já que Dimitri tinha me derrotado mais vezes numa luta quando ele ainda era dhampir. Com a força e velocidade de um Strigoi agora? As chances estavam definitivamente contra mim. Ainda sim, eu não me importei. Estive obcecada, convencida de que tinha que fazer isso.

Em minha cabeça, o que eu tinha que fazer fazia sentido, mas agora... ouvindo esses sentimentos de Denis, soava loucura. Tão descuidado quanto Mark tinha avisado. Os motivos deles poderia ser bom – assim como os meus eram – mas também eram suicidas. Sem Dimitri, eu honestamente não me importava muito com minha própria vida. Nunca tive medo de me arriscar antes, mas agora eu percebi que havia uma grande diferença entre morrer inutilmente e morrer por uma boa razão. Se eu morresse tentando matar Dimitri porque eu não tinha uma estratégia, então minha vida não teria significado nada.

Então, o padre chegou e disse algo para nós em russo. Pelo seu tom e expressão, eu acho que ele estava perguntando se estava tudo bem.

Ele se misturou com o resto da congregação depois da missa. Sendo humano, ele provavelmente não sabia as políticas dos dhampir, mas ele sem dúvidas podia sentir problemas.

Denis deu a ele um simpático sorriso e deu o que soava como uma explicação educada. O padre sorriu em resposta, acenou, e saiu quando outra pessoa o chamou.

“Chega,” disse Karolina duramente, assim que o padre estava longe.

“Você precisa ir. Agora.”

O corpo de Denis ficou tenso, e o meu respondeu, pronto para lutar. Eu pensei que ele fosse começar algo ali e agora. Alguns segundos depois, ele relaxou e virou em minha direção.

“Mostre elas para mim primeiro.”

“Mostrar o que?” eu perguntei.

“As marcas. Me mostre quantos Strigoi você matou.”

Eu não respondi imediatamente, me perguntando se era um truque. Os olhos de todos estavam em mim. Virando devagar, eu ergui meu cabelo da nuca e mostrei minhas tatuagens. Pequenas marcas em forma de raio, as tatuagens Molnija estavam ali junto com

a marca que eu recebi pela batalha. Pelo som do arfar de Denis, eu estava supondo que ele nunca tinha visto tantas mortes antes. Eu soltei meu cabelo e o olhei.

“Mais alguma coisa?” eu perguntei.

“Você está perdendo seu tempo,” ele finalmente disse, gesticulando para as pessoas atrás de mim. “Com eles. Com esse lugar. Você deveria vir conosco para Novosibirsk. Vamos fazer sua vida valer a pena.

“Eu sou a única que pode fazer qualquer coisa da minha vida.” Eu apontei para a rua. “Pediram para você partir. Vá agora.”

Eu segurei o fôlego, ainda pronta para uma luta. Depois de vários momentos tensos, o grupo se afastou. Antes de virar, Denis me deu uma última olhada.

“Não é isso que você quer e você sabe. Quando mudar de ideia, venha nos procurar na Kasakova 83. Partimos ao nascer do sol amanhã.”

“Vai partir sem mim,” eu disse.

O sorriso de Denis mandou outro calafrio pela minha espinha. “Veremos.”

QUATORZE

O encontro com Denis me deixou ainda mais confusa do que antes. Era uma ilustração chocante do aviso de Mark, um presságio do que eu também me tornaria se não tomasse cuidado. Eu não era realmente igual a Denis, era? Eu não estava procurando perigo sem objetivo. Eu estava procurando perigo... bem, por uma razão. Eu tinha que cumprir a promessa que eu fiz de encontrar Dimitri. Talvez fosse suicídio e eu estivesse apenas me enganando em pensar que era nobre.

Viktoría me deixou pouca oportunidade para pensar. Mais tarde, enquanto a família estava sentada na sala depois de ter comido demais, ela pediu abundantemente para Olena, "Posso ir na Marina? Ela vai fazer uma festa antes da volta as aulas."

Wow. Parecia que Abe e os alquimistas não eram os únicos a manterem segredos por aqui. Eu olhei para o rosto de Viktoría e Olena, curiosa para ver como isso iria se desenrolar. Olena e Yeva estavam tricotando, mas Yeva não olhou para cima. Viktoría falou em inglês. O rosto de Olena se tornou pensativo.

"Você tem que partir cedo amanhã para voltar para a escola."

"Eu sei. Mas posso dormir no ônibus. Todo mundo vai estar lá hoje a noite."

"Todo mundo não é um argumento convincente," disse Olena.

"Todos eles vão estar cansados amanhã também," respondeu Viktoría, sorrindo.

"Você vai perder sua última noite com Rose."

"Eu fico com ela depois que eu voltar."

"Ótimo. E ficará acordada até ainda mais tarde."

"Não tão tarde. Eu volto às duas."

“Absolutamente não. Você volta à meia-noite.” Olena voltou a tricotar. Mas se eu ouvi bem ela permitiu. Viktoria olhou para o relógio. Era quase oito e meia. O rosto dela me disse que ela não estava feliz com o toque de recolher, mas ela aparentemente decidiu aceitar o que ela iria conseguir. Karolina nos deu um olhar estranho enquanto saímos da sala mas ficou em silêncio. Sonya e Paul, distraídos com a TV, mal notaram nossa partida. Eu tinha que descobrir o que estava acontecendo.

“Ok,” eu disse assim que começamos a subir as escadas, “o que está acontecendo? Eu pensei que você não iria na Marina.”

Viktoria sorriu e me levou até seu quarto. Eu recentemente soube que o quarto dela costumava ser de Dimitri, e toda vez que eu entrava ali, eu tinha que resistir a vontade de me enterrar na cama, mesmo que eu soubesse que os lençóis tinham sido lavados incontáveis vezes desde aquela época. De alguma forma, eu poderia imaginar eles cheirarem como Dimitri e me sentir quente como se estivéssemos deitados ali juntos.

“Não vou.” Viktoria começou a mexer em seu armário e pegou um curto vestido vermelho sem mangas, com laços ao redor das alças. O tecido se esticava – do tipo que parecia mostrar tudo. Eu fiquei chocada quando ela começou a colocar ele. Ele era bem ruim.

“É uma piada?”

Não. Viktoria tirou sua camiseta e jeans e colocou o vestido. Ela não teve problemas com ele, mas ele era tão pegajoso quanto parecia. Ela não tinha tanto seio quanto eu, mas em um vestido daqueles, não importava.

“Ok,” eu disse, entendendo finalmente. “Qual o nome dele?”

“Rolan,” ela disse. “Oh, Rose. Ele é incrível. E essa é a última noite que vou ver ele antes da escola começar.” Eu não sabia se deveria me sentir feliz por ela ou triste por Nikolai. Esse Rolan deve ter sido a razão dela não dar bola para Nikolai. Ela estava totalmente apaixonada por outra pessoa. Ainda sim, aquele vestido...

“Você deve realmente gostar dele,” eu observei secamente.

Os olhos dela se alargaram. “Você quer conhecer ele?”

“Er, bem, eu não quero interferir com seu encontro...”

“Você não vai. Só apareça e diga oi, ok?”

Eu me sentia uma intrusa, mas ao mesmo tempo... bem, eu estava meio curiosa sobre esse cara que era capaz de fazer ela sair de casa com aquele tipo de roupa, particularmente quando ela começou a colocar muita maquiagem: delineador extra escuro e batom vermelho. Então concordei em conhecer Roland, e saímos da casa o mais silenciosamente possível. Apesar de usar um casaco por cima do vestido, Viktoria ainda não queria se encontrar com sua mãe.

Fomos em direção ao centro, depois de voltas e mais voltas acabamos atrás do que parecia ser um armazém comum em uma parte abandonada da cidade. Tudo estava quieto, mas um dhampir alto com uma aparência de durão estava perto da porta que levava para dentro do prédio, seus braços cruzados na frente dele. Viktoria nos fez parar ali perto, dizendo que tínhamos que esperar ali. Um minuto depois, um grupo de homens Moroi de várias idades apareceram, conversando e rindo. O dhampir deu a eles um aceno e então abriu a porta para eles. Luz e música saiu até a porta ser fechada – e tudo ficou silencioso de novo.

“Então esse é o mundo secreto dos dhampir em Baia,” eu murmurei. Ela não me ouviu porque de repente, o rosto dela se iluminou.

“Ali está ele!”

Ela apontou para dois dos caras que se aproximavam. Os dois eram Moroi. Bem, quem diria? O namorado secreto de Viktoria não era dhampir. Eu suponho que isso não seja muito chocante, embora o jeito que ela estava vestida hoje a noite ainda me incomodava. Ela deu um feroz abraço nele e nos apresentou. O nome do amigo dele era Sergey, e ele sorriu educadamente antes de entrar onde aparentemente ele estava com outra garota também.

Eu tinha que dar crédito a Viktoria: Rolan era gostoso. O cabelo dele era escuro, suave e pesado. O verde dos olhos dele me lembravam – dolorosamente – os de Adrian. E quando ele sorriu para Viktoria, foi deslumbrante. O olhar no rosto dela era exatamente como o de Nikolai quando ele estava perto dela.

Rolan segurou as mãos de Viktoria e as trouxe para seus lábios, beijando cada uma delas. Aqueles verdes, verdes olhos olharam os dela, e ele murmurou algo que não consegui ouvir. Ela corou e respondeu eu russo. Eu não precisava de tradução para saber que o conteúdo era sexy e flertador. Ainda sorrindo, ele olhou para mim, e embora ela

tenha nos apresentado, foi como se ele tivesse me notado pela primeira vez – e estivesse interessado.

“Você é nova aqui, não é?” ele perguntou.

Viktoria envolveu seus braços ao redor dele e descansou sua cabeça no peito dele. “Rose está visitando. Ela é uma amiga da família.”

“Ah,” ele disse. “Agora eu lembro de ouvir sobre você. Eu não fazia ideia que uma matadora de Strigoi tão feroz seria tão linda.”

“É parte do trabalho,” eu disse secamente.

“Você vai voltar para escola com Viktoria?” ele perguntou.

“Não. Vou ficar aqui um pouco mais.” Mas eu ainda não fazia ideia se “um pouco” era uma hora ou um ano.

“Hmm,” ele disse pensativo. Ele olhou para Viktoria e pressionou um beijo no cabelo dela, passando seus dedos pela garganta dela. As próximas palavras dele foram para ela. “Fico feliz por você ter sido capaz de vir aqui antes de partir. Eu não sei como vou ficar com você tão longe.”

Ela riu de alegria. “Não tinha como eu partir sem te ver mais uma vez...” Ela parou, muito emocionada, e enquanto ele se inclinava para baixo, a mão ainda na garganta dela, eu pensei em um horrível momento que eles iriam começar a se pegar ali. Felizmente, o

aparecimento de uma dhampir os interrompeu. Viktoria se afastou de Rolan e abraçou a outra garota. Elas aparentemente não se viam a um tempo e conversavam rapidamente em russo, ignorando Rolan e eu. Livre dela por um momento, ele se inclinou em minha direção.

“Quando Viktoria voltar para escola, você vai estar sozinha. Quer que eu te mostre a cidade?”

“Obrigado, mas eu já vi tudo.”

Ele continuou com aquele sorriso. “É claro. Bem, então, talvez nós possamos simplesmente ficar juntos e... conversar?”

Eu não conseguia acreditar. Esse cara estava com as mãos em Viktoria 30 segundos atrás e agora estava tentando se dar bem comigo no segundo que ela saísse da cidade. Eu fiquei enojada e tive que me segurar para não fazer algo idiota.

“Desculpe, mas não acho que vou estar por perto por tempo o bastante.”

Eu fiquei com a impressão que as mulheres não recusavam muito ele. Ele franziu e começou a protestar, mas Viktoria voltou e se envolveu ao redor dele de novo. Ele me estudou por vários segundos e então voltou sua atenção a ela, sorrindo e ligando o encanto. Ela estava caidinha por ele e enquanto os dois tentavam me incluir em sua conversa, estava claro que eles estavam totalmente absortos um no outro. Rolan podia estar interessado em mim, mas por agora, ela era um alvo fácil – e um que não estaria disponível por mais muito tempo. Eu senti aquele nojo passar por mim de novo. Quanto mais nós ficamos parados ali, mais eu percebia o que estava acontecendo. Todas as pessoas entrando eram homens Moroi ou garotas dhampir. E as garotas estavam todas vestidas como Viktoria. Isso era um antro de meretrizes de sangue. De repente, o mundo secreto de Baia não tinha nenhum encanto.

Eu o odiei. Eu não queria nada além do que sair dali. Não, espere. Eu queria nada mais do que sair dali e arrastar Viktoria para longe, mesmo chutando e gritando. Rolan era

nojento, sem dúvidas, e eu não queria ela perto dele. Ainda sim logo ficou claro que eles não iriam ficar no beco a noite toda. Eles queriam entrar e fazer só Deus sabe o que.

“Viktoria,” eu disse, tentando ser razoável, “tem certeza que não quer voltar para casa e ficar comigo? Eu quero dizer, eu não vou ver você amanhã.”

Ela hesitou, e então balançou a cabeça. “Eu não vou ver Rolan também. Mas eu prometo que vou ver você assim que chegar em casa. Vamos ficar acordadas a noite toda. Mamãe não vai se importar.”

Eu não sabia que outro protesto fazer. A impaciência de Rolan, agora que eu o recusei, estava começando a aparecer. Ele queria entrar. Eu imaginei o que havia lá... uma pista de dança? Quartos? Eu provavelmente poderia ter entrado com eles, apesar de não estar vestida – ou, bem, estar vestida demais em comparação a quantidade de roupas. Ainda sim eu não consegui fazer isso. Toda minha vida, fui ensinada sobre as meretrizes de sangue e como o estilo de vida delas é errado. Eu não sabia se Viktoria estava se tornando uma – e eu esperava que não – mas de jeito nenhum eu iria conseguir colocar um pé lá dentro. Era uma questão de princípios.

Eu observei eles entrarem com um coração pesado, me perguntando no que eu tinha acabado de deixar minha amiga se meter. Ver ela naquele vestido ultra apertado, grudado nele, de repente me fez reavaliar tudo. O quanto dessa vida pacífica em Baía era verdade? Viktoria – a garota que me chamou de irmã – não era a pessoa que eu pensei que ela era? Confusa, eu virei e comecei a ir para casa –

– e quase dei um encontrão em Abe. De novo.

“O que diabos?” eu exclamei. Ele usava um terno hoje a noite, completo, com caudas e um lenço de seda prateada. “Você está me seguindo?” Pergunta idiota. É claro que ele estava. Eu esperava que a roupa formal dele significasse que ele não iria me arrastar essa noite. Os guardiões dele estavam igualmente bem vestidos.

Preguiçosamente eu me perguntei se um lugar como esse tinha algo a ver com os negócios legais dele. Ele estava traficando meretrizes de sangue? Como um tipo de cafetão? Improvável, já que a maior parte daquelas garotas não precisava de muito encorajamento.

Abe me deu um daqueles sorrisos sábios dele. “Eu vejo que sua amiga vai ter uma noite interessante. Eu não fazia ideia que Viktoria tinha pernas tão adoráveis. Agora todos sabem, graças aquele vestido.”

Eu fechei meus punhos e me inclinei em direção a ele. “Não se atreva a falar dela dessa forma, velhote.”

“Não estou dizendo nada que não seja óbvio para todo mundo. Certamente vai ser óbvio para o jovem Rolan em breve.”

“Você não sabe nada sobre eles!” Ainda sim eu não acreditava nas minhas próprias palavras, não depois de ver eles entrarem juntos. Abe, eu percebi, sabia o que eu estava pensando.

“Essas garotas todas dizem que não irá acontecer com elas. Mas sempre acontece. É o que vai acontecer com você se você ficar.”

“Oh, lá vamos nós,” eu disse zombando. “Eu sabia que uma ameaça tinha que estar vindo. A parte onde você manda que eu deixe o país de novo caso contrário coisas ruins vão acontecer.”

Ele gesticulou em direção a porta, onde mais Moroi e dhampir estavam entrando. “Eu nem preciso fazer nada ruim acontecer. Você vai fazer isso sozinha ficando aqui. Você vai desperdiçar sua vida, fazendo tarefas para Olena Belikova. Potlucks ([Nota 3](#)) vão se tornar a coisa mais excitante do seu mundo.”

“Eles são boa gente,” eu rosnei. “Não zombe deles.”

“Oh, não estou negando isso.” Ele ajeitou seu cachecol. “Eles são boa gente. Mas não são sua gente. Isso é uma fantasia. Você está se iludindo.” Ele estava sério agora. “Sua dor te trouxe aqui. Seu homem foi tirado de você, e você se afastou dos seus amigos. Você está tentando compensar se convencendo que essa é sua família, que essa é sua casa. Eles não são. Isso não é.”

“Eu poderia fazer daqui meu lar.” Eu não tinha certeza disso, mas minha natureza teimosa precisava contradizer ele.

“Você não foi feita para Baia,” ele disse, os olhos escuros brilhando. “Você foi feita para coisas melhores. Você precisa voltar para casa, voltar para sua escola e para a princesa Dragomir.”

“Com diabos você sabe sobre ela? Quem é você? Quando você vai me dizer para quem trabalha? O que você quer comigo?” Eu tinha o pressentimento que eu estava ficando histérica. Ouvir ele se referir a Lissa engatilhou algo dentro de mim.

“Eu sou meramente um observador que pode te dizer que você está perdendo tempo aqui. Isso não é vida para você, Rose. Sua vida é nos EUA. Eles dizem que você estava no caminho para ser uma grande guardiã. Você sabe que honra é ser designada para a última Dragomir? Você poderia passar sua vida em círculos poderosos e de elite. A reputação que você já ganhou vai aumentar seu status e estima. Você tem uma incrível carreira na sua frente, e não é tarde demais para voltar. Ainda não.”

“Quem é você para dizer como eu deveria viver minha vida? Eu ouvi que suas mãos tem sangue – Zmey. Você não é exatamente um modelo. No que você está envolvido, afinal de contas?”

“Meus próprios assuntos. E é exatamente por causa da vida que eu levo que você deveria me ouvir quando eu digo para você abandonar esse caminho e voltar para casa.”

As palavras dele eram urgentes e autoritárias, e eu não conseguia acreditar que ele teve a audácia de falar comigo assim. “Essa não é mais minha vida,” eu disse geladamente.

Ele deu uma risada dura e gesticulou ao nosso redor mais uma vez. “O que, e isso é? Você quer sair e ser uma meretriz de sangue como sua amiga?”

“Não chame ela disso!” eu gritei. “Eu não me importo se você tem guarda-costas ou não. Eu vou machucar você, velhote, se você disser mais alguma coisa sobre Viktoria.”

Ele não recuou com minha explosão. “Isso foi duro, eu admito. Ela não é uma meretriz de sangue. Ainda não. Mas ela está a um passo disso. E como eu disse, sempre acontece no final. Mesmo que você não seja usada por alguém como Rolan Kislyak – e acredite em mim, ele vai usar ela, como ele fez com a irmã dela – você ainda vai terminar sozinha com uma criança que você é jovem demais para ter.”

“A... espere.” Eu congelei. “Você está dizendo que ele é o cara que engravidou Sonya? Porque Viktoria se envolveria com ele depois do que ele fez com a irmã dela?”

“Porque ela não sabe. Sonya não fala sobre isso, e o Sr. Kislyak acha que é um jogo, levar duas irmãs para cama. Uma pena para ele que Karolina seja mais inteligente que as outras ou ele poderia ter todas elas. Quem sabe?” Ele deu um sorriso sardônico. “Talvez ele te considere parte da família o bastante para ir atrás de você em seguida.”

“Pro inferno. Nunca vou me envolver com alguém assim. Nunca mais vou me envolver com alguém de novo. Não depois de Dimitri.”

A severidade de Abe deu lugar a uma diversão momentânea. “Oh, Rose. Você é tão jovem. Você mal viveu. Todos pensam que seu primeiro amor é o único que eles irão ter.”

Esse cara estava realmente me irritando, mas eu ganhei controle o bastante e decidi que não iria socar ele. Pelo menos, eu achava que não. Eu me afastei um pouco, indo em direção ao prédio. “Não vou jogar seu jogo. E você pode dizer a quem quer que seja que você está trabalhando que não vou jogar o jogo dele também – e que eu não vou voltar.” De um jeito ou de outro, independente de eu ir caçar Dimitri ou viver com a família dele, eu iria ficar na Rússia. “Você vai ter que me enviar em uma caixa para lá.”

Não que eu quisesse dar a Abe nenhuma ideia. Eu suspeitava que ele poderia fazer isso se quisesse. Merda. Quem estava por trás disso? Quem iria querer tanto me encontrar para enviar esse cara atrás de mim? O mais estranho, no entanto, era que era alguém que se importava o bastante comigo para tentar ser razoável. Se Abe

quisesse realmente me sequestrar, ele já teria feito. Ele poderia ter feito isso na noite que me trouxe para Baía. Tudo que ele teria que fazer era continuar a dirigir até o aeroporto mais próximo. Eu eventualmente precisava descobrir isso, mas primeiro eu precisava me afastar de Abe.

Eu me afastei ainda mais. “Estou indo embora, e você não pode me impedir. E não me espione mais. Isso termina agora.”

Abe me estudou por vários segundos, os olhos escuros dele pensativos. Eu podia praticamente ver as engrenagens do plano de dominação mundial girando na cabeça dele. Finalmente ele disse, tão baixo que mal consegui ouvir ele. “Não vai terminar com eles.”

“Quem?”

Ele apontou para a porta. “Viktoria e Rolan.”

“O que você está falando?”

“Você sabe onde quero chegar. Ela acha que está apaixonada por ele. Ele sabe que ela vai voltar para escola amanhã. Hoje é a última chance dele com ela, e ele não vai desperdiçar. Tem muitos quartos lá. Eles provavelmente estão em um agora mesmo.”

Eu tentei controlar minha respiração. “Então eu vou contar para a mãe dela.”

“Vai ser tarde demais. Ela nunca vai encontrar eles a tempo, e amanhã, Viktoria vai estar a caminho da escola – e ele não terá mais interesse. O que a mãe dela vai poder fazer depois que acontecer? Castigar ela?”

Eu estava ficando com raiva, em grande parte porque eu tinha o pressentimento que ele estava certo. “Tudo bem. Então eu vou arrastar ela para fora.”

“Isso nunca vai acontecer. Ela quer fazer isso. Ela não vai partir com você. E mesmo que parta, ela vai encontrar ele de novo.”

Eu olhei para ele. “Chega. Você obviamente está sugerindo algo, então fale de uma vez.”

Ele sorriu, aparentemente contente com minha astúcia – ou talvez minha cegueira. “Se você quer salvar ela, você tem que chegar nele. Chegar em Rolan.”

Eu zombei. “Difícilmente. O único jeito que ele vai deixar ela em paz é se eu me oferecer para tomar o lugar dela.” E hey, a amizade tem limite.

“Não se eu falar com ele.”

“O que você vai fazer, conversar sobre moral e fazer ele ver a razão?”

“Oh, eu vou lidar muito bem com ele. Mas acredite em mim, eu não vou lidar com razão – bem, pelo menos não a que você imagina. Se eu disser a ele para deixar ela em paz, ele vai deixar ela em paz. De vez.”

Eu me afastei sem perceber e bati na parede. Abe parecia assustador. Zmey. Eu não duvidava das palavras dele afinal de contas. Ele poderia fazer Rolan deixar Viktoria em paz. Na verdade, ele provavelmente não usaria nem seus dhampirs. Abe poderia trazer terror o bastante – e provavelmente dar um bom soco – para fazer isso acontecer.

“Porque você faria isso por mim?” eu perguntei.

“Como um sinal de boa fé. Prometa que vai deixar Baia, e eu lido com ele.” Os olhos dele brilhavam. Nós dois podíamos sentir a rede se fechando ao meu redor.

“Essa é sua tática agora? Você está me oferecendo um trato? Minha partida não vale você assustar um Moroi idiota.”

A rede ficou mais apertada. “Não vale, Rose?”

Freneticamente, eu pensei sobre o que fazer. Uma parte de mim pensava que Viktoria estava livre para fazer suas escolhas, para amar quem ela quisesse... mas eu sabia que Rolan não amava ela. Ela era uma conquista para ele, isso se provou quando ele deu em cima de mim – e Sonya, aparentemente. O que aconteceria com Viktoria? Ela se tornaria como o resto das mulheres daqui? Ela

poderia ser a próxima Belikov a ter um filho? Mesmo que ela não tivesse intenção de ser guardiã, esse não era o caminho certo para ela. Karolina tinha recusado se juntar aos guardiões e agora vivia uma vida respeitável com seus filhos e um trabalho que – se não era excitante – era firme e permitia a ela manter sua dignidade. Eu não poderia deixar Viktoria seguir por uma estrada que arruinaria ela para o resto de sua vida. Eu não poderia deixar isso acontecer com a irmã de Dimitri.

Dimitri...

Eu conhecia ele. Eu conhecia a natureza protetora dele. Ele nunca deixaria nada acontecer com aqueles que ele se importava. Eu odiava a ideia daquele antro de meretrizes de sangue, mas eu ainda teria entrado para pegar ela – porque era o que Dimitri teria feito. Mas eu não sabia se iria encontrar ela a tempo. Eu sabia, no entanto, que Abe poderia – e que ele poderia manter Rolan longe para sempre. E portanto, eu falei sem entender completamente as consequências das minhas palavras.

“Eu vou partir de Baia.”

QUINZE

Abe olhou para um dos seus guarda costas e deu um rápido aceno. O homem instantaneamente saiu andando. "Está feito," disse Abe.

"Assim?" Eu perguntei em descrença.

Seus lábios se curvaram em um sorriso. "Rolan sabe quem eu sou. Ele sabe quem trabalha pra mim. Uma vez que Pavel faça meus... ah, conhecidos desejos, este será o fim."

Eu tremi, sabendo que Abe falava a verdade. Considerando a espertinha que eu tinha sida com Abe esse tempo todo, isso realmente era incrível que eu não tivesse tido meus pés presos com cimento e sido largada no oceano. "E aí, porque você não está forçadamente me arrastando para fora daqui?"

"Eu nunca gostei de fazer ninguém fazer nada que eles não queiram. Mesmo Rolan. É muito mais fácil se as pessoas simplesmente verem a razão e fazerem o que o peço para elas, sem o uso da força."

"E por „ver a razão?, você quer dizer, „chantagem?," eu disse, pensando no que eu tinha acabado de concordar.

"Nós fizemos um trato," ele disse. "Isso é tudo. Não esqueça o seu lado da barganha. Você prometeu sair daqui, e você não parece o tipo que volta atrás na sua palavra."

"Não sou."

"Rose!"

Viktoría de repente apareceu na porta. Wow, isso foi rápido. Pavel estava calmamente arrastando ela pelo braço. Seu cabelo estava bagunçado, e a alça do vestido estava caindo pelo seu ombro. O rosto dela era uma mistura de incredibilidade e raiva. "O

que você fez? Aquele cara veio e disse ao Rolan para sair daqui e nunca mais me ver! E aí... Rolan concordou. Ele apenas saiu."

Eu achei isso levemente engraçado que Viktoria imediatamente me culpasse por isso. Verdade, eu era a responsável, mas Abe estava parado ali também. Não era um segredo quem eram seus empregados. No entanto, eu defendi minhas ações.

"Ele está te usando," eu disse.

Tinham lágrimas nos olhos castanhos de Viktoria. "Ele me ama."

"Se ele ama você, então porque ele deu em cima de mim assim que você virou as costas?"

"Ele não deu!"

"Ele é aquele que engravidou Sonya."

Mesmo na ruim iluminação do beco, eu vi a rosto dela empalidecer. "Isso é uma mentira."

Eu joguei minhas mãos para cima. "Porque eu faria isso? Ele queria fazer planos comigo assim que você estivesse fora da cidade!"

"Se ele fez," ela disse, com a voz tremida, "foi porque você o levou a isso."

Eu fiquei boquiaberta. Ao meu lado, Abe ouvia tudo quietamente, com um olhar presumido no rosto. Ele estava tão auto-satisfeito que provavelmente pensava que ele estava provando estar certo. Eu queria esmurrar ele, mas Viktoria era minha preocupação.

"Como você pode pensar isso? Eu sou sua amiga!" eu disse a ela.

"Se você fosse minha amiga, você não estaria agindo assim. Você não tentaria ficar no meu caminho. Você age como se amasse meu irmão, mas não há como você possa ter amado – de maneira alguma você entende o amor!"

Não entendia o amor? Ela era louca? Se ela apenas soubesse o que eu tinha sacrificado por Dimitri, o que eu tinha feito para estar onde estou agora... tudo por amor. Ela era quem não conseguia entender. Amor não era se atirar no quarto atrás em uma festa.

Isso era algo pelo qual você vivia e morria. Minhas emoções surgiram, aquela escuridão se espalhando dentro de mim me fazendo querer gritar respostas em retorno as horríveis acusações dela. Foi apenas através de muito esforço que eu lembrei que ela já estava sofrendo, que ela só disse as coisas que ela disse porque ela estava confusa e chateada.

“Viktorija, eu entendo, e me desculpe. Eu apenas estou fazendo isso porque você é minha amiga. Eu me importo com você.”

“Você não é minha amiga,” ele replicou. “Você não é parte dessa família. Você não entende nada sobre nós ou como nós vivemos! Eu queria que você nunca tivesse vindo aqui.” Ele virou e saiu furiosamente, empurrando para entrar de volta pela longa fila de festeiros. Meu coração doía enquanto eu a assistia.

Eu me virei para Abe. “Ela está indo tentar encontrar ele.”

Ele ainda estava com aquela detestável expressão de sabe tudo. “Isso não importa. Ele não vai ter mais nada a ver com ela. Não se ele quiser continuar com aquele bonito rostinho.” Eu estava preocupada por Viktorija, mas meio que sentia que Abe estava certo sobre Rolan. Rolan não seria mais um assunto. Já para o próximo cara de Viktorija... bem, aquilo era preocupação para outro dia.

“Certo. Então nós acabamos aqui. Não me siga mais,” eu grunhi.

“Mantenha sua promessa de deixar Baia, e eu não seguirei.”

Eu estreitei meus olhos. “Eu te disse: eu sempre cumpro minhas promessas.”

E enquanto eu me apressava pra voltar para a casa dos Belikov, eu de repente me perguntei se isso era verdade. A confusão com Abe e Viktorija foi como água fria no meu rosto. O que eu estava fazendo aqui? Até certa parte, Abe tinha estado certo... eu estava me iludindo, fingindo que a família de Dimitri era a minha para que isso suavizasse minha aflição por ele. Mas eles não eram. Esta não era minha casa. A academia não era minha casa também, não mais. A única coisa que eu ainda tinha era minha promessa – minha

promessa para Dimitri. A promessa que eu tinha de alguma forma deixado de lado desde que tinha vindo pra cá.

Alguns da família Belikov estavam na cama quando eu cheguei em casa, mas outros ainda estavam na sala. Eu deslizei para o meu quarto no andar de cima, esperando ansiosamente por Viktoria chegar em casa. Meia hora depois, eu ouvi passos nas escadas e o som da porta dela se fechando. Eu bati gentilmente na porta.

“Viktoria,” eu disse em um alto sussurrar. “Sou eu. Por favor fale comigo.”

“Não!” veio a resposta. “Eu não quero mais falar com você de novo.”

“Viktoria –”

“Vá embora!”

“Eu só estou preocupada com você.”

“Você não é meu irmão! Você nem é minha irmã. Aqui não é lugar para você!”

Ouch. Sua voz estava abafada pela porta, mas eu não queria arriscar uma briga no corredor e deixar os outros ouvirem. Indo para o meu quarto, com meu coração quebrado, eu parei e fiquei em frente ao espelho. Foi aí que eu soube que ela estava certa. Até Abe estava certo. Baía não era meu lugar.

Num instante, meus poucos pertences estavam empacotados, mas eu hesitei antes de descer. A porta fechada de Viktoria me encarou, e eu tive que lutar com a urgência de bater na porta de novo. Se eu o fizesse, isso só iria começar outra briga. Ou, até pior, ela me perdoaria – e aí eu iria querer ficar para sempre, perdida no conforto da família de Dimitri e sua vida simples.

Respirando fundo, eu desci para o andar de baixo e saí pela porta da frente. Eu queria dizer adeus aos outros mas estava preocupada que a mesma coisa pudesse acontecer, que eu olharia para seus rostos e mudaria de ideia. Eu precisava ir, eu percebi. Eu estava com raiva de Viktoria e de Abe. Suas palavras tinham me machucado,

mas tido verdade nelas. Este não era o meu mundo. Eu tinha outras coisas para fazer com a minha vida. E eu tinha um monte de promessas para cumprir.

Quanto eu já estava a uns oito blocos de distância, eu diminuí minha velocidade, não porque eu estava cansada mas porque eu não tinha certeza de onde iria. Deixar aquela casa tinha sido meu maior passo. Eu afundei no meio-fio em frente a vizinhança silenciosa e pátios escuros. Eu queria chorar sem saber o porque. Eu queria minha velha vida de volta. Eu queria Dimitri e Lissa. Oh, Deus, eu queria eles.

Mas Dimitri se foi, e o único jeito que eu o veria seria se eu realmente fosse matá-lo. Enquanto a Lissa... ela estava mais ou menos perdida para mim. Mesmo que eu sobrevivesse a isso, eu não acho que ela me perdoaria. Sentada ali, me sentindo perdida e sozinha, eu tentei alcançá-la mais uma vez. Eu sabia que isso era estúpido, considerando o que eu tinha visto antes, mas eu tinha que tentar mais uma vez. Eu tinha que saber se eu realmente poderia ter meu antigo lugar de volta. Eu deslizei para dentro da mente dela instantaneamente, minhas emoções pela fuga fazendo a transição fácil. Ela estava em um jatinho particular.

Se Jill tinha ficado fascinada por conhecer os alunos classe A de St. Vladimir, indo em uma viagem com eles a fazia ir direto para um coma. Ela observava tudo com os olhos arregalados e mal tinha falado durante todo o vôo para a corte real. Quando Avery ofereceu a ela uma taça de champagne, Jill mal conseguiu gaguejar, "N-Não obrigada." Depois disso, os outros pareceram esquecê-la e serem distraídos com sua própria conversa. Lissa notou o desconforto de Jill mas não fez muito para remediar isso. Isso era um choque. A Lissa que eu tinha conhecido teria se desviado do que estivesse fazendo para fazer com que Jill se sentisse confortável e incluída. Felizmente, a jovem garota parecia perfeitamente entretida observando as artimanhas dos outros.

Eu também tirei conforto em saber que Jill estaria bem uma vez que ela se encontrasse com Mia. Lissa tinha mandado avisar Mia

antes para vir pegar Jill quando eles pousassem, já que Lissa e os outros tinham que ir a um dos encontros de Tatiana imediatamente. Mia tinha dito que ela iria colocar Jill embaixo da sua asa pelo final de semana e mostrar a ela algumas das inovações que ela tinha aprendido a fazer com sua mágica de água. Lissa

estava agradecida por isso, feliz que ela não estaria tomando conta de uma novata todo o fim de semana.

Mesmo que Jill estivesse totalmente fora do radar de Lissa, uma pessoa não estava: Reed o irmão de Avery. O pai deles tinha decidido que seria uma boa ideia Reed ir com eles, e vendo como Sr. – desculpe – diretor Lazar tinha jogado como a peça chave em trabalhar com Tatiana para arranjar essa viagem, houve pouco argumento. Avery tinha rolado seus olhos e falado com Lissa sobre isso secretamente, logo depois que eles embarcaram.

“Todos nós estamos usando a sua reputação,” Avery disse. “Parte da razão que papai me deixou vir foi porque você está bem com a rainha, e ele quer que isso passe para mim. Ele então espera que eu também fique bem com ela, e então isso irá passar para Reed – e o resto da família.”

Lissa tentou não pensar muito na lógica disso. Principalmente, ela estava aborrecida porque Reed Lazar ainda era desagradável como ele tinha sido no primeiro dia que eles se encontraram. Ele não era realmente mal ou algo do tipo; só fazia ela ficar desconfortável ficar perto dele. Realmente, ele era o pólo oposto de Avery. Enquanto que ela era animada e podia sempre começar uma conversa, ele ficava com os lábios selados e falava apenas quando falavam com ele. Lissa realmente não conseguia dizer se isso era timidez ou desdém.

Quando Lissa tentou perguntá-lo se ele estava excitado de ir para Corte, Reed tinha simplesmente dado os ombros.

“Tanto faz. Eu não me importo.” O tom tinha sido quase hostil, como se ele ressentisse ela por perguntá-lo, assim ela tinha desistido de todas as tentativas de conversa. A única pessoa, que

não sua irmã, que Lissa viu Reed falar foi Simon, o guardião de Avery. Ele também tinha vindo.

Quando o avião pousou, Mia está lá cumprindo sua palavra. Ela acenou entusiasticamente quando Lissa saiu do avião, seus cachos loiros balançando ao vento. Lissa sorriu de volta, e elas deram rápidos meio abraços, algo que nunca falhava em me surpreender dado ao seu antigo status de inimigas.

Lissa fez as apresentações para aqueles que precisavam quando uma escolta de guardiões os levou para longe da pista de aterrissagem e em direção a parte interna da Corte. Mia deu boas vindas a Jill tão calorosamente que o desconforto da jovem menina diminuiu, e excitação brilhou em seus olhos. Sorrindo ternamente, Mia olhou para longe de Jill para Lissa.

“Onde está Rose?”

Silêncio caiu, seguido por desconfortáveis olhares.

“O que?” demandou Mia. “O que eu disse?”

“Rose foi embora,” disse Lissa. “Desculpe... eu pensei que você soubesse. Ela retirou-se e saiu depois do ataque porque tinha algumas coisas... algumas coisas pessoais... que ela precisava resolver.”

Lissa temeu que Mia perguntasse sobre as coisas pessoais. Apenas algumas pessoas sabiam sobre minha busca por Dimitri, e Lissa queria manter isso desse jeito.

A maioria pensava que eu tinha desaparecido por causa de um trauma pós-batalha. A próxima pergunta de Mia chocou Lissa.

“Porque você não foi com ela?”

“O que?” Lissa gaguejou. “Porque eu iria fazer isso? Rose largou tudo. De forma alguma eu faria isso.”

“Yeah, eu supus.” Mia virou especulativamente. “Vocês apenas eram tão próximas – mesmo sem a ligação. Eu pensei que vocês seguiriam uma a outra até o fim do mundo e analisariam os detalhes

depois.” A própria vida de Mia tinha passado por tantas mudanças que ela considerava esse tipo de coisa sem problema.

Aquela estranha, flutuante raiva que eu tinha sentido aparecendo em Lissa cada vez mais de repente estourou e se direcionou para Mia. “Yeah, bem, se nós fossemos tão próximas, então me parece que ela não teria me deixado em primeiro lugar. Ela é a egoísta, não eu.”

As palavras me machucaram e claramente chocaram Mia. Mia tinha um temperamento forte, mas ela se controlou e simplesmente levantou as mãos de um modo apologético.

Ela realmente tinha mudado. “Desculpa. Não estava tentando acusar você de nada.”

Lissa não disse mais nada. Desde minha partida, ela tinha se culpado por muitas coisas. Ela tinha ficado repassando as coisas que ela poderia ter feito por mim antes e depois do ataque, coisas que poderiam ter me feito ficar. Mas nunca tinha ocorrido a ela ir comigo, e a revelação a atingiu como um tapa no rosto. As palavras de Mia faziam ela se sentir culpada e irritada ao mesmo tempo – e ela não tinha certeza com quem ela estava mais irada: eu ou ela mesma.

“Eu sei o que você está pensando,” disse Adrian alguns minutos depois, depois que Mia levou Jill e prometeu encontrá-los mais tarde.

“O que, você lê mentes agora?” perguntou Lissa.

“Não. Isso está escrito na sua cara. E Rose nunca teria deixado você ir com ela, então pare de remoer isso.”

Eles entraram na residência para hóspedes reais, o que era apenas tão luxuosa e imponente quanto isso tinha sido quando eu tinha ficado aqui. “Você não sabe realmente. Eu poderia ter convencido ela.”

“Não,” disse Adrian asperamente. “Você não teria conseguido. Eu estou falando sério – não se dê mais uma coisa com a qual ficar deprimida.”

“Hey, quem disse que eu estou deprimida? Como eu disse, ela me abandonou.”

Adrian estava surpreso. Desde minha partida, Lissa tinha estado mais triste que outra coisa. Ela tinha ocasionalmente ficado com raiva pela minha decisão, mas nem Adrian nem eu tínhamos visto tanta veemência dela. Sóbrios sentimentos borbulhavam dentro do coração dela.

“Eu pensei que você tinha entendido,” disse Adrian, com um pequeno e confuso franzir de testa. “Eu pensei que você disse que você tinha –”

Avery de repente interrompeu, dando a Adrian um olhar afiado. “Hey, hey. Deixe ela em paz, ok? Nós iremos ver você na recepção.”

Elas estavam no ponto onde os grupos se separavam, garotas indo para uma parte do alojamento e garotos para outra. Adrian parecia como se ele quisesse dizer mais, mas ao invés ele concordou e seguiu com Reed e alguns guardiões. Avery colocou um gentil braço ao redor de Lissa e olhou para a figura de Adrian se retirando.

“Você está bem?” O rosto normalmente sorridente de Avery estava cheio de preocupação. Isso assustou Lissa do mesmo modo que os momentos de seriedade de Adrian sempre assustavam ela.

“Eu acho. Eu não sei.”

“Não se culpe sobre o que você poderia ter feito ou deveria ter feito. O passado acabou. Prossiga para o futuro.”

O coração de Lissa ainda estava pesado, seu humor mais negro do que tinha estado a muito tempo. Ela conseguiu dar um sorriso forçado. “Eu acho que essa foi a coisa mais sabia que você já disse.”

“Eu sei! Você consegue acreditar nisso? Você acha que isso vai impressionar Adrian?”

Elas se acabaram de rir, ainda, apesar de seu exterior alegre, Lissa ainda estava machucada pelos imprevistos comentários de Mia. Eles se agarraram em Lissa de um modo que ela não achava possível. O que realmente mais a aborrecia não era o pensamento

que se ela tivesse ido comigo, ela poderia me manter longe de problemas. Não. O maior problema era que ela não tinha pensado em vir comigo em primeiro lugar. Eu era a melhor amiga dela. Até onde ela sabia, este deveria ter sido a reação imediata dela a minha partida. Não tinha sido, e agora Lissa estava atormentada com ainda mais culpa que o usual. A culpa a estava consumindo, e ela iria ocasionalmente transformar isso em raiva para aliviar a dor. Isso não ajudava muito.

Seu temperamento não melhorou enquanto a noite progredia. Não muito tempo depois da chegada do grupo, a rainha organizou uma pequena recepção para a mais alta elite de todos os visitantes que tinham vindo para a Corte. Lissa estava descobrindo rapidamente que a rainha sempre parecia estar organizando uma festa aqui e ali. Em um momento da sua vida, Lissa teria considerado isso legal. Ela não achava mais, pelo menos não quando era esse tipo de festa.

Assim, mantendo seus sombrios sentimentos trancados, Lissa ficou bem fingindo o papel de agradável garota da realeza. A rainha parecia feliz que Lissa tivesse uma "aceitável" amiga da realeza e ficou igualmente contente quando Lissa impressionou outras realezas e dignitários aos quais ela foi introduzida. Em um certo ponto, entretanto, o fingimento Lissa quase falhou.

"Antes de você sair," disse Tatiana, "nós deveríamos falar sobre os seus guardiões."

Ela e Lissa estavam juntas com um grupo de admiradores e seguidores que estavam mantendo uma distância respeitável. Lissa tinha estado olhando vagamente para as bolhas de seu intocado champanhe e olhou para cima atenta.

"Guardiões, sua majestade?"

"Bem, não há nenhum modo delicado de abordar isso, mas agora, por bem ou por mal, você está sem proteção." A rainha pausou respeitavelmente. "Belikov era um bom homem."

Meu nome naturalmente não passou por seus lábios. Eu poderia muito bem nunca ter existido. Ela nunca tinha gostado de mim, particularmente desde que ela pensava que eu iria fugir com Adrian.

Aparentemente, Lissa tinha notado Tatiana observando com alguma consideração enquanto Avery e Adrian flertavam. Era difícil dizer se a rainha desaprovava. Lado festeiro aparte, Avery parecia uma garota modelo – salvo que Tatiana tinha querido que Lissa e Adrian eventualmente ficassem juntos.

“Eu não preciso de qualquer proteção agora,” disse Lissa educadamente, seu coração apertado.

“Não, mas você estará fora do colégio cedo o bastante. Nós achamos que temos alguns excelentes candidatos para você. Um deles é uma mulher – um achado raro.”

“Janine Hathaway se ofereceu para ser minha guardiã,” Lissa disse de repente. Eu não sabia disso, mas enquanto ela falava, eu li a história na mente dela. Minha mãe tinha se aproximado dela não muito tempo depois que eu fui embora. Eu estava um pouco chocada. Minha mãe era muito leal a seu atual protegido. Esta seria uma grande mudança para ela.

“Janine Hathaway?” as sobrancelhas de Tatiana se elevaram quase até a linha dos cabelos. “Eu estou certa que ela tem outros compromissos. Não, nós temos escolhas muito melhores. Esta jovem moça é apenas alguns anos mas velha que você.”

Uma escolha melhor que Janine Hathaway? Impossível. Antes de Dimitri, minha mãe tinha sido o padrão de ouro pelo qual eu media o quão era boa.

A “jovem moça” de Tatiana era indiscutivelmente alguém sobre o controle da rainha – e mais importante, não era uma Hathaway. A rainha não gostava da minha mãe muito mais do que de mim. Uma vez, quando Tatiana estava me importunando por alguma coisa, ela tinha feito uma referência a um homem com o qual minha mãe tinha se envolvido – alguém que eu suspeito que seja o meu pai, um cara chamado Ibrahim. A coisa engraçada era que, a rainha tinha quase

soado como se um dia ela tivesse tido um interesse pelo cara também, e eu tive que me perguntar se isso era parte do desgosto dela pela minha família.

Lissa deu um sorriso educado e forçado para a rainha e agradeceu a ela a consideração. Lissa e eu ambas entendíamos o que estava acontecendo. Este era o jogo de Tatiana. Tudo era parte do plano dela, e não tinha jeito de ir contra ela. Por um breve momento, Lissa teve o mesmo estranho pensamento de novo, de algo que Victor Dashkov tinha uma vez dito a ela. Deixando de lado seus atos de matança loucos e sequestro, Victor também queria começar uma revolução contra os Moroi. Ele achava que a distribuição de poderes estava errada – algo que Lissa ocasionalmente acreditava também – e que isso era exercido injustamente por aqueles com muito controle. O momento se foi quase tão cedo quando apareceu. Victor Dashkov era um vilão maluco de quem as ideias não mereciam reconhecimento.

Então, assim que a cortesia permitiu, Lissa se desculpou com a rainha e atravessou a sala, sentindo com se ela fosse explodir de aflição e raiva. Ela quase esbarrou em Avery enquanto saía.

“Deus,” disse Avery. “Você acha que Reed poderia me envergonhar mais? Duas pessoas tentaram ter uma conversa com ele, e ele continuou as afugentando. Ele na verdade acabou de mandar Robin Badica calar a boca. Quero dizer, yeah, ele não parava de falar, mas ainda. Aquilo não foi legal.” O dramático olhar de exasperação de Avery enfraqueceu enquanto ela percebia a cara de Lissa. “Hey, algo errado?”

Lissa olhou para Tatiana e então voltou a olhar para Avery, e se confortando nos olhos cinza azulados de sua amiga. “Eu preciso sair daqui.” Lissa deu uma funda e calmante respiração. “Lembra de toda aquelas coisas legais sobre as quais você disse que sabia? Quando isso vai acontecer?”

Avery sorriu. “Assim que você quiser.”

Eu voltei para mim mesma, sentada no meio fio. Minhas emoções ainda estavam confusas, e meus olhos estavam lutando contra as

lágrimas. Minhas dúvidas recentes estavam confirmadas: Lissa não precisa mais de mim... e ainda, eu tinha aquele sentimento que havia algo estranho acontecendo que eu não conseguia saber o que era. Eu suponho que a culpa dela sobre os comentários de Mia ou os efeitos colaterais do Espírito poderiam estar afetando ela, mas ainda... ela não era a mesma Lissa.

Passos no pavimento me fizeram olhar para cima. De todas as pessoas que podiam ter me encontrado, eu iria ter esperado Abe ou talvez Viktoria. Mas não foi.

Foi Yeva.

A velha mulher ficou ali, um xale sobre seus estritos ombros, e seus afiados e perspicazes olhos olhando para mim desaprovadamente. Eu suspirei.

“O que aconteceu? Uma casa caiu na sua Irmã?” eu perguntei. Talvez houvesse um benefício na nossa barreira linguística. Ela franziu os lábios.

“Você não pode ficar aqui por mais tempo,” ela disse.

Meu queixo caiu.

“Você... você fala inglês?”

Ela bufou. “Claro.”

Eu rebati. “Todo esse tempo você tem estado fingindo não falar? Você vem fazendo Paul bancar o tradutor?”

“Isso é fácil.” Ela disse simplesmente. “Você evita um monte de conversa chata quando não fala a língua. E eu descobri que os americanos tem as conversas mais chatas de todos.”

Eu ainda estava espantada. “Você nem mesmo me conhece! Mas desde o primeiro dia, você tem me tratado mal com o inferno, porque? Porque você me odeia?”

“Eu não te odeio. Mas eu estou desapontada.”

“Desapontada? Como?”

“Eu sonhei que você poderia vir.”

“Eu ouvi isso. Você sonha um bocado?”

“As vezes,” ela disse. A luz da lua brilhando em seus olhos, aumentando sua aparência de sobrenatural.

Um calafrio correu pela minha espinha. “Algumas vezes meus sonhos viram realidade. As vezes não. Eu sonhei que Dimka estava morto, mas eu não queria acreditar nisso. Não até eu ter a prova. Você foi a minha prova.”

“E isso é o porque você está decepcionada?”

Yeva apertou mais o xale ao seu redor. “Não. Nos meus sonhos, você brilhava. Você queimava como uma estrela, e eu a vi como uma guerreira, alguém que poderia fazer grandes coisas. Ao invés? Você tem ficado largada e deprimida por aí. Você não tem feito nada. Você não tem feito o que você veio fazer.”

Eu a estudei, me perguntando se ela realmente sabia sobre o que ela esta falando. “E o que exatamente é isso?”

“Você sabe o que é, eu sonhei isso, também.”

Eu esperei por mais. Quando isso não veio, eu ri. “Boa resposta vaga. Você é tão ruim quando uma falsa vidente.”

Mesmo no escuro, eu pude ver a raiva acender em seus olhos. “Você veio para procurar por Dimka. Tentar matá-lo. Você tem que encontrá-lo.”

“O que você quer dizer com „tentar??” Eu não queria acreditar nela, não queria acreditar que ela poderia saber o meu futuro. No entanto, eu me encontrei fisgada. “Você viu o que acontece? Eu o mato?”

“Eu não posso ver tudo.”

“Oh. Fantástico.”

“Eu só vi que você deve encontrá-lo.”

“Mas isso é tudo que você tem? Eu já sabia disso!”

“Isso foi o que eu vi.”

Eu gemi. “Merda, eu não tenho tempo para essas pistas secretas. Se você não pode me ajudar, então não diga nada.”

Ela ficou calada.

Eu joguei minha mochila no ombro. “Legal. Eu estou indo então.” E aí, eu sabia para onde eu iria.

“Diga aos outros... bem, diga a eles que eu agradeço por tudo. E que me desculpem.”

“Você está fazendo a coisa certa,” ela disse. “Aqui não é onde você deveria estar.”

“Assim eu ouvi,” eu murmurei, indo embora.

Eu me perguntei se ela diria mais alguma coisa: me castigar, me amaldiçoar, me dizer mais palavras misteriosas de “sabedoria”. Porém ela ficou calada, e eu não olhei para trás.

Eu não tinha casa, nem aqui e nem na América. A única coisa deixada para mim era fazer o que eu tinha vindo para fazer. Eu tinha dito a Abe que eu mantenho minhas promessas. Eu iria.

Eu deixaria Baia como tinha dito a ele. E eu mataria Dimitri, como eu tinha prometido a mim mesma que faria.

Eu sabia onde ir agora. O endereço nunca tinha deixado minha mente: Kasakova 83. Eu não sabia onde isso era, mas logo que eu atingi o centro da cidade, eu encontrei um cara andando pela rua que me deu as direções. O endereço era perto, apenas a 1,6 km, e eu segui em um passo rápido.

Quando eu cheguei na casa, eu estava feliz de ver que as luzes ainda estavam acesas. Mesmo nervosa e enraivecida como eu estava, eu não queria acordar ninguém.

Eu também não queria falar com Nikolai e fiquei aliviada quando Denis abriu a porta.

Sua expressão estava totalmente surpresa quando ele me viu. Apesar das suas ousadas palavras na igreja mais cedo, eu não achei que ele realmente acreditou que eu poderia me juntar a ele e aos outros não prometidos. Ele estava sem fala, então eu fiz a conversa.

“Eu mudei de ideia. Eu estou indo com vocês.” Eu respirei fundo, me preparando para o que vinha depois. Eu tinha prometido a Abe que eu deixaria Baia – mas eu não tinha prometido retornar aos EUA. “Me leve para Novosibirsk.”

DEZESSEIS

Denis e seus dois amigos não prometidos, Artur e Lev, ficaram estáticos por eu ser parte da turma. Mas se eles esperavam que eu partilhasse do entusiasmo maluco deles para caçar de forma descuidosa Strigoi, eles ficaram meio desapontados. Na verdade, não levou muito tempo depois que me juntei a eles para eles perceberem que eu não estava caçando do jeito deles. O amigo de Denis, Lev, tinha um carro e nós revezamos em dirigir para Novosibirsk. A viagem foi de cerca de 15 horas, e embora tenhamos passado a noite em um hotel, ainda era muito tempo para ficar num espaço pequeno com três caras que não paravam de falar sobre os Strigoi que eles iriam matar.

Em particular, eles ficavam tentando me arrastar junto. Eles queriam saber sobre quantos Strigoi matei. Eles queriam saber como tinha sido a batalha na academia. Eles queriam saber meus métodos. Mas toda vez que eu pensava nesses tópicos, tudo que eu conseguia pensar era no sangue e no luto. Não era nada pelo qual eu queria me gabar, e levou seis horas na estrada para eles finalmente descobrirem que não iriam conseguir muitas informações comigo.

Ao invés disso eles me contaram sobre suas próprias aventuras. Para ser justa, eles mataram vários Strigoi – mas perderam vários amigos, todos adolescentes, como esses caras. Minhas experiências não eram tão diferentes; eu também perdi amigos. Mas minhas perdas tinham sido o resultado de estar com menos número. As perdas do grupo de Denis parecia ter tido mais a ver com descuido e agir sem pensar. De fato, o plano deles assim que chegamos a Novosibirsk não era muito sólido. Eles reintegraram que Strigoi gostavam de caçar em lugares que ficavam lotados a noite, como danceterias, ou em lugares remotos como becos, que fazia alvos fáceis. Ninguém notava quando as pessoas desapareciam desse tipo

de lugar. Então os planos de Denis na maioria envolviam ir nesses pontos quentes e esperar que nos encontrássemos com algum Strigoi.

Meu pensamento inicial foi imediatamente abandonar o grupo e ir caçar sozinha. Afinal de contas, meu objetivo principal era simplesmente chegar a Novosibirsk. Com tudo o que eu aprendi, parecia lógico que a maior cidade da Sibéria fosse o melhor lugar para procurar. Então, quanto mais eu pensava, mais eu percebi que entrar na cena de Strigoi sozinha seria tão idiota quanto os planos da gangue não prometida. Eu podia usar o apoio deles. Além do mais, já que eu ainda não sabia onde estava Dimitri, eu tinha que bolar um método de conseguir informação. Eu precisava de ajuda para isso. Chegamos em Novosibirsk no segundo dia. Apesar de ter ouvido sobre o tamanho, eu não tinha imaginado que seria parecido como Moscou ou São Petersburgo. E na verdade, acabou por não ser tão grandes como elas eram, mas era como uma cidade muito completa, com arranha-céus, teatros, viajantes, e a mesma arquitetura bonita.

Ficamos com uma amiga deles que tinha um apartamento no centro, uma dhampir chamada Tamara. O inglês dela não era muito bom, mas pelo que ouvi, ela era outra não prometida e estava tão ansiosa como todo mundo para livrar o mundo dos Strigoi. Ela era um pouco mais velha que o resto de nós, que era o porque dela ter seu próprio lugar, e era uma morena fofa com sardas. Parecia que ela esperava os caras chegarem na cidade para

caçar, o que eu recebi como uma pequena benção. Pelo menos ela não ia sozinha. Ela parecia particularmente excitada por ter outra garota por perto, mas como os outros, ela rapidamente captou que eu não partilhava do entusiasmo deles.

Quando nossa primeira noite de caça aos Strigoi chegou, eu finalmente tomei a liderança. A mudança repentina de comportamento os surpreendeu no começo, mas eles logo prestaram atenção, ainda apanhados pela minha reputação de super estrela.

“Ok,” eu disse, olhando rosto por rosto. Estávamos na sala de Tamara, sentados em círculo. “É assim que vai ser. Vamos chegar no grupo como um grupo, patrulhando os becos atrás em busca –”

“Espere,” interrompeu Denis. “Normalmente nos separamos.”

“E é por isso que vocês morrem,” eu disse. “Vamos como um grupo.”

“Mas você não matou Strigoi sozinha?” perguntou Lev. Ele era o mais alto do grupo com uma figura longa e magra que era quase como a de um Moroi.

“Sim, mas tive sorte.” Isso, e eu também achava que era melhor lutadora do que qualquer um deles. Me chame de arrogante, mas eu era uma ótima guardiã. Ou quase guardiã. “Vamos nos sair melhor nós cinco. Quando encontrarmos os Strigoi temos que nos certificar de cuidar dele e isolar a área.” Eu não tinha esquecido o aviso de Sydney. “Mas antes de matar eles, eu preciso falar com eles. Vai ser o trabalho de vocês segurar eles.”

“Porque?” perguntou Denis. “O que você tem pra dizer para eles?”

“Na verdade, é o que eles tem pra dizer para mim. Olha, não vai levar muito tempo. E vocês vão matar no fim, então não se preocupem. Mas...” A próxima parte era contra meu plano mestre, mas eu sabia que tinha que dizer. Eu não arriscaria a morte deles pelo bem da minha própria busca. “Se vocês se meterem numa situação onde estiverem presos ou em perigo imediato, esqueçam a conversa e imobilização. Matem. Se salvem.”

Aparentemente, eu parecia confiante e fodona o bastante para eles decidirem seguir o que eu disse. Parte do nosso plano envolvia ir “disfarçado”, por assim dizer. Qualquer Strigoi que estivesse perto ou desse uma boa olhada imediatamente iria nos reconhecer como dhampirs. Era importante que não chamássemos atenção. Precisávamos de um Strigoi procurando vítimas que passasse por nós. Precisávamos parecer como os outros humanos frequentadores de clube. Então nos vestimos de acordo, e fiquei um pouco surpresa

com o quão bem os caras se arrumaram. Denis, maluco ou não, estava particularmente bonito, dividindo o mesmo cabelo dourado e olhos castanhos que o seu irmão Nikolai tinha. Minhas poucas mudas de roupa não estavam nos padrões de festa, então Tamara me emprestou uma roupa. Ela pareceu ficar muito satisfeita em me encontrar coisas para usar. Nós tínhamos um tamanho parecido, o que era meio incrível. Com seu corpo alto e super magro, Lissa e eu nunca fomos capazes de dividir roupas. Tamara tinha meu peso e tinha uma estrutura corporal parecida.

Ela primeiro me ofereceu um vestido curto e apertado que era similar ao que Viktoria tinha usado e eu balancei a cabeça e o devolvi. A memória da nossa discussão ainda doía, e eu não iria reviver a noite ou de forma alguma brincar de me vestir como meretriz de sangue. Ao invés disso, Tamara se conformou em me vestir com jeans preto e uma camiseta preta. Eu concordei em fazer o cabelo e colocar maquiagem, e me olhando no espelho, eu tinha que admitir que ela fez um bom trabalho. Sendo tão vaidosa quanto eu era, eu gostava de ficar bem. Eu especialmente gostei dos caras olhando para mim de um

jeito admirador e respeitoso – mas não como se eu fosse um pedaço de carne. Tamara me ofereceu joias também, mas a única coisa que eu usei foi o nazar ao redor do meu pescoço. Minha estaca exigia um casaco, mas ela encontrou um sexy de couro que não tirou o resto da apelação da roupa.

Perto da meia noite, eu não consegui deixar de balançar a cabeça. “Somos os caçadores de vampiro mais quentes do mundo,” eu murmurei.

Denis nos levou para um clube em que eles já tinham encontrado Strigoi antes. Era também onde, aparentemente, seus amigos não prometidos tinham sido mortos. Foi em uma parte decadente da cidade, o que acho que acrescenta apelo para os Strigoi. Muitas pessoas de classe média e alta eram jovens, aparentemente atraídos pelo aspecto do “perigo”. Se ao menos eles soubessem o quão perigoso era. Eu tinha feito um monte de piadas para Dimitri sobre a

Rússia e a Europa Ocidental estar atrasado dez anos na música, mas quando entramos, eu descobri que a batida da música Techno tocando foi algo que ouvi nos EUA pouco antes de partir.

O lugar estava lotado e escuro, com luzes piscantes que eram um pouco irritantes para os olhos de dhampir. Nossa visão noturna se adaptava a escuridão e então a luz brilhante aparecia. Nesse caso, eu não precisei da minha visão. Meus sentidos shadow-kissed não sentiam nenhum Strigoi na área.

“Anda,” eu disse para os outros. “Vamos dançar enquanto esperamos. Não tem Strigoi por perto.”

“Como você sabe?” perguntou Denis, me olhando com admiração.

“Eu só sei. Fiquei juntos.”

Nosso pequeno círculo se moveu para a pista. Fazia tanto tempo que eu não dançava, que eu fiquei surpresa por entrar no ritmo tão rapidamente. Parte de mim disse que eu deveria ter ficado para sempre vigilante, mas meu alarme de Strigoi iria me avisar imediatamente se qualquer perigo surgisse.

A náusea era meio difícil de ignorar.

Mas depois de uma dança, nenhum Strigoi apareceu. Saímos da pista de dança e começamos a circular pelas pontas do clube, e então saímos para varrer a área também. Nada.

“Tem outro clube por perto?” eu perguntei.

“Claro,” disse Artur. Ele era robusto, com cabeça quase raspada e um sorriso. “Algumas quadras de distância.”

Nós seguimos ele e encontramos uma cena similar: outro clube secreto escondido em um prédio. Mais luzes brilhantes. Mais multidão. Mais batida de música. Perturbante, o que começou a me incomodar primeiro foi o cheiro. Tantas pessoas juntas gerava uma grande quantidade de suor. Eu não tinha dúvidas que até os humanos podiam sentir o cheiro. Para nós era inebriante. Tamara e

eu nos olhamos e enrugamos o nariz, sem precisar de palavras para descrever nosso nojo.

Fomos para a pista de dança de novo, e Lev começou a sair para pegar uma bebida. Eu soquei ele no braço. Ele exclamou algo em russo que eu reconheci como um palavrão. "Para que foi isso?" ele perguntou.

"Por ser idiota! Como você espera matar algo duas vezes mais rápido que você se estiver bêbado?"

Ele deu nos ombros, sem se preocupar, e eu resisti a vontade de bater na cara dele dessa vez. "Um só não vai fazer nada. Além do mais, não tem nenhum –"

"Quieto!"

Estava passando por mim, aquela estranha sensação no meu estômago. Esquecendo do meu disfarce, eu parei de dançar, buscando a fonte na multidão. Enquanto estava confiando nos meus sentidos para sentir o Strigoi, ver ele na multidão era um pouco mais difícil. Eu dei alguns passos em direção a entrada, e minha náusea diminuiu. Eu me movi em direção ao bar, e ela aumentou.

"Por aqui," eu disse a eles. "Ajam como se ainda estivessem na batida da música."

Minha tensão era contagiosa, e eu vi a antecipação passar por eles – assim como um pouco de medo. Bom. Talvez eles levassem a sério. Enquanto íamos para a direção do bar, eu tentei manter minha linguagem corporal orientada em direção a ele, como se eu estivesse procurando uma bebida. Enquanto isso, meus olhos varriam a multidão.

Ali. Eu achei ele. Um homem Strigoi estava parado no canto, seus braços ao redor de uma garota que tinha mais ou menos minha idade. Na fraca luz, ele quase parecia atraente. Eu sabia que um exame mais de perto iria revelar uma pele pálida e olhos vermelhos que os Strigoi tinham. A garota podia não ser capaz de ver eles no clube escuro, ou o Strigoi podia estar usando compulsão nela. Provavelmente os dois, julgando pelo sorriso no rosto dela. Strigoi

eram capazes de compelir outros assim como usuários de espírito como Lissa podia. Até melhor. Diante dos nossos olhos, eu vi o Strigoi levar a garota em direção a um pequeno canto. No fim, eu consegui enxergar uma placa de saída. Pelo menos, eu presumi que era uma placa de saída. As letras eram em cirílico.

“Alguma ideia onde aquela porta vai dar?” eu perguntei aos outros.

Os caras deram nos ombros, e Denis repetiu a pergunta para Tamara. Ela respondeu, e ele traduziu. “Tem um pequeno beco lá trás onde eles colocam o lixo. É entre esse prédio e uma fábrica. Ninguém lá.”

“Podemos chegar lá dando a volta no beco?”

Denis esperou a resposta de Tamara. “Sim. É aberto dos dois lados.”

“Perfeito.”

Saímos do clube pela porta da frente, e eu dividi o grupo em dois. O plano era chegar no Strigoi pelos dois lados e prender ele no meio – desde que ele e sua vitima ainda estivessem lá atrás. Era possível que ele levasse ela para outro lugar, mas eu pensei que era mais provável ele subjugar e pegar o sangue dela ali mesmo, particularmente se era tão deserto quanto Tamara disse que normalmente era.

Eu tinha razão. Assim que meu grupo deu a volta atrás do clube, eu vi o Strigoi e a garota nas sombras perto da lata de lixo. Ele estava inclinado por cima dela, a boca perto seu pescoço, e eu silenciosamente xinguei. Eles não perdiam tempo. Esperando que ela ainda estivesse viva, eu vim correndo pelo beco, e os outros me seguiram. Do outro lado do beco, Denis e Lev também vieram correndo. Assim que ele ouviu nossos passos, o Strigoi reagiu instantaneamente, seus incríveis reflexos agindo. Ele imediatamente soltou a garota, e em um segundo, ele escolheu Denis e Lev ao invés de Artur, Tamara e eu. Não era uma má estratégia. Só haviam dois deles. Porque ele era tão rápido, ele provavelmente esperava

incapacitar eles rapidamente e então virar para nós antes de podermos matar ele.

E quase funcionou. Um golpe poderoso fez Lev voar. Para meu alívio, algumas latas de lixo impediram que ele batesse na parede do prédio. Bater nelas não seria muito bom, mas se eu tivesse escolha, eu preferiria latas de metal do que tijolos sólidos. O Strigoi atacou Denis a seguir, mas Denis se provou ser incrivelmente rápido.

Sem ser justa, assumi que nenhum desses não prometidos tinha realmente habilidades de luta. Eu deveria saber mais. Eles tiveram o mesmo treinamento que eu; eles só não tinham disciplina.

Denis desviou do golpe e bateu embaixo, mirando nas pernas do Strigoi. Ele acertou, embora não tenha sido forte o bastante para derrubar ele. Um flash de prata brilhou nas mãos de Denis e ele conseguiu cortar parcialmente a bochecha do Strigoi pouco antes de um golpe desajeitado empurrar o dhampir na minha direção. Um corte daqueles não seria letal para o Strigoi, mas a prata ia machucar, e eu ouvi ele rosnar. Suas presas estavam cheias de saliva. Eu desviei de Denis rápido o bastante para ele não me derrubar. Tamara agarrou o braço dele, segundo para que ele também não caísse. Ela também era rápida e mal tinha soltado ele antes de pular no Strigoi. Ele a afastou mas não conseguiu acertar ela com força o bastante para a empurrar para muito longe. Artur e eu estávamos nele naquele ponto, nossa força combinada derrubando ele contra a parede. Ainda sim, ele era forte e prendemos ele brevemente antes dele conseguir se libertar. Uma voz responsável na minha cabeça – que soava suspeitosamente como a de Dimitri – me avisou que aquela tinha sido minha janela para matá-lo. Teria sido a coisa inteligente e segura a se fazer. Eu tive a abertura, e minha estaca estava na minha mão. Se meu plano louco de interrogatório falhasse, a morte dos outros ficaria na minha mente.

Como um, Artur e eu pulamos de novo. “Nós ajudem!” eu gritei.

Tamara se jogou contra o Strigoi, dando um golpe forte no estômago também. Eu conseguia sentir ele começar a se libertar de

nós, mas então Denis se juntou também. Entre nós quatro, prendemos o Strigoi de forma que ele ficou deitado no pavimento. Mas o pior não tinha acabado. Manter ele no chão não era fácil. Ele se mexia com uma força incrível, os membros se virando por toda parte. Eu me soltei, tentando jogar o peso do meu corpo pelo torço enquanto os outros prendiam suas pernas. Outro par de mãos se juntou a nós, e eu olhei para cima e vi Lev ajudando também. O lábio dele estava sangrando, mas o rosto dele estava determinado.

O Strigoi não tinha parado de se mover, mas eu senti satisfação em perceber que ele não iria se soltar tão fácil, não com nós cinco segurando ele. Me movendo para frente, eu coloquei a ponta da minha estaca no pescoço dele. Ele fez uma pequena pausa, mas ele logo voltou a lutar. Eu me inclinei até o rosto dele.

“Você conhece Dimitri Belikov?” eu exigi.

Ele gritou algo incompreensivo para mim que não soou muito amigável. Eu pressionei a estaca com mais força e fiz um longo corte na garganta dele. Ele gritou de dor, um mal puro e maligno brilhava daqueles olhos enquanto ele continuava a xingar em russo.

“Traduza,” eu exigi, sem me importar com quem o fizesse. “O que eu falei.”

Um momento depois, Denis disse algo em russo, supostamente minha pergunta já que tinha o nome de Dimitri nela. O Strigoi rugiu em resposta, e Denis balançou a cabeça. “Ele disse que não vai brincar desse jogo com a gente.”

Eu peguei a estaca e cortei o rosto do Strigoi, aumentando o corte que Denis tinha feito. De novo, o Strigoi gritou, e eu rezei que a segurança do clube não ouvisse nada. Eu dei a ele um pequeno sorriso com malícia o bastante para combinar com o dele.

“Diga a ele que vamos brincar desse jogo com ele até ele falar. De um jeito ou de outro, ele morre hoje a noite. Depende dele isso acontecer rápido ou devagar.”

Eu honestamente não conseguia acreditar que aquelas palavras saíram da minha boca. Elas eram tão duras... tão, bem, cruéis.

Nunca na minha vida eu esperei torturar alguém, mesmo um Strigoi. O Strigoi deu as traduções de Denis outra nota de desafio, então continuei com a estacada, fazendo cortes e arranhões que teriam matado um humano, Moroi, ou dhampir.

Finalmente, ele gritou palavras que não pareciam como os insultos usuais. Denis traduziu imediatamente. “Ele disse que nunca ouviu falar de ninguém com esse nome e que se Dimitri é um amigo seu, ele vai se certificar de matar ele devagar e dolorosamente.”

Eu quase ri do último esforço de desafio do Strigoi. O problema com minha estratégia era que o Strigoi podia estar mentindo. Não tinha como eu saber. Algo na resposta dele me fez pensar que ele não estava. Ele soava como se eu estivesse me referindo a um humano ou dhampir, não um Strigoi.

“Então ele é inútil,” eu disse. Eu me inclinei e olhei para Denis. “Vá em frente e mate ele.”

Era o que Denis estava morrendo de vontade de fazer. Ele não hesitou, a estaca dele balançando com força passando pelo coração do Strigoi. A luta frenética parou um segundo depois. A luz maligna sumiu dos olhos vermelhos. Nós levantamos, e eu vi o rosto dos meus companheiros me olharem com apreensão e medo.

“Rose,” perguntou Denis finalmente. “O que você está esperando —”

“Esqueça isso,” eu interrompi, me movendo até o corpo da garota inconsciente. Me abaixando, eu examinei o pescoço dela. Ele a mordeu, mas pouco sangue tinha sido tomado. A ferida era relativamente pequena e sangrava apenas um pouco. Ela se moveu levemente e gemeu quando toquei ela, o que eu considerei um bom sinal. Cuidadosamente, eu a arrastei para longe do lixo e para a luz onde ela seria notada. O Strigoi, no entanto, eu arrastei para o lugar mais escuro que pude, escondendo ele quase completamente. Depois disso, eu pedi emprestado o celular de Denis e disquei o número que mantive no meu bolso na última semana.

Depois de alguns toques, Sydney respondeu em russo. Ela soava com sono.

“Sydney? Aqui é a Rose.”

Houve uma pequena pausa. “Rose? O que está acontecendo?”

“Você voltou para São Petersburgo?”

“Sim... onde você está?”

“Novosibirsk. Vocês tem algum agente aqui?”

“É claro,” ela disse rapidamente. “Porque?”

“Mmm... eu tenho algo para você limpar.”

“Oh nossa.”

“Hey, pelo menos estou ligando. E não é como se livrar o mundo de outro Strigoi seja uma coisa ruim. Além do mais, você não queria que eu te avisasse?”

“Sim, sim. Onde você está?”

Eu pus Denis no telefone brevemente para que ele pudesse explicar nossa localização. Ele entregou de volta o telefone para mim quando ele terminou, e eu disse a Sydney sobre a garota.

“Ela está seriamente ferida?”

“Não parece,” eu disse. “O que devemos fazer?”

“Deixem ela. O cara que está indo vai se certificar de que ela está bem e não vá contar histórias. Ele explica quando chegar aí.”

“Whoa, hey. Não vou estar aqui quando ele chegar.”

“Rose –”

“Estou saindo,” eu disse a ela. “E eu realmente gostaria que você não contasse a mais ninguém que eu liguei – digamos, tipo, o Abe.”

“Rose –”

“Por favor, Sydney. Só não conte. Ou então...” eu hesitei. “Se você contar, não vou mais ligar quando isso acontecer. Vamos derrubar mais alguns.”

Deus, o que vinha a seguir? Primeiro tortura, agora ameaças. Pior, eu estava ameaçando alguém que eu gostava. É claro, eu estava mentindo. Eu entendia porque o grupo de Sydney fazia o que fazia, e eu não iria arriscar exposição. Mas ela não sabia disso, e eu rezei para que ela pensasse que eu era instável o bastante para nos revelar para o mundo.

“Rose –” ela tentou de novo. Eu não dei a ela a chance.

“Obrigado, Sydney. Manteremos contato.” Eu desliguei e entreguei o telefone para Denis. “Anda, gente. A noite ainda não terminou.”

Estava claro que eles achavam que eu era louca por interrogar um Strigoi, mas considerando o quão descuidados eles eram as vezes, meu comportamento não era estranho o bastante para eles perderem a fé em mim. Logo eles ficaram entusiasmados de novo, animados com a ideia da nossa primeira morte nessa viagem. Minha habilidade estranha de sentir os Strigoi me fez ainda mais legal para eles, e eu fiquei confiante que eles iam me seguir em qualquer lugar.

Pegamos mais dois Strigoi aquela noite e conseguimos repetir o processo. Os resultados foram os mesmos. Muitos insultos em russo. Nenhuma nova informação. Quando eu estava convencida que o Strigoi não tinha nada para nos oferecer, eu deixei os não prometidos matarem ele. Eles amaram, mas depois da terceira vez, eu me encontrei ficando cansada tanto física quanto mentalmente. Eu disse ao grupo que íamos para casa – e então, enquanto estávamos cortando caminho, eu senti um quarto Strigoi.

Nós pulamos. Outra luta ocorreu, mas nós eventualmente conseguimos prender ele tão forte quanto os outros. “Vá em frente,” eu disse a Denis. “Você sabe o que fazer –”

“Eu vou cortar sua garganta!” o Strigoi rosnou.

Whoa. Esse falava inglês. Denis abriu sua boca para começar o interrogatório, mas eu balancei a cabeça. “Eu assumo.” Como o outro Strigoi, ele xingou e lutou, mesmo com a estaca contra o pescoço dele, dificultando para mim falar.

“Olha,” eu disse ficando impaciente e cansada, “Só nos diga o que precisamos saber. Estamos procurando por um dhampir chamado Dimitri Belikov.”

“Eu conheço ele.” A voz do Strigoi era presunçosa. “E ele não é nenhum dhampir.”

Sem perceber, eu chamei Dimitri de dhampir. Eu estava tão cansada que escapou. Não era de se admirar que o Strigoi estivesse tão feliz em falar. Ele assumiu que não sabíamos da transformação de Dimitri. E como qualquer Strigoi arrogante, ele ficou feliz em nos dizer mais, claramente na esperança de nos causar dor.

“Seu amigo foi despertado. Ele anda pela noite conosco, bebendo o sangue de garotas tolas como você.”

Em um segundo mil pensamentos passaram pela minha cabeça. Puta merda. Eu vim para Rússia esperando encontrar Dimitri. Eu tive essa esperança frustrada em sua cidade natal, o que quase me fez desistir, e eu fui para o outro lado, me resignando à quase impossibilidade de minha tarefa.

A ideia de que eu estava perto de algo era vacilante.

“Você está mentindo,” eu disse.

“Eu vejo ele o tempo todo. Eu matei com ele.”

Meu estômago se retorceu, e não tinha nada a ver com a proximidade do Strigoi. Não pense em Dimitri matando pessoas. Não pense em Dimitri matando pessoas. Eu repeti essas palavras de novo e de novo na minha cabeça, me forçando a ficar calma.

“Se isso é verdade,” eu respondi, “então tenho uma mensagem para você entregar para ele. Diga a ele que Rose Hathaway está procurando por ele.”

“Não sou um mensageiro,” ele disse, brilhando.

Minha estaca o penetrou, fazendo ele sangrar, e ele fez uma cara de dor. “Você é o que eu quiser que você seja. Agora vá dizer a Dimitri o que eu te falei. Rose Hathaway. Rose Hathaway está

procurando por ele. Diga.” Eu pressionei a ponta no pescoço dele.
“Diga meu nome para que eu saiba que você vai lembrar.”

“Eu vou lembrar para que eu possa te matar.”

Pressionei a estaca com mais força, derramando sangue.

“Rose Hathaway,” ele disse. Mas ele falou num assoviou.

Satisfeita, eu me afastei. Denis me observou com expectativa, a estaca pronta.

“Agora matamos ele?”

Eu balancei a minha cabeça. “Agora deixamos ele ir.”

DEZESSETE

Convencer eles a soltar um Strigoi – particularmente quando ele estava preso – não foi fácil. Meu questionamento não tinha feito sentido para eles também, mas eles colaboraram. Deixar um Strigoi ir? Isso era realmente maluco – mesmo para um não prometido. Eles trocaram olhares agitados uns com os outros, e eu me perguntei se eles desobedeceriam. No fim, minha dureza e autoridade prevaleceu. Eles me queriam como sua líder e tinham fé em minhas ações – não importava o quão malucas elas fossem.

É claro, assim que soltamos o Strigoi, nós tivemos problemas em nos certificar que ele fosse embora. A princípio, ele começou a atacar de novo, e então, percebendo que ele provavelmente iria ser derrubado, ele finalmente fugiu. Ele nos deu um último olhar enquanto desaparecia na escuridão. Eu não achava que ser derrubado por um grupo de adolescentes tinha feito muita coisa para a confiança dele. Ele me deu um olhar particular de ódio, e eu tremi com a ideia dele saber meu nome. Não havia nada para ser feito agora; eu só podia esperar que meu plano funcionasse.

Denis e os outros superaram eu deixar um Strigoi partir quando fizemos outras mortes aquela semana. Nós caímos numa rotina, investigando clubes e partes perigosas da cidade, confiando em meus sentidos para nos dizer quando o perigo estava próximo. Era engraçado para mim o quanto esse grupo começou a depender da minha liderança. Eles alegavam que não queriam participar das regras dos guardiões ou de autoridade, mas eles responderam surpreendentemente bem a mim dizendo a eles o que fazer.

Bem, mais ou menos. De vez em quando, eu via um pouco daquele descuido. Um deles tentava bancar o herói, subestimando um Strigoi, ou atacar sem o resto de nós. Artur quase acabou com uma concussão dessa forma. Como o maior de nós, ele ficou um pouco arrogante e foi pego de guarda baixa quando um Strigoi

jogou ele contra uma parede. Foi um momento preocupante para todos nós. Por alguns segundos agonizantes, eu temi que Artur estivesse morto – e era minha culpa sendo a líder deles. Um dos alquimistas de Sydney tinha vindo – embora eu tenha me certificado de não estar por perto, com receio que Abe me encontrasse – e tratou Artur. O cara disse que Artur ficaria bem depois de um descanso, o que significava que ele tinha que parar de caçar por um tempo. Foi difícil para ele – e eu tive que gritar com ele quando ele tentou nos seguir uma noite, lembrando ele dos seus amigos que tinham morrido por causa de tal idiotice.

No mundo humano, dhampirs tendem a seguir o horário humano. Agora eu estava num horário noturno, como o da Academia. Os outros o seguiram, a não ser Tamara, já que ela tinha um emprego diurno. Eu não queria estar sonolenta durante a hora em que os Strigoi andavam pelas ruas. Eu liguei para Sydney toda vez que deixamos um morto, e os rumores tinham que estar aparecendo na comunidade Strigoi que alguém estava fazendo muitos danos. E se o Strigoi que eu libertei levou minha mensagem, alguns desses Strigoi estariam procurando por mim especificamente.

Conforme os dias passaram, nossas mortes caíram um pouco, me fazendo pensar que os Strigoi estavam de fato tendo cuidado agora. Eu não conseguia decidir se isso era ou coisa boa ou ruim, mas eu pedi aos outros para terem cuidado extra. Eles estavam

começando a me reverenciar como uma deusa, mas eu fiquei satisfeita com a adoração deles. Meu coração ainda doía pelo que tinha acontecido com Lissa e Dimitri. Eu me envolvi em minha tarefa, tentando só pensar em trabalhar na comunidade Strigoi para chegar mais perto de Dimitri. Mas quando não estávamos caçando Strigoi, eu tinha muito tempo com nada para fazer.

Então eu continuei a visitar Lissa.

Eu sei que tem muitos garotos – como Mia – que vivem na Corte Real porque seus pais trabalham lá. Mas eu não percebi quantos deles havia. Avery naturalmente conhecia a todos, e para surpresa

de ninguém (pelo menos não a minha), a maior parte deles eram mimados e ricos.

O resto da visita de Lissa tinha sido uma série de festas formais. Quanto mais ela ouvia os Moroi da realeza falar de negócios, mais ela se irritava. Ela via o mesmo abuso de poder que ela notou antes, o mesmo jeito injusto de distribuir os guardiões como se eles fossem propriedades. O assunto controverso sobre se Moroi deveriam ou não lutar com os guardiões também era um assunto quente. A maior parte das pessoas com quem Lissa se encontrava na Corte tinha a mentalidade antiga: Deixe guardiões lutar e os Moroi ficarem protegidos. Depois de ver o resultado dessa política – e o sucesso que havia ocorrido quando pessoas como Christian e eu tentamos mudá-la – ouvir o egoísmo da elite Moroi irritava Lissa.

Ela dava boas vindas a suas escapadas desses eventos sempre que podia, ansiosa para fazer algo selvagem com Avery. Avery sempre era capaz de encontrar pessoas para andar e frequentar festas de uma natureza muito diferente das de Tatiana. Os políticos sufocantes da Corte nunca iam para essas festas, mas ainda havia várias outras coisas para deixar Lissa para baixo.

Em particular, Lissa sentia culpa, raiva, e depressão por mim ficando cada vez mais profundas. Ela viu o bastante dos efeitos do espírito no humor dela para reconhecer possíveis sinais de aviso, embora ela não tenha usado ativamente espírito nessa viagem. Independente da causa dos humores, ela ainda continuava a fazer seu melhor para procurar distração e sufocar sua depressão.

“Observe,” avisou Avery uma noite. Ela e Lissa estavam em uma festa antes de voarem de volta para a Academia. Muitos dos que viviam na Corte tinham residência permanente, e essa festa era na casa de um tal de Szelsky que servia e assistia um comitê que Lissa não conhecia.

Lissa não conhecia o anfitrião também, mas isso não importou, já que seus pais estavam fora da cidade.

“Observe o que?” perguntou Lissa, olhando ao redor. A casa tinha um jardim na parte de trás, iluminado por tochas e barbantes de

luzes cintilantes. Havia bebida e comida a força total, e um cara Moroí tinha uma guitarra e estava tentando impressionar as garotas com suas habilidades musicais – que não existiam. Na verdade, a música dele era tão horrível que ele poderia ter descoberto um novo jeito de matar Strigoi. Mas ele era fofo o bastante para suas admiradoras não parecerem se importar com o jeito que ele tocava.

“Isso,” disse Avery apontando para o Martini de Lissa. “Você está contando quantos deles está tomando?”

“Não que eu saiba,” disse Adrian. Ele estava esticado em uma cadeira ali perto, um drink em sua própria mão.

Lissa se sentia um pouco amadora comparada a eles. Enquanto Avery ainda era sua selvagem flertadora, ela não tinha o ar louco ou idiota de alguém completamente acabado. Lissa não sabia o quanto as outras garotas tinham bebido, mas era presumivelmente muito já que Avery sempre tinha um drink na mão. Igualmente, Adrian nunca parecia estar sem bebida, os efeitos dos quais na maior parte o suavizavam. Lissa supôs que eles tinham muito mais experiência que ela. Ela ficou mole com o passar dos anos.

“Estou bem,” mentiu Lissa, que estava vendo seus arredores girarem um pouco e estava seriamente contemplando umas garotas dançando em uma mesa no jardim.

Os lábios de Avery se torceram em um sorriso, embora os olhos dela tenham mostrado um pouco de preocupação. “Claro. Só não fique enjoada nem nada assim. Esse tipo de coisa se espalha, e a última coisa que nós precisamos é todo mundo saber que a garota Dragomir não aguenta beber. Sua família tem uma poderosa reputação para manter.”

Lissa bebeu mais. “De alguma forma, eu duvido que consumo de álcool seja parte da família dos meus ilustres antepassados.”

Avery empurrou Adrian e deitou perto dele na cadeira. “Hey, você ficaria surpresa. Em dez anos, esse grupo será seus pares no conselho. E você vai estar tentando aprovar alguma resolução, e eles vão estar tipo, „Lembra daquela vez quando ela ficou enjoada e

vomitou naquela festa??” Lissa e Adrian riram disso. Lissa não achava que ia vomitar, mas como tudo mais, ela iria se preocupar com isso mais tarde. O melhor ponto de tudo isso era que beber estava ajudando a amortecer as memórias do que tinha acontecido mais cedo naquele dia. Tatiana tinha apresentado ela a seus futuros guardiões: um cara maduro chamado Grant e uma “senhorita”, cujo nome era Serena. Eles foram gentis, mas a comparação deles com Dimitri e eu foi demais. Aceitar eles parecia uma traição a nós, e ainda sim Lissa simplesmente acenou e agradeceu Tatiana.

Mais tarde Lissa soube que Serena originalmente tinha sido designada para proteger uma garota que ela conheceu toda a sua vida. A garota não era da realeza, mas as vezes, dependendo do número de guardiões, até mesmo não reais tinham guardiões – embora nunca mais do que um. Quando a posição para proteção de Lissa ficou vaga, no entanto, Tatiana tinha tirado Serena do seu trabalho com sua amiga. Serena sorriu e disse a Lissa que não importava. O dever vinha primeiro, ela disse, e ela estava feliz por servir ela. Ainda sim Lissa se sentia mal, sabendo que deve ter sido difícil para as duas garotas – e terrivelmente injusto. Mas lá estava de novo: uma balança de poder injusta com ninguém para mantê-la na linha.

Saindo daquele encontro, Lissa amaldiçoou sua própria mansidão. Se ela não tivesse a coragem para me seguir, ela pensou, ela deveria pelo menos bater o pé e exigir que Tatiana dessa a ela minha mãe. Então Serena poderia voltar para sua amiga, e haveria uma amizade ainda intacta no mundo.

O Martini simultaneamente pareceu adormecer a dor e fazer ela se sentir ainda pior, o que honestamente não fazia sentido para Lissa. Tanto faz, ela pensou.

E quando ela viu um servo passando, ela o chamou e pediu mais um.

“Hey, posso – Ambrose?”

Ela encarou surpresa o cara parado diante dela. Se houvesse um calendário de roupa de banho com os caras dhampir mais gostosos,

esse seria o modelo da capa (fora Dimitri – mas então, eu era tendenciosa). O nome desse cara era Ambrose, e ela e eu conhecemos ele na nossa viagem para lá juntas. Ele tinha uma pele profundamente bronzeada e músculos bem formados debaixo daquela camisa cinza de botões. Ele era uma excentricidade em particular na Corte, um dhampir que rejeitou servir como guardião e fazia todo tipo de tarefas ali, como dar massagens e – se os rumores eram verdade – ter “encontros românticos” com a rainha. Esse ainda me dava medo, e eu já me deparei com algumas coisas bem nojentas na vida.

“Princesa Dragomir,” ele disse, dando a ela um sorriso perfeito. “Uma surpresa inesperada.”

“Como você tem estado?” ela perguntou, genuinamente feliz por vê-lo.

“Bem, bem. Eu tenho o melhor emprego no mundo afinal de contas. E você.”

“Ótima,” ela respondeu.

Ambrose parou, olhando para ela. Ele não soltou aquele incrível sorriso, mas Lissa percebeu que ele não concordava com ela. Ela podia ver a desaprovação no rosto dele. Avery acusar ela de beber demais era uma coisa. Mas um servo dhampir? Inaceitável. Lissa ficou fria, e ergueu sua taça.

“Eu preciso de outro Martini,” ela disse, a voz dela tão arrogante quanto qualquer perfeito da realeza.

Ele sentiu a mudança nela, e o sorriso amigável dele se tornou educadamente indiferente. “Imediatamente.” Ele fez uma pequena reverência e foi para o bar.

“Jeez,” disse Avery, observando admirada enquanto ele se afastava. “Porque você não nos apresentou para o seu amigo?”

“Ele não é meu amigo,” disse Lissa. “Ele não é ninguém.”

“Concordo,” disse Adrian, colocando um braço ao redor de Avery. “Porque olhar para toda parte quando você tem o melhor aqui

mesmo?" Se eu não o conhecesse bem, eu juraria que aquilo era uma dica de um ciúmes legítimo por debaixo daquele tom jovial. "Eu não saí do meu caminho para trazer você para tomar café com minha tia?"

Avery deu a ele um sorriso preguiçoso. "Esse é um bom começo. Mas você ainda tem que trabalhar para me impressionar, Ivashkov." O olhar dela foi para a cabeça de Lissa e ficou surpreso. "Hey, belezura está aqui."

Mia, com Jill agora, vinham passando pelo jardim, indiferentes ao olhar chocado que ela recebeu. As duas claramente estavam deslocadas.

"Hey," disse Mia quando ela alcançou o grupo de Lissa. "Meu pai foi chamado, e eu tenho que ir com ele. Vim trazer Jill de volta."

"Sem problemas," disse Lissa automaticamente, embora ela claramente não estivesse feliz por Jill estar ali. Lissa ainda imaginava se Christian tinha algum interesse especial nela. "Tudo bem?"

"Yeah, só negócios."

Mia se despediu de todos e saiu da festa tão rapidamente quanto tinha chego, virando os olhos para todas as caras surpresas e chocadas das pessoas da realeza enquanto passava.

Lissa voltou sua atenção para Jill, que estava sentada em uma cadeira próxima e estava olhando ao seu redor com admiração. "Como você tem estado? Você se divertiu com Mia?"

Jill se voltou para Lissa, o rosto brilhando. "Oh yeah. Ela é ótima. Ela fez tanto progresso com a água. É loucura! E ela me ensinou alguns golpes de luta também. Eu posso dar um soco de direita... embora não seja muito forte."

Ambrose voltou com a bebida de Lissa. Ele entregou para ela sem dizer nada e se suavizou um pouco quando viu Jill. "Quer alguma coisa?"

Ela balançou a cabeça. "Não, obrigado."

Adrian estava observando Jill com cuidado. "Você está bem? Você quer que eu te leve de volta para o seu quarto?" Como antes, a atenção dele não era romântica. Ele parecia considerar ela uma irmã menor, o que eu pensei que era fofo. Eu não achei que ele fosse capaz desse tipo de comportamento protetor.

Ela balançou a cabeça de novo. "Está tudo bem. Não quero que você tenha que sair... a não ser..." A expressão dela ficou preocupada. "Você quer que eu vá?"

"Nah," disse Adrian. "É bom ter alguém responsável nessa névoa de confusão. Você deveria pegar uma comida, se você estiver com fome."

"Você parece uma mãe," provocou Avery, ecoando meus pensamentos.

Por qualquer que fosse a razão, Lissa levou para o lado pessoal o comentário sobre "responsabilidade" de Adrian, como se ele tivesse xingado ela diretamente. Eu não achava que esse era o caso, mas ela não estava pensando direito. Decidindo que ela queria comida para si, ela levantou e foi até a mesa no jardim que tinha bandejas com aperitivos nela. Bem, tinha mais cedo. Agora a mesa estava sendo usada pelas garotas dançantes que Lissa tinha notado antes. Alguém tinha arrumado espaço movendo todas as bandejas de comida para o chão. Lissa se inclinou e pegou um pequeno sanduíche, observando as garotas e se perguntando como elas conseguiram encontrar algum tipo de ritmo naquela horrível música da realeza.

Uma das garotas viu Lissa e sorriu. Ela estendeu a mão. "Hey, suba aqui."

Lissa a encontrou uma vez mas não lembrava seu nome. Dançar de repente parecia uma grande ideia. Lissa terminou seu sanduíche e, com uma bebida na mão, se permitiu ser puxada. Isso recebeu alguma salva de palmas das pessoas reunidas ao redor. Lissa descobriu que a música louca era irrelevante e se encontrou entrando no ritmo. Os movimentos dela e das outras garotas variavam para super sexual até disco. Tudo era diversão, e Lissa se

perguntou se Avery alegaria que isso iria perseguir ela por 10 anos também.

Depois de um tempo, ela e as outras tentaram sincronizar seus movimentos. Elas começaram jogando seus braços no ar e então foram fazer uns chutes juntas. Aqueles chutes se provaram desastrosos. Um tropeço – Lissa estava usando salto – de repente enviou ela para a ponta da mesa. Ela perdeu a bebida e quase caiu antes de um par de braços pegar ela e a manter erguida. “Meu herói,” ela murmurou. Então ela olhou bem para seu salvador. “Aaron?”

O ex namorado de Lissa – e o primeiro cara com quem ela dormiu – olhou para ela com um sorriso e a soltou assim que ele teve certeza que ela podia ficar em pé. Cabelo loiro e olhos azuis, Aaron era bonito de um jeito surfista. Eu não consegui me impedir de

imaginar o que teria acontecido se Mia tivesse visto. Ela, Aaron, e Lissa uma vez estiveram envolvidos em um triângulo amoroso digno de uma novela mexicana.

“O que você está fazendo aqui? Pensamos que você tinha desaparecido,” Lissa disse. Aaron tinha partido da academia alguns meses atrás.

“Vou para a escola em New Hampshire,” ele respondeu. “Estamos aqui visitando familiares.”

“Bem, é ótimo ver você,” disse Lissa. As coisas terminaram entre eles, mas no estado atual dela, ela falou cada palavra pra valer. Ela estava bêbada o bastante para achar que era ótimo ver todos na festa.

“Você também,” ele disse. “Você está incrível.”

As palavras dele a atingiram mais do que ela esperava, provavelmente porque todo mundo aqui havia implicado que ela parecia um lixo e irresponsável. E separados ou não, ela não podia se impedir de lembrar que ela já gostou dele. Honestamente, ela ainda achava ele atraente. Ela só não o amava mais.

“Você deveria manter contato,” ela disse. “Nos contar o que está acontecendo.” Por um momento, ela se perguntou se ela tinha dito isso, já que ela tinha um namorado. Então ela ignorou as preocupações. Não havia nada errado em andar com outros caras – particularmente já que Christian não tinha se importado o bastante com ela para vir junto.

“Seria bom,” disse Aaron. Havia algo nos olhos dele que ela achava prazerosamente desconcertante. “Mas eu não suponho que vá receber um beijo de adeus, já que eu te resgatei e tudo mais?”

A ideia era absurda – então, depois de um momento, Lissa riu. O que importava? Christian era quem ela amava, e um beijo entre dois amigos não iria significar nada. Olhando para cima, ela deixou Aaron se abaixar e segurar seu rosto. Os lábios deles se encontraram, e não havia como negar: O beijo durou um pouco mais do que um beijo de amigos. Quando terminou, Lissa se encontrou sorrindo com uma estudante deslumbrada – o que, tecnicamente, ela era.

“Te vejo por aí,” ela disse, indo em direção a seus amigos.

Avery usava um olhar punitivo, mas não era por causa de Aaron ou o beijo. “Você está louca? Você quase quebrou a perna. Você não pode fazer esse tipo de coisa.”

“Era para vocês serem os divertidos,” apontou Lissa. “Não foi nada demais.”

“Diversão não é a mesma coisa que estupidez,” Avery respondeu, o rosto sério. “Você não pode fazer merdas estúpidas como essa. Eu acho que deveríamos levar você para casa.”

“Estou bem,” disse Lissa. Ela teimosamente desviou o olhar de Avery e ao invés disso se focou em uns caras que estavam tomando doses de tequila. Eles estavam fazendo algum tipo de competição – e metade deles parecia pronto para desmaiar.

“Defina „bem?,” disse Adrian secamente. Ainda sim ele também parecia preocupado.

“Estou bem,” Lissa repetiu. O olhar dela voltou para Avery. “Eu não me machuquei.” Ela esperava um xingamento por causa de

Aaron e estava surpresa por eles não terem dito nada a ela – o que fez ser ainda mais surpreendente quando veio de uma fonte diferente.

“Você beijou aquele cara!” exclamou Jill, se inclinando para frente. O rosto dela estava irritado, e ela não mostrava nenhuma das suas habituais reticências.

“Não foi nada,” disse Lissa, que estava irritada por ter Jill a repreendendo entre todas as pessoas. “Certamente não é da sua conta.”

“Mas você está com Christian! Como você pode fazer isso com ele?”

“Relaxe, Belezura.” Disse Avery. “O beijo de uma bêbada não é nada comparado com a queda de uma bêbada. Deus sabe que beije muitos caras bêbada.”

“E ainda sim, eu permaneço não beijado essa noite,” disse Adrian, com um balançar de cabeça.

“Não importa.” Jill estava agitada. Ela passou a gostar e respeitar Christian. “Você o traiu.”

Com aquelas palavras, Jill poderia muito bem ter praticado seu gancho de direita em Lissa. “Eu não trai!” Lissa exclamou. “Não traga sua paixão por ele nisso e imagine coisas que não estão lá.”

“Eu não imaginei aquele beijo,” disse Jill, corando.

“Aquele beijo é a última das nossas preocupações,” suspirou Avery. “Estou falando sério – só deixem para lá por agora, gente. Vamos conversar de manhã.”

“Mas –” começou Jill.

“Você ouviu. Deixe para lá,” uma nova voz rosnou. Reed Lazar apareceu do nada e estava olhando para Jill, o rosto mais duro e assustador do que nunca.

Os olhos de Jill se alargaram. “Só estou dizendo a verdade...” eu tinha que admirar a coragem dela, considerando a sua natureza normalmente tímida.

“Você está irritando todo mundo,” disse Reed, se aproximando e fechando seus punhos. “E você está me irritando.” Eu tinha certeza que eu isso era o máximo que eu já tinha ouvido ele falar. Eu tendia a pensar que ele era tipo um homem das cavernas, juntando três palavras.

“Whoa.” Adrian pulou para o lado de Jill. “Você precisa deixar isso para lá. O que, você vai começar uma briga com uma garota?”

Reed olhou para Adrian. “Fique fora disso.”

“O inferno que eu vou! Você é maluco.”

Se todos me pedissem para fazer uma lista das pessoas mais prováveis de se arriscar em uma luta para defender a honra de uma dama, Adrian Ivashkov estaria na parte debaixo da lista. Ainda sim ali estava ele, o rosto duro e a mão protetora no ombro de Jill. Eu estava assombrada. E impressionada.

“Reed,” disse Avery. Ela também tinha se levantado e agora estava do outro lado de Jill. “Ela não quis dizer nada disso. Se afaste.”

Os dois irmãos ficaram ali, olhos trancados em algum tipo de conversa silenciosa. Avery estava com o olhar mais duro que eu já tinha visto nela, e finalmente, ele cedeu e se afastou. “Tudo bem. Tanto faz.”

O grupo observou com surpresa enquanto ele se afastava abruptamente. A música estava tão alta que apenas alguns festeiros ouviram a briga. Eles pararam e encararam, e Avery parecia envergonhada enquanto voltava para sua cadeira. Adrian ainda estava ao lado de Jill. “O que diabos foi isso?” Adrian exigiu.

“Eu não sei,” Avery admitiu. “Ele fica estranho e super protetor as vezes.” Ela deu a Jill um sorriso apoplético. “Realmente sinto muito.”

Adrian balançou a cabeça. “Eu acho que está na hora de irmos.”

Mesmo em seu estado bêbado, Lissa tinha que concordar. O confronto com Reed a chocou fazendo ela ficar sóbria, e ela estava nervosamente reavaliando suas ações de hoje a noite. A luz

brilhante e os coquetéis chiques da festa tinham perdido seu charme. A brincadeira bêbada dos outros da realeza parecia desajeitada e idiota. Ela tinha o pressentimento que iria se arrepender dessa vez amanhã.

Quando voltei para minha cabeça, eu senti medo. Ok. Algo estava errado com Lissa, e ninguém pareceu notar – bem, não na extensão que eles deveriam. Adrian e Avery pareciam preocupados, mas eu tinha o pressentimento que eles estavam culpando o comportamento dela por causa da bebida. Lissa estava me lembrando muito sobre quando nós voltamos para St. Vladimir, quando espírito estava se apoderando e mexendo com a mente dela.

A não ser que... eu conhecia o bastante sobre mim para perceber que minha raiva e fixação em destruir Strigoi estava sendo influenciada pelo lado negro do espírito também. Isso significava que eu o estava drenando dela. Ele deveria estar deixando Lissa, não aumentando. Então qual era o problema dela? Esse pavio curto, loucura, e ciúmes estavam vindo da onde? A escuridão do espírito estava simplesmente se intensificando tanto que se espalhou para nós duas? Estávamos nos separando?

“Rose??

“Huh?” eu olhei para onde eu estava olhando em branco para a TV. Denis estava olhando para mim, seu celular na mão.

“Tamara teve que trabalhar até mais tarde. Ela está pronta para ir agora, mas...”

Ele acenou em direção a janela. O sol estava quase se pondo, o céu púrpura, com apenas um pouco de horizonte laranja. O trabalho de Tamara era longe caminhando, e embora enquanto estivesse lá provavelmente não houvesse problemas, eu não queria que ela ficasse sozinha no pôr-do-sol. Eu levantei. “Anda, vamos buscar ela.” Para Lev e Artur eu disse, “Vocês podem ficar aqui.”

Denis e eu andamos meio quilômetro até o pequeno escritório onde Tamara trabalhava. Ela fazia todo tipo de tarefa, como tirar cópias e arquivamentos, e aparentemente houve algum tipo de

projeto que fez ela se atrasar. Encontramos com ela na porta e andamos de volta para o apartamento sem incidentes, conversando animados sobre nossos planos de caça para noite. Quando chegamos no prédio de Tamara, eu ouvi um estranho lamento do outro lado da rua. Todos viramos, e Denis engasgou.

“Meu Deus, é aquela mulher louca de novo,” eu murmurei.

Tamara não vivia numa parte ruim da cidade, mas como em qualquer cidade haviam sem teto e mendigos. A mulher que observávamos era quase tão velha quanto Yeva, e ela regularmente andava pela rua, falando consigo mesma. Hoje, ela estava deitada de costas na calçada, fazendo barulhos estranhos enquanto mexia seus membros como uma tartaruga.

“Ela está ferida?” eu perguntei.

“Não. Só maluca,” disse Denis. Ele e Tamara viraram para entrar, mas uma parte de mim não podia abandonar ela. Eu suspirei.

“Eu já vou entrar.”

A rua estava silenciosa (fora a velha) e eu atravessei sem medo do trânsito. Alcançando a mulher, eu estendi minha mão para ajudar ela, tentando não pensar em quão

suja ela estava. Como Denis disse, ela meramente parecia estar no modo maluca hoje. Ela não estava ferida; ela aparentemente tinha só decidido se deitar. Eu tremi. Eu usava muito a palavra louca quando se tratava de Lissa e eu, mas isso era realmente louco. Eu realmente, realmente esperava que o espírito nunca nos levasse tão longe. A senhora sem teto parecia surpresa por mim ajudar ela mas pegou minha mão e começou a falar excitadamente em russo. Quando ela tentou me abraçar em gratidão, eu me afastei e ergui minha mão no sinal internacional de “se afaste”.

Ela de fato se afastou mas continuou a conversar feliz. Ela agarrou a lateral do seu longo casaco e os segurava como se fosse uma saia de vestido antigo, e a começou a rodar elas e a cantar. Eu ri, surpresa que em meu mundo severo, isso fosse me alegrar. Eu

comecei a cruzar a rua de volta para o lugar de Tamara. A senhora parou de dançar e começou a falar feliz comigo de novo.

“Desculpe, tenho que ir,” eu disse a ela. Ela não pareceu registrar.

Então ela congelou na metade da frase. A expressão dela me avisou apenas um milésimo de segundo antes da minha náusea. Em um movimento fluído, eu virei para encontrar quem estava atrás de mim, tirando minha estaca enquanto me movia. Havia um Strigoi ali, alto e imponente, tendo aparecido de fininho enquanto eu estava distraída.

Idiota, idiota. Eu me recusei a deixar Tamara a andar pra casa sozinha, mas eu nunca considereei o perigo do lado de fora da minha

—

“Não...”

Eu não tinha certeza se eu tinha dito as palavras ou pensado. Não importava. A única coisa que importava ali era o que meus olhos viam diante de mim. Ou melhor, o que meus olhos pensavam que estavam vendo. Porque certamente, certamente, eu estava imaginando. Não podia ser real. Não depois de todo esse tempo.

Dimitri.

Eu o reconheci instantaneamente, embora ele... tenha mudado. Eu acho que em uma multidão de um milhão de pessoas, eu teria reconhecido ele. A conexão entre nós dois não permitia nada diferente. E depois de ter ficado tanto tempo privada dele, eu absorvi cada feição. Seu cabelo escuro, hoje solto e com algumas mechas em seu rosto. O familiar par de lábios, virados agora em um sorriso divertido e ainda sim gelado. Ele até estava usando o mesmo casaco de sempre, comprido e de couro que poderia ter saído direto de um filme de cowboy.

E então... haviam as feições de Strigoi. Os seus olhos escuros – olhos que eu amava – brilhavam em vermelho. A pálida, pálida pele. Quando vivo, sua cor era tão bronzeada quanto a minha, graças a tanto tempo do lado de fora. Se ele abrisse a boca, eu sabia que veria presas.

Toda minha avaliação aconteceu em um segundo. Eu reagi rápido quando eu senti ele – mais rápido do que ele provavelmente esperava. Eu ainda tinha o elemento de surpresa, minha estaca apontada e pronta. Eu estava numa linha perfeita do coração dele. Eu percebi, ali e agora, que eu poderia acertar mais rápido do que ele poderia se defender. Mas...

Os olhos. Oh Deus, os olhos.

Mesmo com aquele anel vermelho ao redor de suas pupilas, os olhos dele ainda me lembravam o Dimitri que eu conhecia. O olhar dele – o brilho sem alma e malicioso – que

não era nada como ele. Mas havia uma semelhança o bastante para agitar meu coração, para sobrepujar meus sentidos e sentimentos. Minha estaca estava pronta. Tudo o que eu tinha que fazer era dar o golpe. Eu tinha o momento ao meu lado...

Mas eu não podia. Eu precisava de mais alguns segundos, mais alguns segundos para absorver ele antes de o matar. E foi então que ele falou.

“Roza.” A voz dele tinha aquela mesma maravilhosa humildade, o mesmo sotaque... só era mais fria. “Você esqueceu minha primeira lição: Não hesite.”

Eu mal vi o punho dele vir em direção a minha cabeça... e então não vi mais nada.

DEZOITO

Sem surpresa nenhuma, acordei com dor de cabeça.

Por alguns segundos, eu não fazia ideia do que tinha acontecido e onde eu estava. Enquanto a sonolência passava, os eventos na rua voltaram para mim. Eu sentei direito, todas as minhas defesas prontas, apesar da leve tontura. Hora de descobrir onde eu estava agora.

Eu sentei na enorme cama no quarto escuro. Não – não era só um quarto. Era mais como uma suíte ou um estúdio. Eu pensei que o hotel em São Petersburgo era majestoso, mas isso me surpreendeu. O meio estúdio em que eu estava continha uma cama e os acessórios normais de um quarto: uma cômoda, bidês, etc. A outra metade parecia como uma sala, com sofá e televisão. Prateleiras estavam nas paredes, cheias de livros. A minha direita tinha um curto corredor com uma porta. Provavelmente o banheiro. Do meu outro lado tinha uma grande janela, escura, como as janelas dos Moroi normalmente eram. Essa era mais escura do que qualquer um que eu já tenha visto. Era de um preto quase sólido, quase impossível de se ver através dela. Só o fato de que eu podia diferenciar o céu no horizonte – depois de muito esforço – me avisou que era dia.

Em saí da cama, meus sentidos alertas enquanto eu tentava avaliar meu perigo. Meu estômago estava bem; não haviam Strigoi na área. Isso não necessariamente excluía alguma outra pessoa. Eu não podia tomar nada como garantido – fazer isso foi o que me meteu em problemas na rua. Mas não havia tempo para ponderar isso. Ainda não. Se eu fizesse, minha decisão iria sumir.

Saindo da cama, eu procurei minha estaca no bolso do casaco. Não estava ali, é claro. Eu não vi mais nada por perto que pudesse ser uma arma, o que significava que eu iria ter que confiar em meu

próprio corpo para lutar. Com o canto do olho, eu vi um interruptor na parede. Eu o liguei e congelei, esperando ver o que – ou quem – as luzes revelariam.

Nada estranho. Não havia mais ninguém. Imediatamente, eu fiz a primeira coisa óbvia e fui checar a porta. Estava trancada, como eu esperava, e o único jeito de abrir era por uma tranca com teclado numérico. Além disso, ela era pesada e parecia ser feita de aço. Me lembrava de uma porta de incêndio. Não havia como abrir, então eu voltei para continuar minha exploração. Era meio irônico. Muitas das minhas aulas tinham sido para detalhar formas de checar um lugar. Eu sempre as odiei; eu queria aprender sobre luta. Agora parecia que aquelas aulas que pareceram inúteis naquela época tinham realmente algum propósito.

A luz deu mais relevo aos objetos da suíte. A cama estava coberta com um edredom de cetim marfim, preenchido com o máximo de fofura possível. Na sala, eu vi que a TV era boa – muito boa. Tela grande de plasma. Parecia ser novinha. Os sofás eram bons também, coberto com um couro verde. Era uma escolha incomum para o couro, mas funcionou bem. Todos os móveis do lugar – mesas, escrivaninhas, cômoda – tudo era feito de uma suave e polida madeira preta. No canto da sala, eu vi um pequeno refrigerador. Me abaixando, eu o abri e encontrei uma garrafa de água e suco, algumas frutas, e um saco de queijo perfeitamente cortado. No topo do refrigerador eu vi salgadinhos: nozes, bolachas, e

um tipo de pastel. Meu estômago roncou, mas de jeito nenhum eu iria comer nada desse lugar.

O banheiro era do mesmo estilo que o resto do estúdio. O chuveiro e a grande Jacuzzi ([Nota 4](#)) eram feitas de mármore preto, e pequenos sabonetes e xampus se alinhavam no balcão. Um enorme espelho estava pendurado acima da pia, a não ser... que não estava pendurado. Estava embutido na parede e não havia como remover ele. O material era estranho. Parecia mais como um metal refletor do que vidro.

A princípio eu pensei que isso era estranho, até que voltei para o quarto principal e olhei ao redor. Não havia nada aqui que pudesse virar uma arma. A TV era grande demais para mover ou quebrar, fora quebrar a tela, que parecia ser feita de um tipo high-tech de plástico.

Não havia vidro nas mesas. As prateleiras estavam presas. As garrafas no refrigerador eram de plástico. E a janela...

Eu corri até ela, sentindo suas beiradas. Como o espelho, ela estava perfeitamente colocada na parede. Não havia painéis. Era um pedaço grande.

Forçando os olhos de novo, eu finalmente consegui uma vista detalhada dos meus arredores e vi... nada. A terra parecia ser de planícies, com apenas algumas árvores espalhadas. Me lembrou do deserto enquanto eu viajava para Baia. Eu não estava mais em Novosibirsk, aparentemente. E olhando, eu vi que estava em um lugar alto. Quarto andar, talvez. Onde quer que fosse, eu estava alto demais para pular sem quebrar uma perna. Ainda sim, eu tinha que fazer algo. Eu não poderia simplesmente ficar sentada aqui.

Eu peguei uma das cadeiras da escrivaninha e a bati contra a janela – e recuei um pouco por causa do efeito ou da cadeira ou do vidro. “Jesus Cristo,” eu murmurei. Eu tentei mais três vezes e não tive sorte. Era como se os dois fossem feitos de aço. Talvez o vidro tivesse algum tipo de reforço à prova de balas. E a cadeira... bem, eu iria saber. Era toda feita de madeira e não mostrava nenhum sinal de farpas, mesmo depois de toda a força que eu usei. Mas já que passei toda a minha vida fazendo coisas que não eram razoáveis eu continuei a tentar quebrar o vidro.

Eu estava na minha quinta tentativa quando meu estômago me avisou que um Strigoi se aproximava. Virando, eu continuei a segurar a cadeira e olhar para a porta. Ela se abriu, e eu bati no intruso, com a ponta da cadeira.

Era Dimitri.

Aqueles mesmos sentimentos conflitados que eu senti na rua voltaram, amor misturado com terror. Dessa vez, eu ignorei o amor, sem recuar do meu ataque. Não que eu pudesse fazer muita coisa. Acertar ele era como acertar a janela. Ele me empurrou para trás, e eu me assustei, ainda segurando a cadeira. Eu mantive o equilíbrio e ataquei mais uma vez. Dessa vez, quando colidimos, ele segurou a cadeira e a tirou das minhas mãos. Ele então a jogou na parede, como se não pesasse nada.

Sem aquela miserável arma, eu tive que novamente confiar na força do meu corpo. Eu estive fazendo isso nas últimas semanas enquanto questionava os Strigoi; isso deveria ser a mesma coisa. É claro, eu tinha mais quatro pessoas para me ajudar. E nenhum daqueles Strigoi era Dimitri.

Mesmo quando dhampir, ele era difícil de vencer. Agora que ele tão dotado quanto – só que mais rápido e mais forte. Ele também conhecia todos os meus golpes, já que foi ele quem me ensinou. Era quase impossível surpreender ele.

Mas como com a janela, eu não podia ficar inativa. Eu estava presa em um quarto – o fato de ser um quarto grande e luxuoso não importava – com um Strigoi. Um Strigoi. Era o que eu ficava me dizendo. Havia um Strigoi aqui. Não Dimitri. Tudo que eu disse a Denis e os outros se aplicava aqui. Seja inteligente. Seja vigilante. Se defenda.

“Rose,” ele disse, defendendo um dos meus chutes sem esforço. “Você está perdendo tempo. Pare.”

Oh, aquela voz. A voz que eu ouvia quando caía no sono a noite, a voz que uma vez havia me dito que me amava...

Não! Não é ele. Dimitri se foi. Isso é um monstro.

Desesperadamente, tentei pensar em como eu poderia ganhar. Eu até pensei em convocar os fantasmas que convoquei na estrada. Mark tinha me dito que eu poderia fazer isso em um momento de emoção descontrolada e que eles iriam lutar por mim. Isso era o máximo de descontrole que eu poderia ter, e ainda sim eu não

conseguia chamar eles. Eu honestamente não fazia ideia de o que fiz antes, e todo o desejo do mundo não foi capaz de fazer isso acontecer agora. Merda. Para que serve poderes aterrorizantes se eu não podia usar eles para minha vantagem?

Ao invés disso, eu tirei o DVD player da prateleira, os fios saindo da parede. Não era muito uma arma, mas eu estava desesperada agora. Eu ouvi um estranho e primitivo grito de batalha, que uma parte de mim percebeu que eu o estava fazendo. De novo, eu bati em Dimitri, balançando o DVD player com o máximo de força que eu pude. Provavelmente doeria um pouco – se tivesse acertado nele. Não acertei. Ele me interceptou de novo, o pegando de mim, e o jogando no chão. Ele quebrou em pedaços. No mesmo movimento, ele agarrou meu braço e me impediu de bater ou pegar outra coisa. O aperto dele era forte, como se fosse quebrar meus ossos, mas eu continuei lutando.

Ele tentou ser razoável de novo. “Não vou machucar você. Roza, por favor pare.”

Roza. O antigo apelido. O nome que ele me chamou pela primeira vez quando caímos no encanto de luxúria de Victor, nós dois nus nos braços um do outro...

Esse não era o Dimitri que eu conhecia.

Minhas mãos estavam incapacitadas, então eu o atingi com minhas pernas e pé da melhor forma que pude. Não fez muita coisa. Sem o uso total do resto do meu corpo para equilíbrio, eu não tinha força nos meus chutes. Quanto a ele, ele parecia mais incomodado do que preocupado ou irritado. Com um alto suspiro, ele me agarrou pelos ombros e me virou, me pressionando contra a parede e me imobilizando com a força total do seu corpo. Eu lutei um pouco mas estava tão presa quanto os Strigoi tinha estado quando eu e os outros estávamos caçando. O universo tem um senso de humor doentio.

“Pare de lutar comigo.” O hálito dele era quente contra meu pescoço, seu corpo contra o meu. Eu sabia que a boca dele estava apenas alguns centímetros de distância. “Não vou machucar você.”

Eu dei outro empurrão. Minha respiração estava ofegante, e a dor na minha cabeça dobrou. “Você tem que entender que eu tenho dificuldades em acreditar nisso.”

“Se eu quisesse você morta, você estaria morta. Agora, se você vai ficar lutando, vou ter que te amarrar. Se você parar, eu te deixo ficar solta.”

“Você não tem medo que eu fuja?”

“Não.” A voz dele era perfeitamente calma, e calafrios passaram por minha espinha. “Não tenho.”

Ficamos assim por quase um minuto, um impasse. Minha mente voava. Era verdade que ele provavelmente já teria me matado se fosse isso o que ele pretendia, mais ainda sim eu não tinha motivo para acreditar que eu estava segura. Mesmo assim, estávamos em um empate nessa luta. Ok, empate não era o certo. Eu estava num impasse. Ele estava brincando comigo. Minha cabeça estava doendo onde ele tinha me acertado, e essa luta sem sentido só aumentou a dor. Eu tinha que recuperar minhas forças para encontrar um jeito de escapar – se eu vivesse tanto tempo. Eu também precisava parar de pensar sobre o quão perto nossos corpos estavam. Depois de meses tomando cuidado para não se tocar, tanto contato era inebriante.

Eu relaxei no aperto dele. “Ok.”

Ele hesitou antes de me soltar, provavelmente se perguntando se poderia confiar em mim. Todo o momento me lembrou de quando ficamos juntos naquela pequena cabana na periferia do território da academia. Eu estava com raiva e chateada, transbordado de escuridão do espírito. Dimitri me segurou lá também, e me tirou daquele horrível estado. Nos beijamos, então as mãos dele ergueram minha camiseta, e – não, não. Aqui não. Eu não podia pensar nisso aqui.

Dimitri finalmente se acalmou, me soltando da parede. Eu virei, e todos meus instintos queriam atacar ele de novo. Firme, eu me lembrei de comprar tempo para que eu pudesse ganhar força e

informação. Embora ele tenha me soltado, ele não tinha se afastado. Estávamos a um centímetro de distância. Contra meu julgamento, eu me encontrei absorvendo ele de novo, como eu tinha feito na rua. Como ele podia ser o mesmo e ainda sim tão diferente? Eu tentei o meu melhor para me focar nas similaridades – o cabelo, a diferença de altura, a forma do rosto dele. Ao invés disso, eu me concentrei nas feições de Strigoi, os olhos vermelhos e a pele pálida.

Eu estive tão fixada em minha tarefa que eu levei um segundo para perceber que ele também não estava dizendo nada. Ele estava me estudando intensamente, como se os olhos dele pudessem ver através de mim. Eu tremi. Quase – quase! – parecia como se eu o cativasse da mesma forma que ele me cativava. Isso era impossível. Strigoi não possuíam esse tipo de emoções, e além do mais, a ideia dele ainda ter afeição por mim era provavelmente só um pensamento desejoso da minha parte. O rosto dele sempre foi difícil de se ler, e agora ele tinha uma máscara perspicaz e fria que deixou realmente impossível saber o que passava na cabeça dele.

“Porque você veio aqui?” ele perguntou finalmente.

“Porque você bateu na minha cabeça e me arrastou para cá.” Se eu iria morrer, ia ser no estilo Rose.

O velho Dimitri teria sorrido e dado um suspiro exasperado. Esse permaneceu impassivo. “Não é isso que quis dizer, e você sabe. Porque está aqui?” A voz dele era baixa e perigosa. Eu achava Abe assustador, mas não havia nenhuma competição. Até mesmo Zmey teria se afastado.

“Na Sibéria? Vim te encontrar.”

“Eu vim aqui para ficar longe de você.”

Eu estava tão chocada que eu disse algo incrivelmente idiota.

“Porque? Porque eu posso te matar?”

O olhar que ele me deu mostrou que ele pensava que era de fato uma coisa ridícula de se dizer. “Não. Para que não ficássemos nessa situação. Agora estamos, e a escolha é inevitável.”

Eu não tinha certeza de que situação era. “Bem, você pode me soltar se quiser evitar.”

Ele se afastou e andou até a sala sem olhar para mim. Eu fiquei tentada em atacar ele, mas algo me disse que eu provavelmente iria conseguir dar apenas alguns passos antes de sair voando. Ele sentou em um dos sofás luxuosos, dobrando seu 1,80m na moldura graciosa que ele sempre tinha. Deus, porque ele tinha que ser tão contraditório? Ele tinha os hábitos do velho Dimitri misturados com o de um monstro. Eu fiquei onde estava, contra a parede.

“Não é mais possível. Não depois de te ver agora...” De novo, ele me estudou. Eu me sentia estranha. Parte de mim respondeu com excitação por causa do seu olhar, amando do jeito que ele olhava meu corpo da cabeça aos pés. A outra parte se sentia suja, como se lodo ou sujeira corresse sobre minha pele enquanto ele me estudava. “Você ainda é tão linda quanto me lembrava, Roza. Não que eu esperasse algo diferente.”

Eu não sabia o que responder. Eu nunca realmente conversei com um Strigoi, fora trocar alguns insultos e ameaças no meio de uma luta. O mais próximo que cheguei foi quando fui presa por Isaiah. Na verdade eu tinha ficado amarrada lá, e a maior parte da conversa foi sobre ele me matar. Isso... bem, não era assim, mas ainda era definitivamente assustador. Eu cruzei meus braços e me afastei contra a parede. Era o mais perto que eu poderia chegar de algum semblante de defesa.

Ele virou sua cabeça, me observando com cuidado. Uma sombra cruzou seu rosto de um jeito que fez seus olhos vermelhos difíceis de ver. Ao invés disso, eles pareciam escuros. Como costumavam ser, sem fim e maravilhosos, cheios de amor e bravura...

“Você pode sentar,” ele disse.

“Estou bem aqui.”

“Tem mais alguma coisa que você queira?”

“Você me soltar?”

Por um momento, eu pensei ter visto um pouco daquela velha ironia no rosto dele, do tipo que ele tinha quando eu fazia piadas. Estudando ele, eu decidi que eu imaginei.

“Não, Roza. Eu me refiro a você precisar de alguma coisa aqui? Comida diferente? Livros? Entretenimento?”

Eu encarei incrédula. “Você faz soar como se fosse algum tipo de hotel de luxo!”

“E é, a uma certa extensão. Posso falar com Galina, e ela vai te conseguir o que você quiser.”

“Galina?”

Os lábios de Dimitri viraram em um sorriso. Bem, mais ou menos. Eu acho que os pensamentos dele eram afeiçoados, mas o sorriso não mostrou nada disso. Era gelado, negro, e cheio de segredos. Só minha recusa de mostrar fraqueza diante dele me impediam de me encolher.

“Galina é minha antiga instrutora, de quando eu ia para escola.”

“Ela é um Strigoi?”

“Sim. Ela foi acordada vários anos atrás, em uma luta em Praga. Ela é relativamente jovem para um Strigoi, mas ela tem poder. Tudo isso é dela.”

Dimitri gesticulou ao redor.

“E você vive com ela?” eu perguntei, curiosa. Eu me perguntei exatamente que tipo de relação eles tinham, e para minha surpresa, eu me sentia... com ciúmes. Não que eu tivesse motivos. Ele era um Strigoi, além de mim. E não podia ser a primeira vez que um professor e aluno ficavam juntos...

“Eu trabalho para ela. Ela foi outra razão para mim voltar aqui quando fui acordado. Eu sabia que ela era um Strigoi, e eu queria a orientação dela.”

“E você queria se afastar de mim. Essa foi a outra razão, certo?”

Sua única resposta foi acenar com a cabeça. Não elaborou.

“Onde estamos? Estamos longe de Novosibirsk, certo?”

“Sim. A propriedade Galina é fora da cidade.”

“O quão longe?”

Aquele sorriso se torceu um pouco. “Eu sei o que você está fazendo, e não vou te dar esse tipo de informação.”

“Então o que você está fazendo?” eu exigi, todo meu medo explodindo como raiva. “Porque está me mantendo aqui? Me mate ou me solte. E se você vai me prender aqui e me torturar com jogos mentais ou algo assim, então eu prefiro que você me mate.”

“Palavras corajosas.” Ele levantou e começou a andar mais uma vez. “Eu quase acredito em você.”

“Elas são verdadeiras,” eu respondi desafiante. “Eu vim aqui para te matar. E se eu não posso fazer isso, então prefiro morrer.”

“Você falhou, sabe. Na rua.”

“Yeah. Eu meio que descobri isso quando acordei aqui.”

Dimitri virou abruptamente e estava de repente parado na minha frente, se movendo com a velocidade de raio de um Strigoi. Minha náusea de Strigoi nunca sumiu, mas quanto mais tempo eu passava com ele, mais ela diminuía em um nível quase como um barulho de fundo que eu podia mais ou menos ignorar.

“Estou um pouco desapontado. Você é tão boa, Rose. Tão, boa. Você e seus amigos derrubando Strigoi causou uma agitação, sabe. Alguns Strigoi estavam com medo.”

“Mas não você?”

“Quando ouvi que era você... hmmm.” Ele ficou pensativo, os olhos se estreitando. “Não. Estava curioso. Cauteloso. Se alguém pode me matar, é você. Mas como eu disse, você hesitou. Foi seu teste final de minhas lições, e você falhou.”

Eu mantive meu rosto em branco. Por dentro, eu estava me xingando pelo momento de fraqueza na rua. “Não vou hesitar da próxima vez.”

“Não haverá uma próxima vez. E de qualquer forma, por mais desapontado que eu esteja, ainda estou feliz por estar vivo, é claro.”

“Você não está vivo,” eu disse através dos dentes cerrados. Deus, ele estava tão, tão perto de mim de novo. Mesmo com a mudança em seu rosto, aquele corpo musculoso era

o mesmo. “Você está morto. Não é natural. Você me disse muito tempo atrás que você preferia morrer a ser assim. É por isso que vou te matar.”

“Você só está dizendo isso porque não sabe melhor. Eu não sabia também.”

“Olha, eu falei sério. Não vou jogar seu jogo. Se eu não posso sair daqui, então me mate, ok?”

Sem aviso, ele se entendeu e passou os dedos do lado do meu rosto. Eu ofeguei. A mão dele era fria como gelo, mas o jeito que ele me tocou... de novo, era o mesmo. Exatamente o mesmo que eu me lembrava. Como isso era possível? Tão similar... e ainda sim tão diferente. E de repente, outra de suas lições veio a minha mente, sobre como Strigoi pareciam tanto, tanto como aqueles que você conheceu. Era por isso que era tão fácil hesitar.

“Matar você... bem, não é tão simples,” ele disse. A voz dele caiu para um baixo sussurro de novo, como uma cobra deslizando em minha pele. “Existe uma terceira opção. Eu poderia despertar você.”

Eu congelei e parei de respirar.

“Não.” Era a única coisa que eu podia dizer. Meu cérebro não conseguia bolar nada mais complexo, nada espirituoso ou inteligente. As palavras dele eram muito aterradoras para sequer serem ponderadas. “Não.”

“Você não sabe como é. É... incrível. Transcendente. Todos os seus sentidos estão vivos; o mundo está mais vivo –”

“Yeah, mas você está morto.”

“Estou?”

Ele pegou minha mão e a colocou sobre seu peito. Nele, eu podia sentir uma firme batida. Meus olhos se alargaram.

“Meu coração bate. Estou respirando.”

“Yeah, mas...” Eu tentei desesperadamente pensar em tudo que eu aprendi sobre Strigoi. “Não é realmente estar vivo. É... magia negra reanimando você. É uma ilusão de vida.”

“É melhor que vida.” As duas mãos dele tocaram meu rosto. O batimento cardíaco dele podia ser firme, mas o meu estava batendo forte. “É como ser um deus, Rose. Força. Velocidade. Capaz de perceber o mundo em formas que você nunca seria capaz de imaginar. E... imortalidade. Poderíamos ficar juntos para sempre.”

Uma vez, foi isso tudo o que eu quis. E profundamente dentro de mim, uma parte de mim ainda desejava isso, desejava desesperadamente ficar com ele para sempre. Ainda sim... não seria do jeito que eu queria. Não seria como costumava ser. Isso seria algo diferente. Algo errado. Eu engoli.

“Não...” eu mal podia ouvir minha própria voz, mal formei as palavras com ele me tocando daquele jeito. A ponta dos seus dedos eram tão leves e gentis. “Não podemos.”

“Poderíamos.” Um dos seus dedos tracejou o lado do meu queixo e parou na artéria do meu pescoço. “Eu poderia fazer isso rapidamente. Não haveria dor. Acabaria antes de você perceber.” Ele provavelmente tinha razão. Se você era forçado a se tornar Strigoi, você tinha o sangue drenado de você. Então o Strigoi normalmente se cortaria e colocaria sangue em seus lábios. De alguma forma, eu imaginava que iria desmaiar antes de ser drenada pela metade.

Juntos para sempre.

O mundo se borrou um pouco. Eu não sei se foi por causa do meu ferimento na cabeça ou por causa do terror passando pelo meu corpo. Eu tinha imaginado centenas de cenários quando saí atrás de Dimitri. Me tornar um Strigoi não tinha sido um deles. Morte – a minha ou a dele – foi o único pensamento que me consumiu, o que foi idiota da minha parte.

Meus pensamentos lentos foram interrompidos quando a porta de repente se abriu. Dimitri virou me empurrando com tanta força que ele ficou protetoramente na minha frente. Duas pessoas entraram, fechando a porta antes que eu pudesse sequer considerar correr até ela. Um deles era um Strigoi, um cara. O outro era uma humana carregando uma bandeja, a cabeça dela virada para baixo.

Eu reconheci o Strigoi imediatamente. Era difícil não reconhecer; o rosto dele assombrava meus sonhos. Cabelo loiro, mais ou menos do tamanho de Dimitri, estavam do lado de um rosto que parecia ter seu início dos 20 anos quando ele foi transformado. Ele aparentemente conheceu Lissa e eu quando éramos mais novas, mas eu só o vi duas vezes antes. Uma vez quando lutei com ele na Academia. A outra quando encontrei com ele na caverna que os Strigoi estavam usando para ficar.

Foi ele que mordeu e transformou Dimitri.

O cara mal me olhou e ao invés disso voltou toda sua raiva para Dimitri. "O que diabos está acontecendo?" Eu não tinha problemas em entender ele. Ele era americano. "Você está mantendo um bicho de estimação aqui?"

"Não é da sua conta, Nathan." A voz de Dimitri era gelada. Mais cedo, eu pensei que ele escondia nenhuma emoção em suas palavras. Agora eu percebi que era apenas difícil de detectar. Havia um claro desafio em sua voz agora, um aviso para o outro cara se afastar. "Galina me deu permissão."

Os olhos de Nathan foram de Dimitri para mim. A raiva dele se transformou em choque. "Ela?"

Dimitri se mexeu levemente, se colocando diretamente na minha frente. Uma parte rebelde queria dizer que eu não precisava de proteção de Strigoi, a não queria... bem, eu meio que precisava.

"Ela estava na escola em Montana... Nós lutamos..." Os lábios dele se curvaram para trás, mostrando suas presas. "Eu teria provado o sangue dela se aquele pirralho Moroi usuário de fogo não estivesse por perto."

“Isso não tem nada a ver com você,” respondeu Dimitri.

Os olhos vermelhos de Nathan eram grandes e ansiosos. “Você está brincando? Ela pode nos levar para a garota Dragomir! Se terminarmos com essa linhagem, nossos nomes serão legendários. Quanto tempo você vai manter ela?”

“Fora,” rosnou Dimitri. “Isso não é um pedido.”

Nathan apontou para mim. “Ela é valiosa. Se você vai ficar com ela como uma meretriz de sangue, pelo menos divida. Então, vamos conseguir a informação e terminar com ela.”

Dimitri deu um passo para frente. “Fora daqui. Se você colocar um dedo nela, eu vou destruir você. Vou arrancar sua cabeça com minhas mãos e observar ela queimar no sol.”

A fúria de Nathan cresceu. “Galina não irá permitir que você brinque de casinha com essa garota. Mesmo você não tem tanto favorecimento.”

“Não me faça repetir. Não estou em um humor paciente hoje.”

Nathan não disse nada, e os dois Strigoi ficaram parados ali em um impasse. Eu sabia que a força e poder dos Strigoi eram parcialmente relacionadas a idade. Nathan obviamente foi transformado antes. Eu não sabia por quanto tempo, mas observando eles, eu tive o pressentimento que Dimitri poderia ser mais forte ou que eles eram pelo menos, do mesmo nível. Eu podia jurar que eu vi um brilho de medo nos olhos vermelhos de Nathan. Mas ele se virou antes de eu dar uma boa olhada.

“Isso não acabou,” ele disse, se movendo em direção a porta. “Vou falar com Galina.”

Ele saiu, e por um momento, ninguém se moveu ou falou. Então Dimitri olhou para a humana e disse algo em russo. Ela estava parada ali, congelada.

Se inclinando, ela cuidadosamente colocou a bandeja na mesa perto do sofá. Ela ergueu a tampa prateada, revelando um prato de pizza de pepperoni com muito queijo. Sob quaisquer outras

circunstâncias, alguém me trazer pizza na casa de um Strigoi poderia ter sido ridículo e engraçado. Agora, com a ameaça de Dimitri de me transformar em Strigoi e o desejo de Nathan de me usar para pegar Lissa, nada era engraçado. Até mesmo Rose Hathaway tem limites quando se trata de fazer uma piada. Perto da pizza estava um enorme brownie, cheio de cobertura. Comida que eu amava, como Dimitri sabia muito bem.

“Almoço,” ele disse. “Não envenenada.”

Tudo na bandeja parecia incrível, mas eu recusei. “Não vou comer.”

Ele arqueou uma sobrancelha. “Você quer outra coisa?”

“Não quero nada porque não vou comer nada. Se você não vai me matar então eu mesma vou fazer.” Me ocorreu que a falta de armas provavelmente era para minha proteção e não a deles.

“Morrendo de fome?” Havia uma negra diversão em seus olhos. “Vou acordar você muito antes disso.”

“Porque você não está fazendo isso agora?”

“Porque eu prefiro esperar que você esteja disposta.” Cara, ele realmente soava como Abe, a não ser que quebrar as pernas de alguém parecia suave em comparação.

“Você vai esperar um longo tempo,” eu disse.

Dimitri riu alto. A risada dele era rara quando dhampir, e a ouvir sempre me animava. Agora ela não tinha mais aquele rico calor que sempre me envolvia. Era fria e ameaçadora. “Veremos.”

E antes de eu responder, ele se moveu na minha frente de novo. As mãos dele passaram na minha nuca, me empurrando para perto dele, e ele ergueu meu rosto, pressionando seus lábios contra os meus. Eles eram tão frios quanto o resto da sua pele... e ainda sim havia algo quente neles também. Uma voz em mim gritou que isso era doentio e horrível... mas ao mesmo tempo, eu perdi noção do mundo ao meu redor enquanto nos beijávamos e eu pude quase fingir que estávamos de novo na cabana.

Ele se afastou tão rapidamente quanto tinha se aproximando, me deixando ofegando e de olhos chocados. Casualmente, como se nada tivesse acontecido, ele gesticulou em direção a mulher.

“Essa é Inna.” Ela olhou para cima ou ouvir seu nome, e eu vi que ela não era mais velha que eu. “Ela trabalha para Galina também e vai te checar. Se precisar de algo, avise ela. Ela não fala muito inglês, mas ela vai dar um jeito.” Ele disse algo mais para ela, e ela o seguiu em direção a porta.

“Onde você vai?” eu perguntei.

“Tenho coisas a fazer. Além do mais, você precisa de tempo para pensar.”

“Não tem nada para pensar.” Eu forcei o máximo de desafio em minha palavra quanto possível. Eu não devo ter soado muito feroz, porque tudo que meu discurso recebeu foi um sorriso zombador antes dele sair com Inna, me deixando sozinha em uma luxuosa prisão.

DEZENOVE

Para alguém que pregava para Denis sobre controle do impulso, eu não estava dando um exemplo muito bom. Uma vez que fiquei sozinha na suíte, eu continuei tentando de tudo o possível para sair – ênfase na parte do “tentar”.

Nathan tinha agido como se manter um prisioneiro fosse uma coisa rara, mas pelo que eu podia dizer, esse tinha sido construído para manter as pessoas. A porta e janela permaneciam impassíveis, não importava o quão forte eu as batia ou jogava objetos contra elas. Eu não me incomodei com a cadeira dessa vez e ao invés usei uma das mesas da sala de estar, esperando que ela fosse mais pesada. Não era. Quando isso não funcionou, eu na verdade, comecei a inserir códigos ao acaso no teclado da porta. Também inútil.

Finalmente, exausta, eu desmoronei no sofá de couro e tentei avaliar minhas opções. O progresso não foi muito longe. Eu estava presa em uma casa cheia de Strigoi. Ok, eu não tinha certeza disso, mas eu sabia que tinha pelo menos 3 aqui, o que já eram muitos para mim. Dimitri tinha se referido a esse lugar como uma “propriedade”, o que eu não achei reconfortante. Propriedades eram enormes. O fato que eu parecia estar no quarto andar era prova disso. Um lugar grande significava que lá podiam haver muitos quartos para muitos vampiros.

O único conforto que eu tinha era que Strigoi não cooperavam muito bem. Encontrar grandes grupos deles trabalhando juntos era raro. Eu tinha observado isso algumas vezes – o ataque a Academia sendo uma dessas ocasiões. Eles tinham vindo assim porque as proteções da escola tinha caído, e aquilo tinha sido um incentivo grande o suficiente para os Strigoi se unirem. Mesmo quando eles tentavam trabalhar juntos, as uniões não duravam muito. O atrito que eu tinha observado entre Dimitri e Nathan era prova disso.

Dimitri.

Eu fechei meus olhos. Dimitri era a razão de eu estar aqui. Eu tinha vindo para livrá-lo desse estado de morto vivo e tinha falhado prontamente, assim como ele disse.

Agora, parecia que eu estava a beira de me juntar a ele. Yeah, bom trabalho, Rose. Eu tremi, tentando me imaginar como um deles. Anéis vermelhos ao redor dos meus olhos. Pele bronzeada virando pálida. Eu não conseguia imaginar isso, e eu suponho que nunca teria que realmente me ver se isso acontecesse. Strigoi não tem reflexo no espelho. Isso faria arrumar meu cabelo um verdadeiro pé no saco.

A mais assustadora mudança de todas seria por dentro, a perda da conexão com minha alma. Ambos, Dimitri e Nathan tinham sido cruéis e hostis. Mesmo que eu não estivesse por perto para começar a briga, provavelmente não demoraria muito para eles encontrarem outra razão para se virarem um contra o outro. Eu era briguenta, mas isso sempre era motivado por algum aborrecimento com outros. Strigoi brigavam porque eles gostavam da matança. Eu não queria ser assim, procurando sangue e violência porque eu gostaria disso.

Eu também não queria acreditar nisso sobre Dimitri, mas suas ações já o condenavam como um Strigoi. Eu também sabia o que ele tinha estado comendo esse tempo todo para sobreviver. Strigoi podiam aguentar ficar sem sangue mais que Moroi, mas já fazia mais de

um mês desde que ele foi transformado. Não havia dúvida que ele tinha se alimentado, e Strigoi quase sempre matavam suas vítimas para comer. Eu não consegui imaginar isso em Dimitri... não o homem que eu tinha conhecido.

Eu abri os olhos. O tópico sobre alimentação tinha trazido meu almoço a mente. Pizza e brownies. Duas das mais perfeitas comidas do planeta. A pizza tinha a muito ficado fria durante meus esforços para escapar, mas enquanto eu encarava o prato, tanto isso quanto o brownie pareciam deliciosos. Se a luz do lado de fora fosse alguma indicação, não tinha passado 24 horas desde que Dimitri tinha me

pego, mas estava ficando bem perto. Este era um tempo muito longo para ficar sem comida, e eu queria comer muito aquela pizza, fria ou não, eu realmente não queria morrer de fome.

Claro, eu também não queria virar Strigoi, mas essa situação estava rapidamente indo em uma direção que eu não queria. Morrer de fome levava muito tempo, e eu suspeitava que Dimitri estava certo; ela me transformaria muito antes que eu tivesse a chance de realmente morrer de fome. Eu tinha que encontrar outra forma de morrer – Deus, não que eu quisesse isso de qualquer maneira – e enquanto isso, eu decidi que poderia muito bem manter minhas forças para a fraca possibilidade de eu poder escapar.

Uma vez que a decisão estava tomada, eu devorei a comida em aproximadamente 3 minutos. Eu não tinha ideia de quem os Strigoi contratavam para fazer a comida – inferno, Strigoi não podiam nem comer comida comum, diferentemente dos Moroi – mas ela era fantástica. Alguma parte irônica de mim percebeu que tinham me dado comida que não requeria talheres.

Eles realmente tinham pensado em todos os possíveis modos que eu poderia por minha mãos em uma arma. Minha boca estava cheia com a minha última mordida gigante quando a porta de repente abriu. Inna escorregou habilidosamente para dentro, a porta se fechando quase que imediatamente.

“Filha da puta!” ou pelo menos eu tentei dizer isso pela minha boca cheia de comida. Enquanto eu estava debatendo se comia ou não, eu deveria ter estado vigiando a porta. Dimitri tinha dito que Inna viria me checar. Eu deveria ter estado esperando para dominá-la. Ao invés, ela tinha entrado enquanto eu não estava prestando atenção. Mais uma vez, eu tinha fracassado.

Assim como quando ela estava perto de Dimitri e Nathan, Inna fez muito pouco contato visual. Ela segurava uma pilha de roupas em seus braços e parou na minha frente, as oferecendo. Incerta, eu as peguei dela e as coloquei ao meu lado no sofá.

“Um, obrigada,” eu disse.

Apontando para a bandeja vazia, ela de fato olhou timidamente para mim, uma pergunta em seus olhos castanhos.

Vendo ela diretamente, eu fui surpreendida em como ela era bonita. Ela poderia até ser mais nova do que eu, e eu me perguntei como ela tinha acabado sendo forçada a trabalhar aqui. Entendendo a pergunta dela, eu acenei.

“Obrigada.”

Ela pegou a bandeja e esperou um momento. Eu não sabia o porque; então me ocorreu que ela poderia estar esperando para ver se eu queria mais alguma coisa. Eu tinha certeza que “a combinação da fechadura” não traduziria muito bem. Eu dei os ombros e balancei a mão para ela ir, minha mente girando enquanto eu a assistia se aproximar da

porta. Eu deveria esperar para ela abrir a porta e então pular em cima dela, eu pensei. Imediatamente, uma reação instintiva se apoderou de mim, hesitação em atacar uma inocente. Outro pensamento esmagou esse: sou eu ou ela. Eu enrijeci.

Inna se pressionou perto da porta enquanto ela colocava a combinação, efetivamente bloqueando minha visão. Julgando por quando tempo ela ficou apertando os números, o código parecia ser bem longo. A porta clicou aberta, e eu me preparei para a ação.

Aí – eu decidi contra isso no último instante.

Por tudo que eu sabia, poderia ter um exército de Strigoi lá fora. Se eu iria usar Inna para escapar, eu provavelmente só teria uma oportunidade. Eu precisava fazer ela valer. Dessa forma, ao invés de pular em cima, eu me movi ligeiramente para assim poder ver além dela. Ela foi tão rápida quanto antes, escorregando para fora assim que a porta destrancou. Mas naquele momento, eu vi de relance um curto corredor e o que parecia como outra pesada porta.

Interessante. Portas duplas na minha prisão. Se eu seguisse ela, aquilo me preveniria de fazer uma fuga imediata. Ela poderia simplesmente esperar na outra pesada porta, resistindo até o auxílio de um Strigoi aparecesse. Isso fazia as coisas muito mais difíceis,

mas entendendo a estrutura pelo menos me dava uma faísca de esperança. Eu só precisava calcular o que fazer com essa informação, contanto que eu não tivesse ferrado as coisas por não agir agora. Por tudo que eu sabia, Dimitri estava prestes as entrar e me transformar em uma Strigoi.

Eu suspirei. Dimitri, Dimitri, Dimitri.

Olhando para baixo, eu levei um tempo para realmente ver o que ela tinha me trazido. Meu traje atual não estava me incomodando, mas se eu ficasse aqui por mais tempo, meu jeans e blusa iram ficar imundas.

Como Tamara, alguém queria me arrumar.

As roupas que Inna tinha trazido eram todos vestidos e todas do meu tamanho. Um apertadinho de seda vermelha. Um vestido de manga comprida, ajustado de tricô com detalhes de cetim. Um vestido de chiffon de cintura alta, ate o tornozelo.

“Oh, certo. Eu sou uma boneca.”

Indo mais fundo na pilha, eu descobri que haviam algumas camisolas e pijamas enfiados lá – assim como calcinhas e sutiãs. Todos deles de cetim e seda. O item mais casual de todos os itens era um vestido tricotado verde-floresta, mas mesmo isso era feito da mais macia caxemira.

Eu o levantei, tentando me imaginar fazendo uma ousada fuga nele. Não. Balançando a cabeça, eu joguei descuidadamente todas as roupas no chão. Parecia que eu estaria usando roupas imundas por algum tempo.

Eu fiquei vagando de um lado para outro depois disso, mudando de planos de fuga fúteis que eu já tinha pensando e repensado um milhão de vezes. Andando, eu percebi como estava cansada. Tirando o blecaute de quando Dimitri tinha me batido, eu não tinha dormido durante um dia. Decidindo como lidar com isso era como decidir com o que fazer com a comida. Baixar a guarda ou não? Eu precisava de força, mas cada concessão que eu fazia me colocava mais em risco.

Finalmente, eu desisti, e quando eu deitei na grandiosa cama, uma ideia de repente me ocorreu.

Eu não estava totalmente sem ajuda. Se Adrian viesse me visitar em meu sono, eu poderia dizer a ele o que tinha acontecido. Verdade, eu tinha dito a ele para ficar longe de mim da última vez, mas ele nunca tinha me escutado antes. Porque dessa vez seria diferente? Eu me foquei nele o mais forte o que eu pude enquanto eu esperava para o sono vir, como se meus pensamentos pudessem agir como algum tipo de sinal morcego e convocá-lo.

Isso não funcionou. Não houve nenhuma visita nos meus sonhos, e quando eu acordei, e estava surpresa em perceber o quanto aquilo me machucava. Apesar da paixão de Adrian por Avery, eu não consegui me segurar e lembrei como gentil ele tinha sido com Jill da última vez que eu os vi. ele estava preocupado com Lissa, também, e ele não tinha exibido nenhum dos seus usuais despreocupados bravatos. Ele tinha sido sério e... bem, doce. Um caroço se formou na minha garganta. Mesmo que eu não tivesse nenhum interesse romântico nele, eu ainda o tinha tratado mal. Eu tinha perdido tanto a nossa amizade como qualquer chance de chamar por ajuda por ele.

Um leve farfalhar de papéis me tirou das minhas reflexões e eu me levantei rapidamente. Alguém estava na sala, suas costas para mim enquanto ele sentava no sofá, e levou só um momento para eu perceber quem era. Dimitri.

“O que você está fazendo aqui?” eu perguntei, saindo da cama. No meu estado grogue, eu nem tinha registrado a náusea.

“Esperando você acordar,” ele disse, não se incomodando de se virar para mim. Ele estava confiante de mãos na minha inabilidade de infligir dano – assim como ele deveria ter estado.

“Parece meio chato.”

Eu fui para a sala, me movendo para longe do lado dele e me apoiando contra a parede. Eu cruzei meus braços embaixo do meu peito, novamente me confortando naquela postura protetora.

“Não tão chato. Eu tinha companhia.”

Ele olhou para mim e segurou um livro. Um de faroeste. Eu acho que aquilo me chocou quase tanto quanto a sua aparência alterada. Havia algo tão... normal sobre isso. Ele tinha amado romances de faroeste quando ele era um dhampir, e eu tinha frequentemente tesado ele sobre querer ser um cowboy. De alguma forma, eu tinha imaginado que aquele hobby tinha acabado quando ele se transformou. Irritantemente esperançosa, eu estudei seu rosto como se eu pudesse ver alguma mudança radical, como se talvez ele tivesse voltado a ser do jeito que ele tinha sido enquanto eu dormia. Talvez o último mês e meio tivesse sido um sonho.

Não. Olhos vermelhos e uma expressão dura olhavam de volta para mim. Minhas esperanças se quebraram.

“Você dormiu por muito tempo,” ele adicionou. Eu ousei um rápido olhar para a janela. Totalmente escuro. Era noite. Merda. Eu só tinha querido um cochilo de duas horas. “E você comeu.”

A diversão na voz dele me irritava. “Yeah, bem, eu sou louca por pepperoni. O que você quer?”

Ele colocou um marcador no livro e o pousou na mesa. “Ver você.”

“Realmente? Eu pensei que a sua única meta era me fazer um dos mortos vivos.”

Ele fingiu que não ouviu, o que era um pouco frustrante. Eu odiava sentir como se o que eu tinha dito tivesse sido ignorado. Ao invés, ele tentou me fazer sentar.

“Você não está cansada de sempre ficar em pé?”

“Eu acabei de acordar. Além disso, se eu consigo passar uma hora jogando móveis por aí, ficar um pouco em pé não é grande coisa.”

Eu não sabia porque eu estava gastando minhas comuns tiradas irônicas. Honestamente, considerando a situação, eu deveria apenas ter ignorado ele. Eu deveria ter ficado calada ao invés de participar

desse jogo. Eu acho que eu meio que esperava que se eu fizesse algumas piadas que eu costumava fazer, eu conseguiria algum tipo de resposta do antigo Dimitri. Eu reprimi um suspiro. Lá esta eu de novo, esquecendo as lições do próprio Dimitri. Strigoi não eram as pessoas que eles costumavam ser.

“Sentar também não é uma grande coisa,” ele respondeu. “Eu te disse antes, eu não vou machucar você.”

“Machucar é meio que um termo subjetivo.” Então, em uma decisão repentina para parecer destemida, eu andei e sentei na poltrona em frente a ele. “Feliz agora?”

Ele inclinou a cabeça, e alguns fios do cabelo castanho escaparam da onde ele o tinha prendido em um rabo de cavalo. “Você ainda continua bonita, mesmo depois de dormir e lutar.” Seus olhos se desviaram para as roupas que eu tinha jogado no chão. “Você não gostou de nenhuma delas?”

“Eu não estou aqui para brincar de me vestir com você. Roupas de marca não vão de repente conseguir me convencer a entrar no grupo de Strigoi.”

Ele me deu uma encarada longa e penetrante. “Porque você não confia em mim?”

Eu encarei de volta, só que meu olhar era de descrença. “Como você pode perguntar isso? Você me raptou. Você mata pessoas inocentes para sobreviver. Você não é o mesmo.”

“Eu sou melhor, eu te disse. E os inocentes...” ele deu de ombros. “Ninguém é realmente inocente. Além disso, o mundo é feito de predadores e presa. Aqueles que são fortes conquistam aqueles que são fracos. Isso é parte da ordem natural. Você costumava estar por dentro disso, se eu me lembro corretamente.”

Eu desviei o olhar. De volta a escola, minha aula não-guardiã favorita tinha sido de biologia. Eu amava ler sobre comportamento animal, sobre a sobrevivência do mais forte. Dimitri tinha sido meu macho Alpha, o mais forte de todos os outros competidores.

“Isso é diferente,” eu disse.

“Mas não do jeito que você pensa. Porque beber sangue seria tão estranho para você? Você viu Moroi fazerem isso. Você deixou um Moroi fazer isso.”

Eu vacilei, não querendo realmente me estender sobre como eu costumava deixar Lissa beber de mim enquanto nós vivíamos entre os humanos. Eu certamente não queria pensar sobre a sensação da endorfina que vinha com aquilo e como isso quase tinha se tornado um vício.

“Eles não matam.”

“Eles estão perdendo. É incrível,” ele respirou. Fechando os olhos por um momento, e então os abrindo. “Beber sangue de outro... assistir a vida deles enfraquecendo e sentir ela se derramar dentro de você... é a melhor experiência no mundo.”

Ouvindo ele falar sobre matar outros aumentou a minha náusea. “Isso é doentio e errado.”

Ocorreu tão rápido que eu nem tive tempo de reagir. Dimitri pulou e me agarrou, me puxando para ele e me esparramando no sofá.

Com seu braço ainda ao meu redor, ele se posicionou para assim estar metade ao meu lado e metade em cima de mim. Eu estava muito atordoada para me mover.

“Não, não é. E isso é onde você tem que confiar em mim. Você amaria isso. Eu quero estar com você, Rose. Realmente estar com você. Nós estamos livres das regras que os outros colocam sobre nós. Nós podemos ficar juntos agora – os mais fortes dos fortes, conseguindo tudo que nós quisermos. Nós podemos eventualmente ser tão fortes quanto Galina. Nós podemos ter um lugar assim como esse, todo nosso.”

Enquanto sua pele nua ainda era fria, a pressão do resto do seu corpo contra o meu era quente. O vermelho em seus olhos praticamente brilhando assim perto, e enquanto ele falava, eu vi as presas em sua boca. Eu estava acostumada a ver presas em Moroi, mas nele... isso era repugnante. Eu brevemente brinquei com a ideia

de tentar me libertar, mas prontamente desisti. Se Dimitri quisesse me prender, eu iria ficar presa.

“Eu não quero nada disso,” eu disse.

“Você não me quer?” ele perguntou com um sorriso travesso. “Você me quis uma vez.”

“Não,” eu disse, sabendo que mentia.

“Então o que você quer? Votar para a Academia? Servi os Moroi que irão te colocar em perigo sem pensar duas vezes? Se você queria esse tipo de vida, porque você veio aqui?”

“Eu vim para libertar você.”

“Eu sou livre,” ele respondeu. “E se você realmente tinha intenção de me matar, você teria.” Ele se mexeu ligeiramente, descansando seu rosto perto do meu pescoço. “Você não conseguiu.”

“Eu falhei. Isso não vai acontecer de novo.”

“Suponha que fosse verdade. Suponha que você fosse capaz de me matar. Suponha que você fosse até capaz de fugir. Então o que? Você vai voltar para casa? Você retornará para Lissa e a deixará continuar empurrando a escuridão do Espírito dentro de você?”

“Eu não sei,” eu respondi duramente. E isso era verdade. Meus planos nunca tinham ido além de encontrá-lo.

“Isso irá te consumir, você sabe. Enquanto ela continuar a usar magia, não importa o quão longe você vá, você sempre irá sentir os efeitos colaterais. Pelo menos enquanto ela viver.”

Eu endureci em seus braços e movi meu rosto para longe. “O que isso significa? Você vai se juntar a Nathan e caçá-la?”

“O que acontece com ela não é preocupação minha,” ele disse. “Você é. Se você fosse despertada, Lissa não seria mais uma ameaça a você. Você seria fria. A ligação quebraria.”

“E o que aconteceria com ela? Ela seria deixada sozinha.”

“Como eu disse, esta não é uma preocupação para mim. Estar com você é.”

“Yeah? Bem, eu não quero estar com você.”

Ele virou meu rosto para ele assim nós estávamos olhando um para o outro de novo. Mais uma vez, eu tive aquele estranho sentimento de estar com Dimitri e não com Dimitri. Amor e medo.

Ele estreitou os olhos. “Eu não acredito em você.”

“Acredite no que quiser. Eu não quero mais você.”

Os lábios dele se curvaram em um daqueles sorrisos assustadores e maliciosos. “Você está mentindo. Eu sei. Eu sempre fui capaz de saber.”

“É verdade. Eu queria você antes. Eu não quero você agora.” Se eu continuasse dizendo isso, isso viraria verdade.

Ele se moveu para mais perto de mim, e eu congelei. Se eu me movesse mesmo meia polegada, nossos lábios tocariam. “Meu exterior...meu poder, sim, esses estão diferentes. Melhores. Mas de outra forma, eu sou o mesmo, Roza. Minha essência não mudou. A conexão entre nós não mudou. Você apenas não consegue ver isso ainda.”

“Tudo está mudado.” Com os nossos lábios tão próximos, tudo sobre o que eu continuava pensando era aquele breve e apaixonado beijo que ele tinha me dado da última vez que ele esteve aqui. Não, não, não. Não pense sobre isso.

“Se eu estou tão diferente, então porque eu não forço você a despertar? Porque eu estou dando a você uma chance?”

Uma resposta mordaz estava nos meus lábios, mas então ela sumiu. Aquela era uma excelente pergunta. Porque ele estava me dando uma escolha? Strigoi não dão escolha a suas vítimas. Eles matavam impiedosamente e levam o que querem. Se Dimitri realmente queria que eu me juntasse a ele, então ele teria me transformado assim que ele me pegou. Mais de um dia tinha passado, e ele tinha me banhado com luxúria. Porque? Se ele me

transformasse, eu não teria dúvidas que eu me tornaria tão retorcida quanto ele.

Isso faria tudo muito mais simples.

Ele continuou quando eu fiquei calada. “E se eu sou tão diferente, então porque você me beijou de volta mais cedo?”

Eu ainda não sabia o que dizer, e isso fez o sorriso dele crescer. “Nenhuma resposta. Você sabe que estou certo.”

Os lábios deles de repente encontraram com os meus. Eu fiz um pequeno som de protesto e tentei em vão escapar do seu abraço. Ela era muito forte, e depois de um momento, eu não queria escapar. A mesma sensação de antes me inundou. Seus lábios estavam frios, mas o beijo queimava entre nós. Fogo e gelo. E ele estava certo – eu o beijei de volta.

Desesperadamente, aquela parte racional de mim gritava que isso era errado. Da última vez, ele tinha quebrado o beijo antes que muito mais pudesse acontecer. Não dessa vez.

E enquanto nós continuávamos beijando agora, aquela parte racional em mim ficava cada vez menor. A parte de mim que iria sempre amar Dimitri tomou o controle, alegre no modo que sentia o corpo dele contra o meu, do jeito que ele envolvia meu cabelo ao redor de uma das suas mãos, deixando seus dedos se enroscarem. A outra mão dele deslizou para dentro da minha camisa, fria contra minha pele quente. Eu me empurrei para mais perto dele e senti a pressão do beijo aumentar enquanto o próprio desejo dele o apanhava.

Então, no meio disso tudo, minha língua levemente passou contra a ponta afiada de uma de suas presas. Isso foi como uma balde de água fria jogado em mim. Com tanta força quanto eu pude reunir, eu empurrei minha cabeça para longe, saindo do beijo. Eu só podia

achar que a guarda dele estava momentaneamente em baixa, me permitindo essa pequena escapada.

Minha respiração estava pesada, meu corpo inteiro ainda querendo ele. Minha mente, no entanto, era a parte de mim em controle – por agora, pelo menos. Deus, o que eu estava fazendo? Esse não é o Dimitri que você conhecia. Não é ele. Eu estava beijando um monstro. Mas o meu corpo não estava tão certo.

“Não,” eu murmurei, surpresa por como patética e implorante eu soava. “Não. Nós não podemos fazer isso.”

“Você tem certeza?” ele perguntou. Sua mão ainda estava no meu cabelo, e ele forçadamente virou minha cabeça assim eu estava cara a cara com ele de novo. “Você não parecia se importar. Tudo pode ser assim como era antes... como foi na cabana... você certamente queria isso então...”

A cabana...

“Não,” eu repeti. “Eu não quero aquilo.”

Ele pressionou seus lábios na minha bochecha e então fez um caminho surpreendente gentil de beijos até o meu pescoço. De novo, eu senti meu corpo ansiando por ele, e eu me odiei por essa fraqueza.

“E isso?” ele perguntou, sua voz mal um suspiro. “Você quer isso?”

“O q –”

Eu senti. A afiada mordida de dentes na minha pele enquanto ele fechava sua boca em meu pescoço. Por um instante, isso foi agonizante. Doloroso e horrível. E então, assim como apareceu, a dor sumiu. A sensação de felicidade e prazer se derramou por mim. Era tão doce. Eu nunca tinha me sentido tão maravilhosamente bem na minha vida. Isso me lembrava um pouco de como tinha sido quando Lissa bebeu de mim. Aquilo tinha sido incrível, mas isso... isso era dez vezes melhor. Cem vezes melhor. A sensação da mordida de um Strigoi era melhor do que a de um Moroi. Era como estar na manhã pela primeira vez, preenchida com aquele total e absoluto, sentimento alegre.

Quando ele parou, foi como se toda a felicidade e maravilha do mundo tivesse sumido. Ele passou uma mão pela sua boca, e eu o encarei com os olhos arregalados. Meu instinto inicial foi de perguntar porque ele tinha parado, mas então, devagar, eu me concentrei em mim mesma para lutar contra a confusa felicidade que a mordida dele tinha me mandado.

“Porque... o que...” minhas palavras pouco compreensíveis. “Você disse que seria minha escolha...”

“Ainda é,” ele disse. Seus próprios olhos arregalados, sua respiração também pesada. Ele tinha sido tão afetado quanto eu. “Eu não estou fazendo isso para te despertar, Roza. Uma mordida como essa não irá transformar você. Isso... bem, isso é apenas diversão...”

Então, a sua boca se moveu de volta para o meu pescoço para beber de novo, e eu perdi noção do mundo.

VINTE

Os dias depois disso foram como um sonho. Na verdade, eu honestamente não sei dizer quantos dias passaram. Talvez fosse um. Talvez fosse cem. Eu perdi a noção do dia e noite também. Meu tempo era dividido entre Dimitri e sem-Dimitri. Ele era meu mundo. Quando ele não estava lá, os momentos eram de agonia. Eu passava por eles o melhor que eu podia, mas eles pareciam se arrastar para sempre. A TV era minha melhor amiga durante esses tempos. Eu ficava deitada no sofá por horas, só seguindo pela metade o que estava acontecendo. Em sintonia com o resto da suíte, eu tinha acesso a televisão por satélite, o que significa que estávamos sintonizados em alguns programas americanos. Na metade do tempo, eu não tinha certeza se realmente fazia diferença para mim se a língua era russo ou inglês.

Inna continuou a periodicamente me checar. Ela me trazia refeições e lavava minha roupa – eu estava usando os vestidos agora – e esperava naquele jeito silencioso dela para ver se eu precisava de mais alguma coisa. Eu nunca precisei – pelo menos não dela. Eu só precisava de Dimitri. Cada vez que ela saía, uma parte distante de mim lembrava que eu deveria fazer algo... seguir ela, era isso. Eu tinha um plano de checar a saída e usar ela como um jeito de escapar, certo? Agora, esse plano não parecia mais tão bom. Parecia ser muito trabalho.

E então, finalmente, Dimitri visitava, e a monotonia se quebrava. Ficávamos deitados juntos na cama, um nos braços do outro. Nunca transamos, mas nos tocamos e nos beijamos e nos perdemos na maravilha do corpo um do outro – as vezes com pouquíssima roupa. Depois de um tempo, eu achei difícil acreditar que eu tive medo da nova aparência dele. Claro, os olhos eram um pouco chocantes, mas ele ainda era lindo... ainda incrivelmente sexy. E depois que conversávamos e ficávamos por um tempo – horas, as vezes – eu

deixava ele me morder. Então eu recebia aquela onda... aquela onda maravilhosa e intensa de químicos que me tiravam dos meus problemas. Quaisquer que fossem as dúvidas que eu tinha sobre a existência de Deus elas sumiam naqueles momentos porque certamente, certamente, eu estava tocando Deus quando eu me perdia naquela mordida. Isso era o paraíso.

“Me deixe ver o seu pescoço,” ele disse um dia.

Estávamos deitados juntos como sempre. Eu estava do meu lado, e ele nas minhas costas, o braço ao redor da minha cintura. Eu rolei e tirei meu cabelo de onde ele caía sobre meu pescoço e clavícula. O vestido que eu vestia hoje era azul marinho, feito de alguma matéria brilhante e pegajoso.

“Já?” eu perguntei. Ele normalmente não me mordia até o fim de suas visitas. Enquanto parte de mim ansiava por isso e esperava com antecipação sentir o alto de novo, eu meio que gostava desses momentos antes. Era quando as endorfinas no meu sistema estavam mais baixas, então eu era capaz de algum tipo de conversa. Conversávamos sobre brigas que estivemos ou a vida que ele imaginava para nós quando eu fosse um Strigoi. Nada muito sentimental – mas mesmo assim.

Eu me preparei para a mordida agora, doendo de antecipação. Para minha surpresa, ele não se inclinou e afundou seus dentes em mim. Ele pôs a mão no bolso e pegou um colar. Ele era ou de ouro branco ou de platina – eu não tinha as habilidades para dizer qual – e tinha três safiras azuis do tamanho de uma moeda de 25 centavos. Ele me trouxe várias joias essa semana, e eu juro que cada peça era mais bonita que a última.

Eu a olhei encantada com sua beleza, e o jeito que as pedras azuis brilhavam na luz. Ele colocou o colar contra minha pele e o prendeu atrás do meu pescoço. Passando seus dedos pelas beiradas do colar, ele acenou em aprovação.

“Lindo.” Os dedos dele foram para uma das alças do vestido. Ele deslizou sua mão por dentro enviando excitação pela minha pele. “Combina.”

Eu sorri. Antigamente, Dimitri quase nunca me dava presentes. Ele não tinha como, e eu não os queria mesmo. Agora, eu ficava continuamente deslumbrada pelos presentes que ele parecia ter cada vez que visitava.

“Onde você conseguiu?” eu perguntei. O metal era frio contra minha pele corada mas não tão frio quanto os dedos dele. Ele sorriu. “Eu tenho minhas fontes.”

Aquela voz provocativa em minha cabeça que as vezes conseguia penetrar através da neblina que eu vivia, notou que eu estava envolvido com algum tipo de gangster vampiro. Seus avisos foram imediatamente esmagados e enviados de volta para minha nuvem de sonhos de existência. Como eu poderia ficar chateada quando o colar era tão lindo? Algo de repente me pareceu engraçado.

“Você é como Abe.”

“Quem?”

“Um cara que conheci. Abe Mazur. Ele é algum tipo de chefe da máfia... ele ficava me seguindo.”

Dimitri endureceu. “Abe Mazur estava te seguindo?”

Eu não gostava do visual negro que repentinamente apareceu em suas feições. “Yeah. E daí?”

“Porque? O que ele queria com você?”

“Eu não sei. Ele ficava querendo saber porque eu estava na Rússia mas finalmente desistiu e queria que eu fosse embora. Eu acho que alguém de casa o contratou para me encontrar.”

“Eu não quero você perto de Abe Mazur. Ele é perigoso.” Dimitri estava zangado, e eu odiava isso. Momento depois, a fúria enfraqueceu, e ele passou seus dedos pelo meu braço mais uma vez, empurrando a alça mais para baixo. “Claro, pessoas como essas não serão um problema quando você despertar.”

Em algum lugar, no fundo da minha mente, eu me perguntei se Dimitri tinha as respostas que eu queria sobre Abe – sobre o que

Abe fazia. Mas falar sobre Abe tinha deixado Dimitri chateado, e eu temia isso, querendo trocar de tópico apressadamente.

“O você esteve fazendo hoje?” eu perguntei, impressionada com a minha habilidade de manter uma conversa normal. Entre as endorfinas e o toque dele, coerência era difícil.

“Errantes para Galina. Jantar.”

Jantar. Uma vitima. Eu franzi as sobrancelhas. Os sentimentos inspirados em mim não eram tanto de repulsa quanto... ciúmes.

“Você bebeu deles... por diversão?”

Ele correu seus lábios ao longo do meu pescoço, dentes provocando minha pele mais não mordendo. Eu ofeguei e me pressionei mais perto dele.

“Não, Roza. Eles eram comida; isso é tudo. Acabou rápido. Você é a única com quem eu tenho prazer nisso.”

Eu senti uma satisfação presumida nisso, e aquela irritante voz mental apontou que essa era um inacreditavelmente nojento e retorcido ponto de vista para eu ter. Eu meio que esperava que ele fosse me morder logo. Isso geralmente calava a voz mental.

Eu o alcancei o toquei o seu rosto, então passei minha mão por aquele cabelo maravilhoso e sedoso que eu sempre tinha amado. “Você continua esperando para me despertar... mas nós não seremos capazes de fazer mais isso. Strigoi não bebem um dos outros, não é?”

“Não,” ele concordou. “Mas isso valerá a pena. Nós poderemos fazer muito mais...”

Ele deixou o “muito mais” para a minha imaginação, e um calafrio agradável correu por mim. O beijo e o tirar sangue eram intoxicantes, mas haviam alguns dias que eu realmente queria, bem... mais. As memórias na vez que nós fizemos amor me assombravam quando estávamos tão próximos um do outro, e eu frequentemente desejava fazer isso de novo. Por qualquer razão, ele nunca foi na direção do sexo, não importava o quão as coisas

estivessem quentes. Eu não tinha certeza se ele estava usando aquilo como uma isca para me transformar ou se havia alguma incompatibilidade entre um Strigoi e uma dhampir. Poderiam os vivos e os mortos fazerem aquilo?

Uma vez, eu teria achado a ideia de sexo com um deles absolutamente repulsiva. Agora... eu apenas não penso muito sobre complicações..

Mas embora ele não tentasse o sexo, ele frequentemente me provocava com suas caricias, tocando minhas coxas e esterno e outros lugares perigosos. E mais, ele me lembrava como tinha sido naquela única vez, o quão incrível tinha sido, como os nossos corpos se sentiram... a conversa dele sobre essas coisas era mais provocadora que afetuosa, entretanto.

Em meus momentos semi-lúcida, eu honestamente pensava que era estranho que eu ainda não tivesse consentido em me tornar Strigoi. A névoa da endorfina me fazia concordar com quase tudo que ele queria. Eu tinha acabado confortavelmente me vestindo para ele, ficando em minha prisão dourada, e aceitando que ele tomasse uma vitima entre os dias. Ainda mesmo em meus momentos mais incoerentes, mesmo quando eu queria tanto ele, eu não conseguia concordar em me transformar. Havia alguma parte intrínseca de mim que se recusava a ceder. A maioria do tempo, ele iria ignorar minha recusa, como se isso fosse uma piada. Mas de vez em quando, assim que eu recusava, eu via uma faísca de raiva em seus olhos. Esses momentos me assustavam.

"Aqui vamos nós," eu tesei. "Os lances do vendedor. Vida eterna. Invencibilidade. Nada ficará em nosso caminho."

"Isso não é uma piada," ele disse. Oops. Minha petulância tinha trazido aquela dureza de volta. O desejo e paixão que eu tinha acabado de ver agora quebraram em milhões de pedaços e evaporaram. As mãos que tinham acabado de me acariciar de repente agarravam meus pulsos e me seguravam no lugar enquanto ele se inclinava para baixo. "Nós não podemos ficar assim para sempre. Nós não podemos ficar aqui para sempre."

Whoa, aquela voz disse. Cuidado. Isso não soa bem. O aperto dele machucava, e eu frequentemente me perguntava se essa era sua intenção ou se ele apenas não conseguia segurar a sua violência.

Quando ele finalmente me libertou, eu entrelacei meus braços ao redor do pescoço dele e tentei beijá-lo. "Nós não podemos falar sobre isso depois?" Nossos lábios se encontraram, fogo aflorando entre nós fluindo urgentemente pelo meu corpo. Eu podia dizer que ele tinha o mesmo desejo, mas poucos segundos depois, ele se separou. O chateação fria ainda estava em seu rosto.

"Venha," ele disse, se afastando de mim. "Vamos lá."

Ele levantou, e eu encarei estupidamente. "Onde nós estamos indo?"

"Para fora."

Eu sentei na cama, confundida. "Fora... lá fora? Mas... isso não é permitido. Não podemos."

"Nós podemos fazer qualquer coisa que eu quiser," ele rebateu.

Ele estendeu sua mão e me ajudou. Eu o segui até a porta. Ele era tão habilidoso quanto Inna em me bloquear do teclado, não que isso importasse agora. Não havia nenhuma forma de eu lembrar aquela longa sequência mais.

A porta abriu, e ele me levou pra fora. Eu encarei em maravilha, meu cérebro ofuscado ainda tentando processar a liberdade. Como eu tinha notado naquele dia, a porta dava para um pequeno corredor bloqueado por outra porta. Essa também era pesada e tinha uma tranca teclado.

Dimitri a abriu, e eu estava querendo apostar que as duas portas tinham códigos diferentes.

Pegando meu braço, ele me guiou por essa porta em outro corredor. Apesar do seu aperto forte, eu não consegui evitar em ficar parada. Talvez eu não devesse ter ficado surpresa com a elegância que eu de repente me deparei. Depois de tudo, eu estava vivendo

na suíte de um apartamento de cobertura. Mas o corredor que conduzia para fora do meu quarto era neutro e com aparência industrial, e de alguma forma eu tinha imaginado o resto da casa sendo igualmente institucional ou como uma prisão.

Não era. Ao invés, eu me senti como se estivesse em um filme antigo, do tipo onde pessoas tomam chá na sala.

O tapete de pelúcia era coberto por um padrão dourado corrido que se estendia de ambos os lados do corredor. Pinturas que pareciam antigas pontilhavam as paredes, mostrando pessoas de eras atrás em roupas elaboradas que faziam meus vestidos parecerem baratos e ordinários. O lugar todo era iluminado por candelabros que estavam espaçados ao longo do teto a cada 2 metros ou algo assim. Os cristais em forma de lágrima pegavam a luz com suas facetas, espalhando pequenos borrões de arco-íris nas paredes. Eu olhei, encantada pelo brilho e pela cor, que provavelmente foi a causa de eu ter falhado em perceber outra figura no corredor.

“O que você está fazendo?”

O som áspero da voz de Nathan me retirou da minha observação do cristal. Ele estava encostado contra a parede oposta a minha porta e se endireitou imediatamente quando nos viu. Ele tinha a mesma expressão cruel no seu rosto que era tão característica dos Strigoi,

aquela que eu ocasionalmente via em Dimitri, não importa o quando charmoso e carinhoso ele parecesse as vezes.

A postura de Dimitri se tornou rígida e defensiva. “Estou levando ela para uma caminhada.” Ele meio que soou como se estivesse falando com um cachorro, mas meu medo por Nathan amorteceu qualquer ofensa que eu poderia considerar.

“Isso é contra as regras,” disse Nathan. “Já é ruim o suficiente que você ainda a mantenha aqui. Galina deu ordens para você mantê-la confinada. Nós não precisamos de uma dhampir selvagem correndo por aí.”

Dimitri apontou na minha direção. “Ela parece como uma ameaça??

Os olhos de Nathan voaram para mim. Eu não tinha certeza do que ele viu. Eu não achava que eu parecia muito diferente, mas um pequeno sorrisinho apareceu nos seus lábios e prontamente desapareceram quando ele se voltou para Dimitri. “Não, mas eu fui ordenado a cuidar dessa porta, e eu não vou entrar em problemas para você ter um passeio no campo.”

“Eu irei lidar com Galina. Eu irei dizer a ela que dominei você.” Dimitri deu um sorriso com presas. “Isso não seria muito difícil de ela acreditar.”

O olhar que Nathan deu a Dimitri fez eu subconscientemente me afastar até atingir a parede. “Você é tão cheio de si. Eu não te despertei para que assim você pudesse agir como se você estivesse no comando por aqui. Eu fiz isso para que nós pudéssemos usar sua força e conhecimento interno. Você deveria responder a mim.”

Dimitri deu de ombros. Pegando minha mão, ele começou a virar. “Não é minha culpa se você não é forte o suficiente para me mandar fazer isso.”

Foi aí que Nathan se jogou em Dimitri. Dimitri respondeu tão rápido ao ataque que eu pensei que ele sabia que isso ia acontecer. Ele instantaneamente liberou minha mão, virou para segurar Nathan, e jogou o outro Strigoi na parede. Nathan imediatamente levantou – isso levava mais do que aquela batida para afetar alguém como ele – mas Dimitri estava pronto. Ele deu um murro no nariz de Nathan – uma vez, duas e então uma terceira, todas em uma rápida sucessão.

Nathan caiu, sangue cobrindo seu rosto. Dimitri o chutou forte no estômago e pairou em cima dele.

“Não tente,” disse Dimitri. “Você irá perder.” Ele limpou o sangue de Nathan de sua mão e então enlaçou seu dedos nos meus de novo. “Eu te disse, eu lidarei isso com Galina. Mas obrigado pela preocupação.”

Dimitri se afastou de novo, aparentemente sentindo que não haveria mais ataques. Não houveram. Mas enquanto comecei a seguir ele, eu olhei rapidamente por sobre meus ombros para onde Nathan estava no chão. Os olhos dele atiravam adagas em Dimitri, e eu tinha certeza que nunca vi um olhar de ódio tão puro – pelo menos até ele olhar para mim. Eu senti frio por toda parte e tropecei para seguir Dimitri.

A voz de Nathan correu atrás de nós. “Você não está seguro! Nenhum dos dois está. Ela é almoço, Belikov. Almoço.”

A mão de Dimitri apertou a minha mão, e ele continuou a andar. Eu podia sentir a fúria irradiando dele e de repente não tive certeza de quem eu deveria ter mais medo: Nathan ou Dimitri. Dimitri era foda, vivo ou morto vivo. No passado, eu vi ele atacar inimigos sem medo ou hesitação. Ele sempre foi magnífico, se comportando tão bravamente quanto eu

contei a família dele. Mas todas aquelas vezes, ele teve uma razão legítima para lutar – normalmente pra se defender. Mas seu confronto com Nathan tinha sido sobre mais. Tinha sido um acerto de dominação e uma chance para tirar sangue. Dimitri pareceu gostar. E se ele decidisse se voltar contra mim daquele jeito? E se minha constante recusa o levasse a tortura, e ele me machucasse até que eu finalmente aceitasse?

“Nathan me assusta,” eu disse, sem querer que Dimitri soubesse que eu tinha medo dele também. Eu me sentia fraca e indefesa, algo que não acontecia comigo muito frequentemente. Normalmente, estou pronta para aceitar qualquer desafio, não importando o quão desesperado seja.

“Ele não vai tocar em você,” Dimitri disse duramente. “Você não tem nada para se preocupar.”

Alcançamos um lance de escadas. Depois de alguns degraus, se tornou claro que eu não iria ser capaz de lidar com 4 lutas. Fora meu estupor drogado que as mordidas dele me causavam, a frequente perda de sangue estava me enfraquecendo e tendo seus efeitos. Sem dizer uma palavra, Dimitri me pegou em seus braços e me

carregou para baixo sem esforço, me colocando gentilmente no chão quando alcançamos no fim da escada.

O salão principal da propriedade tinha o mesmo ar do que o salão do andar de cima. A entrada tinha um enorme teto arqueado com um elaborado lustre que era muito mais bonitos que os menores que eu vi. Portas duplas ornamentadas estavam na nossa frente, junto com vitrais. O que também estava na nossa frente era outro Strigoi, um homem sentado em uma cadeira e, aparentemente, vigiando. Perto dele havia um painel fixado na parede com botões e luzes piscando. Um moderno sistema de segurança entre todo o encanto deste mundo antigo. A postura dele endurecia conforme nos aproximávamos, e em um primeiro momento, pensei que era um instinto natural de guarda-costas – até que eu vi seu rosto. Era o Strigoi que eu havia torturado naquela primeira noite em Novosibirsk, o que eu tinha enviado para dizer a Dimitri que eu estava procurando por ele. Seus lábios se enrolaram um pouco para trás enquanto ele encontrava meus olhos.

“Rose Hathaway,” disse o Strigoi. “Eu lembrei do seu nome – como você me disse.”

Ele não disse mais que isso, mas eu apertei ainda mais a mão de Dimitri conforme passávamos. Os olhos do Strigoi nunca me deixaram até que saímos e a porta se fechou atrás de nós.

“Ele quer me matar,” eu disse a Dimitri.

“Todos os Strigoi querem matar você,” Dimitri respondeu.

“Ele realmente quer... eu torturei ele.”

Eu não achei isso reconfortante. Eu estava fazendo inimigos Strigoi demais – mas também, não era como se eu não pudesse realmente esperar fazer amigos Strigoi.

Era noite, é claro. Dimitri não me traria para fora caso contrário. A sala me fez pensar que estávamos na frente da casa, mas o extenso jardim que se espalhava ao nosso redor me fez imaginar se estávamos na parte de trás agora. Ou talvez a entrada da casa estivesse envolvida nesse tipo de vegetação. Estávamos rodeados

por um enorme labirinto de arbustos com lindos detalhes. Dentro do labirinto haviam pequenos pátios, decorados com fontes ou estátuas. E em toda parte havia flores e mais flores. O ar estava pesado com o seu cheiro, e eu percebi que alguém teria passado por muitos problemas para

encontrar flores que se abrissem a noite. O único tipo que eu imediatamente reconheci foi a jasmim, sua longa, vinha de flores brancas subindo as grandes e estátuas do labirinto.

Andamos em silêncio por um tempo, e eu me encontrei perdida no romance de tudo. Todo o tempo que Dimitri e eu estivemos juntos na escola, eu fui consumida pelo medo de como conciliar nossa relação e dever. Um momento como esse, andar em um jardim em uma noite de primavera iluminado pelas estrelas, parecia uma fantasia louca demais para sequer começar a considerar ela.

Mesmo sem a dificuldade das escadas, andar mais longo aumentou a exaustão do meu estado. Eu parei e suspirei. "Estou cansada," eu disse.

Dimitri parou também e me fez sentar. A grama era seca e grossa contra minha pele. Eu deitei contra ela. E um momento depois, ele se juntou a mim.

Eu tive um déjà vu, lembrando da tarde que fizemos anjos de neve.

"Isso é incrível," eu disse, olhando para o céu. Ele estava claro, nenhuma nuvem a vista. "Como é para você?"

"Hmm?"

"Tem luz o bastante para mim conseguir ver claramente, mas ainda está escuro comparado ao dia. Seus olhos são melhores que os meus. O que você vê?"

"Para mim, tudo é tão claro quanto o dia." Quando eu não respondi, ele acrescentou. "Poderia ser assim para você também."

Eu tentei imaginar isso. As sombras pareceriam tão misteriosas? A lua e as estrelas brilhariam tão fortemente? "Eu não sei. Eu meio

que gosto da escuridão.”

“Só porque você não conhece nada melhor.”

Eu suspirei. “É o que você me diz.”

Ele virou em minha direção e tirou o cabelo do meu rosto. “Rose, isso está me deixando louco. Estou cansado de esperar. Eu quero que fiquemos juntos. Você não gosta disso? O que temos? Poderia ser ainda melhor.” As palavras dele soavam românticas, mas não o tom.

Eu gosta disso. Eu amava a neblina em que eu vivia, a neblina em que todas as preocupações desapareciam. Eu amava estar perto dele, amava o jeito que ele me beijava e me dizia que ele me queria...

“Porque?” eu perguntei.

“Porque o que?” ele soava intrigado, algo que eu não tinha ouvido de um Strigoi.

“Porque você me quer?” eu não fazia nem ideia do porque eu tinha perguntado isso. Ele aparentemente também não sabia.

“Porque eu não iria querer você?”

Ele falou de um jeito tão óbvio, como se fosse a pergunta mais idiota do mundo. Provavelmente era, eu percebi, e mesmo assim... eu de alguma forma estive esperando uma resposta diferente.

Então, meu estômago se apertou. Com todo o tempo que eu passei com Dimitri, eu realmente fui capaz de ignorar a náusea dos Strigoi. Mas a presença de outro Strigoi a aumentou. Eu a senti ao redor de Nathan e a senti agora. Eu sentei, e Dimitri também, quase ao mesmo tempo. Ele provavelmente foi alertado por sua audição superior.

Uma forma negra se aproximou de nós, apagando as estrelas. Era uma mulher, e Dimitri levantou. Eu fiquei onde estava, no chão. Ela era incrivelmente bonita, de um jeito

duro e terrível. O corpo dela era similar ao meu, indicando que ela não era Moroi quando foi transformada. Isaiah, o Strigoi que me

capturou, era muito velho e poder irradiava dele. Essa mulher não esteve por ai a tanto tempo, mas eu podia sentir que ela era mais velha que Dimitri e muito mais forte.

Ela disse algo em russo para ele, e a voz dela era tão fria quanto bonita. Dimitri respondeu, seu tom confiante e educado. Eu ouvi o nome de Nathan ser mencionado algumas vezes enquanto eles conversavam. Dimitri se abaixou e me ajudou a levantar, e eu me senti envergonhada pela quantidade de vezes que precisei da ajuda dele, quando eu costumava quase me comparar a ele.

“Rose,” ele disse, “essa é Galina. Foi ela quem foi gentil o bastante para deixar você ficar.”

O rosto de Galina não parecia tão gentil. Ele era vazio de emoções, e eu senti como se toda minha alma estivesse exposta a ela. Enquanto eu estava incerta sobre muitas coisas por aqui, eu peguei o bastante para perceber que minha residência contínua aqui era uma coisa rara e frágil. Eu engoli.

“Spasibo,” eu disse. Eu não sabia como dizer a ela que era um prazer conhecer ela – e honestamente, eu não tinha certeza se era – mas eu achei que um simples obrigado era bom o bastante. Se ela foi a antiga instrutora e treinadora dele em uma academia normal, ela provavelmente sabia inglês e estava fingindo como Yeva. Eu não fazia ideia do porque ela fazia isso, mas se você poderia quebrar o pescoço de uma dhampir adolescente, você poderia fazer o que quisesse.

A expressão de Galina – ou a falta dela – não mudou com meu obrigado, e ela voltou sua atenção de volta a Dimitri. Eles conversaram sobre mim, e Dimitri gesticulou para mim algumas vezes. Eu reconheci a palavra forte.

Finalmente, Galina falou algo que soava como o ponto final e partiu sem dizer nenhum tipo de adeus. Nem Dimitri nem eu nos movemos até que eu senti a náusea sumir.

“Anda,” ele disse. “Devemos voltar.”

Andamos pelo labirinto, embora eu não fizesse ideia como ele sabia onde ir. Era engraçado. Quando eu cheguei, meu sonho tinha sido sair e escapar. Agora aqui estava eu... bem, não parecia tão importante. A raiva de Galina parecia.

“O que ela disse?” eu perguntei.

“Ela não gosta que você ainda esteja aqui. Ela quer que eu acorde ou mate você.”

“Oh. Um, o que você vai fazer?”

Ele ficou em silêncio por alguns segundos. “Vou esperar mais um pouco e então... vou fazer a escolha por você.”

Ele não especificou que escolha ele faria, e eu quase comecei meus apelos de morrer antes de me tornar Strigoi. Mas de repente, ao invés disso, eu disse, “Quanto tempo?”

“Não muito, Roza. Você precisa escolher. E fazer a escolha certa.”

“Que é?”

Ele ergue suas mãos. “Tudo isso. Uma vida juntos.”

Saímos do labirinto. Eu olhei para a casa – que era loucamente enorme quando vista do lado de fora – e o lindo jardim ao nosso redor. Era como algo saído de um sonho. Além disso, tufo do deserto rolavam para longe, eventualmente se perdendo na escuridão e se

misturando com o céu negro – a não ser por uma pequena parte que tinha um suave brilho púrpura no horizonte. Eu franzi, o estudando, então voltei minha atenção de volta a Dimitri.

“E então o que? Então vou trabalhar para Galina também?”

“Por um tempo.”

“Por quanto tempo?”

Paramos do lado de fora da casa. Dimitri olhou nos meus olhos, seu rosto tinha um olhar que fez eu me afastar. “Até matarmos ela, Rose. Até matarmos ela e pegarmos tudo isso nós mesmos.”

VINTE E UM

Dimitri não explicou. Eu estava muito assustada com suas palavras e o resto dos eventos da noite para saber sequer como começar a falar deles. Ele me levou de volta para dentro, passamos pelo Strigoi fazendo guarda, e subimos para minha suíte. Nathan não estava mais do lado de fora.

Por breves momentos, a voz em minha cabeça falou alto o bastante para quebrar meu pensamento estragado. Se eu não tinha guarda no corredor e Inna voltasse logo, eu teria uma boa chance de ameaçar ela o bastante para sair daqui. Eu admito, isso significaria que eu teria que lidar com uma casa com só Deus sabe quantos Strigoi, mas minhas chances de fugir eram melhores na casa do que nesse quarto.

Então, quase tão logo os pensamentos apareceram, eles sumiram. Dimitri passou por trás de mim e me puxou para perto dele. Estava frio lá fora, e mesmo que seu corpo fosse frio, suas roupas e casaco proveram algum calor. Eu me aconcheguei perto dele enquanto suas mãos passavam por mim. Eu pensei que ele iria me morder, mas foi nossas bocas que se encontraram, duro e furiosamente. Eu envolvi meus dedos ao redor do cabelo dele, tentando trazer ele mais perto de mim. Enquanto isso, seus dedos passavam contra minha perna nua, puxando minha saia quase até meu quadril. Antecipação e ansiedade acenderam cada parte do meu corpo. Eu tinha sonhado com a cabana por tanto tempo, lembrando com tanta saudade. Eu nunca esperei que nada assim acontecesse de novo, mas agora poderia, e eu estava impressionada com o tanto que eu queria.

Minhas mãos se moveram para a camisa dele, desabotoando os botões para que eu pudesse tocar seu peito. A pele dele parecia gelo, um contraste impressionante com a queimação dentro de mim. Ele moveu seus lábios dos meus, até meu pescoço e ombro,

puxando a alça do vestido para baixo enquanto ele cobria minha pele com beijos famintos. A mão dele ainda estava na lateral do meu quadril nu, e eu freneticamente tentei tirar sua camisa.

De repente, com uma brusquidão surpreendente, ele se afastou e me empurrou. A princípio, eu pensei que fosse só mais preliminares entre nós, até que percebi que ele estava realmente me afastando.

“Não,” ele disse, a voz dura. “Ainda não. Não até você despertar.”

“Porque?” eu perguntei desesperada. Eu não conseguia pensar em nada a não ser ele me tocando – e, bem, outra mordida. “O que importa? Tem... motivo pelo qual não podemos?” Até eu chegar aqui, sexo com um Strigoi nunca me ocorreu... talvez simplesmente não fosse possível.

Ele se inclinou em minha direção, colocando seus lábios perto da minha orelha. “Não, mas vai ser muito melhor se você estiver desperta. Me deixe fazer isso... me deixe fazer, e então poderemos fazer o que quisermos...”

Era uma barganha, eu percebi vagamente. Ele me queria – estava claro nele – mas ele estava usando sexo para me fazer ceder. E honestamente? Eu estava perto de aceitar. Meu corpo estava sobrepujando minha mente – quase.

“Não,” eu choraminguei. “Eu... eu tenho medo...”

Aquele olhar perigoso se suavizou, e embora ele não parecesse o Dimitri de antes, havia algo menos Strigoi nele.

“Rose, você acha que eu faria qualquer coisa para te machucar?” Em alguma parte, não houve uma discussão sobre como minhas opções eram me transformar ou morrer?

Esse último parecia que iria doer, mas eu não mencionei isso.

“A mordida... a transformação vai doer...”

“Eu te disse: Vai ser exatamente como o que já fizemos. Você vai gostar. Não vai doer, eu juro.”

Eu desviei o olhar. Merda. Porque ele não podia ser sinistro e assustador? Era muito mais fácil bater o pé e resistir. Mesmo no

calor da paixão, eu era capaz de resistir. Mas de alguma forma... ver ele assim, calmo e razoável... bem, era perto demais do Dimitri que eu amava. E era difícil fugir disso. Pela primeira vez, pareceu que se transformar em Strigoi... não fosse tão ruim.

“Eu não sei,” eu disse.

Ele me soltou e sentou, frustração em suas feições. Era quase um alívio. “A paciência de Galina está acabando. A minha também.”

“Você disse que ainda temos tempo... eu só preciso pensar mais...” Quanto tempo eu poderia usar essa desculpa? Os olhos estreitos dele me disseram que não por muito tempo.

“Eu preciso ir, ” ele disse duramente. Não haveria mais toques ou beijos, eu percebi. “Eu preciso lidar com algumas coisas.”

“Desculpe,” eu disse, confusa e com medo. Eu não sabia qual Dimitri eu queria. O terrível, o sensual, ou o quase – mas ainda não totalmente – gentil.

Ele não disse nada. Sem qualquer aviso, ele se abaixou e mordeu a tenra pele da minha garganta. Qualquer estratégia débil de fuga que eu tinha desapareceu. Eu fechei meus olhos, quase caindo, e só o braço dele se envolveu firmemente ao meu redor me mantendo em pé. Como quando nos beijamos, a boca dele era quente contra minha pele, e a língua dele e dentes mandavam eletricidade através de mim.

E então acabou. Ele se afastou, lambendo os lábios enquanto continuava a me segurar. A névoa voltou. O mundo era maravilhoso e feliz e eu não tinha preocupações. O que quer que ele estivesse preocupado com Nathan e Galina não significava nada para mim. O medo que senti momentos atrás... meu desapontamento por causa do sexo... minha confusão – eu não tinha tempo para me preocupar com nada disso, não quando a vida era tão linda e eu amava tanto Dimitri. Eu sorri para ele e tentei abraçar ele de novo, mas ele já estava me levando para o sofá.

“Te vejo mais tarde.” Em um segundo, ele estava na porta, o que me entristeceu. Eu queria que ele ficasse. Ficasse para sempre.

“Lembre-se, eu quero você – e nunca vou deixar nada ruim acontecer com você. Eu vou te proteger. Mas... não posso esperar muito mais tempo.”

Com isso, ele partiu. Suas palavras me fizeram sorrir mais amplamente. Dimitri me queria. Vagamente, eu lembrei de perguntar a ele porque ele me queria. Porque eu tinha perguntado isso? Que resposta eu queria? Porque importava? Ele me queria. Era isso que contava.

Esse pensamento e onda incrível de endorfinas me envolveu, e enquanto estava deitada no sofá, eu senti a sonolência me tomando. Andar até a cama parecia trabalho demais, então eu fiquei onde estava e deixei o sono chegar.

E, inesperadamente, eu me encontrei nos sonhos de Adrian.

Eu tinha praticamente desistido dele. Depois das minhas primeiras tentativas desesperadas de escapar da suíte, eu finalmente me convenci que Adrian não iria voltar, que eu o espantei de vez. Ainda sim ali estava ele, parado na minha frente – ou, bem, pelo menos a sua versão de sonhos estava. Geralmente ficávamos numa floresta ou jardim, mas hoje estávamos onde nos conhecemos, na varanda da estação de esqui em Idaho. O sol brilhava, e as montanhas estavam ao nosso redor.

Eu sorri amplamente. “Adrian!”

Eu não acho que o vi parecer tão surpreso quanto ele parecia agora. Considerando como eu normalmente era maldosa com ele, eu podia entender seus sentimentos.

“Olá, Rose,” ele disse. A voz dele soava incerta, como se estivesse preocupado que eu estivesse brincando com ele.

“Você está bonito hoje,” eu disse a ele. Era verdade. Ele estava usando jeans escuro e uma camisa estampada em tom de marinho e turquesa que ficava fantástica com aqueles olhos verde escuros. Aqueles olhos, no entanto, pareciam cansados. Desgastados. Isso era um pouco estranho. Nesses sonhos, ele podia moldar o mundo e mesmo nossa aparência no que ele quisesse, com pouco esforço. Ele

poderia ter parecido perfeito mas ao invés disso ele parecia estar refletindo sua fadiga do mundo real.

“E você também.” A voz dele ainda era cautelosa, e ele me olhou da cabeça aos pés. Eu ainda estava usando o vestido, meu cabelo solto, as safiras ao redor do meu pescoço. “Isso parece com algo que eu normalmente te vestiria. Você está dormindo com isso?”

“Yep.” Eu olhei para o vestido, pensando em quão bonito era. Eu me perguntei se Dimitri gostou. Ele não falou nada específico, mas ele ficava me dizendo o quão linda eu era. “Eu não pensei que você fosse voltar.”

“Eu também não pensei.”

Eu olhei para ele. Ele não estava mesmo normal. “Você está tentando descobrir onde eu estou de novo?”

“Não, não me importo mais com isso.” Ele suspirou. “A única coisa com que me importo é que você não está aqui. Você precisa voltar, Rose.”

Eu cruzei os braços e me encostei no parapeito da varanda. “Adrian, não estou pronta para nada romântico –”

“Não por mim,” ele exclamou. “Por ela. Você tem que voltar por Lissa. É por isso que estou aqui.”

“Lissa...”

Meu eu estava cheia de endorfinas, e eu as trouxe para cá. Eu tentei lembrar porque eu deveria me preocupar com Lissa. Adrian deu um passo para frente e me estudou cuidadosamente. “Yeah, você sabe, Lissa? Sua melhor amiga? Aquela a quem você está ligada e jurou proteger?”

Eu balancei minhas pernas para frente e pra trás. “Nunca fiz voto nenhum.”

“Qual diabos é seu problema?”

Eu não gostei do tom agitado dele. Estava estragando meu humor. “Qual é o seu problema?”

“Você não está agindo como você mesma. Sua aura...” ele franziu, incapaz de continuar.

Eu ri. “Oh sim. Aqui vem. A mágica e mística aura. Me deixe adivinhar. Está negra, certo?”

“Não... está...” Ele continuou a me avaliar por vários segundos. “Eu mal consigo vê-la. Está por toda parte. O que está acontecendo, Rose? O que está acontecendo no mundo real?”

“Nada está acontecendo,” eu disse. “Nada a não ser eu estar feliz pela primeira vez nada vida. Porque você está agindo estranho tão de repente? Você costumava ser divertido. Vai entender do porque quando eu finalmente estou me divertindo, você fica todo chato e estranho.”

Ele se ajoelhou na minha frente, sem nenhum traço de humor. “Tem algo errado com você. Não sei dizer o que –”

“Eu te disse, estou bem. Porque você tem que continuar a vir e arruinar as coisas para mim?” Verdade, eu desesperadamente quis que ele viesse a um tempo atrás, mas agora... bem, isso não era tão importante. Eu tinha uma boa coisa com Dimitri aqui, se ao menos eu pudesse descobrir como resolver as partes não tão boas.

“Eu te disse, não estou aqui por mim. Estou aqui por Lissa.” Ele olhou para mim, olhos arregalados e sérios. “Rose, te imploro que volte. Lissa precisa de você. Não sei qual o problema, e não sei como ajudar ela. Mais ninguém sabe também. Eu acho... eu acho que só você pode. Talvez vocês estarem separadas seja o que está machucando ela. Talvez seja esse o seu problema agora, o porque de você estar agindo tão estranha. Venha para casa. Por favor. Vai curar vocês duas. Vamos dar um jeito juntos. Ela está agindo tão estranha. Ela é imprudente e não se importa com nada.”

Eu balancei a cabeça. “Estar longe não é o que tem de errado comigo. Provavelmente não é o que tem de errado com ela também. Se ela está realmente preocupada com espírito, ela deveria voltar com os remédios.”

“Ela não está preocupada; esse é o problema. Merda.” Ele levantou e começou a caminhar. “Qual problema de vocês duas? Porque vocês não conseguem ver que tem algo importante?”

“Talvez não seja nós,” eu disse. “Talvez você esteja imaginando coisas.”

Adrian virou em minha direção e me olhou de novo. “Não. Não sou eu.”

Eu não gostei de nada disso – nem do seu tom, nem de sua expressão ou palavras. Eu fiquei feliz por ver ele, mas agora eu me ressentia por ele ter arruinado meu bom humor. Eu não queria pensar em nada disso. Era difícil demais.

“Olha,” eu disse. “Eu fiquei feliz por te ver hoje a noite mas agora não estou mais, não se você vai ficar sentado me acusando e fazendo exigências.”

“Não estou tentando fazer isso.” A voz dele era gentil – a raiva se fora. “A última coisa que quero é te deixar infeliz. Eu me importo com você. Eu me importo com Lissa também. Eu quero que as duas sejam felizes e vivam suas vidas como você quer... mas não quando as duas estão trilhando caminhos destrutivos.”

Ele quase fez sentido. Quase parecia razoável e sincero. Eu balancei a cabeça.

“Fique fora disso. Eu estou onde quero estar, e não vou voltar. Lissa está por conta própria.” Eu saí do parapeito. O mundo girou um pouquinho, e eu tropecei. Adrian pegou minha mão, e eu me afastei. “Estou bem.”

“Você não está. Jesus Cristo. Eu juro que você está... só que a aura não está certa para isso. O que é isso?” Ele passou sua mão pelo meu cabelo escuro. Era seu tipo sinal de agitação.

“Eu terminei,” eu disse, tentando ser o mais educada possível. Porque diabos eu queria ver ele de novo? Pareceu tão importante quando ele chegou. “Me mande de volta, por favor.”

Ele abriu sua boca para dizer algo, e então congelou por alguns momentos. "O que é isso no seu pescoço?"

Ele foi para frente, e tonta ou não, eu consegui desviar eficientemente. Eu não fazia ideia do que ele viu no meu pescoço, e eu não tinha interesse em descobrir. "Não me toque."

"Rose, isso parece com –"

"Me envie de volta, Adrian!" E eu queria ser educada.

"Rose, me deixe ajudar –"

"Me. Mande. De volta!"

Eu gritei as palavras, e então, pela primeira vez, eu consegui sair do sonho de Adrian. Eu abandonei o sono e acordei no sofá. O quarto ainda estava silencioso, o único som vindo da minha rápida respiração. Eu me sentia agitada por dentro. Normalmente, tão fresca de uma mordida, eu estaria flutuando e alegre. Ainda sim, o encontro com Adrian tinha deixado parte de mim perturbada e triste.

Levantando, eu consegui ir até o banheiro. Eu liguei a luz e estremei. Não estava tão claro no outro quarto. Quando meus olhos se ajustaram, eu me inclinei em direção ao espelho e tirei meu cabelo do caminho. Eu arfei com o que vi. Tinha machucados por todo meu pescoço, assim como sinais de ferimentos frescos. Perto de onde Dimitri tinha recém me mordido, eu podia ver sangue seco.

Eu parecia... com um meretriz de sangue.

Como não notei isso antes? Eu molhei um algodão e esfreguei no meu pescoço, tentando tirar o sangue. Eu esfreguei e esfreguei até a pele ficar rosa. Era isso? Havia mais? Isso parecia o pior. Eu me perguntei o quanto Adrian tinha visto. Meu cabelo estava solto, e eu tinha certeza que cobria quase todo meu pescoço.

Um pensamento rebelde veio a minha mente. O que importava se Adrian viu ou não? Ele não entendia. De jeito nenhum ele sequer poderia chegar perto de entender. Eu estava com Dimitri. Yeah, ele estava diferente... mas não tão diferente. E eu tinha certeza que

poderia encontrar um jeito de fazer isso funcionar sem me tornar um Strigoi. Eu só não sabia como ainda.

Eu tentei me assegurar de novo e de novo, mas aqueles ferimentos continuavam a me encarar.

Eu sai do banheiro e voltei para o sofá. Eu liguei a TV sem realmente assistir ela, e depois de um tempo, a névoa feliz passou por mim de novo. Eu logo desliguei a TV e voltei a dormir, dessa vez, meus sonhos eram meus mesmos.

Levou um tempo para Dimitri vir de novo. E por “um tempo”, eu quero dizer quase um dia inteiro. Eu estava tremendo nesse ponto, porque eu sentia falta dele e porque sentia falta da mordida. Ele normalmente visitava duas vezes por dia, então isso era o maior tempo que eu fiquei sem endorfinas. Precisando de algo para fazer, eu me ocupei em me deixar o mais linda possível.

Eu meio que pensava nos vestidos como minhas roupas, escolhendo um longo vestido de seda que tinha flores roxas delicadamente pintadas no tecido. Coube como uma luva. Eu queria usar meu cabelo preso, mas depois de olhar para os ferimentos de novo, eu decidi usar solto. Eu recentemente recebi uma chapinha e maquiagem, então trabalhei cuidadosamente no meu cabelo, virando as pontas em perfeitos cachos pequenos. Assim que terminei, olhei feliz para meu reflexo, certa de que Dimitri ficaria feliz também. Tudo que eu precisava agora era colocar as joias lindas que ele me deu. Mas quando virei para sair, eu vi um deslumbre nas minhas costas do lado e vi que esqueci de fechar um fecho. Eu virei para fechar mas não conseguia alcançar. Ele estava naquele ponto perfeito fora do meu alcance.

“Merda,” eu murmurei, ainda agarrando o zíper. A falha em minha perfeição.

Então, eu ouvi a porta abrir no outro aposento, seguido pelo som da bandeja sendo colocada na mesa. Um golpe de sorte.

“Inna!” eu chamei, saindo do banheiro. “Eu preciso que você –”

Náusea passou por mim, quando entrei na sala, e eu vi que Dimitri não era a fonte. Nathan era.

Minha boca se abriu. Inna estava perto dele, esperando paciente perto da bandeja, olhos baixos como sempre. Eu imediatamente a ignorei e olhei para Nathan. Presumivelmente, ele ainda estava vigiando, mas isso nunca incluiu ele entrar. Pela primeira vez em um tempo, uns instintos de batalha tomaram conta, buscando opções de fuga. Meu medo fazia com que eu quisesse me afastar, mas eu ficaria presa no banheiro. Era melhor ficar onde eu estava. Mesmo que eu não pudesse sair da sala, isso me dava espaço o bastante para manobrar.

“O que você está fazendo aqui?” eu perguntei, surpresa por quão calma eu soei.

“Cuidando de um problema.”

Eu não precisava de dicas para entender o subtexto. Eu era o problema.

De novo, eu lutei contra a vontade de me afastar. “Eu nunca fiz nada para você.” Era uma falha lógica para um Strigoi. Nenhuma de suas vítimas fazia para eles.

“Você existe,” ele disse. “Você está ocupando espaço aqui, desperdiçando o tempo de todo mundo. Você sabe como encontrar ela – a garota Dragomir – e ainda sim você não oferece nada remotamente útil até Belikov transformar você. E nesse meio tempo, Galina me força a perder tempo observando você e fica promovendo ele porque ele a convenceu que você vai ser um incrível trunfo.”

Era um interessante conjunto de reclamações. “Então... um, o que você vai fazer?”

Em um segundo, ele estava diante de mim. Ver ele tão de perto engatilhou aquela memória na minha mente – ele mordendo Dimitri e começando tudo isso. Uma faísca de raiva brilhou em mim mas não se desenvolveu muito. “Vou conseguir a informação de um jeito ou de outro,” ele rosnou. “Me diga onde ela está.”

“Você sabe onde ela está. Ela está na escola.” Não havia útil em dar aquela informação. Ele sabia que ela frequentava lá. Ele sabia onde era a escola.

O olhar dele me disse que ele não gostou de ter informações que ele já sabia. Indo para frente, ele pegou meu cabelo e bateu minha cabeça dolorosamente para trás. Usar meu cabelo solto talvez não seja tão útil afinal de contas. “Onde ela vai? Ela não vai ficar lá para sempre. Ela vai para a faculdade? Para a Corte Real? Eles devem ter feito planos para ela.”

“Não sei onde estão. Estou longe a um tempo.”

“Eu não acredito em você,” ele rosnou. “Ela é muito valiosa. O futuro dela deve ter sido planejado a um tempo atrás.”

“Se foi, ninguém me disse. Eu parti cedo demais.”

Eu dei nos ombros ao responder. Raiva encheu os olhos dele, e eu juro, que eles ficaram ainda mais vermelhos.

“Vocês estão ligadas! Você sabe. Me diga agora, e vou te matar rapidamente. Se não, eu vou te despertar para conseguir a informação, e então vou matar você. Eu vou acender uma fogueira em você.”

“Você... você me mataria assim que eu fosse uma de vocês?” pergunta tola. Strigoi não sentiam lealdade uns pelos outros.

“Sim. Eu vou destruir ele, e assim que Galina ver o quão desequilibrado ele é, eu vou voltar a meu lugar original ao lado dela – especialmente depois que eu destruir a linhagem Dragomir.”

“Pro inferno que você vai.”

Ele sorriu e tocou meu rosto, passando seus dedos pelo meu pescoço e pelos machucados nele. “Oh, eu vou. Eu realmente vou facilitar as coisas se você me contar agora. Você vai morrer em ecstasy ao invés de ser queimada viva. Nós dois vamos gostar.” Ele envolveu suas mãos delicadamente ao redor da minha garganta. “Você definitivamente é um problema, mas você é linda – especialmente sua garganta. Eu posso ver porque ele te quer...”

Emoções hostis passaram por mim. Logicamente, eu sabia que esse era Nathan – Nathan, que eu odiava por ter transformado Dimitri para começo de conversa. Ainda sim as necessidades do meu corpo por endorfinas de Strigoi estavam crescendo também, e mal importava que era Nathan. O que importava era que os dentes dele estavam apenas uma respiração longe do meu pescoço, prometendo aquele doce, doce delírio.

E enquanto uma mão segurava minha garganta, a outra descia pela minha cintura, até a curva do meu quadril. Havia um tom sensual na voz de Nathan, como se ele quisesse mais do que apenas me morder. E depois de tanta carga sexual com os encontros com Dimitri – encontros que nunca resultaram em nada – meu corpo quase não se importou com quem o tocava. Eu poderia fechar meus olhos, e não importar os dentes de quem e as mãos de quem tirasse minhas roupas. Só a próxima dose importava. Eu poderia fechar meus olhos e fingir que era Dimitri, perdida em tudo enquanto os lábios de Nathan tocavam minha pele...

A não ser que, como uma parte razoável de mim lembrou, Nathan não queria apenas sexo e sangue. Ele eventualmente iria querer me matar. O que era meio irônico. Eu estava pronta – sem trocadilhos – para me matar quando eu chegasse aqui, para que não me

transformasse em um Strigoi. Nathan estava me oferecendo isso agora. Mesmo que ele me transformasse primeiro, ele planejava me matar imediatamente depois. De qualquer forma, eu não teria que passar a eternidade como um Strigoi. Eu teria dado boas vindas a isso.

Mas então, quando o vício do meu corpo gritava pela mordida e aquela onda, eu percebi algo com incrível clareza: eu não queria morrer. Talvez fosse porque eu estava a quase um dia sem uma mordida, mas algo pequeno e rebelde acordou dentro de mim. Eu não deixaria ele fazer isso comigo. Eu não permitiria que ele fosse atrás de Dimitri. Eu com certeza não iria deixar ele caçar Lissa.

Passando pela nuvem de endorfina que ainda estava ao meu redor, eu convoquei o máximo de força de vontade que pude. Eu cavei fundo, lembrando dos meus anos de treinamento e todas as lições que Dimitri me deu. Era difícil acessar essas memórias, e eu só toquei algumas. Ainda sim, o bastante veio para me fazer agir. Eu me inclinei pra frente e empurrei Nathan.

Não conseguindo nada.

Ele não se afastou. Diabos, eu não sei nem se ele sentiu. A surpresa no rosto dele logo se tornou hilaridade, e ele riu naquele jeito horrível que Strigoi riam – cruel e sem verdadeira alegria. Então, com a maior facilidade, ele me bateu e eu voei através do quarto. Dimitri tinha feito praticamente a mesma coisa quando cheguei e o ataquei. Só que eu não tinha voado tão longe ou tive um efeito tão minúsculo nele.

Eu bati no sofá, e meu Deus, doeu. Uma onda de tontura passou por mim, e eu percebi a idiotice de lutar com alguém tão mais forte que eu quando estive perdendo sangue a semana toda. Eu consegui me ajeitar e desesperadamente agir. Nathan, para sua parte, não parecia com pressa de responder ao meu ataque. Na verdade, ele ainda estava rindo.

Olhando ao redor, eu decidi agir de uma forma realmente de dar pena. Inna estava perto de mim. Me movendo com uma velocidade que era dolorosamente devagar – mas melhor do que eu esperava conseguir – eu a peguei e envolvi meus braços ao redor do pescoço dela. Ela gritou surpresa, e eu a segurei ainda com mais força contra mim.

“Saia daqui,” eu disse a Nathan. “Saia daqui, ou eu mato ela.”

Ele parou de rir, me encarou por um momento, e então riu ainda mais. “Você está falando sério? Você honestamente acha que eu não poderia te impedir se eu quisesse? E você honestamente acha que me importo? Vá em frente. Mate ela. Tem dezenas mais iguais a ela.”

Yeah, isso não deveria ser surpresa também, mas mesmo eu me surpreendi um pouco com o quão fácil ele podia descartar a vida de

um servo fiel. Ok. Hora do plano B. Ou talvez fosse o plano J? Francamente, eu estava perdendo a noção, e nenhum deles era muito bom mesmo –

“Ow!”

Inna de repente me acotovelou no estômago. Eu a soltei ela na minha surpresa. Ela virou e com um grito estrangulado me socou no rosto. O golpe não foi forte quanto o de Nathan, mas ainda me derrubou. Eu tentei segurar algo – qualquer coisa – enquanto eu caía mas falhei. Eu bati no chão, minhas costas batendo contra o chão. Eu esperei que ela viesse pra cima de mim, mas ao invés disso, ela passou pelo quarto e – Deus nos ajude – se jogou em uma postura de defesa na frente de Nathan.

Antes de eu conseguir processar a estranheza dela tentar proteger alguém que estava disposto a deixar ela morrer, a porta de repente se abriu. “Ow!” eu disse de novo, quando ela me acertou e me empurrou para o lado.

Dimitri entrou. Ele olhou de rosto a rosto, e eu não tive dúvidas que o meu mostravam sinais do ataque tanto de Nathan quanto de Inna. Os pulsos de Dimitri se fecharam, e ele virou em direção a Nathan. Me lembrou da briga deles no corredor, tudo raiva e malícia e sede de sangue. Eu me encolhi, me preparando para outro horrível confronto.

“Não,” avisou Nathan, o rosto presunçoso. “Você sabe o que Galina disse. Me toque e você está fora daqui.”

Dimitri passou pelo quarto e parou na frente de Nathan, empurrando Inna como uma boneca de pano. “Vai valer a pena enfrentar a ira dela, particularmente quando eu contar a ela que você atacou primeiro. Rose certamente possui as marcas para provar.”

“Você não iria.” Ele apontou para Inna, que estava sentada no chão onde Dimitri a tinha empurrado. Apesar dos meus próprios ferimentos, eu comecei a me arrastar até ela. Eu tinha que saber se ela estava bem. “Ela vai dizer a verdade.”

Agora Dimitri parecia presunçoso. “Você realmente acha que Galina vai acreditar em uma humana? Não. Quando eu contar a ela que você me atacou e Rose por ciúmes, ela vai me deixar em paz. O fato de que você será tão facilmente defendido vai provar sua fraqueza. Eu vou cortar sua cabeça e pegar a estaca de Rose do cofre. Com seu último suspiro, você pode observar ela passar pelo seu coração.”

Putá merda. Isso era um pouco pior do que quando Nathan ameaçou me queimar – espera.

Minha estaca?

O rosto de Nathan ainda estava arrogante – pelo menos para mim. Mas eu acho que Dimitri deve ter visto algo que o satisfizesse, algo que o fez pensar que ele tinha a vantagem. Ele visivelmente relaxou, o sorriso dele ficando maior. “Duas vezes,” Dimitri disse suavemente. “Duas vezes eu te deixei ir. Da próxima vez... da próxima vez, você já era.”

Eu alcancei Inna e gentilmente erguei minha mão. “Você está bem?” eu murmurei.

Com um olhar de ódio, ela se afastou. Os olhos de Nathan caíram em mim, e ele começou a se afastar em direção à porta.

“Não,” ele disse. “Duas vezes que eu a deixei viver. Da próxima vez ela já era. Sou eu que estou no controle aqui, não você.”

Nathan abriu a porta e Inna levantou, tropeçando atrás dele. Eu encarei, a boca aberta por todos os eventos que tinham acontecido. Eu não sabia qual deles achava mais perturbador. Olhando para Dimitri, eu agarrei o que deveria perguntar a ele primeiro. O que iríamos fazer? Porque Inna tinha defendido Nathan? Porque Dimitri o deixou ir? Mas nenhuma dessas perguntas desafiadoras vieram aos meus lábios.

Ao invés disso, eu comecei a chorar.

VINTE E DOIS

Eu não chorava muito frequentemente. E eu odiava quando chorava. Da última vez que eu o fiz perto de Dimitri, seus braços imediatamente se enrolaram ao meu redor. Dessa vez, tudo que recebi foi um olhar frio e raivoso.

“Isso é sua culpa!” ele gritou, os pulsos fechados.

Eu me afastei, os olhos surpresos. “Mas ele... ele me atacou...”

“Sim. E Inna. Uma humana! Você deixou uma humana te atacar.” Ele não conseguiu tirar a zombaria do rosto. “Você está fraca. Você está incapacitada de se defender – tudo porque se recusa a ser acordada!”

A voz dele era terrível, e o olhar que ele me deu... bem, me assustou quase mais do que o de Nathan tinha. Indo para frente, ele me levantou.

“Se você tivesse sido morta, seria sua culpa,” ele disse. Os dedos dele se afundando em meu pulso enquanto ele me chacoalhava. “Você tem a chance de imortalidade, por incrível força! E você é cega e teimosa demais para ver!”

Eu engoli mais lágrimas e esfreguei meus olhos com as costas da minha mão. Sem dúvidas eu estava borrando a maquiagem que eu tinha meticulosamente colocado. Meu coração já tinha explodido para fora do meu peito, eu estava com tanto medo. Eu esperava raiva e ameaça de Nathan – mas não de Dimitri.

Você esqueceu que ele é um Strigoi, algo sussurrou em minha mente.

Eu fiquei tempo o bastante sem uma mordida e tinha adrenalina o bastante por mim para alertar que minha voz estava falando mais alto do que falava a um longo tempo. Dimitri disse que eu era fraca porque não era um Strigoi, mas havia mais nisso. Eu estava fraca e

fui subjugada por Nathan e Inna porque eu estava viciada, porque eu estava vivendo uma vida de abençoada ignorância que estava tomando meu corpo e mente. O pensamento era assustador, e eu mal podia aguentar. Meu anseio por endorfinas de vampiro aumentou, e as duas facções guerrearam no meu cérebro.

Eu não tinha bom senso suficiente para expressar qualquer um desses pensamentos. Então eu tentei algo que iria pacificar Dimitri. “Eu não acho que serei mais forte que Nathan, mesmo que eu me transforme – seja acordada.”

Ele passou a mão no meu cabelo, a fria voz dele pensativa. Ele parecia estar se acalmando, mas os olhos dele ainda estavam com raiva e impacientes. “Talvez não inicialmente, mas a força do seu corpo e vontade vão carregar a mudança. Ele não é muito mais do que qualquer um de nós, não é suficiente para fazer uma diferença notável, e é por isso que ele continua a recuar, quando nós lutamos.”

“Por que você continua recuando?”

Senti o corpo dele ficar rígido, e eu percebi que a minha pergunta podia ser lida como uma batida contra a sua proeza. Eu engoli, meu medo retornando. Ele não tinha largado de meu pulso, e ele estava começando a doer.

“Porque ele está certo sobre uma coisa”, disse Dimitri rigidamente. “Matá-lo traria a ira de Galina em cima de nós. E isso não é algo que eu posso me dar ao luxo. Ainda.”

“Você disse antes que você... que nós... tivéssemos que matá-la.”

“Sim, e assim que conseguirmos, vai ser fácil para assumir o controle de seus recursos e organização.”

“Qual é a sua organização exatamente?” Se eu mantivesse o distraído, a raiva poderia ir embora. O monstro poderia ir embora.

Ele deu de ombros. “Todos os tipos de coisas. Essa riqueza não é comprado sem esforço.”

“O esforço que é ilegal e fere os humanos?”

“Isso importa?”

Eu não me incomodei em responder. “Mas Galina costumava ser sua professora. Você pode realmente matar ela? E eu não me refiro a fisicamente... eu quero dizer, não te incomoda?”

Ele considerou. “Eu te disse antes. É sobre força ou fraqueza. Presa ou predador. Se pudermos derrubar ela – e não tenho dúvidas que poderemos – então ela é a presa. Fim da história.”

Eu tremi. Era tão duro, uma forma tão assustadora de ver o mundo. Dimitri soltou meu pulso então, e uma onda de alívio me percorreu. Com as pernas trêmulas, eu me afastei e sentei no sofá. Por um momento, eu temia que ele fosse me pegar de novo, mas ao invés disso ele se sentou ao meu lado.

“Por que Inna me atacou? Por que ela defendeu Nathan?”

“Porque ela o ama.” Dimitri não se incomodou em esconder seu nojo.

“Mas como...?”

“Quem sabe? Parte do problema é que ele prometeu despertar ela, quando ela ficasse um tempo por aqui.” Os avisos de Sydney, voltaram para mim, sobre o porquê dos Alquimistas temerem que os humanos soubessem sobre vampiros – porque os humanos podem querer se transformar também. “Isso é o que é dito para a maioria dos servos humanos.”

“Dito?”

“A maioria é indigno. Ou, mais frequentemente, alguém fica com fome e termina com o humano.”

Eu estava ficando doente a meu estômago, independente da proximidade de Dimitri. “Isso é tudo uma bagunça.”

“Não tem que ser.” Eu não achei que ele fosse me balançar de novo, mas havia um brilho perigoso no seu olhar. O monstro só estava a um segundo de distância.

“O tempo está acabando. Eu fui tolerante, Roza. Muito mais leve do que eu seria com mais ninguém.”

“Por quê? Por que você fez isso?” Eu queria – precisava – ouvir ele dizer que era porque ele me amava e que por causa desse amor, ele nunca poderia me forçar a nada que eu não quisesse. Eu precisava ouvir para que eu pudesse afastar a criatura aterrorizante e furioso que eu tinha visto há alguns minutos.

“Porque eu sei como você pensa. E eu sei que o despertar de sua própria vontade, faria de você um aliado mais importante. Você é independente e tem uma cabeça e é isso o que te torna valiosa. ”

“Um aliado, hein?”

Não a mulher que ele amava.

Ele se mexeu de modo que seu rosto pairou sobre o meu. “Eu não te disse que eu sempre estaria lá para você? Eu estou aqui. Eu vou te proteger. Nós vamos ficar juntos. Estamos destinados a ficar juntos. Você sabe.” Havia mais furor na sua voz do que afeição.

Ele beijou meus lábios, me puxando para perto. O calor de sempre me inundou o meu corpo respondeu instantaneamente ao dele. Mas, mesmo com o meu corpo fazendo uma coisa, outros pensamentos giravam em minha mente. Eu sempre pensei que fomos feitos para ficar juntos. E ele me disse uma vez que ele sempre estaria lá por mim. Eu sempre quis isso também, mas eu queria estar lá para ele também. Eu queria que fôssemos iguais, sempre cuidando um do outro.

Hoje não foi assim. Eu estive indefesa. Fraca. Nunca, nunca na minha vida eu estive assim. Até mesmo em momentos horríveis de discordância, eu era capaz de fazer uma luta decente. Pelo menos, eu tinha a vontade de lutar. Não agora. Eu estive apavorada. Eu tenho sido ineficaz. Eu não tinha sido capaz de fazer nada exceto sentar lá pateticamente, e esperar por alguém para me salvar. Eu deixei um ser humano me acertar.

Dimitri disse que eu me transformar em Strigoi era a solução. Na última semana, ele repetiu isso de novo e de novo, e embora eu não tivesse concordado em fazer isso, eu não sentia a repulsa que sentia antes. Ultimamente, ela era uma ideia flutuando por aí, um

longínquo caminho para que possamos ficar juntos. E eu queria que ficássemos juntos, especialmente em momentos como este, quando nos beijávamos e desejo passava em torno de nós dois.

Mas desta vez... o desejo não foi tão intenso como de costume. Ela ainda estava lá, mas eu não conseguia esquecer a imagem de como ele tinha acabado de ser. Me ocorreu com uma clareza assustadora que eu estava ficando com um Strigoi. E isso era... estranho.

Respirando pesadamente, Dimitri se afastou de meus lábios por um momento e olhou para mim. Mesmo com essa expressão composta de Strigoi, eu podia ver que ele me queria – de muitas maneiras. Era confuso. Ele era e não era Dimitri. Se inclinando para trás, ele beijou minha bochecha, o meu queixo, e então meu pescoço. Sua boca se abriu mais, e eu senti a ponta de suas presas...

“Não,” eu deixei escapar.

Ele congelou. “O que você disse?” Meu coração começou a bater forte novamente, enquanto me preparava para mais raiva.

“Um... não. Não desta vez.”

Ele recuou e olhou para mim, parecendo chocado e irritado. Quando ele não respondeu, eu comecei a divagar.

“Eu não me sinto bem... Estou ferida. Eu tenho medo de perder o sangue, mesmo que eu queira...” Dimitri sempre disse que eu não poderia mentir para ele, mas eu tinha que tentar. Eu coloquei o meu melhor rosto apaixonado e inocente. “Eu quero isso... eu quero sentir a mordida... mas eu quero descansar primeiro, ficar mais forte...”

“Deixe-me acordar você, e você será forte novamente.”

“Eu sei,” eu disse, ainda mantendo minha voz levemente frenética. Desviei o olhar, na esperança de aumentar a fachada de confusão. Ok, com a minha vida ultimamente, fingir confusão não foi tão difícil. “E eu estou começando a pensar...”

Ouvi uma forte entrada de ar. "Começando a pensar o quê?"

Eu virei para ele, esperando que eu pudesse convencer ele que eu estava pensando seriamente em me transformar. "Estou começando a pensar que eu não quero nunca mais ser fraca."

Eu pude ver no rosto dele. Ele acreditou em mim. Mas então, essa última parte não havia sido uma mentira. Eu não quero ser fraca.

"Por favor... eu só quero descansar. Eu preciso pensar um pouco mais. "

Lá estava ele, o momento em que tudo isso seria decidido. A verdade era que eu não estava apenas mentindo para ele. Eu estava mentindo para mim mesma. Porque sério? Eu queria aquela mordida. Muito. Eu já tinha ficado muito tempo sem uma, e meu corpo estava gritando por ela. Eu precisava das endorfinas, precisava delas mais do que o ar ou comida. E, no entanto, em apenas um dia sem elas, eu tinha ganhado um pedaço minúsculo de clareza. A parte de mim que não queria nada mais do que a alegria da ignorante êxtase não se importava com minha mente ficar mais clara, mas eu sabia, no íntimo, que eu tinha que tentar um pouco mais, mesmo que isso significasse me privar do que eu mais queria.

Depois de muita reflexão, Dimitri assentiu e se levantou. Ele leu minhas palavras como se eu tivesse chegado a um ponto em que estava prestes a aceitar. "Descanse, então," disse ele. "E nós conversaremos mais tarde. Mas Rose... temos apenas dois dias."

"Dois dias?"

"Esse é o prazo de Galina. Esse é o tempo que ela nos deu. Então eu vou tomar a decisão por você."

"Você vai me acordar?" Eu não estava inteiramente certa se morrer ainda era uma opção.

"Sim. Vai ser melhor para todos nós, se não chegarmos nesse ponto." Ele saiu da cama e se levantou. Ele parou um instante, e enfiou a mão no bolso.

“Ah. Eu te trouxe isso.”

Ele me deu um bracelete incrustado com opalas e diamantes minúsculos, quase como se não fosse grande coisa. A pulseira era deslumbrante, e cada opala brilhou com mil cores. “Uau. É... é lindo.” Coloquei no meu pulso, mas de alguma forma, presentes como este não significavam tanto quanto antes.

Com um olhar satisfeito, ele se inclinou e me beijou na testa. Ele se dirigiu para a porta e então me deixou deitada no sofá, tentando desesperadamente pensar em qualquer outra coisa fora o quanto eu queria que ele voltasse e me mordesse.

O resto do dia foi angustiante.

Eu sempre li sobre viciados, sobre o quão difícil era o tempo em que pessoas estavam em abstinência para se livrar do álcool ou das drogas ilegais. Eu até mesmo testemunhei um alimentador de ficar meio tipo louco quando ele foi retirado de serviço. Ele ficou muito velho, e foi considerado perigoso para a sua saúde continuar dando sangue aos Moroi. Eu assisti com espanto enquanto ele pediu e implorou para ficar, como ele jurou que não se importava com o risco. Embora eu soubesse que ele tinha um vício, eu simplesmente não conseguia entender por que valeria a pena para ele arriscar sua vida desse jeito. Agora que eu entendia.

Naquelas horas que passaram, eu teria arriscado a minha vida para ser mordida novamente. Isso na verdade era meio engraçado, porque se eu permitisse outra mordida, eu estaria arriscando a minha vida. Eu não tinha dúvida, que o pensamento nebuloso iria

me conduzir a aceitar a oferta de Dimitri. Mas a cada miserável segundo privada de mordida que eu passava, os meus pensamentos ficavam gradativamente mais nítidos. Ah, eu ainda estava muito longe de estar livre da névoa de sonho das endorfinas vampíricas. Quando nós tínhamos sido capturados em Spokane, Eddie havia sido usado como uma fonte de sangue Strigoi, e ele levou dias para se recuperar.

Cada pouco de clareza, agora me fazia perceber o quanto era importante para mim ficar livre de mordidas. Não que esse conhecimento tenha as coisas mais fáceis para meu corpo.

Eu tinha alguns problemas sérios. Parecia que de qualquer forma, eu estava destinada a me tornar um Strigoi. Dimitri queria me transformar para que pudéssemos reinar juntos como o equivalente vampírico de Bonnie e Clyde [\(Nota 5\)](#). Nathan queria me transformar na esperança de caçar Lissa – e então me matar. Claramente, a opção de Dimitri era mais atraente, mas não por muito. Não mais.

Ontem, eu teria dito que virar uma Strigoi era algo sobre o que eu não iria me importar muito. Agora, a dura realidade sobre do que isso realmente significava me bateu, e meus antigos sentimentos retornaram. Suicídio versus existência como uma criatura do mal. Claro, ser uma criatura do mal significava que eu poderia ficar com Dimitri...

Exceto que esse não era Dimitri. Era? Tudo isso era tão confuso. Eu novamente tentei me lembrar do que ele tinha dito a muito tempo atrás – que não importava o quanto um Strigoi parecia com a pessoa que eu costumava conhecer, eles não eram. Contudo esse Dimitri disse que ele estava errado sobre isso.

“São as endorfinas, Rose. Elas são como drogas...” eu gemi e enterrei meu rosto nas mãos enquanto sentava no sofá, a TV zumbindo ao fundo. Adorável. Eu estava falando comigo mesma agora.

Supondo que eu pudesse quebrar o controle que Dimitri tinha sobre mim e esse estado confuso que continuava me fazendo pensar que eu tinha me equivocado em relação aos Strigoi... bem, e então o que? Eu estaria de volta ao dilema original. Sem armas para lutar com Strigoi. Sem armas com as quais pudesse me matar. Eu estava de volta a clemência deles, mas pelo menos agora eu estava perto de poder fazer uma boa luta. Certo, seria uma luta perdida, mas eu sentia que se ficasse sem endorfinas um pouco mais, eu seria capaz de pelo menos derrotar Inna. Isto tinha que contar alguma coisa.

E lá estava. Sem endorfinas. Cada vez que minha mente corria atrás de minhas opções e batia em uma parede, eu podia voltar a realidade física a minha frente. Eu queria aquela sensação de leveza de volta. Eu queria aquela névoa de alegria de volta. Eu precisava disso de volta, ou com certeza, eu morreria. Isso seria o que me mataria e me libertaria de ser uma Strigoi...

“Maldição!”

Eu levantei e comecei a zanzar, esperando me distrair de mim mesma. TV não conseguia; com toda certeza. Se eu pudesse me abster um pouco mais, eu poderia tirar a droga do meu sistema, eu poderia pensar em como salvar a mim e a Lissa, e – Lissa!

Sem qualquer debate, eu voltei a ela. Se eu estivesse em seu corpo e sua mente, então talvez eu não tivesse que lidar com a minha por enquanto. Minha abstinência passaria mais rapidamente.

Lissa e seu grupo tinham retornado da corte real um pouco mais inquietos do que eles tinha chegado. A luz fria da manhã tinha feito Lissa se sentir incrivelmente idiota sobre os eventos da festa. Dançar em cima da mesa não era a pior coisa do mundo, mas lembrando de outras festas que ela esteve neste fim de semana e a vida social dela com Avery faziam ela se perguntar o que estava acontecendo com ela. As vezes, ela nem se sentia como ela mesma. E o beijo com Aaron... bem, aquele era um assunto de culpa induzida completamente diferente.

“Não se preocupe.” Avery disse a ela no avião. “Todos nós fazemos coisas estúpidas quando estamos bêbados.”

“Não eu,” Lissa gemeu. “Essa não se parece comigo.” Apesar dessa reivindicação, contudo, Lissa tinha concordado em beber mimosas – champanhe misturado com suco de laranja – na viagem de volta.

Avery sorriu. “Eu não tenho nada para comparar com isso. Você parece bem para mim. Entretanto, você não está tentando fugir com um humano ou algum cara que não é da realeza.”

Lissa sorriu de volta, e seus olhos foram para Jill, sentando um pouco a frente deles no avião. Adrian tinha falado com a jovem garota mais cedo, mas agora ela estava ocupada com um livro, sua maior preocupação parecia ser ficar longe de Reed. Ele sentou com Simon de novo, e Lissa estava um pouco surpresa de ver o guardião olhando suspeitosamente para Jill. Talvez Reed tenha contado a Simon que a garota era algum tipo de ameaça.

“Você está preocupada com ela?” perguntou Avery, seguindo o olhar de Lissa.

“Não é isso... eu só não consigo esquecer o jeito que ela me olhou ontem a noite.”

“Ela é jovem. Eu acho que ela se choca facilmente.”

Lissa supôs que era verdade. Ainda jovem ou não, tinha tido alguma coisa refrescantemente clara e honesta no jeito que Jill tinha falado com Lissa. Lembrando a Lissa algo que eu faria. E Lissa não conseguia descansar bem sabendo que alguém assim pensava mal dela. Lissa se levantou.

“Eu voltarei logo,” ela disse a Avery. “Eu vou falar com ela.”

Jill ficou obviamente surpresa quando Lissa sentou ao lado dela. A jovem garota colocou um marcador no que ela estava lendo, e seja como porque ela estivesse sentindo, sua sorriso para Lissa foi genuíno. “Hey.”

“Hey,” disse Lissa. Ela não tinha tomado muita mimosa ainda assim controlava o Espírito o suficiente para ver a áurea de Jill. Essa era um rico verde azulado, intercalado com roxo e azul escuro. Bom, cores fortes. “Olha, eu queria me desculpar pelo o que aconteceu noite passada... o que eu disse...”

“Oh,” disse Jill ruborizando. “Tudo bem, realmente. Quero dizer, as coisas estavam meio loucas, e eu sei que você não estava pensando direito. Pelo menos, eu não acho que você estava. Eu realmente não sei. Eu de fato nunca bebi, assim eu não posso dizer.” O nervosismo de Jill sempre parecia fazê-la oscilar entre falar de modo confuso e ficar em silêncio.

“Yeah, bem, eu deveria ter pensado melhor antes de me meter numa situação daquelas. E eu realmente sinto muito pelo que aconteceu com Reed.” Lissa abaixou a voz. “Não tenho ideia do que aconteceu lá... mas não foi certo, o que ele disse e fez com você.”

As duas garotas se viram estudando ele. Ele estava concentrado em um livro, mas de repente, como se pudesse sentir elas observando, o olhar dele virou para Jill e Lissa. Ele encarou, e elas imediatamente desviaram o olhar.

“Aquilo definitivamente não foi sua culpa,” disse Jill. “E, você sabe, Adrian estava lá e tudo mais. Então isso acabou bem.”

Lissa trabalhou para manter o rosto sério. Adrian estava sentado fora do campo de visão delas, mas se ele não estivesse, Lissa sentia que Jill teria estado olhando para ele sonhadoramente. Adrian estava fazendo uma boa porção de olhar sonhadoramente por si só para Avery ultimamente, e Lissa podia ver Jill nunca deixando aquele papel de Irmã mais nova para ele. Mesmo assim, era claro que Jill estava desenvolvendo uma pequena queda por ele. Era fofo, e mesmo Lissa sabendo que isso era estúpido da sua parte, ela não conseguia não se sentir um pouco aliviada que Adrian era o objeto de afeição de Jill e não Christian.

“Bem, estou aqui esperando por melhores chances,” Lissa disse. “E esperando que ninguém pense muito mal de mim.”

“Eu não penso,” disse Jill. “E eu tenho certeza que Christian também não irá.”

Lissa franziu a testa, confusa por um momento. “Bem... não há nenhuma razão para estressá-lo com isso. Isso foi um erro estúpido meu; eu irei lidar com ele.”

Agora Jill franziu a testa. Ela hesitou antes de falar, aquele nervosismo antigo retornando. “Mas você tem que contar. Você tem que dizer a ele a verdade, certo?”

“Isso não é grande coisa,” Lissa disse, surpresa em quanto defensiva de repente ela ficou. Aquela imprevisível raiva começando a subir a cabeça.

“Mas... vocês estão em um relacionamento sério... vocês tem que sempre serem honesto, não é? Quero dizer, você não pode mentir para ele.”

Lissa rolou os olhos. “Jill, você também não esteve em um relacionamento sério antes, você esteve? Você pelo menos já foi a um encontro? Eu não estou mentindo pra ele. Eu só não vou contar a ele coisas que vão deixá-lo irritado sem nenhuma razão. Isso não é o mesmo.”

“É sim,” Jill argumentou. Eu podia ver o quanto estava machucando ela rebater Lissa, mas eu admirei a coragem dela. “Ele tem o direito de saber.”

Lissa suspirou irritantemente e levantou. “Esqueça. Eu pensei que nós poderíamos ter uma conversa de adulto, mas aparentemente não podemos.” O olhar fulminante que ela deu a Jill fez a garota vacilar.

Ainda, de volta a academia, culpa infestou Lissa. Christian a cumprimentou feliz, entupindo ela de beijos e abraços. Ela acreditava firmemente que Jill tinha reagido exageradamente, ainda cada vez que Lissa olhava para Christian, ela pensava sobre aquele beijo com Aaron.

Isso era errado como Jill tinha dito? Isso tinha sido casual e sobre a influência do álcool. Lissa sabia que contar para Christian iria chateá-lo, entretanto, e ela odiava deixá-lo assim. Avery, ouvindo enquanto Lissa deliberava, concordou que não havia necessidade de preocupação sobre isso. Ainda, enquanto eu a olhava através dos olhos de Lissa, minha

impressão era que Avery estava mais preocupada com qual seria a reação emocional de Lissa se ela e Christian acabassem. A moralidade parecia fora do assunto; Avery queria proteger Lissa.

Parecia que tudo ia dar errado... até que mais tarde naquele dia, quando Lissa encontrou com Christian indo jantar. O rosto dele era uma tempestade e ele se aproximou de Lissa no lobby do dormitório

dela, seus olhos azuis pálidos parecendo que seriam capazes de lançar raios.

“Quando você ia me contar?” ele exigiu. A voz dele era alta, e várias pessoas que passavam viraram surpresas.

Lissa correu com ele até um canto, abaixando sua voz. “Do que está falando?”

“Você sabe do que estou falando. Você usando sua fuga de final de semana como uma chance de ficar com outros caras.”

Ela o encarou por vários pesados segundos. Então a fixa caiu. “Jill te contou!”

“Sim. Eu tive que arrancar dela. Ela apareceu para treinar comigo e estava prestes a chorar.”

Raiva incarácterística de repente queimou através de Lissa. “Ela não tinha direito!”

“Você não tinha direito. Você honestamente pensou que poderia fazer algo assim – sem nem me contar?”

“Christian, foi um beijo de bêbado idiota, pelo amor de Deus. Uma piada porque ele me salvou de cair da mesa. Não significou nada.”

O rosto de Christian ficou pensativo, e Lissa achou que com certeza ele estava prestes a concordar com ela. “Não teria sido nada,” ele disse finalmente, “se você mesma tivesse me contado. Eu não tinha que ouvir isso de outra pessoa.”

“Jill –”

“– não é o problema. Você é.”

Choque atordoou Lissa por um momento. “O que você está dizendo?”

“Eu...” Christian de repente parecia cansado. Ele esfregou os olhos. “Eu não sei. É só que... as coisas tem sido difíceis ultimamente. Eu só... eu só não tenho certeza se posso lidar com

tudo isso. Você estava arranjando brigas comigo antes de partir e agora isso?"

"Porque você não escuta? Não foi nada! Até Avery concorda."

"Oh," disse Christian sarcasticamente, "se Avery concorda então deve estar tudo bem."

O temperamento de Lissa piorou. "O que isso quer dizer? Eu achei que você gostava dela."

"Eu gosto. Mas não gosto de como você está confiando mais nela do que em mim ultimamente."

"Você não tinha problemas comigo confiando em Rose."

"Avery não é a Rose."

"Christian..."

Ele balançou a cabeça. "Olha, eu não quero mais jantar. Eu só preciso pensar."

"Quando vou te ver de novo?" ela perguntou freneticamente. Sua raiva foi suprimida pelo medo.

"Eu não sei. Mais tarde."

Ele saiu sem dizer mais nada. Lissa começou a ir atrás dele, horrorizada enquanto ele andava para fora do lobby. Ela queria se jogar nele, implorar a ele para voltar e perdoar ela.

Mas haviam muitas pessoas ao redor, e ela se recusou a fazer uma cena – ou se intrometer no espaço dele. Ao invés disso, ela foi atrás do único recurso que tinha sobrando: Avery.

"Não esperava ver você de novo," Avery disse, abrindo a porta de seu quarto. "O que você – Jesus Cristo. Qual o problema?"

Ela fez Lissa entrar e exigiu saber a história. Com muitas lágrimas e reclamações histéricas, Lissa contou o que tinha acontecido com Christian. "E eu não sei o que ele quis dizer. Ele quer terminar? Ele vai me procurar mais tarde? Eu deveria ir atrás dele?" Lissa enterrou seu rosto nas suas mãos.

“Oh Deus. Você não acha que tem alguma coisa acontecendo entre ele e Jill, acha?”

“Belezura? Não,” exclamou Avery. “É claro que não. Olha, você precisa se acalmar. Você está surtando. Isso vai ficar tudo bem.” Ansiedade revestia o rosto de Avery, e ela quis pegar para Lissa um copo de água. Então, reconsiderando, ela serviu uma taça de vinho.

Sentada sozinha, Lissa sentia suas emoções selvagens atormentando ela. Ela odiava o que tinha feito. Ela sentia como se tivesse algo errado com ela. Primeiro ela me alienou, e agora Christian. Porque ela não podia manter seus amigos? O que custava? Ela realmente estava ficando maluca? Ela se sentia descontrolada e desesperada. E ela –

Bam!

De repente, e sem aviso, eu fui empurrada para fora da cabeça de Lissa.

Os pensamentos dela desapareceram completamente. Eu nem sai por escolha própria, nem tinha voltado por causa de algo em meu próprio corpo. Eu estava no quarto sozinha, tendo chego a um impasse enquanto caminhava e pensava. Nunca, nunca nada disso tinha acontecido a mim. Isso foi como... bem, como uma força física. Como uma parede de vidro ou um campo de força batendo na minha frente e me empurrando para trás. Tinha sido um poder de fora. Não tinha vindo de mim.

Mas o que era isso? Tinha sido Lissa? Até onde sei, ela nunca foi capaz de me sentir na sua cabeça. Isso tinha mudado? Ela tinha me expulsado? Tinham os sentimentos dela ficado tão fortes que não havia espaço para mim?

Eu não sabia, e eu não gostei. Quando aconteceu, fora a sensação de ser empurrada, eu experimentei outro estranho sentimento. Era como um pássaro, como se alguém tivesse alcançado minha mente e feito cócegas nela. Eu tive um fleche breve de calor e frio, e então tudo parou quando sai da mente dela. Eu tinha sentido invasivo.

E eu também senti... familiar.

VINTE E TRÊS

Infelizmente, eu não conseguia lembrar onde eu tinha sentido isso antes.

Considerando tudo o mais que aconteceu comigo, o fato de que eu sequer lembrava era incrível. Minhas memórias estavam um pouco espalhadas, mas eu fiz o meu melhor para passar por eles, me perguntando onde eu tinha experimentado aquele formigamento no meu cérebro. Eu não recebi respostas, mas ponderando tudo logo se tornou frustrante bolar um plano de fuga. E quanto mais tempo passava, eu percebi que eu realmente precisava de um plano de fuga. A desintoxicação das endorfinas estava me matando, mas eu estava pensando cada vez mais claramente enquanto os efeitos deixavam meu sistema. Eu fiquei surpresa com o que deixei me tornar. Assim que permiti Dimitri me morder... eu desmoronei. Eu perdi minha prioridade. Perdi minha força e habilidades. Eu me tornei suave e boba e idiota. Bem, não totalmente. Se eu tivesse me perdido completamente, eu seria um Strigoi agora. Havia algum conforto, pelo menos, em saber que mesmo no alto das mordidas, uma parte de mim ainda lutou e se recusou a sucumbir.

Saber que eu não era totalmente fraca quanto eu acreditava me ajudou a continuar. Fez mais fácil ignorar a dor no meu corpo, para me distrair com a TV e comendo a comida que havia no refrigerador. Eu até fiquei acordada por um longo tempo na esperança de ficar exausta. Funcionou, e eu cai no sono assim que atingi o travesseiro, caindo num sono sem sonhos com nenhum efeito da desintoxicação.

Eu fui acordada mais tarde quando um corpo subiu na cama ao meu lado. Eu abri meus olhos e olhei diretamente para os olhos vermelhos de Dimitri. Pela primeira vez em dias, eu olhei para ele com medo, não amor. Eu mantive isso fora do meu rosto, e sorri para ele. Eu o alcancei e toquei seu rosto.

“Você voltou. Senti sua falta.”

Ele pegou minha mão e beijou minha palma. “Eu tinha coisas para fazer.”

A sombra mudou no rosto dele, e eu vi um pequeno deslumbre de sangue seco na boca dele. Fazendo careta, eu o esfreguei com meu dedo. “Então eu vejo.”

“É a ordem natural, Rose. Como está se sentindo?”

“Melhor. A não ser...”

“O que?”

Eu desviei o olhar, conflituada de novo. O olhar nos olhos dele naquele momento era mais do que simples curiosidade. Havia preocupação ali – só um pouco – mas estava ali. Preocupação por mim. E ainda sim, apenas um momento atrás eu limpei o sangue da boca dele – sangue de uma outra pobre pessoa cuja vida tinha sido sugada nas últimas horas, mais provavelmente.

“Eu estava na cabeça de Lissa,” eu disse finalmente. Não havia mal em contar isso para ele. Como Nathan, ele sabia onde era a academia. “E... eu fui expulsa.”

“Expulsa?”

“Yeah... eu estava vendo através dos olhos dela como sempre faço, e então alguma força... eu não sei quem, uma mão invisível me empurrou para fora. Eu nunca senti nada como isso.”

“Talvez seja uma nova habilidade do espírito.”

“Talvez. Só que eu estive observando ela com regularidade, e eu nunca vi ela praticar ou sequer considerar nada disso.”

Ele encolheu levemente os ombros e pôs o braço ao meu redor. “Ser acordada te dá melhor sentido e acessibilidade para o mundo. Mas não te faz onisciente. Eu não sei porque isso aconteceu com você.”

“Claramente não onisciente, ou Nathan não iria querer tanto informações sobre ela. Porque isso? Porque os Strigoi estão

obcecados em matar as linhagens reais? Sabemos que eles tem – você tem – tentado fazer isso, mas porque? Porque importa? Uma vitima não é uma vitima – especialmente quando vários Strigoi costumavam ser de linhagem real?”

“Isso requer é uma resposta completa. Uma grande parte de caçar a realeza Moroi é o medo. No nosso antigo mundo, a realeza está acima dos outros. Eles tem os melhores guardiões, a melhor proteção.” Sim, isso certamente era verdade. Lissa tinha descoberto isso a muito tempo na Corte. “Se ainda sim conseguirmos pegar eles, então o que isso diz? Significa que ninguém está seguro. Cria medo, e o medo faz as pessoas fazerem coisas tolas. Faz deles uma presa mais fácil.”

“Isso é horrível.”

“Presas ou –”

“Yeah, yeah, eu sei. Presa ou predador.”

Os olhos dele se estreitaram levemente, aparentemente não gostando de ter sido interrompido. Ele deixou para ele. “Tem também um beneficio de acabar com a liderança Moroi. Isso cria uma instabilidade também.”

“Ou talvez eles fiquem melhor com uma mudança de liderança,” eu disse. Ele me deu outro olhar estranho, e eu estava um pouco surpresa. Ali estava eu pensando como Victor Dashkov de novo. Eu percebi que deveria ficar quieta. Eu não estava me comportando como eu mesma. “E quanto ao resto?”

“O resto...” Um sorriso se curvou nos lábios dele. “O resto é prestígio. Fazemos pela glória. Pela reputação e a satisfação de saber que somos responsáveis por destruir aquilo que outros não foram capazes de destruir por séculos.”

Simple natureza Strigoi. Malícia, caçar, e matar. Não precisava ter outras razões.

O olhar de Dimitri passou de mim para o criado mudo. Foi onde eu deixei todas as minhas joias. Todos os presentes dele estavam ali,

brilhando como algum tipo de tesouro pirata. Passando por mim, ele ergueu o nazar pela sua corrente. "Você ainda tem isso."

"Yup. Mas não é tão bonito quanto as suas coisas." Ver o olho azul me lembrava minha mãe. Eu não pensava nela a um longo tempo. De volta em Baia, eu comecei a ver Olena como uma segunda mãe, mas agora... agora eu meio que deseja pela minha. Janine Hathaway pode não cozinhar e limpar, mas ela era inteligente e competente. E de certa forma, eu percebi com um estalo, que pensávamos igual. Meus traços tinham vindo dela, e eu sabia com certeza que nessa situação, ela não teria parado de planejar uma fuga.

"Isso eu não vi antes," Dimitri disse. Ele soltou o nazar e pegou o anel de prata que Mark tinha me dado. Eu não o usava desde a última vez na casa dos Belikov e o coloquei na mesa com o nazar.

"Eu o peguei enquanto estava –" eu parei, percebendo que não havia mencionado sobre minhas viagens antes de Novosibirsk.

"Enquanto você estava o que?"

"Enquanto estava na sua cidade. Em Baia."

Dimitri estava brincando com o anel, movendo de dedo em dedo, mas ele parou e olhou para mim quando eu disse o nome. "Você esteve lá?" Estranhamente, não tínhamos falado muito sobre isso. Eu mencionei Novosibirsk algumas vezes, mas era isso.

"Eu achei que você estaria lá," eu expliquei. "Eu não sabia que Strigoi caçam em cidades aqui. Eu fiquei com sua família."

Os olhos dele voltaram para o anel. Ele continuou a brincar com ele, o rodando e girando. "E?"

"E... eles eram gentis. Eu gostei deles. Eu passei muito tempo com Viktoria."

"Porque ela não estava na escola?"

"Era páscoa."

"Ah, certo. Como ela está?"

“Bem,” eu disse rapidamente. Eu não consegui me fazer contar a ele sobre a última noite com ela e Rolan. “Karolina também é boa. Ela me lembra você. Ela enfrentou uns caras dhampir que estavam causando problemas.”

Ele sorriu de novo, e foi... gentil. Eu quero dizer, as presas ainda deixaram assustador, mas não tinha aquele ar sinistro que eu passei a esperar. Havia ternura em seu rosto, verdadeira afeição que me surpreendeu. “Eu posso ver Karolina fazendo isso. Ela já teve o outro bebê?”

“Yeah...” eu ainda estava um pouco surpresa com aquele sorriso. “É uma menina. Zoya.”

“Zoya,” ele repetiu ainda não olhando para mim. “Não é um nome ruim. Como está Sonya?”

“Ok. Eu não vi muito dela. Ela estava um pouco sensível... Viktoria disse que era por causa da gravidez dela.”

“Sonya também está grávida?”

“Oh. Yeah. Seis meses, eu acho.”

O sorriso dele diminuiu um pouco, e ele quase parecia preocupado. “Eu suponho que fosse acontecer cedo ou tarde. As decisões dela nem sempre são sábias como a de Karolina. Os filhos de Karolina foram uma escolha.... estou supondo que o de Sonya foi uma surpresa.”

“Yeah. Eu também tenho esse pressentimento.”

Ele mencionou o resto dos membros de sua família. “Minha mãe e avó?”

“Er, bem. As duas.” Essa conversa estava ficando cada vez mais estranha. Não apenas era a primeira coisa normal que fizemos desde que cheguei, mas também era a primeira vez que eu realmente o vi interessado em algo que não era relacionado a Strigoi ou que não envolvia beijar e morder, fora algumas lembranças sobre nossa luta mais cedo – e os lembretes provocantes de sexo na cabana. “Sua avó me assustou um pouco.”

Ele riu, e eu recuei. Era tão, tão perto da sua antiga risada. Mais perto do que eu imaginei que poderia ser. “Sim, ela faz isso com as pessoas.”

“E ela fingiu não falar inglês.” Esse era um pequeno detalhe no grande esquema das coisas, mas eu ainda estava um pouco irritada.

“Sim, ela faz isso também.” Ele continuava a sorrir, uma voz irreal. “Eles todos ainda vivem juntos? Na mesma casa?”

“Yup. Eu vi os livros que você me contou. Aqueles bonitos – mas eu não consegui ler eles.”

“Foi onde comecei a ler sobre o faroeste americano.”

“Cara, eu adoraria gozar de você por causa disso.”

Ele engasgou. “Sim, entre isso, seus estereótipos sobre a música europeia ocidental, e toda a coisa do “camarada” você tem muito matéria.”

Eu ri também. “„Camarada? e a música eram meio fora de linha.” Eu quase esqueci meu antigo apelido para ele. Não se encaixava mais. “Mas você mesmo trouxe as coisas de cowboy para si, entre a capa de couro e –”

Eu parei. Eu comecei a mencionar o dever dele de ajudar os outros que precisavam, mas esse dificilmente ainda era o caso. Ele não notou meu lapso.

“Então você os deixou e veio para Novosibirsk?”

“Yeah. Eu vim com aqueles dhampirs com quem eu estava caçando... aqueles outros não prometidos. Mas quase não vim. Sua família queria que eu ficasse. Eu pensei sobre fazer isso.”

Dimitri ergueu o anel na luz, o rosto sombreado pensativo. Ele suspirou.

“Você provavelmente deveria ter ficado.”

“Eles são boa gente.”

“Eles são,” ele hesitou suavemente. “Você poderia ter sido feliz lá.”

Ele colocou o anel de volta na mesa e então virou para mim, trazendo nossas bocas juntas. Era o beijo mais suave e doce que ele me deu como Strigoi, e meu já considerável choque aumentou. Mas a gentileza era passageira, e alguns segundos depois, nosso beijo se tornou o que normalmente era, furioso e faminto. Eu tinha o pressentimento que ele estava com fome para mais do que só beijar, apesar de ter se alimentado recentemente. Deixando de lado minha confusão sobre como... bem, normal e gentil ele pareceu enquanto falávamos sobre a família dele, eu tentei descobrir como iria me desviar de mais mordidas sem levantar suspeitas. Meu corpo ainda estava fraco e desejoso, mas em minha cabeça, eu me sentia mais como eu mesma do que me sentia a séculos.

Dimitri se afastou do beijo, e eu falei a primeira coisa que me veio a mente antes dele poder fazer qualquer outra coisa. “Como é?”

“Como é o que?”

“Beijar.”

Ele franziu. Ponto para mim. Eu momentaneamente confundi uma criatura morta viva da noite. Sydney ficaria orgulhosa.

“Como assim?”

“Você disse que estar desperto aumenta todos os sentidos. Beijar é diferente então?”

“Ah.” Entendimento passou por suas feições. “É, mais ou menos. Meu senso de cheiro é mais forte do que costumava ser, então seu cheiro é muito mais intenso... seu suor, o xampu em seu cabelo... é além de tudo que você pode imaginar. Intoxicante. E é claro, o gosto é mais afiado e o toque melhora.” Ele se inclinou e me beijou de novo, e algo sobre a descrição dele fez o meu interior se embrulhar – de um bom jeito. Isso não deveria acontecer. Minha esperança era distrair ele – não a mim mesma.

“Quando estávamos do lado de fora na outra noite, as flores eram realmente fortes. Se o cheiro é forte para mim, então são demais para você? Eu quero dizer, o cheiro não é demais?”

E assim começou. Eu bombardeei com tantas perguntas quanto pude, perguntando sobre os aspectos da vida de Strigoí. Eu queria saber como era, como ele se sentia... eu perguntei tudo com curiosidade e entusiasmo, mordendo o lábio e ficando pensativa nos lugares certos. Eu podia ver o interesse dele crescer conforme eu falava, embora a sua atitude fosse rápida e eficiente – de forma alguma lembrando nossa conversa afeiçoada. Ele estava esperando que eu finalmente estivesse prestes a me transformar.

Conforme as perguntas continuavam, assim como os meus sinais de fátiga. Eu bocejei muito, perdi meu fio de pensamento. Finalmente, eu esfreguei meus olhos com as mãos e bocejei de novo. “Tinha tanto que eu não conhecia... ainda não conheço...”

“Eu te disse que era incrível.”

Honestamente, em certos aspectos era. A maior parte era bizarra, mas se você superar toda a coisa de morto vivo e maligno, havia definitivamente algumas vantagens em ser um Strigoí.

“Eu tenho mais perguntas,” eu murmurei. Eu fechei meus olhos e suspirei, então os abri e pensei em me forçar a ficar acordada. “Mas... estou tão cansada... eu ainda não me sinto bem. Você não acha que tenho uma concussão, acha?”

“Não. E quando você despertar, não vai mesmo importar.”

“Mas não até você responder o resto das minhas perguntas.” As palavras abafaram um bocejo, mas ele entendeu. Ele levou um tempo para responder.

“Ok. Não até lá. Mas o tempo está acabando. Eu te disse isso antes.”

Eu deixei minhas pálpebras se fecharem. “Mas não é o segundo dia ainda...”

“Não,” ele disse quietamente. “Ainda não.”

Eu deitei lá, firmando minha respiração o máximo que pude. Minha atuação iria funcionar? Havia uma alta possibilidade de que ele ainda fosse beber de mim mesmo que ele pensasse que eu

estava dormindo. Eu estava fazendo uma aposta aqui. Uma mordida, e todo o meu trabalho para lutar com o vício seria desperdiçado. Eu iria voltar a como havia estado. Como estava, eu não fazia ideia de como iria me esquivar da mordida na próxima vez... mas então, eu não achava que haveria uma próxima vez. Eu seria um Strigoi então.

Dimitri ficou deitado ao meu lado mais alguns minutos, e então eu senti ele se mover. Por dentro, eu me preparei. Merda. Aqui vinha. A mordida. Eu tinha certeza que nosso beijo era parte de um plano para atrair e ele beber de mim e que se eu dormisse, a atração sumiria. Aparentemente não. Todo meu fingimento foi por nada. Tudo estava acabado.

Mas não acabou.

Ele levantou e saiu.

Quando ouvi a porta fechar, eu quase pensei que era um golpe. Eu tinha certeza que ele estava tentando fingir e ainda claramente estava no quarto.

Ainda sim quando eu senti a náusea do Strigoi sumir, eu percebi a verdade. Ele realmente tinha me deixado, pensando que eu tinha dormido. Minha atuação foi convincente.

Eu imediatamente sentei, passando diferentes coisas pela minha cabeça. Na última parte da visita dele, ele pareceu... bem, ele me lembrava mais o velho Dimitri. Claro, ele

ainda era um Strigoi, mas tinha algo mais. Um pouco de calor em sua risada. Interesse sincero e afeição ouvindo sobre sua família. Tinha sido isso? Ouvir notícias sobre a sua família chamou uma parte da alma enterrada no monstro? Eu confesso, eu me sentia com um pouco de ciúmes pela ideia que eles tinham conseguido uma chance com ele que eu não consegui. Mas ele ainda tinha aquele mesmo calor, falando sobre nós, só um pouco...

Não, não. Não havia como impedir isso. Não havia mudança. Nenhum jeito de reverter seu estado. Era desejoso, e quanto mais voltava a meu antigo eu, mas eu percebia a verdade da situação.

As ações de Dimitri me fizeram lembrar de algo. Eu esqueci completamente o anel de Oksana. Eu o peguei da mesa e o coloquei no meu dedo. Eu não senti nenhuma mudança notável, mas a magia curadora ainda estava ali, poderia ajudar. Eu poderia apressar a cura do meu corpo e mente. Não importava o quão frequentemente em me dizia que estava livre dela, eu nunca ficaria. Ela era minha melhor amiga. Estávamos conectadas de uma forma que poucos entendiam. A negação em que estive vivendo se levantou. Eu me arrependia da minha atitude com Adrian agora. Ele veio me oferecer ajuda, e eu joguei a bondade dele na sua cara. Agora estava sem comunicação com o mundo exterior.

E pensar em Lissa me lembrou de novo sobre o que tinha acontecido mais cedo quando estive em sua mente. O que tinha me empurrado para fora? Eu hesitei, ponderando meu curso de ação. Lissa estava muito longe e possivelmente com problemas. Dimitri e o outro Strigoi estavam aqui. Mas... eu não podia me afastar ainda. Eu tinha que dar mais uma olhada nela, só uma olhada rápida...

Eu a encontrei em um lugar inesperado. Ela estava com Deirdre, a conselheira do campus. Lissa estava vendo um conselheiro desde que o espírito começou a se manifestar, mas era outra pessoa. Expandindo meus sentidos nos pensamentos de Lissa, eu li a história: Sua conselheira tinha partido logo depois do ataque a escola. Lissa foi designada para Deirdre – que uma vez me aconselhou quando todos pensavam que eu estava ficando louca por causa da morte de Mason. Deirdre era uma Moroi muito polida, sempre meticulosamente vestida com seu cabelo loiro perfeitamente arrumado. Ela não parecia ser muito mais velha que nós.

“Lissa, estamos um pouco preocupados com você. Normalmente, você seria suspensa. Eu impedi isso de acontecer. Eu fico sentindo que tem algo que você não está me contando. Algum outro problema.”

Lissa suspensa? Eu de novo fui ler a situação e a encontrei. Ontem a noite, Lissa e outros foram pegos invadindo a biblioteca entre todos os lugares e fazendo uma festa completa com álcool e

um pouco de destruição de propriedade. Meu Deus. Minha melhor amiga precisava se juntar aos Alcoólicos Anônimos.

Os braços de Lissa estavam cruzados, seu comportamento combativo. “Não tem problema nenhum. Estávamos tentando nos divertir. Desculpe pelos danos. Se você quer que eu seja suspensa, então vá em frente.”

Deirdre balançou a cabeça. “Essa não é minha decisão. Minha preocupação é o porque. Eu sei que você costumava sofrer de depressão e outros problemas por causa da sua, ah, magia. Mas isso parece mais um tipo de rebelião.”

Rebelião? Oh, era mais que isso. Desde a briga, Lissa foi incapaz de encontrar Christian, e isso estava matando ela. Ela não podia lidar com o tempo perdido. Tudo que

ela fazia era pensar nele – e em mim. Fazer festa e se arriscar eram as únicas coisas que a distraía de nós.

“Estudantes fazem essas coisas o tempo todo,” discutiu Lissa. “Qual o problema de eu fazer?”

“Bem, porque você se colocou em perigo. Depois da biblioteca, você estava prestes a pular na piscina. Nadar intoxicada definitivamente é causa para alarme.”

“Ninguém se afogou. E mesmo que alguém começasse, tenho certeza que entre todos nós, poderíamos resgatar ele.”

“É só alarmante, considerando os comportamentos alto destrutivos que uma vez você exibiu, como se cortar...”

E isso continuou pela próxima hora, e Lissa fez um trabalho tão bom quanto o que eu fazia para evitar as perguntas de Deirdre. Quando a sessão terminou, Deirdre disse que ela iria recomendar ações disciplinares. Ela queria que Lissa voltasse para mais aconselhamento. Lissa na verdade teria preferido detenção ou limpar quadros.

Enquanto ela andava furiosa pelo campus, ela viu Christian andando na direção contrária. Esperança acendeu a escuridão na

mente dela como o brilho do sol. "Christian!" ela gritou, correndo até ele.

Ele parou, dando a ela um olhar cuidadoso. "O que você quer?"

"Como assim o que eu quero? " Ela queria se jogar nos braços dele e ouvir ele dizer que tudo ficaria bem. Ela estava chateada e sobrepujada e cheia de escuridão... mas havia um pedaço de vulnerabilidade ali que desesperadamente precisava dele. "Eu não fui capaz de te encontrar."

"Eu estive..." O rosto dele escureceu. "Eu não sei. Pensando. Além do mais, pelo que ouvi, você não esteve entediada." Sem surpresas todos sabiam sobre o fiasco de ontem a noite. Esse tipo de coisa se espalhava como fogo graças a fofoca da academia.

"Não foi nada," ela disse. O jeito que ele a olhou fez o coração dela doer.

"Esse é o problema," ele disse. "Tudo é nada ultimamente. Todas as suas festas. Ficar com outros caras. Mentir."

"Eu não estive mentindo!" ela exclamou. "E quando você vai superar Aaron?"

"Você não está me dizendo a verdade. É a mesma coisa." Era um eco do sentimento de Jill. Lissa mal a conhecia e estava pronta para odiar ela. "Eu não posso lidar com isso. Não posso ser parte de você se voltar para os velhos tempos, em que você era uma garota da realeza e fazia coisas loucas com seus amigos da realeza."

Aqui está o problema. Se Lissa tivesse elaborado mais seus sentimentos, ou o quanto sua culpa e depressão a estavam comendo por dentro fazendo ela sair de controle... bem, eu acho que Christian estaria ali por ela em um instante. Apesar do seu exterior cínico, ele tinha um bom coração – e Lissa era dona de grande parte. Ou costumava ser. Agora tudo que ele conseguia ver era ela sendo tola e superficial e retornando a um estilo de vida que ele odiava.

"Eu não estou!" ela exclamou. "Eu só... eu não sei. Só é bom perder o controle."

“Eu não posso fazer isso,” ele disse. “Eu não posso ficar com você se essa é sua vida agora.”

Os olhos dela se alargaram. “Você está terminando comigo?”

“Estou... eu não sei. Yeah, eu acho.” Lissa foi tão consumida pelo choque e horror disso que ela não viu Christian do jeito que eu vi, não viu a agonia nos olhos dele. O destruía ter que fazer isso. Ele também estava magoado, e tudo que ele viu era a garota que ele amava mudando e se tornando alguém com quem ele não poderia ficar. “As coisas não são como costumavam.”

“Você não pode fazer isso,” ela chorou. Ela não viu a dor dele. Ela o viu como sendo cruel e injusto. “Precisamos conversar sobre isso – e dar um jeito –”

“O tempo para conversar passou,” ele discutiu. “Você deveria ter estado pronta para conversar mais cedo – não agora, não quando as coisas de repente não estão boas para você.”

Lissa não sabia se ela queria gritar ou chorar. Ela só sabia que não podia perder Christian – não depois de me perder também. Se ela perdesse nós dois, não sobraria mais nada para ela no mundo.

“Por favor, não faça isso,” ela implorou. “Eu posso mudar.”

“Desculpe,” ele respondeu. “Eu só não vejo evidências disso.”

Ele se virou e abruptamente se afastou. Para ela, a partida dele foi fria e cruel. Mas de novo, eu vi a angustia nos olhos dele. Eu acho que ele partiu porque ele sabia que se ficasse, ele não iria ser capaz de cumprir sua decisão – essa decisão que doía mas que parecia ser a certa. Lissa começou a ir atrás dele quando uma mão de repente a puxou. Ela virou e viu Avery e Adrian parados ali. Pelo olhar de seus rostos, eles ouviram tudo.

“Deixe ele ir,” disse Adrian seriamente. Foi ele quem a segurou. Ele soltou sua mão e enrolou seus dedos nos de Avery. “Ir atrás dele agora só vai piorar tudo. De a ele um espaço.”

“Ele não pode fazer isso,” disse Lissa. “Ele não pode fazer isso comigo.”

“Ele está chateado,” disse Avery, sua preocupação espelhando a de Adrian. “Ele não está pensando direito. Espere ele se acalmar, e ele vai mudar de ideia.”

Lissa observou a figura de Christian partindo, seu coração partido. “Eu não sei. Eu não sei se ele vai. Oh Deus. Eu não posso perder ele.”

Algo a levou nessa ladeira espiral, e eu deveria estar lá para ajudar. Era isso que melhores amigas faziam. Eu precisava estar lá.

Lissa virou e olhou para Avery. “Estou tão confusa... eu não sei o que fazer.”

Avery encontrou os olhos dela, mas quando ela o fez... a coisa mais estranha aconteceu. Avery não estava olhando para ela. Ela estava olhando para mim.

Oh Jeez. De novo não.

A voz passou pela minha cabeça, e eu sai de Lissa.

Ali estava, o empurrão mental, o toque na minha mente em ondas quente e frias. Eu olhei ao redor do meu quarto, chocado com o quão abruptamente a transição aconteceu. Ainda sim, aprendi algo. Eu soube então que não foi Lissa que me empurrou para fora antes e agora. Lissa estava muito distraída e muito confusa. A voz? Não tinha sido dela também.

E então, eu finalmente lembrei onde tinha sentido aquele toque na minha cabeça. Oksana. Era a mesma sensação que eu experimentei quando ele tocou minha mente, tentando sentir meu humor e intenções, uma ação que tanto ela e Mark admitiam ser invasiva e errada se você não estava ligado a alguém.

Cuidadosamente, eu repassei o que tinha acontecido com Lissa. Mais uma vez, eu vi aqueles últimos momentos. Olhos azuis acinzentados me encarando – eu, não Lissa.

Lissa não me expulsou de sua cabeça.

Avery expulsou.

VINTE E QUATRO

Avery era uma usuária de Espírito.

“Oh merda.”

Eu sentei de volta na cama, minha mente revirando. Eu nunca tinha visto isso chegar. Inferno, ninguém tinha. Avery tinha feito um bom show em ser uma usuária de Ar. Cada Moroi tem um pequeno nível de controle de cada elemento. Ela só tinha feito o suficiente com ar para fazer parecer como se aquela fosse sua especialização. Ninguém tinha questionado ela mais adiante porque honestamente, quem teria algum dia esperado outro usuário de Espírito por perto? E desde que ela estava fora da escola, ela não tinha mais nenhuma razão para ser testada ou forçada a demonstrar sua habilidade. Ninguém estava lá para questioná-la sobre isso.

Quanto mais eu pensava nisso, mais os pequenos sinais estavam lá. A personalidade carismática, o modo como ela conseguia convencer as pessoas de qualquer coisa. Quantas de suas interações eram controladas por Espírito? E era possível... era possível que a atração de Adrian tinha sido compulsão por parte dela? Eu não tinha nenhuma razão para me sentir feliz por isso, porém... bem, eu estava.

Voltando ao ponto, o que Avery queria com Lissa? Avery compelindo Adrian em gostar dela não era muito estranho. Ele era bonito e vinha de uma importante família. Ele era o sobrinho-neto da rainha, e apesar dos membros da família do atual monarca nunca pudessem herdar o trono logo depois, ele teria um bom futuro, um que poderia sempre mantê-lo nos mais altos ciclos da sociedade.

Mas Lissa? Qual era o jogo de Avery com ela? O que ela tinha a ganhar? Todo o comportamento de Lissa fazia sentido agora – a não característica festividade, estranhos humores, ciúmes, brigas com Christian... Avery estava levando Lissa ao limite, fazendo ela tomar

horríveis escolhas. Avery estava usando algum tipo de compulsão para tirar Lissa do controle, alienando e colocando a vida dela em risco. Porque? O que Avery queria?

Isso não importava. O porque não era importante. O como era, em relação de como eu iria sair daqui e voltar para minha melhor amiga.

Eu para mim, para o delicado vestido de seda que eu usava. De repente, eu o odiei. Ele era um sinal de como eu tinha estado, fraca e inútil. Eu apressadamente o tirei e saqueei meu guarda-roupa. Eles tinham levado meu jeans e blusa, mas pelo menos eu tinha sido permitida de manter meu casaco com capuz. Eu coloquei o vestido de tricô verde, vendo que essa era a coisa mais robusta que eu tinha, me sentindo assim moderadamente mais capaz. Eu coloquei o casaco sobre ele. Isso dificilmente me fazia sentir com uma guerreira fodona, mas eu me sentia mais competente. Suficientemente vestida para a ação, eu retornei para a sala e comecei a andar o que tendia a me ajudar a pensar melhor – não que eu tivesse alguma razão para acreditar que iria conseguir chegar a novas ideias. Eu vinha tentando isso a dias e dias sem sorte. Nada iria mudar.

“Merda!” eu gritei, me sentindo melhor com a explosão. Irada, me esparramei na cadeira da escrivaninha, pasma por eu não ter simplesmente jogado ela contra a parede por frustração.

A cadeira balançou, mesmo que bem pouquinho.

Franzindo a testa, eu me levantei e a olhei. Tudo mais nesse lugar era moderno. Estranho que eu tivesse uma cadeira defeituosa. Eu me ajoelhei e a examinei mais de perto. Lá, em uma das pernas, estava uma fissura perto de onde a perna se juntava a base da cadeira. Eu encarei. Todos os móveis daqui eram reforçados, com juntas não óbvias. Eu deveria saber, observando por quanto tempo eu a tinha batido contra a parede logo quando eu cheguei. Eu nem a tinha dentado.

De onde essa fissura tinha vindo? A batendo de novo e de novo não tinha feito nada.

Mas eu não tinha sido a única a bater nela.

Naquele primeiro dia, eu lutei com Dimitri e fui pra cima dele com a cadeira. Ele tinha pegado ela de mim e a jogado contra a parede. Eu nunca prestei atenção nela de novo, tendo desistido de quebrá-la. Quando eu mais tarde tentei quebrar a janela, eu usei a mesinha porque ela era mais pesada. Minha força não era capaz de danificar a cadeira – mas a dele era.

Eu peguei a cadeira e imediatamente a bati contra aquela janela dura como diamante, meio que esperando que pudesse matar dois pássaros com uma pedra. Não. As duas continuaram intactas. Assim eu fiz de novo. E de novo. Eu perdi a conta de quantas vezes eu bati aquela cadeira no vidro. Minhas mãos doíam, e eu sabia que apesar da minha recuperação, eu ainda não estava com toda a força. Isso era enfurecedor.

Finalmente, no que parecia minha milionésima tentativa, eu olhei a cadeira e vi que a fissura tinha crescido. O progresso renovou minha força de vontade e força. Eu bati e bati, ignorando a dor enquanto a madeira machucava minhas mãos. Finalmente, eu ouvi um crack, e a perna quebrou. Eu a peguei e a olhei maravilhada. A quebra não tinha sido limpa. Era estilhaçada e com pontas afiadas. Afiada o bastante para ser uma estaca? Eu não tinha certeza. Mas eu sabia com certeza que a madeira era dura, e se eu usasse força o suficiente, eu poderia conseguir atingir o coração de um Strigoí. Isso não mataria um, mas o golpe o deixaria aturdido. Eu não sabia se isso seria o suficiente para me tirar daqui, mas era tudo o que eu tinha. E merda, isso era muito mais do que eu tinha uma hora atrás.

Eu sentei de volta na cama, me recuperando da batalha com a cadeira e lançando a improvisada estaca para frente e para trás. Ok. Eu tinha uma arma agora. Mas o que eu poderia fazer com isso? O rosto de Dimitri apareceu em minha mente. Merda. Não havia dúvidas sobre isso. Ele era o alvo óbvio, aquele que eu teria de lidar primeiro.

A porta de repente clicou e abriu, e eu olhei para cima em alarme. Rapidamente, eu joguei a cadeira em um canto escuro

enquanto o pânico se espalhava por mim. Não, não. Eu não estava pronta. Eu não tinha me convencido totalmente de usar a estaca nele – era Inna. Ela carregava uma bandeja mas não estava com sua expressão usual de subserviência. O breve olhar que ela me deu estava cheio de ódio. Eu não sabia sobre o que ela tinha para estar tão irritada. Não era como se eu tivesse causado a ela algum dano.

Ainda.

Eu me aproximei como se fosse examinar a bandeja. Levantando a tampa, eu vi um sanduíche de presunto e batatas fritas. Parecia bom – eu não comia a um tempo – porém a adrenalina correndo pelo meu corpo tinha acabado com o meu apetite que eu poderia ter lá no fundo. Eu olhei de volta para ela, sorrindo docemente. Ela me jogou adagas pelos olhos

Não hesite, Dimitri tinha sempre falado.

Eu não hesitei.

Pulei em Inna, a jogando tão forte contra o chão que a cabeça dela bateu. Ela parecia atordoada, mas rapidamente se recuperou e tentou lutar de volta. Eu não estava drogada dessa vez – bem, não muito – e meus anos de treinamento e força natural finalmente voltaram a aparecer. Eu pressionei meu corpo contra o dela, mantendo-a firmemente no lugar. Então, eu puxei a estaca que tinha escondido e pressionei aquelas pontas afiadas contra o pescoço dela.

Era como estar de volta nos dias de imobilizar Strigoi nos becos. Ela não conseguia ver que minha arma era uma perna de cadeira, mas as pontas afiadas prenderam sua atenção enquanto eu as afundava em sua garganta.

“O código,” eu disse. “Qual é o código?”

A única resposta dela foi um monte de obscenidades em russo. Ok, nenhuma surpresa, considerando que ela provavelmente não me entendeu. Eu repassei pelo meu escasso dicionário mental de russo-inglês. Eu estava no país tempo suficiente para pegar algum

vocabulário. Admitidamente, ele era equivalente a de uma criança de dois anos, mas até eles conseguiam se comunicar.

“Números,” eu disse em russo. “Porta,” pelo menos, foi o que eu esperei ter dito.

Ela disse mais coisas mal educadas para mim, sua expressão desafiante. Realmente era a repetição da interrogação dos Strigoi. Minha estaca afundou mais, tirando sangue, e eu forçadamente me restringi. Eu poderia ter dúvidas se tinha a força para acertar o coração de um Strigoi com ela, mas cortar umas veias? Facinho. Ela vacilou um pouco, aparentemente percebendo a mesma coisa.

De novo, eu tentei meu russo falho. Mato você. Nenhum Nathan. Nunca...” qual era a palavra? A missa na igreja voltou a minha memória, e eu esperava que tivesse entendido direito. “Nunca vida eterna.”

Eu peguei a atenção dela. Nathan e vida eterna. As coisas mais importantes para ela. Ela mordeu o lábio, ainda com raiva, mas seus xingamentos tinham parado.

“Números. Porta,” eu repeti. Empurrando a estaca com mais força, e ela uivou de dor.

Depois disso ela falou, tagarelado uma série de dígitos. Números russos eram uma coisa que eu tinha memorizado muito bem, pelo menos. Eles eram essenciais para endereços e números de telefone. Ela citou 7 números.

“De novo,” eu disse. Eu a fiz dizer 3 vezes e esperava que eu tivesse memorizado. Mas havia mais. Eu tinha certeza que a porta de fora tinha um código diferente.

“Números. Porta. dois.” Eu me senti como o homem das cavernas.

Inna me encarou, não entendendo direito.

“Porta. Dois.”

Entendimento brilhou em seus olhos, e ela parecia furiosa. Eu acho que ela esperava que eu não percebesse que a outra porta

tinha seu código próprio. Mais cortes feitos com a estaca fizeram ela gritar mais sete números. De novo, eu a fiz repeti-los, percebendo que eu não teria como saber se ela estava falando a verdade – pelo menos até eu tentar os números. Por essa razão, eu decidi mantê-la por perto.

Eu me senti culpada pelo o que eu fiz depois, mas esses eram tempos desesperados. No treinamento para guardiões, eu fui ensinada a tanto matar quanto incapacitar. Eu fiz o último dessa vez, batendo a cabeça dela contra o chão e fazendo-a ficar inconsciente. A

expressão dela ficou frouxa, suas pálpebras fecharam. Merda. Eu fui reduzida a machucar adolescentes humanos.

Levantando, me movi para a porta e coloquei o conjunto de números, esperando que estivessem certos. Para minha completa e absoluta surpresa, eu consegui.

A tranca elétrica clicou, mas antes que eu pudesse abrir a porta, eu ouvi vagamente outro clique.

Alguém tinha destrancado a porta de fora.

“Merda,” eu murmurei.

Eu me afastei da porta imediatamente, pegando o corpo inconsciente de Inna, e me apressando para o banheiro. Eu a coloquei tão gentilmente quanto possível na banheira e tinha acabado de fechar a porta do banheiro quando ouvi a porta principal abrir. Eu senti a anunciante náusea que sinalizava quem um Strigoi estava por perto. Eu sabia que um dos Strigoi poderia sentir o cheiro de um humano, e esperava que trancando ela fosse o suficiente para diminuir o cheiro de Inna. Eu sai do corredor e encontrei Dimitri na sala. Eu sorri para ele e corri para seus braços.

“Você está de volta,” eu disse feliz.

Ele me segurou brevemente e então se afastou. “Sim.” Ele parecia levemente agradado pela saudação, mas logo seu rosto estava todo negócios. “Você tomou sua decisão?”

Nenhum olá. Nenhum como você está se sentindo? Meu coração afundou. Esse não era Dimitri.

“Eu tenho mais perguntas.”

Eu fui para a cama e deitei de forma casual, assim como nós sempre fazíamos. Ele esperou alguns momentos depois e sentou na beirada, olhando para mim.

“Quanto tempo isso vai levar?” eu perguntei. “Quando você me despertar? É instantâneo?”

Mais uma vez, eu me joguei em uma sessão de interrogatório. Honestamente, eu estava ficando sem perguntas, e a esse ponto, eu realmente não queria saber as complexidades de se tornar Strigoi. Eu estava ficando mais e mais agitada ao passar de cada momento. Eu tinha que agir. Eu tinha que usar minha fugaz oportunidade aqui.

Mas ainda... antes que eu pudesse agir, eu tinha que me reassegurar que esse realmente não era Dimitri. Era estúpido. Eu deveria saber por agora. Eu podia ver as mudanças físicas. Eu vi a frieza e brutalidade dele. Eu o vi logo depois de matar. Esse não era o homem que eu amava. Mas ainda... por aquele rápido momento mais cedo...

Com um suspiro, Dimitri se estendeu do meu lado. “Rose,” ele interrompeu, “se eu não soubesse melhor, eu diria que você está enrolando.” Yeah, mesmo como um Strigoi, Dimitri sabia como eu pensava e tramava. Eu percebi que se quisesse ser convincente, eu tinha que parar de bancar a boba e lembrar de ser Rose Hathaway.

Eu coloquei um olhar de ultraje. “Claro que eu estou! Isso é uma grande coisa. Eu vim aqui para te matar, e agora você está pedindo para eu me juntar a você. Você acha que isso é fácil para eu fazer?”

“Você acha que é fácil para eu esperar todo esse tempo?” ele perguntou. “Os únicos que tem escolha são os Moroi que por vontade própria matam, como os Ozeras. Ninguém mais tem escolha. Eu não tive escolha.”

“E você não lamenta isso?”

“Não, não agora. Agora que eu sou quem estava destinado a ser.” Ele franziu a testa. “A única coisa que se machucou foi o meu orgulho – que Nathan me forçou e que ele age como se eu estivesse em débito com ele. Que é o porque eu estou sendo bom o suficiente para te dar uma escolha agora, por causa do seu orgulho.”

Bom, huh? Eu olhei para ele e senti meu coração se quebrar de novo. Era como ouvir as notícias de sua morte mais uma vez. Eu de repente fiquei com medo de começar a chorar. Não. Sem lágrimas. Dimitri sempre falava sobre presa e predador. Eu tinha que ser o predador.

“Você está suando,” ele disse de repente. “Porque?”

Maldição, maldição, maldição. Claro que eu estava suando. Eu estava pensando em enfiar uma estaca no homem que eu amava – ou achava que amava. E junto com o suor, eu tinha certeza que eu estava emitindo feromônios pela minha agitação. Strigo podiam cheirar todas essas coisas, também.

“Porque estou assustada,” eu sussurrei. Eu me sustentei e acariciei a extremidade do seu rosto, tentando memorizar todas as suas feições. Os olhos. O cabelo. A forma de seus ossos da bochecha. Na minha imaginação, eu revi as coisas que lembrava. Olhos escuros. Pele bronzeada. Sorrido doce. “Eu... eu acho que estou pronta.”

“Essa será a melhor decisão da sua vida, Roza.”

Minha respiração estava ficando mais rápida, e eu rezei para ele pensar que isso era por causa de meu medo de ser transformada.

“Me diga de novo. Uma vez mais. Porque você quer tanto me despertar?”

Um olhar ligeiramente cansado passou por seu rosto. “Porque eu quero você. Eu sempre quis você.”

E foi aí que eu soube. Eu finalmente percebi o problema. Ele tinha me dado a mesma resposta de novo e de novo, e toda vez, algo sobre isso tinha me incomodado. Eu nunca tinha sido capaz de apontar o que era, entretanto. Agora eu podia. Ele me queria. Me

queria do modo que pessoas queriam posses ou coleções. O Dimitri que eu conhecia... aquele por quem eu tinha me apaixonado e dormido... aquele Dimitri teria dito que ele queria que nós ficássemos juntos porque ele me amava.

Não havia amor aqui.

Eu sorri para ele. Apoiando me, eu o beijei gentilmente. Ele provavelmente pensou que eu estava fazendo isso pelas mesmas razões que eu sempre fazia, pela atração e desejo. Na verdade, esse era um beijo de despedida. A boca dele respondeu a minha, seus lábios quentes e ansiosos. Eu segurei o beijo um pouco mais, tanto para segurar as lágrimas que desciam pelos meus olhos e para tranquilizá-lo até um estado de desconfiança, minha mão fechou ao redor da perna da cadeira, o qual eu tinha escondido no bolso do meu casaco.

Eu nunca esqueceria Dimitri, não pelo resto da minha vida. E dessa vez, eu não esqueceria suas lições.

Com uma velocidade que ele não esperava, eu golpeei e mergulhei a estaca em seu peito. Minha força estava lá – deslizando a estaca pelas suas costelas e direto para seu coração.

E enquanto eu fazia isso, era como se ao mesmo tempo eu perfurasse meu próprio coração.

VINTE E CINCO

Os olhos dele se alargaram em choque, seus lábios se separaram. Embora eu soubesse que isso não era uma estaca de prata, poderia muito bem ter sido. Para passar através do coração dele, eu tinha que agir tão decisivamente quanto eu teria agido se estivesse dando um golpe final. Eu finalmente tive que aceitar que Dimitri estava morto. Esse era um Strigoi. Não havia futuro com ele. Eu não me juntaria a ele.

Isso ainda não impediu que parte de mim quisesse parar e deitar ao lado dele, ou pelo menos ver o que aconteceria em seguida. Depois daquela surpresa inicial, as feições dele e sua respiração pararam, dando a ilusão de morte. Mas era apenas isso – uma ilusão. Eu já tinha visto antes. Eu provavelmente tinha cinco minutos antes dele se levantar e tirar a estaca. Eu não tinha tempo para lamentar pelo que era o que poderia ter sido. Eu tinha que agir agora. Sem hesitar.

Eu passei minhas mãos por ele, procurando em suas roupas por algo que pudesse ser útil. Eu encontrei um molho de chaves e dinheiro. Eu guardei as chaves e comecei a deixar o dinheiro mas percebi que poderia precisar se eu tivesse a chance de escapar desse lugar. Meu próprio dinheiro foi levado quando eu cheguei. Eu também peguei algumas das joias na mesa. Encontrar compradores para aquele tipo de coisa em grandes cidades russas não era difícil.

Se eu chegasse até a cidade. Eu levantei da cama e dei a Dimitri um último olhar doloroso. Algumas das lágrimas que escondi dele mais cedo agora corriam pelo meu rosto. Isso era tudo que eu poderia me permitir. Se eu tivesse um mais tarde, eu iria lamentar lá. Antes de partir, meu olhar foi para a estaca. Eu queria levar ela comigo; era minha única arma. A tirar significava que ele iria acordar em um minuto. Eu precisava de tempo extra. Com um suspiro, eu

dei as costas para ele, esperando encontrar uma arma em outro lugar.

Eu fui até a porta da suíte e digitei o código de novo. Ela destravou, e eu sai no corredor. Antes de passar pela próxima porta, eu examinei aquela pela qual tinha acabado de passar. Para entrar na suíte, outro teclado. Entrar também requeria um código. Me afastando um pouco, eu atingi e chutei o teclado com o máximo de força que consegui. Eu fiz isso mais duas vezes, até que a pequena luz vermelha apagou. Eu não sabia se isso iria afetar a tranca do lado de dentro, mas nos filmes, danificar trancas eletrônicas sempre parecia funcionar.

Voltando minha atenção para a próxima tranca, eu tentei lembrar os números que Inna tinha me dito. Eles não estavam tão forte na minha cabeça a princípio. Eu digitei 7 números. A luzinha permaneceu vermelha.

“Merda.” Era possível que ela tivesse mentido sobre o código, mas de alguma forma, eu suspeitava que minha memória era a culpada aqui. Eu tentei de novo, sabendo que o tempo estava passando no tempo que eu tinha até Dimitri vir atrás de mim. A luz vermelha piscou de novo. Quais eram os números? Eu tentei visualizar eles na minha cabeça e finalmente decidi que não tinha certeza sobre os dois últimos. Eu reverti a ordem deles na próxima vez que digitei o código. A luz piscou verde, e a porta se destrancou.

É claro, havia um sistema diferente de segurança do lado de fora. Um Strigoi. E não só qualquer Strigoi: era Marlen. O que eu torturei no beco. O que me odiava porque eu o

desgracei na frente de Galina. Ele estava claramente de guarda e parecia esperar uma noite chata. Eu sair pela porta foi um choque.

Isso me deu, oh, cerca de um milésimo de segundo de surpresa. Meu primeiro pensamento foi correr com o máximo de força bruta que eu podia. Eu sabia que ele faria o mesmo para mim. Na verdade... era exatamente isso que ele faria.

Eu fiquei onde estava, parada para que pudesse manter a porta aberta. Ele veio até mim para impedir minha fuga, e eu pulei para o lado, abrindo a porta ainda mais. Agora, eu não tinha nem a habilidade o bastante e ele não era inepto o bastante para simplesmente entrar. Ele parou na porta, tentando me segurar. Isso me deu a difícil tarefa de tentar tanto acertar ele quanto arrastar ele para o corredor atrás da porta. Eu fui para trás dentro da porta, esperando que ele seguisse. Enquanto isso, eu tive que manter a porta aberta. Era tudo complicado, e eu não ia ter tempo para digitar o código de novo.

Lutamos em um lugar confinado. A melhor coisa que eu tinha a meu favor era que Marlen parecia ser um Strigoi jovem, o que fazia sentido. Galina iria querer manter por perto gente que ela pudesse controlar. É claro, a força e velocidade dos Strigoi compensa pela falta de experiência. O fato de que ele costumava ser um Moroi também significava que ele provavelmente teve pouco treinamento. Isso era um bônus para mim. Dimitri era um Strigoi fodão porque ele tinha treinado como um lutador antes de ser transformado. Esse cara não tinha.

Então, Marlen acertou alguns socos, um vindo perigosamente perto do meu olho. O outro me acertou no estômago, tirando o ar de mim por meio segundo. Mas a maior parte do tempo eu fui capaz de desviar dele muito bem. Isso pareceu enfurecer ele. Levar uma surra de uma adolescente não te dava pontos quando você era um Strigoi. A um certo ponto, eu até enganei ele com uma direção e com um chute surpresa – mais fácil do que eu esperava naquele vestido maldito – que o fez recuar alguns passos. Eu consegui por pouco manter minha mão na porta quando eu fiz isso, mas era tudo que eu precisava. Ele tropeçar me deu alguns segundos para sair pela porta e entrar no corredor. Infelizmente quando tentei fechá-la ele já estava tentando passar. Com minhas mãos eu tentei fechar a porta enquanto chutava ele para dentro. Lutamos desse jeito por um tempo, e graças a qualquer sorte que eu tinha sobrando, eu fechei a porta o bastante para que só o braço dele estivesse pra fora. Me preparando, eu empurrei a porta contra mim em um enorme e

forçoso movimento. Ela bateu no pulso de Marlen. Eu meio que esperava ver a mão decepada e caída no corredor, mas ele a tirou. Até um Strigoi tem certos instintos para evitar dor.

Ofegando – minha força física ainda não era tudo o que poderia ser – eu me afastei. Se ele sabia o código, isso teria sido por nada. Um momento depois, a maçaneta se mexeu mas não abriu. Eu ouvi um grito de raiva, e então os punhos dele bateram contra a porta.

Ponto pra mim. Não, ponto para a sorte. Se ele soubesse o código teria sido –

Batida. Marlen ainda estava batendo na porta, e eu vi um pequeno amasso aparecer na superfície metálica.

“Oh, merda,” eu disse.

Eu não fiquei por perto para ver quantos golpes levaria para ela quebrar. Eu também percebi que mesmo que eu tenha desarmado a primeira fechadura, Dimitri seria capaz de quebrar ela também. Dimitri...

Não. Eu absolutamente não podia pensar nele agora.

Enquanto eu corria pelo corredor, indo em direção as escadas que Dimitri e eu descemos antes, uma inesperada memória de repente apareceu na minha cabeça. Quando Dimitri tinha ameaçado Nathan pela última vez, ele mencionou pegar minha estaca de um cofre. Que cofre era exatamente? Era aqui no perímetro? Se era, eu certamente não tinha tempo de procurar. Quando enfrentar a escolha de fazer uma busca em uma casa de quatro andares cheia de vampiros ou correr antes deles te encontrarem... bem, essa escolha era clara.

E foi no meio desse processo que eu encontrei um humano no topo das escadas. Ele era mais velho que Inna e carregava uma bandeja de linho que ele derrubou quando nos colidimos. Com quase nenhuma pausa, eu o agarrei e o joguei contra a parede. Eu não tinha nenhuma arma para ameaçar ele e me perguntei como iria forçar minha vontade agora. Ainda sim, assim que o preendi, ele

ergueu seus braços em um gesto defensivo e começou a falar em russo. Não haveria nenhum ataque contra mim.

É claro, agora eu tinha o problema de comunicar o que eu precisava. Marlen ainda estava batendo na porta, e Dimitri iria levantar em alguns segundos. Eu olhei para o humano, esperando parecer assustadora. Pela expressão dele, eu parecia. Tentando a conversa neandertal que eu tive com Inna.... só que dessa vez a mensagem era um pouco mais difícil.

“Vara,” eu disse em russo. Eu não fazia ideia qual era a palavra para estaca. Eu aponte para o anel de prata que eu usava e fiz um movimento de corte. “Vara. Onde?”

Ele me olhou confuso, e então perguntou em um inglês perfeito, “Porque você está falando assim?”

“Oh pelo amor de Deus,” eu exclamei. “Onde é o cofre?”

“Cofre?”

“O lugar que eles mantêm armas?”

Ele continuou a encarar.

“Estou procurando por uma estaca de prata.”

“Oh,” ele disse. “Isso.” Agitado, ele olhou em direção as batidas.

Eu o empurrei com mais força contra a parede. Meu coração parecia que iria explodir pra fora do meu peito, mas eu tentei controlar. Eu queria que esse cara pensasse que eu era invencível. “Ignore ele. Me leve para o cofre. Agora!”

Com um assustado uivo, ele acenou ansiosamente e me levou pelas escadas. Nós descemos para o segundo andar e fizemos uma volta. Os corredores eram tão distorcidos quanto o labirinto que Dimitri tinha me mostrado, todo decorado em ouro e com candelabros, e eu me perguntei se seria capaz de sair da casa. Tentar esse desvio era um risco, mas eu não tinha certeza se iria conseguir sair sem ser seguida. Se eu fosse, haveria um confronto. Eu precisava me defender.

O humano me levou para outro corredor e então outro. Finalmente, chegamos em uma porta que parecia como qualquer outra. Ele parou e olhou para mim com expectativa.

“Abra,” eu disse.

Ele balançou a cabeça. “Não tenho a chave.”

“Bem, eu certamente não – espere.” Eu pus a mão no bolso e tirei as chaves que roubei de Dimitri. Havia cinco chaves no molho. Eu tentei uma por vez, e na terceira, eu consegui. A porta abriu.

Enquanto isso, meu guia estava dando olhares para trás e parecia pronto para fugir.

“Nem pense nisso,” eu avisei. Ele empalideceu e ficou onde estava. O quarto não era muito grande, e enquanto o carpete branco e as pinturas com molduras em prata fizessem ele parecer elegante, o quarto era... bem, basicamente, parecia como um quarto de tralhas. Caixas e estranhos objetos – muitos itens pessoais como relógios e anéis em particular – estavam soltos sem nenhuma ordem. “O que é isso?”

“Mágica,” ele disse, ainda obviamente assustado. “Itens mágicos mantidos até para serem destruídos ou desaparecem.”

Mágica... ah. Eles eram amuletos da mágica Moroi. Amuletos sempre tinham algum tipo de efeito em Strigoi – normalmente não agradável – com as estacas sendo o pior, já que elas usavam os 4 elementos. Fazia sentido que Strigoi quisessem isolar objetos que feriam e se livrar – “Minha estaca!”

Eu corri e a peguei, quase a derrubando porque minhas mãos estavam muito suadas. A estaca estava no topo de um caixa com roupas e umas pedras estranhas. A estudando, percebi que não era minha estaca – não que fizesse diferença para matar Strigoi. Essa estaca era quase idêntica, a não ser pelo pequeno padrão geométrico na base. Era algo que os guardiões faziam de tempos em tempos quando eles se sentiam particularmente ligados a estaca: fazer um design ou colocar suas iniciais. Segurando essa estaca, eu senti uma momentânea tristeza. Isso tinha pertencido a alguém que

a usou com orgulho uma vez, alguém que provavelmente estava morto. Só Deus sabe quantas outras dezenas de estacas estavam aqui, tomadas de prisioneiros, mas eu não tinha tempo para procurar ou lamentar pelos que haviam morrido.

“Ok, agora eu quero que você me leve para...” Eu hesitei. Mesmo com a estaca, seria melhor para mim se eu não enfrentasse mais nenhum Strigoi. Eu tinha que assumir que eles ainda faziam guarda na porta da frente. “... a algum quarto nesse andar com uma janela que abra. E que seja longe das escadas.”

O cara pensou por um momento e então deu um rápido aceno. “Por aqui.”

Eu o segui por outro labirinto de corredores. “Qual seu nome?”

“Oleg.”

“Sabe,” eu disse. “Estou saindo daqui... se quiser... se quiser, eu posso te levar comigo.” Ter mais alguém – um humano em particular – definitivamente iria me atrasar. Ainda sim, minha consciência não me permitiria o deixar para trás nesse lugar.

Ele me deu um olhar incrédulo. “Porque eu iria querer fazer isso?” Sydney definitivamente esteve certa sobre os humanos fazerem um grande sacrifício pela imortalidade. Oleg e Inna eram a prova viva.

Viramos um canto e nos deparamos com elaboradas portas francesas. Através do vidro, eu podia ver prateleiras, se esticando até o topo das paredes. Uma biblioteca – uma enorme que se estendia sem fim, para longe da minha vista. Melhor ainda, eu vi uma grande janela ao lado oposto ao meu, emoldurada com pesadas cortinas de cetim da cor de sangue.

“Perfeita,” eu disse, abrindo as portas.

Foi quando a náusea me atingiu. Não estávamos sozinhos no aposento. Galina saiu da cadeira perto da lareira do lado mais distante do aposento. Um livro caiu do colo dela. Eu não tinha tempo para ficar achando estranho um Strigoi ler ao lado da lareira, porque ela estava vindo em minha direção. Eu quase pensei que Oleg tinha

armado para mim, mas ele estava abaixado em um canto, seu rosto espelhando o choque que eu sentia. Apesar do enorme tamanho da biblioteca, ela me alcançou em segundos.

Eu me esquivei do ataque inicial dela – ou tentei, pelo menos. Ela era rápida. Fora Dimitri, os outros Strigoi nessa casa eram claramente o time-B, e eu esqueci o quão fodão um Strigoi verdadeiramente habilidoso era. Ela me pegou pelo braço e me balançou em direção a ela, a boca aberta e as presas indo direto para o meu pescoço. Eu tinha a estaca na minha mão e tentei constrangedoramente pelo menos arranhar ela, mas ela estava me segurando com muita força. Pelo menos eu consegui desviar um pouco e mover minha garganta para fora do alcance dela, mas tudo o que isso fez foi dar a ela a oportunidade para agarrar meu cabelo. Ela me puxou para cima, e eu gritei de dor. Era impressionante como ela conseguiu segurar meu cabelo sem o arrancar. Ainda me agarrando, ela me empurrou para a parede.

Quando eu lutei com Dimitri quando cheguei, ele foi duro mas não queria me matar. Galina queria. Ela tinha acreditado que eu seria uma vantagem por causa de Dimitri, mas agora era óbvio que eu era realmente um incômodo. A anistia dela havia terminado, e ela pretendia me matar. Eu pelo menos tinha o conforto de saber que ela provavelmente não iria me transformar em um Strigoi. Eu seria o almoço

Um grito de repente chamou minha atenção para porta. Dimitri estava ali, o rosto brilhante de raiva. Qualquer que fosse a ilusão que eu tinha sobre ele ser o seu antigo eu desapareceu. Aquela fúria irradiava dele, os olhos dele estreitos e as presas se mostrando. A pele pálida e os olhos vermelhos se contrastavam um com o outro. Ele era como um demônio enviado direto do inferno para me destruir. Ele andou em nossa direção, e meu pensamento imediato foi: Bem, pelo menos as coisas vão terminar muito mais rápido.

Só que... não fui eu quem ele atacou. Foi Galina.

Eu não tenho certeza quem de nós ficou mais surpresa, mas naquele momento, eu fui totalmente esquecida. Os Strigoi lutavam

um contra o outro, e eu congelei, atordoada com a terrível beleza da luta deles. Havia quase uma graciosidade nos movimentos deles, no jeito que eles atacavam e esquivavam. Eu observei por um pouco mais de tempo e então em mentalmente me coloquei para agir. Essa era minha chance de sair dali. Eu não podia me distrair. Eu virei para janela, procurando freneticamente por meios de abrir ela. Não havia nenhum. “Filho da mãe!” Talvez Oleg tivesse armado para mim afinal de contas. Ou talvez houvesse algum mecanismo que não era aparente para mim. Independentemente, eu me sentia confiante de que havia um jeito de abrir ela.

Eu corri para o lado do aposento onde Galina tinha estado sentada e agarrei a cadeira ornamentada de madeira. Era óbvio que essa janela não era feita do vidro duro do meu quarto. Esse negócio era similar as portas francesas da biblioteca, delicadas e engravadas com um design caprichoso, embora fosse escura. Não era necessário muita força para quebrar ela. Depois de toda aquela batida inútil no meu quarto, eu fiquei satisfeita em jogar a cadeira com o máximo de força possível. O impacto fez um enorme

buraco de um lado da janela, vidro se espalhando por toda parte. Alguns cacos atingiram meu rosto, mas não era nada para se preocupar agora.

Atrás de mim, os sons da batalha continuavam. Havia grunhidos e choros abafados enquanto eles lutavam, assim como o som ocasional de um móvel quebrando. Eu ansiava virar e ver o que estava acontecendo, mas eu não podia. Eu pegue a cadeira e bati com ela de novo, quebrando a outra metade da janela. Agora havia um enorme buraco, perfeito para mim passar.

“Rose! ”

A voz de Dimitri ativou alguma resposta instintiva para mim. Eu olhei para trás e vi ele agarrando Galina. Os dois estavam exaustos, mas era claro que ele estava pior. Mas na luta deles, ele continuava tentando segurar ela de um jeito que deixava exposto o peito dela para mim. Os olhos dele encontraram os meus. Quando ele era um dhampir, raramente precisávamos de palavras para comunicar

nossos pensamentos. Essa era uma daquelas vezes. Eu sabia o que ele queria que eu fizesse. Ele queria que eu empalasse ela.

Eu sabia que não deveria. Eu precisava pular daquela janela agora mesmo. Eu precisava deixar eles lutarem, embora parecesse óbvio que Galina estava prestes a ganhar. E ainda sim... apesar da minha desconfiança, uma força me fez passar pelo aposento, com a estaca colocada e pronta. Talvez fosse porque eu nunca iria perder minha ligação com Dimitri, não importava o tipo de monstro que ele se tornou. Talvez porque meu inconsciente senso de dever, já que eu sabia que ele tinha acabado de salvar minha vida. Ou talvez fosse porque eu sabia que um Strigoi iria morrer hoje a noite, e ela era a mais perigosa.

Mas ela não era fácil de segurar. Ela era rápida e forte, e ele estava tendo dificuldades com ela. Ela ficava girando, tentando renovar seu ataque. Tudo o que ela precisava fazer era incapacitar ele como eu tinha feito; então só era preciso decapitar ou atijar fogo para terminar com ele. Eu não tinha dúvidas que ela poderia arranjar qualquer um desses.

Ele conseguiu virar ela levemente, me dando a melhor vista do peito dela. Eu me movi para frente – e então Dimitri bateu em mim. Eu fiquei enganada por um momento, me perguntando porque ele me atacou depois de me salvar, até que eu percebi que ele foi empurrado – por Nathan. Nathan tinha acabado de entrar na biblioteca, junto com Marlen. Isso distraiu Dimitri mas não eu. Eu ainda tinha a abertura que ele me deu em Galina, e eu coloquei minha estaca no peito dela. Não entrou tão profundamente quanto eu gostaria, e ela ainda conseguiu lutar comigo, apostando alto. Eu fiz uma careta e empurrei mais para frente, sabendo que a prata tinha que estar afetando ela. Um momento depois, eu vi a dor contorcer o rosto dela. Ela vacilou, e eu forcei minha vantagem, empurrando a estaca até o fim. Levou vários segundos, mas ela eventualmente parou de se mover, seu corpo caindo no chão.

Se os outros Strigoi notaram a morte dela, eles não prestaram atenção. Nathan e Marlen estavam concentrados em Dimitri. Outro

Strigoi – uma mulher que eu não reconheci – logo se juntou ao confronto. Eu tirei minha estaca de Galina e devagar comecei a recuar para a janela, esperando não atrair muito a atenção. Meu coração bateu por Dimitri. Ele estava em menor número. Eu podia emprestar minha força e ajudar ele a lutar...

É claro, minha força estava terminando. Eu ainda estava sofrendo pelos dias de mordida de vampiro e perda de sangue. Eu lutei com dois Strigoi hoje a noite e matei um poderoso. Essa foi uma boa ação, remover ela do mundo. A próxima melhor coisa que eu poderia fazer era partir e deixar esses Strigoi acabarem com Dimitri. Os sobreviventes ficariam sem líder e seriam uma ameaça menor. Dimitri ficaria liberto do seu estado maligno, sua alma finalmente capaz de ir para um lugar melhor. E eu iria viver (com sorte), ajudando o mundo a matar mais Strigoi.

Eu bati no parapeito e olhei para fora. Era noite – nada bom. A parede da mansão não era ideal para uma escada também. Poderia ser feito, mas iria levar tempo. Eu não tinha mais tempo. Diretamente abaixo da janela tinha uma grossa folhagem de algum tipo. Eu não conseguia ver claramente e só esperava que não fosse uma roseira ou algo igualmente afiado. Mas uma queda do segundo andar não iria me matar. Provavelmente nem iria doer – muito.

Eu subi na beirada, brevemente encontrando o olhar de Dimitri enquanto os outros Strigoi se moviam para cima dele. As palavras vieram de novo: Não hesite. A importante lição de Dimitri. Mas não tinha sido a sua primeira. A sua primeira lição tinha sido sobre eu estar em menor número e sem opção: corra.

Hora para mim correr.

Eu saltei da janela.

VINTE E SEIS

Eu acho que a profanação que saiu da minha boca quando atingi o chão seria compreensível em qualquer língua. Doeu. O arbusto não era particularmente afiado e pontudo, mas não era suave por nada da imaginação. Ele suavizou um pouco minha queda, embora não tenha poupado meu tornozelo de torcer abaixo de mim. “Merda!” eu disse através dos dentes cerrados, levantando. A Rússia estava me fazendo xingar bastante. Eu testei meu peso no tornozelo e senti uma pontada, mas nada que eu não pudesse ficar de pé. Uma torção, graças a Deus. O tornozelo não estava quebrado, e eu já estive pior.

Ainda sim, iria atrasar minha partida.

Eu manquei para longe do arbusto, tentando aumentar meu ritmo e ignorar a dor. Se estendendo diante de mim estava o estúpido labirinto que eu pensei ser legal na outra noite. O céu estava nublado, mas eu duvidava que a luz da lua teria facilitado a navegação. De jeito nenhum eu iria brigar com aquela folhagem bagunçada. Eu iria encontrar onde ela terminava e passar daí.

Infelizmente, quando circulei a casa, eu descobri a infeliz verdade: O labirinto estava por toda parte. Ele circulava a propriedade como algum tipo de fosso medieval. A parte irritante era que eu duvidava que Galina o tinha colocado para se defender. Ela provavelmente tinha feito pela mesma razão que pôs os lustres de cristal e as pinturas nos corredores: era legal.

Bem, então não havia nada para fazer. Eu escolhi uma entrada do labirinto e comecei a andar. Eu não fazia ideia de onde ir, nenhuma estratégia nenhuma saída. Sombras estavam por toda parte, e eu frequentemente vi as partes sem saída até que chegava nelas. Os arbustos eram altos o bastante para que assim que eu entrei um pouco no labirinto, eu perdi completamente a visão da

casa. Se ela fosse meu ponto de navegação, eu poderia ter sido capaz de ir em frente (ou quase para frente) em linha reta.

Ao invés disso, eu não tinha certeza se estava andando para trás ou em círculos ou algo assim. A um certo ponto, eu tinha certeza que eu passei pela mesma grade de jasmims 3 vezes. Eu tentei pensar em histórias que li sobre pessoas navegando por labirintos. O que eles usavam? Migalhas de pão? Fio? Eu não sabia, e conforme o tempo passava meu tornozelo ficou mais dolorido, e eu comecei a me desencorajar. Eu matei um Strigoi enquanto estava fraca mas não conseguia fugir de uns arbustos. Embaraçoso, na verdade.

“Roza!”

A voz foi carregada distante pelo vento, e eu enrijei. Não. Não era possível.

Dimitri. Ele sobreviveu.

“Roza, eu sei que você está aqui,” ele chamou. “eu posso sentir seu cheiro.”

Eu tinha o pressentimento que ele estava mentindo. Ele não estava perto o bastante para eu me sentir enjoada, e com o perfume das flores, eu duvidava que ele poderia sentir meu cheiro – mesmo que eu estivesse suando muito. Ele estava tentando me enganar para revelar minha localização.

Com nova resolução, eu fui para a próxima virada de arbustos, rezando pela saída. Ok, Deus, eu pensei. Me tire dessa e eu vou parar de ir só às vezes na igreja. Você me fez passar por um bando de Strigoi hoje a noite. Eu quero dizer, prender aquele entre as portas realmente não deveria ter funcionado, então claramente você está agindo. Me deixe sair daqui, e eu vou... eu não sei. Doar o dinheiro de Adrian para os pobres. Ser batizada. Me juntar a um convento. Bem, não. Esse último não.

Dimitri continuou a provocar. “Eu não vou matar você, não se você se entregar. Eu devo a você. Você matou Galina por mim, e agora estou no comando. Substituir ela aconteceu um pouco antes do planejado, mas isso não é problema. É claro, não tem muitas

peessoas para controlar agora que Nathan e os outros estão mortos. Mas isso pode ser arrumado.”

Inacreditável. Ele realmente sobreviveu apesar das chances. Eu disse antes e falei sério: Vivo ou morto, o amor da minha vida era foda. Não tinha como ele derrotar aqueles três... e ainda sim, bem... eu vi ele derrubar as chances malucas antes. E claramente ele estar aqui era a prova da sua capacidade.

O caminho a minha frente se dividiu, e eu aleatoriamente escolhi o da direita. Eu saí da escuridão, e respirei aliviada. Ponto. Apesar do comentário dele, eu sabia que ele também estava andando pelo labirinto, chegando cada vez mais perto. E diferente de mim, ele conhecia os caminhos e como sair dele.

“Não estou chateado por você ter me atacado. Eu teria feito o mesmo no seu lugar. É apenas mais uma razão do porque deveríamos ficar juntos.”

Minha próxima virada me levou para um lugar sem saída cheio de flores da noite. Eu mantive meu xingamento para mim mesma e voltei.

“Mas você ainda é perigosa. Se eu te encontrar, provavelmente vou ter que te matar. Eu não quero, mas estou começando a pensar que não tem jeito de nós dois vivermos nesse mundo. Venha por escolha, e eu desperto você. Vamos controlar o império de Galina juntos.”

Eu quase ri. Eu não poderia encontrar ele nem se quisesse nessa confusão. Se eu tivesse esse tipo de habilidade, eu – meu estômago novamente se revirou. Oh não. Ele estava se aproximando. Ele já sabia? Eu não entendia completamente como a quantidade de náusea era proporcional a distância, mas não importava. Ele estava perto demais, ponto final. O quão perto ele precisava estar para realmente sentir meu cheiro? Para me ouvir andando pelo labirinto? Cada segundo trazia ele mais perto do sucesso. Assim que ele tivesse meu rastro, eu estava ferrada. Meu coração começou a bater ainda mais rápido – se isso sequer era possível nesse ponto – e a

adrenalina anestesiou meu tornozelo – embora ele ainda me atrasasse.

Outro beco sem saída e eu voltei, e tentei me acalmar, sabendo que o pânico me deixaria descuidada. Enquanto isso, a náusea aumentou.

“Mesmo que você saia, onde você vai?” ele chamou. “Estamos no meio do nada.” As palavras dele eram veneno, se derramando pela minha pele. Se eu me focasse nelas, meu medo ganharia, e eu iria desistir. Eu iria me curvar em uma bola e deixar ele vir até mim, e eu não tinha razão para acreditar que ele iria me deixar viver. Minha vida iria acabar nos próximos minutos.

Eu virei para a esquerda em uma outra parede de folhas verdes. Eu voltei rapidamente e fui para a direção oposta e vi – campos.

Longos e vastos campos de grama espalhados na minha frente, deixando espaço para árvores espalhadas a distância. Contra todas as chances, eu consegui sair.

Infelizmente, a náusea estava mais forte agora. Assim tão perto, ele tinha que saber onde eu estava. Eu olhei ao redor, percebendo a verdade do trabalho dele. Realmente estávamos no meio do nada. Onde eu poderia ir? Eu não fazia ideia de onde estávamos.

Lá. Na minha esquerda, eu vi um fraco brilho púrpura no horizonte que eu notei na outra noite. Eu não tinha percebido o que era, mas agora eu sabia. Eram luzes da cidade, mais provavelmente Novosibirsk, se era lá que a gangue de Galina fazia a maior parte das suas ações. Mesmo que não fosse Novosibirsk, era civilização. Haveriam pessoas lá. Segurança. Eu poderia conseguir ajuda.

Eu corri o mais rápido que consegui, os pés pulsando com força contra o chão. Até mesmo a adrenalina não podia bloquear tanto impacto, e a dor se espalhou pela minha perna a cada passo. Mas o tornozelo aguentou. Eu não caí ou fiquei realmente manca. Minha respiração era difícil e irregular, o resto dos meus músculos ainda fracos por causa de tudo que passei. Mesmo com um objetivo, eu sabia que a cidade estava a quilômetros de distância.

E enquanto isso, a náusea ficou cada vez maior. Dimitri estava perto. Ele deveria ter saído do labirinto agora, mas eu não poderia arriscar olhar para trás. Eu só continuei correndo em direção ao brilho púrpura no horizonte, mesmo que isso significasse que eu estava para entrar em um amontoado de árvores. Talvez, talvez ele me desse cobertura.

Você é uma tola, uma parte de mim sussurrou. Não tem lugar que você possa se esconder dele.

Eu alcancei a fina linha de árvores e parei só um pouco, ofegando por ar e me pressionando contra um tronco firme. Eu finalmente atrevi a olhar para trás mas não vi nada. A casa brilhava a distância, cercada pela escuridão do labirinto. Meu enjôo não ficou pior, então era possível que eu tivesse uma vantagem sobre ele. O labirinto tinha várias saídas; ele não sabia por qual eu tinha saído.

Meu momento de descanso terminou, e eu continuei a me mover, mantendo o suave brilho das luzes da cidade a vista através dos galhos. Era só uma questão de tempo até Dimitri me achar. Meu tornozelo não iria me deixar caminhar muito mais. Derrubar ele lentamente se tornou uma fantasia. Folhas caídas se partiam enquanto eu me movia, mas eu não podia me dar ao luxo de desviar delas. Eu duvidava que tivesse que me preocupar com isso quando Dimitri me achasse. O barulho iria me delatar.

“Rose! Eu juro que não é tarde demais.”

Merda. A voz dele estava próxima. Eu olhei freneticamente ao redor. Eu não conseguia ver ele, mas se ele ainda estava me chamando, ele provavelmente não conseguia me ver também. O brilho da cidade ainda era minha estrela guia, mas haviam árvores e escuridão entre mim e ela. De repente, uma pessoa inesperada me veio a mente. Tasha Ozera. Ela era tia de Christian, uma formidável mulher que era uma das pessoas a favor de ensinar os Moroi a lutar contra Strigoi.

“Podemos recuar e recuar e nos deixar ser encurralados para sempre,” ela disse uma vez. “Ou podemos sair e encontrar o inimigo na hora e lugar que escolhermos. Não eles.”

Ok, Tasha, eu pensei. Vamos ver se o seu conselho me mata.

Eu olhei ao redor e localizei uma árvore com galhos que eu podia alcançar. Enfiando minha estaca no bolso, eu agarrei um dos galhos mais baixos e subi. Meu tornozelo reclamou todo o caminho, mas fora isso haviam galhos o bastante para mim segurar bem com as mãos – e com os pés. Eu continuei a subir até encontrar um grosso e pesado galho que eu pensava que iria aguentar todo o meu corpo. Eu subi nele, ficando perto do tronco e tomando cuidado para testar a firmeza do galho. Ele me segurou. Eu tirei a estaca do bolso e esperei.

Um minuto mais tarde, eu ouvi a fraca agitação das folhas com a aproximação de Dimitri. A forma alta e escura dele ficou a vista, uma sombra sinistra na sombra. Ele se moveu muito devagar, com muito cuidado, olhos procurando em toda parte enquanto o resto dos seus sentidos sem dúvida trabalhavam.

“Roza...” Ele falou suavemente. “Eu sei que você está aqui. Você não tem chance de correr. Nem de se esconder.”

O olhar dele estava para baixo. Ele achou que eu estava escondida atrás de uma árvore ou abaixada. Mais alguns passos. Era tudo que eu precisava dele. Contra a estaca, minha mão começou a suar, mas eu não podia limpar. Eu estava congelada, esperando tão parada que eu nem me atrevi a respirar.

“Roza...”

A voz acariciou minha pele, fria e mortalmente. Ainda examinando seus arredores, Dimitri deu um passo para frente. Então outro. E então outro. Eu acho que ocorreu a ele olhar para cima no instante que eu pulei. Meu corpo bateu no dele, derrubando ele no chão de costas. Ele imediatamente tentou me afastar, enquanto eu tentava colocar a estaca no seu coração. Sinais de fadiga e briga estavam nele. Derrotar os outros Strigoi tinha tido suas consequências, embora eu duvidasse que eu estivesse em uma forma muito melhor. Nós lutamos, e uma vez, eu consegui passar a estaca contra sua bochecha. Ele rosnou de dor mas manteve seu peito bem protegido. Por cima dele, eu podia ver onde havia rasgado

a camisa dele da primeira vez que o empalei. A ferida já estava curada.

“Você. É. Incrível,” ele disse, suas palavras cheias tanto de orgulho quanto fúria.

Eu não tinha energia para responder. Meu único objetivo era o coração dele. Eu lutei para ficar por cima dele, e finalmente, minha estaca perfurou o peito dele – mas ele foi rápido demais. Ele afastou minha mão antes de eu conseguir enfiar totalmente a estaca. No processo, ele me tirou de cima dele. Eu voei para longe, milagrosamente não batendo em nenhuma árvore. Eu levantei, confusa, e vi ele vir em minha direção. Ele era rápido – mas não tão rápido quanto tinha sido nas outras lutas. Nós iríamos nos matar tentando matar um ao outro.

Eu perdi minha vantagem agora, então eu corri para as árvores, sabendo que ele estava atrás de mim. Eu tinha certeza que ele podia correr mais do que eu, mas se eu conseguisse uma pequena vantagem, então talvez eu pudesse conseguir um bom lugar para atacar e tentar –

“Ahhh!”

Meu grito passou pela noite, fazendo um som estridente contra a quietude da escuridão. Meu pé tinha saído debaixo de mim, e eu estava deslizando rapidamente de uma íngreme encosta, incapaz de parar. Havia algumas árvores, mas as pedras e minha

posição desajeitada fez a queda ser dolorosa, particularmente já que eu estava usando aquele vestido. Como eu consegui continuar segurando a estaca eu não sei. Eu bati na base com dureza, conseguindo me levantar brevemente, e então eu tropecei e caí – na água.

Eu olhei ao redor. Em uma deixa, a lua foi para fora das nuvens, lançando luz suficiente para me mostrar uma enorme extensão de água negra em rápido movimento na minha frente. Eu fiquei boquiaberta, completamente confusa, e então me virei na direção da cidade.

O rio levava em direção a ela. Olhando atrás de mim, eu vi Dimitri parado no topo do cume. Diferente de alguns de nós, ele aparentemente estava olhando para onde ia. Ou isso, ou meu grito avisou ele sobre algo que eu não vi.

Ele iria levar menos de um minuto para vir correndo atrás de mim. Eu olhei para meus dois lados e então para frente. Ok. A água estava se movendo rapidamente. Possivelmente profunda. Muito ampla. Iria tirar a pressão do meu tornozelo, mas eu não estava animada com as chances de me afogar. Nas lendas, vampiros não podiam cruzar água corrente. Cara, como eu queria que fosse verdade. Isso era puro mito.

Eu olhei de novo para a esquerda e mal vi uma forma sobre a água. Uma ponte? Era a melhor chance que eu tinha. Eu hesitei antes de ir em direção a ela; eu precisava que Dimitri continuasse a vir atrás de mim. Eu não iria fugir e deixar que ele me perseguisse no topo do cume. Eu precisava do tempo que a descida dele iria me dar. Ali. Ele deu um passo em direção ao declive, e eu corri pela costa, sem olhar para trás. A ponte ficou mais e mais próxima de mim, e enquanto se aproximava, eu percebi o quão alta ela era. Eu a julguei errado observando de onde tinha caído. O pico ao redor da ponte ficava cada vez mais alto quanto mais eu corria pela costa. Eu ia ter uma horrível subida.

Sem problemas. Eu iria me preocupar com isso depois – com o qual me refiro cerca de 30 segundos, já que provavelmente era esse o tempo que Dimitri iria levar para me alcançar. E foi, eu podia ouvir os pés dele batendo contra a água na beirada, os sons ficando cada vez mais perto. Se eu pudesse alcançar a ponte, se eu pudesse subir e pelo outro lado –

A náusea passou por mim. Uma mão se fechou no meu casaco, me empurrando para trás. Eu caí em cima de Dimitri e imediatamente comecei a lutar com ele, tentando me soltar. Mas Deus, eu estava tão, tão cansada. Cada parte de mim doía, e não importava o quão cansado ele estava, eu estava pior.

“Pare!” ele gritou, agarrando meus braços. “Você não entende? Você não pode ganhar.”

“Então me mate!” Eu lutei, mas o aperto dele nos meus braços eram muito fortes, e mesmo segurando minha estaca, eu não poderia fazer nada com isso. “Você disse que iria se eu não me rendesse. E adivinha? Eu não me rendi. Nem vou. Então termine logo com isso.”

O fantasma da luz da lua iluminou o rosto dele, erradicando as sombras normais e fazendo a pele dele ser branca contra o pano de fundo da noite. Era como se todas as cores do mundo tivessem se apagado. Os olhos dele meramente pareciam escuros, mas na minha mente, eles brilhavam como fogo. A expressão dele era fria e calculista.

Não era o meu Dimitri.

“É necessário muito de mim para matar você, Rose,” ele disse. “Isso não é o bastante.”

Eu não estava convencida. Ainda me segurando com aquele inquebrável aperto, ele se inclinou na minha direção. Ele ia me morder. Aqueles dentes iam perfurar minha pele, e ele me transformaria em um monstro como ele ou ia beber até eu morrer. De qualquer forma, eu estaria muito drogada e idiota para saber. A pessoa que era Rose Hathaway iria deixar esse mundo sem nem perceber.

Pânico puro passou por mim – mesmo enquanto parte de mim que ainda estava em abstinência chorou por mais daquelas gloriosas endorfinas. Não, não. Eu não podia permitir isso. Cada nervo que eu tinha entrou em chamas, buscando se defender, atacar, qualquer coisa... qualquer coisa para impedir isso. Eu não seria transformada. Eu não podia ser transformada. Eu queria tanto fazer algo para me salvar. Todo o meu ser estava consumido por aquela vontade. Eu podia sentir pronta para explodir para fora, pronta pra –

Minhas mãos podiam tocar uma a outra mas não Dimitri. Com uma manobra, eu usei os dedos da minha mão esquerda para tirar o

anel de Oksana. Eu o joguei na lama, assim que as presas de Dimitri tocaram minha pele.

Foi como uma explosão nuclear acontecendo. Os fantasmas e espíritos que eu convoquei na estrada para Baia apareceram entre nós. Eles estavam por toda parte, formas translúcidas e luminescentes em tons de cinza pálido, azul, amarelo, e prata. Eu soltei minhas defesas, e me permiti sucumbir as minhas emoções de um jeito que eu não fui capaz quando Dimitri me capturou da primeira vez. O poder de cura do anel tinha por pouco me mantido inteira, mas agora tudo sumiu. Eu não tinha barreiras no meu poder.

Dimitri se afastou, os olhos surpresos. Como o Strigoi na estrada, ele acenou sua mão ao redor, espantando os espíritos, como se fossem mosquitos. As mãos dele passavam através deles sem nenhum efeito. O ataque deles era mais ou menos ineficiente também. Eles não podiam machucar ele fisicamente, mas eles podiam afetar a mente, e eles eram uma ótima distração. O que Mark disse? Os mortos odeiam os mortos vivos. E pelo jeito que esses fantasmas atacavam Dimitri, era claro que eles odiavam.

Eu me afastei, olhando a chão abaixo de mim. Ali. O anel de prata brilhou para mim de uma poça. Eu o agarrei, então corri deixando Dimitri por sua conta. Ele não estava exatamente gritando, mas ele estava fazendo uns barulhos horríveis. Isso me rasgou, mas eu continuei em frente, correndo em direção a ponte. Eu a alcancei um minuto depois. Era tão alta quanto eu temia, mas ela era firme e bem construída, e estreita. Era como o tipo de ponte que só um carro poderia passar por vez.

“Eu cheguei até aqui,” eu murmurei, subindo a ladeira. Não apenas era mais alto do que eu tinha caído, ele também era mais íngreme. Eu coloquei o anel e a estaca no bolso, e então afundando minhas mãos no chão comecei a subir. Eu ia ter que meio que escalar, e meio que subir nisso. Meu tornozelo recebeu um pequeno indulto; isso dependia de força da parte superior do corpo. Enquanto eu subia, no entanto, eu comecei a notar algo. Fracos flashes na

minha visão periférica. Uma impressão de rostos e crânios. E uma dor forte na parte de trás da minha cabeça.

Oh não. Isso tinha acontecido antes. Nesse estado de pânico, eu não conseguia manter as defesas que eu normalmente matinha para manter os mortos longe de mim.

Eles agora estavam se aproximando de mim, mais curiosos do que beligerantes. Mas conforme o número deles crescia, tudo ficou tão desorientador quanto o que Dimitri agora experimentava.

Eles não podiam me machucar, mas eles estavam me assustando, e a dor de cabeça que veio com eles estava começando a me deixar tonta. Olhando na direção deles, eu vi algo incrível. Dimitri ainda estava se aproximando. Ele realmente era bom, alguém bom que trazia a morte mais para perto a cada passo. Os fantasmas ainda iam em direção dele como uma nuvem, ainda sim ele estava conseguindo progredir, um passo agonizante por vez. Virando, eu continuei a escalar, ignorando meus próprios companheiros brilhantes o melhor que pude.

Finalmente, eu alcancei o topo e subi na ponte. Eu mal conseguia ficar de pé, meus músculos estavam tão fracos. Eu dei mais alguns passos e caí de quatro. Mais e mais espíritos estavam girando, e minha cabeça estava prestes a explodir. Dimitri ainda fez um devagar progresso mas estava longe ainda. Eu tentei levantar de novo, usando as grades da ponte como suporte, e falhei. A grade áspera arranhou minhas pernas nuas.

“Merda.”

Eu sabia o que tinha que fazer para me salvar, embora pudesse muito bem acabar me matando também. Com mãos tremulas, eu pus a mão no bolso e tirei o anel. Eu tremia tanto que eu tinha certeza que tinha derrubado ele. De alguma forma, eu o segurei e consegui colocar no meu dedo. Uma pequena onda de calor irradiou dele para mim, e eu senti um pouco de controle se colocar no meu corpo. Infelizmente, os fantasmas ainda estavam ali.

Os traços daquele medo, de morrer e virar Strigoi, ainda estavam em mim, mas tinham diminuído agora que eu estava fora do perigo imediato. Me sentindo menos instável, eu busquei as barreiras e controle que eu normalmente mantinha, desesperada para colocar elas no lugar e espantar meus visitantes.

“Vão,vão,vão,” eu sussurrei, fechando meus olhos. O esforço era como puxar uma montanha, um impossível obstáculo que ninguém tinha forças para lidar. Era sobre isso que Mark tinha me avisado, porque eu não deveria fazer isso. Os mortos eram um poderoso aliado, mas quando chamados, era difícil se livrar deles. O que ele disse? Aqueles que dançam perto da escuridão e insanidade não deveriam arriscar isso.

“Vão!” eu gritei, jogando meu resto de força nesse esforço.

Um por um, os fantasmas ao meu redor sumiram. Eu senti meu mundo voltar a ordem normal. Só que, quando olhei para baixo, eu vi que os fantasmas tinha deixado Dimitri também – como eu suspeitava. E bem assim, ele estava se movendo de novo.

“Merda.” Minha palavra da noite.

Eu consegui levantar dessa vez enquanto ele subia o declive. De novo, ele estava mais devagar que o normal – mas ainda rápido o bastante. Eu comecei a me afastar, sem nunca tirar meus olhos dele. Se livrar dos fantasmas me deu mais força, mas não o que eu precisava para fugir. Dimitri tinha ganho.

“Outro efeito shadow-kissed?” ele perguntou, subindo na ponte.

“Yeah.” Eu engoli. “Acontece que fantasmas não gostam muito de Strigoi.”

“Você não parece gostar muito deles também.”

Eu dei outro passo para trás. Onde eu poderia ir? Assim que virasse para correr, ele estaria em cima de mim.

“Então, eu fui longe o bastante para você não querer me transformar?” eu perguntei o mais alegre que pude.

Ele me deu um sorriso torto. “Não. Suas habilidades shadow-kissed tem seus usos... pena que irão sumir quando você for desperta.” Então. Esse era o plano dele. Apesar do quanto eu havia irritado ele, ele ainda queria me manter por perto pela eternidade.

“Você não vai me despertar,” eu disse.

“Rose, não tem como você –”

“Não.”

Eu subi na grade da ponte, balançando minha perna por cima. Eu sabia o que iria acontecer agora. Ele congelou.

“O que você está fazendo?”

“Eu te disse. Eu vou morrer antes de me tornar um Strigoi. Eu não vou ser como você ou os outros. Eu não quero isso. Você uma vez também não queria isso.” Meu rosto ficou frio enquanto a brisa da noite passava por mim, o resultado gerou lágrimas em minhas bochechas.

Eu passei minha outra perna por cima e olhei para a água. Estávamos a muito mais alto do que dois andares. Eu iria bater na água com força, e mesmo que sobrevivesse a queda, eu não teria força para nadar e ir para a costa. Enquanto olhava para baixo, contemplando minha morte, eu pensei sobre quando Dimitri e eu sentamos na parte de trás de uma SUV, discutindo esse mesmo assunto.

Foi a primeira vez que sentamos perto um do outro, e todo lugar que nossos corpos se tocavam ficava quente e maravilhoso. Ele tinha um cheiro bom – aquele cheiro, aquele cheiro de estar vivo agora se fora, eu percebi – e ele esteve mais relaxado do que o normal, pronto para sorrir. Conversamos sobre o que significava estar viva e em controle de nossa alma – e o que significava se tornar um morto vivo, perder o amor e a luz da vida e todos aqueles que você conhecia. Nos olhamos e concordamos que a morte era melhor do que esse destino.

Olhando para Dimitri agora, eu tinha que concordar.

“Rose, não.” Eu ouvi verdadeiro pânico na voz dele. Se ele me perdesse na beirada, eu já era. Nenhum Strigoi. Nenhum despertar. Para mim ser transformada, ele precisava me matar bebendo meu sangue e então me alimentar com sangue. Se eu pulasse, a água iria me matar, não a perda de sangue. Eu estaria morta a muito antes dele me encontrar no rio.

“Por favor,” ele implorou. Havia um tom lamurioso na voz dele, um que me surpreendeu. Ele revirou meu coração. Me lembrou do Dimitri vivo, o que não era um monstro. O que se importava e me amava, que acreditava em mim e fez amor comigo. Esse Dimitri, o que não era nada disso, deu dois passos cuidadosos para frente, e então parou de novo. “Precisamos ficar juntos.”

“Porque?” eu perguntei suavemente. A palavra foi carregada para longe pelo vento, mas ele ouviu.

“Porque eu quero você.”

Eu dei a ele um triste sorriso, me perguntando se o encontraria de novo na terra dos mortos. “Resposta errada,” eu disse a ele.

Eu me soltei.

E ele estava bem ali, vindo em minha direção com a insana velocidade de Strigoi quando comecei a cair. Ele pegou um dos meus braços, me arrastando de volta para a grade. Bem, meio que arrastando. Só uma parte de mim conseguiu chegar, o resto ainda estava pendurado por cima do rio.

“Pare de lutar comigo!” ele disse, tentando puxar o braço que ele segurava.

Ele próprio estava em uma posição de precaução, firmando a grade enquanto ele tentava se inclinar o bastante para me pegar e me segurar.

“Me solte!” eu gritei em resposta.

Mas ele forte e conseguiu trazer a maior parte de mim para a grade, o bastante para que eu não ficasse em perigo total de cair de novo.

Vê, o negócio é o seguinte. Naquele momento, antes de eu soltar, eu realmente contemplei minha morte. Eu entendi e a aceitei. Eu também, no entanto, sabia que Dimitri poderia fazer algo exatamente assim. Ele era simplesmente assim tão rápido e tão bom. Era por isso que eu estava segurando minha estaca na minha mão que estava livre.

Eu olhei nos olhos dele. “Eu sempre vou te amar.”

Então eu empalei a estaca no coração dele.

Não foi um golpe preciso como eu gostaria, não com a forma com que ele estava se esquivando. Eu lutei para aprofundar a estaca o bastante no coração dele, insegura se seria capaz de fazer isso nesse ângulo. Então, a luta parou. Os olhos dele me encararam, atordoados, e os lábios dele se separaram, quase em um sorriso, embora terrível e doloroso.

“Era isso que eu deveria ter dito...” ele arfou.

Aquelas foram suas últimas palavras.

Sua tentativa desastrosa de desviar da estaca fez ele perder o equilíbrio. A mágica da estaca facilitou o resto, atordoando ele e seus reflexos.

Dimitri caiu.

Ele quase me levou com ele, e eu por pouco consegui me libertar dele e me segurar na grade. Ele caiu na escuridão – longe, longe na escuridão do buraco. Um momento depois ele desapareceu de vista.

Eu olhei para baixo procurando por ele, me perguntando se eu veria ele na água se eu procurasse o bastante. Mas eu não o vi. O rio era muito escuro e estava muito longe. Nuvens voltaram para a lua, e a escuridão caiu sobre tudo de novo. Por um momento, olhando para baixo e percebendo o que eu havia feito, eu queria me jogar atrás dele, porque certamente não havia como eu poder continuar a viver agora.

Você precisa. Minha voz interior disse muito mais calma e confiante do que deveria ser. O velho Dimitri iria querer que você

vivesse. Se você realmente o amava, então você tem que seguir em frente.

Com uma respiração trêmula, eu subi a grade e voltei para a ponte, surpreendentemente agradecida pela segurança. Eu não sabia como iria continuar a viver, mas eu sabia que eu queria. Eu não iria me sentir completamente segura até estar no chão sólido, e com meu corpo caindo aos pedaços, eu comecei a cruzar a ponte um passo de cada vez. Quando eu cheguei ao outro lado, eu tinha uma escolha. Seguir o rio ou a estrada? Eles se desviavam levemente, mas os dois iam em direção as luzes da cidade. Eu

optei pela estrada. Eu não queria estar nem perto do rio. Eu não iria pensar sobre o que tinha acabado de acontecer. Eu não podia pensar. Meu cérebro se recusava. Se preocupe em ficar viva primeiro. Então se preocupe sobre como você vai viver.

A estrada, embora claramente rural, era chata e feita para andar com facilidade – por qualquer um. Uma fraca chuva começou a cair o que acrescentou insulto a lesão. Eu ficava querendo sentar e descansar, me curvar numa bola e não pensar em mais nada. Não, não, não. A luz. Eu tinha que ir em direção a luz. Isso quase me fez rir em voz alta. Era engraçado. Como se eu estivesse em uma experiência de quase morte. Então eu ri. Toda a noite foi cheia de experiências de quase morte. Essa era a última delas.

Também era a última, e embora eu desejasse chegar a cidade, ela estava muito longe. Não tenho certeza sobre quanto tempo andei antes de finalmente parar e sentar.

Só um minuto, eu decidi. Eu descansaria por um minuto e então continuaria a andar. Eu tinha que continuar andando. Se por alguma chance eu não tivesse acertado o coração dele, Dimitri poderia estar subindo o rio a qualquer momento. Ou outro Strigoi sobrevivente poderia estar vindo atrás de mim.

Mas eu não levantei em um minuto. Eu acho que eu devo ter adormecido, e eu honestamente não sei quanto tempo eu estive sentada ali quando faróis de repente me chamaram atenção. Um

carro diminuiu a velocidade e parou. Eu consegui levantar, me preparando.

Nenhum Strigoi saiu. Ao invés disso, um senhor saiu. Ele olhou para mim e disse algo em russo. Eu balancei a cabeça e dei um passo para trás. Ele se inclinou no carro e disse algo, e um momento depois, uma senhora se juntou a ele. Ela olhou para mim com seus olhos espantados, o rosto compassivo. Ela disse algo que soava gentil e ergueu a mão na minha direção, cautelosa da forma que alguém seria quando se aproximava de um animal selvagem. Eu a encarei por vários segundos e então apontei para o horizonte púrpura.

“Novosibirsk,” eu disse.

Ela seguiu meu gesto e concordou. “Novosibirsk.” Ela apontou para mim e então para o carro. “Novosibirsk.”

Eu hesitei um pouco mais e então deixei ela me levar para o banco de trás. Ela tirou o casaco e colocou em mim, e eu percebi que estava ensopada por causa da chuva. Eu tinha que estar horrível depois de tudo que aconteceu hoje a noite. Era de se admirar que eles sequer tivessem parado. O senhor começou a dirigir de novo, e me ocorreu que eu poderia ter entrado no carro de serial killers. Mas então, como isso seria diferente do resto da minha noite?

A dor física e mental estava começando a me vencer, e com meu último esforço, eu molhei meus lábios e falei outra palavra do meu vocabulário russo.

“Pazvannet?”

A mulher olhou para mim surpresa. Eu não tinha certeza se falei a palavra certo. Eu podia ter pedida a ela por um orelhão ao invés de um celular – ou talvez eu tenha pedida uma girafa – mas com sorte a mensagem seria compreendida. Um momento depois, ela botou a mão na bolsa e me entregou um celular. Mesmo na Sibéria, todos tem telefone. Com mãos tremulas, eu disquei o número que agora eu tinha memorizado. Uma voz feminina atendeu.

“Alló.”

“Sydney? Aqui é a Rose...”

VINTE E SETE

Eu não reconheci o cara que Sydney mandou para me encontrar quando chegamos em Novosibirsk, mas ele tinha a mesma tatuagem dourada que ela. Ele tinha um cabelo cor de areia e estava perto dos 30 – e era humano, é claro. Ele parecia competente e de confiança, e enquanto eu estava inclinada contra o carro, ele riu e falou com o casal de idosos como se eles fossem melhores amigos. Havia um ar profissional e tranquilizador nele, e logo eles estavam sorrindo também. Eu não tenho certeza do que ele disse a eles, talvez que eu era a sua filha desobediente ou algo assim, mas eles aparentemente se sentiram bem o bastante para me deixar nas mãos dele. Eu suponho que com o trabalho deles, o encanto alquimista estava em ação.

Quando o senhor e a mulher partiram, o comportamento dele mudou levemente. Ele não parecia tão frio quanto Sydney inicialmente havia sido, mas não havia risadas ou piadas comigo. Ele se tornou distante e pronto para negócios, e eu não pude me impedir de pensar nas histórias dos homens de preto, as pessoas que limpavam depois de encontrar extraterrestres para manter o mundo ignorante da verdade.

“Você pode andar?” ele perguntou, me olhando de cima abaixo.

“Neste momento isso é incerto,” eu respondi.

Acabou que eu conseguia, só não muito bem. Com a ajuda dele, eu eventualmente acabei em um condomínio na parte residencial da cidade. Eu estava com olho preto e mal era capaz de ficar de pé naquele ponto. Havia outras pessoas lá, mas nenhuma deles registradas. A única coisa que importava era o quarto que alguém pegou para mim. Eu tive força o bastante nesse ponto para me soltar do braço que me suportava e cair de cara no meio da cama. Eu adormeci instantaneamente.

Eu acordei com o sol claro enchendo meu quarto e vozes falando em tom baixo. Considerando tudo que passei, eu não ficaria surpresa de acordar e ver Dimitri, Tatiana, ou até mesmo a Dr. Olendzki da academia ali. Ao invés disso, era o rosto de Abe que olhava para mim, a luz fazendo todas as joias dele brilharem.

“Saudações, Zmey,” eu disse fracamente. De alguma forma, ele estar aqui não me surpreendia. Sydney teria que contar a seus superiores sobre mim, que iriam contar a Abe. “Gentil da sua parte visitar.”

Ele balançou a cabeça, com um sorriso triste. “Eu acho que você me superou quando se trata de passar de fininho por cantos escuros. Eu pensei que você estava a caminho de Montana.”

“Da próxima vez, se certifique de escrever alguns detalhes a mais em sua barganha. Ou só arrume minhas coisas e me mande para os EUA de verdade.”

“Oh,” ele disse, “é exatamente isso que pretendo fazer.” Ele continuou sorrindo enquanto falou isso, mas de alguma forma, eu tive o pressentimento que ele não estava brincando. E de repente, eu não temia mais esse fato. Ir para casa parecia muito bom.

Mark e Oksana andaram para parar ao lado dele. A presença deles era inesperada mas bem vinda. Eles sorriam também, rostos melancólicos mas aliviados. Eu sentei na cama, surpresa por conseguir me mexer.

“Você me curou,” eu disse a Oksana. “Ainda dói, mas não parece que vou morrer, o que eu tenho que pensar que é uma melhora.”

Ela concordou. “Eu fiz o bastante para me certificar que você não estivesse em perigo imediato. Eu achei que poderia fazer o resto quando você acordasse.”

Eu balancei a cabeça. “Não, não. Vou me recuperar por conta própria.” Eu sempre odiava quando Lissa me curava. Eu não queria que ela desperdiçasse sua força comigo. Eu também não queria que ela convidasse o efeito colateral do espírito.

Lissa...

Eu tirei as cobertas de cima de mim. “Oh meu Deus! Eu preciso ir para casa. Agora mesmo.”

Imediatamente, três pares de braços bloquearam meu caminho.

“Espera aí,” disse Mark. “Você não vai a lugar nenhum. Oksana só curou você um pouco. Você está longe de se recuperar.”

“E você ainda não nos contou o que aconteceu,” disse Abe, os olhos mais astutos do que nunca. Ele era alguém que precisava saber tudo, e os mistérios ao meu redor provavelmente deixavam ele maluco.

“Não há tempo! Lissa está com problemas. Eu preciso voltar para a escola.” Tudo estava voltando para mim. O comportamento instável de Lissa e as coisas malucas, impulsionadas por algum tipo de compulsão – ou super compulsão, eu suponho, já que Avery foi capaz de me empurrar da cabeça de Lissa.

“Oh, agora você quer voltar para Montana?” exclamou Abe. “Rose, mesmo que houvesse um avião esperando por você no outro quarto, é uma viagem de 24 horas, no mínimo. E você não está em condições de ir a parte alguma.”

Eu balancei a cabeça, ainda tentando levantar. Depois do que enfrentei ontem a noite, esse grupo não era uma ameaça – bem, talvez Mark fosse – mas eu poderia começar a dar socos. E yeah, eu ainda não sabia o que Abe poderia fazer.

“Você não entende! Alguém está tentando matar Lissa, ferir ela ou...”

Bem, eu não entendia o que Avery queria. Tudo o que eu sabia era que Avery tinha estado de alguma forma compelindo Lissa a fazer todo tipo de coisa imprudente. Ela tinha que ser incrivelmente forte no espírito não só para conseguir aquilo mas também para esconder de Lissa e Adrian. Ela até criou uma aura falsa para esconder a dourada dela. Eu não fazia ideia de como essa magnitude de poder era possível, particularmente considerando a personalidade amor-diversão de Avery dificilmente poderia ser

chamada de insana. Qualquer que fosse o esquema dela, Lissa estava em risco. Eu tinha que fazer alguma coisa.

Removendo Abe da equação, eu olhei para Mark e Oksana implorando. “É a minha parceira de laço,” eu expliquei. “Ela está com problemas. Alguém está tentando machucar ela. Eu tenho que ir até ela – vocês entendem porque eu preciso.”

E eu vi no rosto deles que eles entendiam. Eu também sabia que em minha situação, eles tentariam fazer exatamente a mesma coisa um pelo outro.

Mark suspirou. “Rose... vamos te ajudar a chegar até ela, mas não podemos fazer isso agora.”

“Vamos contatar a escola,” disse Abe muito “por sinal”. “Eles vão cuidar disso.”

Certo. E como exatamente faríamos isso? Ligar para o diretor Lazar e dizer a ele que a sua filha festeira está na verdade corrompendo e controlando as pessoas com poderes psíquicos e que ela precisava ser presa pelo bem de Lissa e todo mundo?

Minha falta de resposta pareceu fazer eles pensarem que me convenceram, Abe em particular. “Com a ajuda de Oksana, você provavelmente estará em condições boas o bastante para partir amanhã,” ele acrescentou. “Eu posso reservar um vôo matutino no dia seguinte.”

“Ela vai ficar bem até lá?” Oksana gentilmente me perguntou.

“Eu... eu não sei...” O que Avery poderia fazer nesses dois dias? Alienar e envergonhar Lissa ainda mais. Coisas horríveis, mas não eram permanentes ou caso de vida ou morte. Certamente, certamente... ela ficará bem esse tempo, certo? “Me deixe ver...”

Eu vi os olhos de Mark se alargarem levemente quando ele percebeu o que eu estava prestes a fazer. Então não vi mais nada no quarto porque eu não estava mais lá. Eu estava na cabeça de Lissa. Um novo conjunto de coisas estava ao meu redor, e por meio segundo, eu pensei que estava na ponte de novo e estava olhando para baixo para as águas negras e uma fria morte.

Então eu ganhei controle sobre o que vi – ou melhor, o que Lissa viu. Ela estava parada na beira de uma janela de algum prédio do campus. Era noite. Eu não sabia dizer que prédio era, mas não importava. Lissa estava no que parecia ser o sexto andar, parada ali de salto alto, rindo sobre algo enquanto o chão escuro ameaçava abaixo. Atrás dela, eu ouvi a voz de Avery.

“Lissa, cuidado. Você não deveria estar aí.”

Mas tinha o mesmo significado duplo que permeava tudo o que Avery fazia. Mesmo enquanto ela dizia essas palavras de cuidado, eu podia sentir um impulso descuidado em Lissa, algo dizendo a ela que estava tudo bem estar onde ela estava e para não se preocupar muito. Então, eu senti aquele toque na minha mente, e aquela voz irritante.

Você de novo?

Eu fui forçada a sair, de volta no quarto em Novosibirsk. Abe estava surtando, aparentemente pensando que eu entrei em um estado catatônico, e Mark e Oksana estavam tentando explicar para ele o que tinha acontecido. Eu pisquei e esfreguei minha cabeça enquanto me recompunha, e Mark suspirou aliviado.

“É muito mais estranho ver alguém fazer do que eu mesmo fazer.”

“Ela está com problemas.” Eu disse, tentando levantar de novo. “Ela está com problemas... e eu não sei o que fazer...”

Eles tinham razão em dizer que não tinha como eu chegar até Lissa tão cedo. E mesmo que eu seguisse a sugestão de Abe e contatasse a escola... eu não tinha certeza de onde Lissa estava ou sequer alguém acreditaria em mim. Eu pensei em voltar para a mente dela e tentar ver a localização de Lissa na mente dela, mas Avery provavelmente me expulsaria de novo. Pelo que eu brevemente senti, Lissa não estava com seu celular – o que não era surpresa. Havia regras estritas sobre ter eles nas aulas, então ela normalmente deixava ele no dormitório.

Mas eu conhecia alguém que teria o seu. E que acreditaria em mim.

“Alguém tem um telefone?” eu perguntei.

Abe me deu o dele, e eu disquei o número de Adrian, surpresa por ter memorizado ele. Adrian estava bravo comigo, mas ele se importava com Lissa. Ele iria ajudar ela, não importava o sentimento dele em relação a mim,. E ele iria acreditar em mim quando eu tentasse explicar a trama de indução via espírito.

Mas quando a outra linha atendeu, foi a caixa de mensagens que respondeu, não ele próprio. “Eu sei o quão devastado você deve estar por sentir minha falta,” a voz alegre dele disse, “mas deixe uma mensagem, e eu vou tentar aliviar sua agonia assim que possível.”

Eu desliguei, me sentindo perdida. De repente, eu olhei para Oksana enquanto uma das minhas ideias malucas vinha a mente.

“Você... você pode fazer aquela coisa... onde você entra na cabeça de alguém e toca seus pensamentos, certo? Como você fez comigo?”

Ela fez uma leve careta. “Sim, mas não é algo que gosto de fazer. Eu não acho certo.”

“Você pode usar compulsão em alguém quando entra em sua cabeça?”

Ela parecia ainda mais enojada. “Bem, sim, é claro... as duas coisas são na verdade muito similares. Mas tocar na mente de alguém é uma coisa e forçar eles a realizar um comportamento indesejado é algo completamente diferente.”

“Minha amiga está prestes a fazer algo perigoso,” eu disse. “Pode matar ela. Ela está sendo compelida, mas eu não posso fazer nada. O laço não me permite atingir ela ativamente. Eu só posso observar. Se você alcançar a mente da minha amiga e compelir ela para fora do perigo...”

Oksana balançou a cabeça. “Supondo que moralidade não fosse o problema, eu não posso alcançar a mente de quem não está aqui – muito menos alguém que eu nunca conheci.”

Eu passei a mão pelo cabelo, o pânico aumentando. Eu queria que Oksana soubesse como andar por sonhos. Isso pelo menos daria a ela a capacidade de longa distância. E todos esses poderes de espírito pareciam ser um fora do outro, cada um com algumas nuances adicionais.

Alguém que podia andar por sonhos poderia dar o próximo passo e visitar alguém acordado.

Uma ideia ainda mais louca veio até mim. Esse era o dia de baixar a guarda. “Oksana... você pode alcançar minha mente, certo?”

“Sim,” ela reafirmou.

“Se eu... se eu estivesse na cabeça da minha parceira de laço na hora, você poderia me alcançar e então alcançar a mente dela? Eu poderia, tipo, ser o link entre vocês?”

“Eu nunca ouvi falar de nada assim,” murmurou Mark.

“Isso porque nunca tivemos tantos usuários de espírito e shadow-kissed por perto,” eu apontei.

Abe, compreensivelmente, parecia totalmente perdido.

Uma sombra caiu no rosto de Oksana. “Eu não sei...”

“Ou funciona ou não,” eu disse. “Se não funcionar, então nenhum mal foi feito. Mas se você puder alcançar ela através de mim... você pode compelir ela.” Ela começou a falar, e eu a cortei. “Eu sei, eu sei... você acha que é errado. Mas essa outra usuária de espírito? É ela que está errada. Tudo o que você tem que fazer é compelir Lissa para fora de perigo.

Ela está pronta para pular pela janela! Impeça ela agora; então eu vou até ela em outro dia e conserto as coisas.”

E por consertar as coisas, eu me refiro a arruinar o rosto bonito de Avery com um olho roxo.

Em minha bizarra vida, eu me acostumei as pessoas – principalmente adultos – rejeitando minhas incríveis ideias e proclamações. Eu tive muitos problemas para convencer pessoas que Victor tinha sequestrado Lissa e uma dificuldade igual de fazer os guardiões acreditarem que a escola estava sob ataque. Então quando situações como essa aconteciam, parte de mim quase esperava resistência. Mas o negócio era que, sendo tão estáveis, Oksana e Mark estiveram lutando com espírito por quase sua vida toda. Loucura era um tipo de maldição para eles, e depois de um momento, ela não discutiu mais.

“Muito bem,” ela disse. “Me dê suas mãos.”

“O que está acontecendo?” perguntou Abe, ainda sem noção. Eu recebi uma certa quantidade de satisfação em ver ele fora da casinha para variar. Mark murmurou algo para Oksana em russo e a beijou na bochecha. Ele estava avisando ela para ter cuidado, não condenando ela por sua escolha. Eu sabia que ele iria querer a mesma coisa se ela estivesse no lugar de Lissa. O amor que passou entre eles era tão profundo e tão forte que eu quase perdi minha resolução nisso. Esse tipo de amor me lembrava Dimitri, e se eu me permitisse pensar por mesmo que um momento mais, eu iria reviver ontem a noite...

Eu peguei as mãos de Oksana, um nó de medo se formando no meu estômago. Eu não gostava da ideia de alguém estar na minha mente, embora esse fosse um sentimento hipócrita para alguém que estava constantemente viajando na mente da sua melhor amiga. Oksana me deu um pequeno sorriso, embora fosse óbvio que ela estava tão nervosa quanto eu.

“Sinto muito,” ela disse. “Eu odeio fazer isso com as pessoas...”

E então eu senti, a mesma coisa que aconteceu quando Avery me expulsou. Era como uma sensação física de alguém tocando meu cérebro. Eu ofeguei, olhando nos olhos de Oksana enquanto ondas de frio e calor passavam por mim. Oksana estava na minha cabeça.

“Agora vá até sua amiga,” ela disse.

Eu fui. Eu foquei meus pensamentos em Lissa e encontrei ela ainda parada na beira da janela. Era melhor ela estar lá do que no chão, mas ainda queria ela fora dali e de volta para seu quarto antes que algo acontecesse. Mas não era eu que tinha que fazer isso. Eu era o táxi, por assim dizer. Oksana era quem tinha literalmente que convencer Lissa a sair dali. Só que eu não tinha indicações de que a outra mulher tinha vindo comigo. Quando eu pulei para a mente de Lissa, eu perdi os sentidos de Oksana. Mais nenhum formigamento na minha mente.

Oksana? Eu pensei. Você está aí?

Não houve resposta – não de Oksana, pelo menos. A resposta veio de uma fonte muito inesperada.

Rose?

Era a voz de Lissa que falava na minha mente. Ela congelou sua posição na janela e abruptamente cortou o que quer que fosse que ela estava rindo com Avery. Eu senti o

terror e confusão de Lissa enquanto ela se perguntava se ela estava me imaginando. Ela olhou ao redor do quarto, os olhos dela passando por Avery.

Avery reconheceu que algo estava acontecendo, e o rosto dela endureceu. Eu senti o senso familiar da presença dela na mente de Lissa e não fiquei surpresa quando Avery tentou me expulsar de novo.

Só que – não funcionou.

Avery me expulsar sempre pareceu como um empurrão de verdade. Eu tive a impressão que quando ela tentou agora, tinha parecido atingir uma parede de tijolos para ela. Não era mais tão fácil me expulsar. Oksana estava comigo de alguma forma, me emprestando sua força. Avery ainda estava na linha de visão de Lissa, e eu vi aqueles adoráveis olhos azuis acinzentados se alargarem com choque que ela não podia me controlar.

Oh, eu pensei. Tá valendo, vadia!

Rose? Ali estava a voz de Lissa de novo. Estou ficando louca?

Ainda não. Mas você tem que descer, agora. Eu acho que Avery está tentando matar você.

Me matar? Eu podia sentir e ouvir a incredulidade de Lissa. Ela nunca faria isso.

Olha, não vamos discutir agora. Só saia da janela e dê boa noite.

Eu senti o impulso em Lissa, senti ela se mexer e começar a colocar um pé para baixo. Então foi como se um núcleo dela a tivesse feito parar. O pé dela ficou onde estava... e devagar começou a se firmar...

Era o trabalho de Avery. Eu me perguntei se Oksana, oculta no fundo dessa ligação, podia sobrepujar essa compulsão. Não, Oksana não estava ativa aqui. Os poderes de espírito dela tinham de alguma forma me feito comunicar ativamente com Lissa, mas ela estava impassiva. Eu esperava ser a ponte e através dela Oksana iria aparecer na mente de Lissa e compelir ela. A situação estava invertida agora, e eu não tinha poderes de compulsão. Tudo que eu tinha era um soco legendário e poderes de persuasão.

Lissa, você tem que lutar com Avery, eu disse. Ela é uma usuária de espírito, e ela está compelindo você. Você é uma das usuárias de compulsão mais forte que conheço. Você deveria ser capaz de lutar com ela.

Medo me respondeu. Eu não posso...eu não posso compelir agora.

Porque não?

Porque estive bebendo.

Eu mentalmente gemi. É claro. Era por isso que Avery era sempre tão rápida em fornecer álcool para Lissa. Ele amortecia o espírito, como demonstrado nas frequentes indulgências de Adrian. Avery tinha encorajado a bebida para que as habilidades de Lissa de usar espírito enfraquecessem e dessem a ela menos resistência. Houve várias vezes que Lissa não foi capaz de saber exatamente o

quanto Avery esteve bebendo; em retrospectiva, Avery deveria estar fazendo uma bela quantidade de fingimento.

Então use força de vontade normal, eu disse a ela. É possível resistir a compulsão.

Era verdade. Compulsão não era um bilhete automático para dominação mundial. Algumas pessoas eram melhores em resistir do que outras, embora um Strigoi ou usuário de espírito certamente complicassem as coisas.

Eu senti Lissa aumentar sua resolução, senti ela repetir de novo e de novo minhas palavras, que ela tinha que ser forte e para sair da beira da janela. Ela trabalhou para mandar para longe aquele impulso que Avery tinha implantado, e sem saber como, eu de repente me encontrei sendo empurrada. Lissa e eu juntamos nossa força e começamos a empurrar Avery para fora.

No mundo físico, os olhares de Avery e Lissa estavam trancados enquanto a luta psíquica continuava. O rosto de Avery mostrava uma forte concentração que de repente ficou sobre esta com choque. Ela notou eu lutando com ela também. Os olhos dela se estreitaram, e quando ela falou, ela se dirigiu a mim e não a Lissa.

“Oh,” Avery assoviou, “você não quer mexer comigo.”

Eu não queria?

Houve uma onda de calor e aquele sentimento de algo tocando minha mente. Só que não era Oksana. Era Avery, e ela estava fazendo uma séria investigação pelos meus pensamentos e memórias. Eu entendi agora o que Oksana quis dizer sobre ser invasivo e violador. Não era apenas olhar pelos olhos de alguém; era espionar seus pensamentos mais íntimos.

E então, o mundo ao meu redor se dissolveu. Eu estava em um quarto que eu não reconheci. Por um momento, eu pensei que estava de volta na propriedade de Galina. Certamente tinha aquele ar rico e caro. Mas não. Depois de um momento de examinação, eu percebi que isso não era o mesmo. Os móveis eram diferentes. Até a vibração era diferente. A casa de Galina tinha sido linda, mas havia

algo frio e impessoal nela. Esse lugar era convidativo e claramente bem amado. O sofá tinha uma colcha jogada no seu canto, como se alguém – ou talvez dois alguém – tivessem estado fazendo carícias debaixo dele. E embora o aposento não estivesse desarrumado, exatamente, haviam objetos espalhados – livros, fotos – que indicavam que esse lugar era usado e não era só para mostrar.

Eu andei até a pequena prateleira e peguei uma das fotos. Eu quase a soltei quando eu vi o que era. Era uma foto de Dimitri e eu – mas eu não tinha memória dela. Estávamos parados de braços dados, inclinando nossos rostos juntos para se certificar que nós dois estivéssemos na foto. Eu estava sorrindo amplamente, e ele também usava um jovial sorriso, um que eu dificilmente via nele. Ele suavizava um pouco da protetora ferocidade que normalmente preenchia as feições dele e o fazia parecer mais sexy do que eu já tinha imaginado. Um pedaço daquele cabelo castanho se soltou do rabo de cavalo e estava na sua bochecha. Além de nós havia uma cidade que eu imediatamente reconheci: São Petersburgo. Eu franzi. Não, essa foto definitivamente não poderia existir.

Eu ainda estava examinando ela quando eu ouvi alguém entrar na sala. Quando eu vi quem era, meu coração parou. Eu coloquei a foto de volta na prateleira com mãos trêmulas e dei alguns passos para trás.

Era Dimitri.

Ele usava jeans e uma camiseta vermelha casual que cabia perfeitamente naquele corpo musculoso. O cabelo dele estava solto e levemente desalinhado, como se ele tivesse acabado de sair do banho. Ele segurava duas canecas e riu quando me viu.

“Ainda não está vestida?” ele perguntou, balançando a cabeça. “Eles vão chegar aqui a qualquer minuto.”

Eu olhei para baixo e vi que eu usava calça de pijama rosa e uma camiseta. Ele me entregou uma caneca, e eu fiquei muito atordoada para fazer qualquer coisa a não ser pegar ela. Eu olhei dentro dela – chocolate quente – e então olhei para ele. Não havia vermelho em seus olhos, nem maldade em seu rosto. Só um lindo calor e afeição.

Ele era meu Dimitri, o que me amava e me protegia. O que tinha um coração e alma puros.

“Quem... quem está vindo?” eu perguntei.

“Lissa e Christian. Eles estão vindo para tomar café.” Ele me deu um olhar confuso. “Você está bem?”

Eu olhei ao redor, de novo me confortando no aposento. Através de uma janela, eu vi um quintal cheio de árvores e flores. O sol tocava no carpete. Eu voltei minha atenção de volta para ele e balancei minha cabeça. “O que é isso? Onde estamos?”

A expressão confusa dele se tornou um franzido. Dando um passo para frente, ele pegou minha caneca e colocou a minha e a dele na prateleira. As mãos dele pararam nos meus quadris, e eu recuei mas não me afastei – como eu poderia quando ele parecia tanto com meu Dimitri?

“Essa é nossa casa,” ele disse, me puxando para perto. “Na Pensilvânia.”

“Pensilvânia... estamos na Corte Real?”

Ele deu nos ombros. “Alguns quilômetros de distância.”

Eu balancei a cabeça. “Não... não é possível. Não podemos ter uma casa juntos. E definitivamente não tão próxima dos outros. Eles nunca permitiriam.”

Se em algum mundo maluco Dimitri e eu vivêssemos juntos, teríamos que fazer isso em segredo – em algum lugar remoto, como a Sibéria.

“Você insistiu,” ele disse com um pequeno sorriso. “E nenhum deles se importou. Eles aceitaram. Além do mais, você disse que tínhamos que viver perto de Lissa.”

Minha mente vacilou. O que estava acontecendo? Como isso era possível? Como eu poderia estar vivendo com Dimitri – especialmente tão perto dos Moroi? Isso não estava certo... e como eu poderia estar com Dimitri? Eu não deveria estar fazendo outra coisa? Eu não deveria estar com outra pessoa?

“Você é um Strigoi,” eu disse finalmente. “Não... você está morto. Eu matei você.”

Ele passou seus dedos pela minha bochecha, ainda me dando aquele sorriso lamentável. “Eu pareço estar morto? Eu pareço um Strigoi?”

Não. Ele parecia maravilhoso e sexy e forte. Ele era todas as coisas que eu lembrava, e todas as coisas que eu amava. “Mas você era...” eu falei, ainda confusa. Isso não estava certo. Tinha algo que eu precisava fazer, mas eu ainda não conseguia lembrar. “O que aconteceu?”

A mão dele voltou para meu quadril, e ele me puxou em um apertado abraço. “Você me salvou,” ele murmurou no meu ouvido. “Você me salvou, Roza. Você me trouxe de volta para que pudéssemos ficar juntos.”

Eu tinha? Eu não tinha memória disso também. Mas tudo isso parecia tão real, e eu o senti tão maravilhoso. Eu sentia falta dos braços dele ao meu redor. Ele me segurou quando Strigoi, mas nunca tinha parecido como isso. E quando ele se abaixou e me beijou, eu soube com certeza que ele não era um Strigoi. Eu não sei como posso ter me enganado na casa de Galina. Era o beijo de quando ele estava vivo. Ele queimou dentro da minha

alma, e enquanto meus lábios se pressionavam mais ansiosamente nos dele, eu senti aquela conexão, a que me disse que não havia mais ninguém no mundo a não ser ele.

Só que, eu não conseguia abandonar o sentimento de que eu não deveria estar aqui. Mas onde eu deveria estar? Lissa... algo com Lissa... Eu quebrei o beijo mas não o abraço. Minha cabeça descansou contra seu peito. “Eu realmente salvei você?”

“Seu amor foi forte demais. Nosso amor era muito forte. Nem mesmo os mortos vivos puderam nos manter separados.”

Eu queria acreditar nisso. Desesperadamente. Mas aquela voz ainda me importunando... Lissa. O que tinha com Lissa? Então, eu

lembrei. Lissa e Avery. Eu tinha que salvar Lissa de Avery. Eu me afastei de Dimitri, e ele me olhou surpreso.

“O que você está fazendo?”

“Isso não é real,” eu disse. “Isso é um truque. Você ainda é um Strigoi. Não podemos ficar juntos – não aqui, não entre os Moroi.”

“É claro que podemos.” Havia magoa naqueles olhos profundamente castanhos, e isso quebrou meu coração. “Você não quer ficar comigo?”

“Eu tenho que voltar para Lissa...”

“Deixe ela ir,” ele disse, se aproximando de novo. “Deixe tudo ir. Fique aqui comigo – podemos ter tudo o que sempre desejamos, Rose. Podemos ficar juntos todo dia, acordar juntos de manhã.”

“Não.” Eu me afastei ainda mais. Eu sabia que se eu não o fizesse, ele me beijaria de novo, e então eu realmente estaria perdida. Lissa precisava de mim. Lissa estava presa. A cada segundo, os detalhes sobre Avery estavam voltando para mim. Isso tudo era uma ilusão.

“Rose?” ele perguntou. Havia tanta dor em sua voz. “O que você está fazendo?”

“Sinto muito,” eu disse, me sentindo prestes a chorar. Lissa. Eu preciso chegar até Lissa. “Isso não é real. Você se foi. Você e eu nunca poderemos ficar juntos, mas eu ainda posso ajudar ela.”

“Você ama ela mais do que a mim?”

Lissa tinha me perguntado quase a mesma coisa quando parti para caçar Dimitri. Minha vida estava fadada a sempre escolher entre eles.

“Eu amo os dois,” eu respondi.

E com isso, eu usei toda minha vontade para voltar para Lissa, onde quer que ela estava, e me tirar dessa fantasia. Honestamente, eu poderia ter passado o resto dos meus dias naquele mundo de faz de conta, ficar com Dimitri naquela casa, acordando com ele a cada manhã como ele disse. Mas não era real.

Era fácil demais, e se eu aprendi alguma coisa, é que a vida não é fácil.

O esforço foi excruciante, mas de repente, eu me encontrei olhando para o quarto em St. Vladimir. Eu me foquei em Avery que estava olhando para mim e Lissa. Ela pegou a memória que me atormentou mais, tentando me confundir e me tirar de Lissa com uma fantasia do que eu queria mais do que qualquer coisa no mundo. Eu lutei contra armadilha da mente de Avery e me senti orgulhosa disso – apesar da dor no meu coração. Eu queria poder me comunicar diretamente com ela e fazer alguns comentários sobre o que eu pensava sobre os jogos mentais dela. Isso estava fora de cogitação, então ao invés disso,

eu joguei minha vontade em Lissa mais uma vez, e juntas, saímos da beira da janela e pisamos no chão do quarto.

Avery estava visivelmente suando, e quando ela percebeu que perdeu sua guerra psíquica, o rosto bonito dela ficou muito feio. “Tudo bem,” ela disse. “Tem jeitos mais fáceis de te matar.”

Reed de repente entrou no quarto, parecendo mais hostil do que nunca. Eu não fazia ideia de onde ele tinha vindo ou como ele sabia que era para aparecer ali, mas ele foi direto em direção a Lissa, as mãos esticadas. Aquela janela aberta estava atrás dela, e não era preciso um gênio para adivinhar as intenções dele. Avery tentou fazer Lissa pular usando compulsão. Reed iria empurrar ela.

Uma conversa mental voou entre Lissa e eu no espaço de um segundo.

Ok, eu disse a ela. A situação é a seguinte. Vamos ter que fazer uma pequena inversão de papéis.

Do que você está falando? Medo passou por ela, o que era compreensível, já que as mãos de Reed estavam a segundos de distância de agarrar ela.

Bem, eu disse, eu acabei de fazer a luta psíquica. O que significa que você vai ter que lutar. E eu vou te mostrar como.

VINTE E OITO

Lissa não tinha que falar nada para expressar seu choque. Os sentimentos de absoluta surpresa se derramando em mim diziam mais do que qualquer palavra poderia ter dito. Eu, contudo, tinha uma palavra mais importante para ela.

Abaixa!

Eu acho que foi a sua surpresa que a fez responder tão rápido. Ele se jogou no chão. O movimento era desajeitado, mas removeu seu corpo da direção do ataque de Reed e a colocou (principalmente) fora do alcance da janela. Ele ainda colidiu com ela no ombro e com o lado da cabeça, mas isso apenas a chocou e causou-lhe um pouco de dor.

Claro, “um pouco de dor” significava coisas totalmente diferentes para nós. Lissa tinha sido torturada algumas vezes, mas a maioria das batalhas dela eram mentais. Ela nunca tinha estado em uma confrontação física um-a-um. Ser jogada contra uma parede era uma ocorrência normal para mim, mas para ela, uma pequena batida na cabeça era monumental.

Engatinhe para longe, eu ordenei. Vá para longe dele e da janela. Se encaminhe para a porta se possível.

Lissa começou a se mover pelas suas mãos e pés, mas ela era muito lenta. Reed conseguiu agarrá-la pelo cabelo. Eu meio que senti como se estivéssemos participando do jogo do telefone. Com a demora entre eu dando as direções e ela tentando entender como responder, eu poderia muito bem estar passando a mensagem por cinco pessoas antes de chegar nela. Eu queria poder controlar o corpo dela como um fantoche, mas eu não era um usuário de Espírito.

Isso vai doer, mas se vire da melhor forma que puder e bata nele.

Oh, isso doeu. Tentar girar seu corpo significava que o aperto dele nos cabelos dela puxava muito mais dolorosamente. Ela ministrou isso razoavelmente bem, entretanto, e deu um soco em Reed. Os socos dela não eram assim tão coordenados, mas eles o surpreenderam o suficiente que ele largou o cabelo dela e tentou se defender. Foi aí que eu percebi que ele também não era tão coordenado assim. Ele era mais forte do que ela, verdade, mas ele obviamente não tinha nenhum treinamento de combate além de socos básicos e lançar seu corpo como arma. Ele não tinha vindo aqui para uma luta de verdade; ele tinha vindo só para empurrá-la pela janela e pronto.

Saia daí se você conseguir; saia daí se você conseguir.

Ela se levantou do chão, mas infelizmente seu caminho de fuga não dava a ela acesso a porta. Ao invés, ela se moveu cada vez mais para dentro do quarto até suas costas baterem em uma cadeira com rodinhas.

Pegue isso. Bate nele com isso.

Mais fácil falar do que fazer. Ele estava bem ali, ainda tentando pegá-la e tirá-la do chão. Ela segurou a cadeira e tentou afastá-lo com isso.

Eu queria que ela pegasse a cadeira e batesse nele com ela, mas isso não era tão fácil assim para ela. Ela conseguiu, no entanto, ficar de pé e colocar a cadeira entre eles. Eu

mandei ela continuar batendo nele com ela em um esforço de fazer ele se retirar. Isso funcionou um pouco, mas ela não tinha força o suficiente para machucá-lo.

Enquanto isso, eu meio que esperava Avery se juntar a luta. Não teria sido muito esforço para ela ajudar Reed a subjugar Lissa. Ao invés, pelo canto do olho de Lissa, eu vi Avery sentada perfeitamente parada, seus olhos desfocados e levemente vidrados. Ok. Isso era estranho, mas eu não tinha nenhuma reclamação sobre ela estar fora do conflito.

Sendo assim, Lissa e Reed estavam em um beco sem saída, um que eu tinha que tirá-la. Você está na defensiva, eu disse. Você precisa tirar o ataque dele.

Eu finalmente consegui uma resposta direta. O que? Eu não consigo fazer algo assim! Eu não tenho ideia de como fazer isso!

Eu mostrarei a você. Chute ele – preferencialmente entre as pernas. Isso derruba a maioria dos caras.

Sem palavras, eu tentei mandar a sensação para ela, ensinando a ela o modo certo de tencionar os músculos e golpear. Se preparando, ela jogou a cadeira para longe assim não teria nada entre ela e Reed. Isso o pegou de surpresa, dando a ela uma momentânea abertura. A perna dela golpeou. Errando o lugar de ouro, mas acertando o joelho dele. Aquilo era quase tão bom quanto. Ele tropeçou para trás enquanto a sua perna desmoronava embaixo dele mas conseguiu agarrar a cadeira para suportá-lo. Ela rolou, o que não o ajudou muito.

Lissa não precisou de nenhuma persuasão para correr para a porta naquele momento – exceto que ela estava bloqueada. Simon tinha acabado de entrar. Por um momento, Lissa e eu nos sentimos aliviadas. Um guardião! Guardiões eram seguros. Guardiões nos protegiam. A coisa era que, esse guardião trabalhava para Avery, e logo se tornou claro que os seus serviços iam além de meramente manter Strigois longe dela. Ele se apressou para dentro, e sem hesitação agarrou Lissa e a arrastou severamente de volta para a janela.

Meus comandos hesitaram naquele momento. Eu tinha sido uma boa treinadora em mostrá-la como se defender de um adolescente mal humorado. Mas um guardião? E ainda esse adolescente mal humorado tinha se recuperado e se juntado a Simon para terminar o trabalho.

Use a compulsão nele!

Essa era minha última tentativa desesperada. Esta era a força de Lissa. Infelizmente, enquanto a recente bebedeira dela já tinha sido

metabolizada o suficiente para a coordenação dela ter melhorado, isso ainda estava afetando o controle do Espírito. Ela conseguia tocar no poder – mas não muito dele. Seu controle também não era muito bom.

Todavia, sua determinação era grande. Ela concentrou o quanto de Espírito que ela pode, canalizando isso na compulsão. Nada aconteceu. Então, eu senti aquela estranha sensação em minha cabeça. Primeiramente eu pensei que Avery estava de volta a ação, só que ao invés de estar tentando me alcançar, isso estava tentando alcançar Lissa através de mim.

O poder surgiu em Lissa, e eu percebi o que aconteceu. Oksana ainda estava lá, em algum lugar no plano de fundo, e ela estava emprestando sua força novamente, canalizando ela através de mim e para dentro de Lissa. Simon congelou, e isso foi quase engraçado. Ele se contraiu levemente, balançando para frente e para trás enquanto ele

tentava avançar nela para finalizar a sua mortal tarefa. Era como se ele estivesse suspenso em gelatina.

Lissa estava hesitante em se mover, por medo de quebrar o controle dela. Havia também o detalhe que Reed não estava sob compulsão, mas naquele momento, ele parecia muito confuso sobre o que estava acontecendo com Simon para reagir.

“Você não pode apenas me matar!” Lissa gritou. “Você não acha que as pessoas vão fazer perguntas quando eles encontrarem meu corpo jogado pela janela?”

“Eles não vão perceber,” disse Simon rigidamente. Mesmo para falar requeria esforço. “Não quando você for ressuscitada. E se você não puder ser, então isso será apenas um trágico acidente que aconteceu com uma garota problemática.”

Lentamente, lentamente, ele começou a se libertar da compulsão dela. O poder dela, mesmo ainda ali, estava enfraquecendo um pouco – havia um vazamento em algum lugar, e isso estava sugando o poder para fora. Eu suspeitava que isso pudesse ser a influencia

de Avery ou simplesmente a fadiga mental de Lissa. Talvez ambos. Um olhar de total satisfação cruzou as feições de Simon enquanto ele se lançava para frente, e aí –

Ele congelou de novo.

Uma brilhante aura dourada iluminou a visão periférica de Lissa. Ela olhou para lá só o suficiente para ver Adrian na entrada. A expressão em seu rosto era cômica, mas chocada ou não, ele tinha entendido o suficiente para mirar em Simon. Era a compulsão de Adrian que estava segurando o guardião no lugar agora. Lissa se retorceu para longe, ainda tentando se manter fora da maldita janela aberta.

“Segure ele!” gritou Lissa.

Adrian fez uma careta. “Eu... não consigo. Que inferno? É como se houvesse mais alguém aqui...”

“Avery,” disse Lissa, jogando um breve olhar para a outra garota. O rosto de Avery estava pálido mesmo para um Moroi. A respiração dela estava pesada, e ela estava suando ainda mais. Ela estava lutando contra a compulsão de Adrian. Alguns segundos depois, Simon se libertou novamente. Ele avançou para Lissa e Adrian, apesar de seus movimentos parecerem lentos.

Filha da mãe, eu pensei.

Agora o que? Exigiu Lissa.

Reed. Vá atrás de Reed. Tire ele de cena.

Reed tinha congelado durante a luta com Simon, assistindo com fascinação. E como com o guardião, as reações de Reed pareciam um pouco lentas. Ainda, ele estava indo em direção a Lissa de novo. Simon aparentemente tinha decidido que Adrian era a ameaça imediata e estava indo em sua direção. Hora de ver se dividir e conquistar daria certo.

O quanto a Adrian? Perguntou Lissa.

Nós vamos ter que deixar ele por conta própria por um minuto. Vá atrás de Reed. Derrube ele.

O que???

Mas ela avançou para cima dele de qualquer maneira, movendo-se com uma determinação que me encheu de orgulho. O rosto dele se contorceu em um rosnado. Ele estava furioso e super confiante, apesar de – não pensando claramente e ainda estar se movendo de uma forma desajeitada. Mais uma vez, eu tentei ensinar Lissa sem palavras.

Eu não poderia fazer ela fazer nada, mas eu tentei fazê-la sentir como que era dar um soco em alguém. Como puxar o braço para trás, curvar seus dedos do modo apropriado e juntar força. Depois do que eu a tinha visto fazer mais cedo, o melhor que eu poderia esperar era por uma aproximação decente do que seria um soco, suficiente para mantê-lo longe dela e deixá-lo por um tempo fora da ação.

E foi aí que algo realmente bonito aconteceu.

Lissa socou ele no nariz. Isso mesmo, socou. Nós duas ouvimos o impacto, ouvimos o nariz quebrando. Sangue começou a sair. Ele voou para trás, ele e Lissa se encarando com olhos arregalados. Nunca, nunca eu teria pensado que Lissa fosse capaz de algo como isso. Não a doce, delicada e bonita Lissa.

Eu queria gritar e dançar de felicidade. Mas isso ainda não estava acabado.

Não pare! Bata nele de novo. Você tem que derrubá-lo!

Eu consegui! Ela gritou, horrorizada pelo que tinha feito. O seu punho também estava com uma dor agonizante. Eu realmente não tinha mencionado essa parte durante minha orientação.

Não, você tem que deixá-lo incapacitado, eu disse a ela. Eu acho que ele e Avery tem um laço, e eu acho que ela está pegando sua energia dele. Isso fazia sentido agora, porque ele tinha congelado enquanto Avery acumulava poder para usar a compulsão, porque ele sabia que tinha que aparecer quando ele apareceu. Ela tinha usado a ligação deles para chamá-lo.

E aí Lissa foi atrás de Reed de novo. Ela conseguiu dar mais dois socos, um dos quais fez a cabeça dele bater contra a parede. Os lábios dele se partiram e suas feições ficaram frouxas. Ele caiu no chão, olhos encarando o nada. Eu não tinha certeza se ele estava inteiramente inconsciente, mas ele estava fora disso por um momento. Do outro lado, eu ouvi um baixo lamurio de Avery.

Lissa se virou para Adrian e Simon. Adrian tinha cessado qualquer tentativa de compulsão, porque Simon estava ocupado atacando com tudo que tinha. O rosto de Adrian mostrava que ele tinha levado alguns socos, e eu percebi, assim como Lissa, que ele nunca tinha se comprometido nesse tipo de combate físico. Sem precisar de nenhuma instrução minha. Lissa marchou para lá e começou a usar a compulsão. Simon sacudiu em surpresa, não parando o seu ataque, mas pego fora de guarda. Lissa ainda estava fraca, mas a proteção ao redor dele tinha diminuído um pouco, assim como eu tinha esperado que acontecesse.

“Me ajude!” Lissa gritou.

Com o momentâneo lapso da parte de Simon, Adrian tentou utilizar seu Espírito também. Lissa sentiu e viu a mudança na aura dele enquanto a mágica fluía por ele. Ela o sentiu juntar-se a ela no seu ataque psíquico a Simon, e um momento depois, eu senti Oksana se unindo a briga. Eu queria bancar a comandante e gritar ordens, mas essa não era mais minha batalha.

Os olhos de Simon se arregalaram, e ele caiu de joelhos. Lissa podia sentir os outros dois usuários de espírito – e estava um pouco surpresa pela presença de Oksana – e tinha uma vaga impressão que eles estavam fazendo coisas ligeiramente diferentes a Simon. Lissa estava tentando compeli-lo a parar o seu ataque, a simplesmente parar sentado. O

breve encontro dela com a mágica de Adrian dizia que ele estava tentando fazer o guardião dormir, e Oksana estava tentando fazer Simon sair correndo do quarto.

As mensagens conflitantes e todo aquele poder foi demais. A última das defesas de Simon caiu enquanto todas aquelas

mensagens misturadas explodiam dentro dele, criando uma onda devastadora de Espírito. Ele caiu no chão. Com toda a mágica deles combinada, os usuários de Espírito tinham deixado ele inconsciente. Lissa e Adrian viraram para Avery, se preparando, mas não havia precisão.

Logo que todo aquele Espírito tinha explodido dentro de Simon, Avery começou a gritar. E gritar e gritar. Ela agarrou os lados de sua cabeça, o som da voz dela era horrível e áspera. Lissa e Adrian olharam um para o outro, sem saber como lidar com esse novo acontecimento.

“Pelo amor de Deus,” ofegou Adrian, exausto. “Como nós calamos ela?”

Lissa não sabia. Ela considerou se aproximar de Avery e tentar ajudá-la, apesar de tudo que tinha acontecido. Mas alguns segundos depois, Avery ficou quieta. Ela não desmaiou como tinham seus companheiros. Ela apenas ficou ali sentada, encarando. Sua expressão não mais assemelhando-se ao olhar ofuscado que ela tinha tido quando estava utilizando o Espírito. Ele era apenas... apagado. Como se não tivesse nada dentro dela afinal.

“O q-que aconteceu?” perguntou Lissa.

Eu tinha a resposta. O Espírito fluiu de Simon para ela. E a fritou.

Lissa estava assustada. Como isso poderia ir de Simon pra ela?

Porque eles tinham uma ligação.

Você disse que ela era ligada a Reed!

Ela é. Ela tem uma ligação com os dois.

Lissa estava muito distraída enquanto lutava por sua vida, mas eu tinha sido capaz de notar a aura de todos através dos olhos dela. Avery – não mais mascarando a dela – tinha possuído uma dourada, assim como Adrian e Lissa. Simon e Reed tinha auras praticamente idênticas, com cores comuns – circuladas em preto.

Eles eram shadow-kissed, ambos foram trazidos de volta dos mortos por Avery.

Lissa não perguntou mais nada e simplesmente desmoronou nos braços de Adrian. Não havia nada de romântico sobre isso, apenas uma necessidade desesperada de ambas as partes de estar perto de um amigo.

“Porque você veio?” ela perguntou a ele.

“Você está brincando? Como eu não viria? Vocês eram como uma fogueira com todo o espírito que vocês estavam usando. Eu senti isso todo o caminho através do campus.” Ele olhou ao redor. “Cara, eu tenho um monte de perguntas.”

“Você e eu,” ela murmurou.

Eu tenho que ir, eu disse a Lissa. Eu me senti um pouco melancólica por ter que deixá-los.

Eu sinto sua falta. Quando você irá voltar?

Logo.

Obrigada. Obrigada por ter estado aqui por mim.

Sempre. Eu suspeito que eu estava sorrindo de volta em meu próprio corpo. Oh, e Lissa? Diga a Adrian que eu estou orgulhosa dele.

O quarto da academia desapareceu. Eu estava mais uma vez sentada na cama do outro lado do mundo. Abe estava me olhando com preocupação. Mark também estava preocupado, mas ele só tinha olhos para Oksana, que estava deitada ao meu lado. Ela parecia um pouco como Avery, pálida e suada. Mark batia na mão dela freneticamente, coberto de medo. “Você está bem?”

Ela sorriu. “Apenas cansada. Eu ficarei bem.”

Eu queria abraçá-la. “Obrigada,” eu respirei. “Muito obrigada.”

“Eu estou feliz por ter ajudado,” ela disse. “Mas eu espero não ter que fazer isso de novo. Foi... estranho. Eu não tenho certeza de que papel eu estava fazendo lá.”

“Eu também não.” Tinha sido estranho, as vezes era como se Oksana tivesse realmente estado lá, lutando ao lado de Lissa e os

outros. Outras horas, eu sentia como se Oksana tivesse se fundido comigo. Eu estremeci. Muitas mentes ligadas juntas.

“Na próxima vez, você tem que estar ao lado dela,” disse Oksana. “No mundo real.”

Eu olhei para as minhas mãos, confusa e incerta do que pensar. O anel de prata brilhou. Eu o tirei e ofereci a ela.

“Esse anel me salvou. Ele pode te curar mesmo que você o tenha feito?”

Ela o segurou em sua mão por um momento e então me deu de volta. “Não, mas como eu disse, eu vou me recuperar. Eu me curo depressa por conta própria.”

Era verdade. Eu vi Lissa se curar notavelmente rápido no passado. Era parte de sempre ter o Espírito em você. Eu olhei para o anel, e algo inquietante veio a minha mente. Era um pensamento que tinha me ocorrido enquanto estava no carro com o velho casal para Novosibirsk, enquanto minha consciência vinha e voltava.

“Oksana... um Strigoi tocou esse anel. E por alguns momentos – enquanto ele o segurava – foi como... bem, ele ainda é um Strigoi, sem dúvida. Mas enquanto ele o segurava, ele era quase como costumava ser também.”

Oksana não respondeu logo. Ela olhou para Mark, e eles seguraram o olhar um do outro por um longo tempo. Ele mordeu o lábio e balançou a cabeça.

“Não,” ele disse. “É um conto de fadas.”

“O que?” eu exclamei. Eu olhei de um para o outro. “Se você sabe de alguma coisa sobre isso – sobre Strigoi – você tem que me dizer!”

Mark falou severamente em russo, um aviso em sua voz. Oksana parecia igualmente determinada. “Não é nosso lugar reter informação,” ela respondeu.

Ela virou para mim, rosto sério. “Mark te contou sobre o Moroi que nós conhecemos a muito tempo atrás... o outro usuário de

Espírito?”

Eu confirmei com a cabeça. “Yeah.”

“Ele costumava contar um monte de histórias – a maioria das quais eu não acho que fossem verdadeiras. Mas uma delas... bem, ele reivindicava que tinha restaurado a vida de um Strigoi.”

Abe, calado até agora, zombou. “Isso é um conto de fadas.”

“O que?” meu mundo inteiro girou. “Como?”

“Eu não sei. Ele nunca explicou muito, e os detalhes frequentemente mudavam. A mente dele estava se acabando, e eu acho que metade do que ele dizia era imaginação,” ela explicou.

“Ele era louco,” Mark disse. “Não era verdade. Não se deixe levar pela fantasia de um homem louco. Não se apegue a isso. Não deixe isso se tornar sua próxima caçada. Você precisa voltar para a sua parceira de laço.”

Eu engoli, toda emoção do mundo se agitando no meu estômago. Era verdade? Um usuário de Espírito tinha restaurado a vida de um strigoi? Teoricamente... bem, se usuários de espírito podiam curar e trazer de volta os mortos, porque não os mortos vivos? E Dimitri... Dimitri definitivamente parecia alterado enquanto segurava o anel.

O espírito tinha afetado ele e tocado em algum pedaço do seu eu-antigo? No hora, eu só assumi que eram recordações de afeto do carinho que a família tinha por ele...

“Eu preciso falar com esse cara,” eu murmurei.

Não que eu soubesse porque. Conto de fadas ou não, era tarde demais. Eu tinha feito. Eu tinha matado Dimitri. Nada poderia trazê-lo de volta agora, nenhum milagre do espírito. Meu coração bateu mais rápido, eu mal conseguia respirar. Em minha mente, eu o via caindo, caindo, caindo... caindo para sempre com uma estaca em seu peito. Ele teria dito que me amava? Eu me perguntaria isso pelo resto da minha vida.

Agonia e aflição me inundaram, entretanto ao mesmo tempo, também havia alívio. Eu tinha libertado Dimitri de ser algo do mal. Eu tinha trazido paz a ele, o enviando para a felicidade. Talvez ele e Mason estivessem juntos no céu em algum lugar, praticando alguns movimentos de guardião. Eu tinha feito a coisa certa. Não deveria haver nenhuma lamentação sobre isso.

Inconsciente a minhas emoções, Oksana respondeu a minha última declaração. “Mark não estava brincando. Esse homem é louco – mesmo se ele ainda estiver vivo. A última vez que nós o vimos, ele mal conseguia continuar uma conversa ou mesmo usar sua mágica. Ele fugiu para se esconder. Ninguém sabe onde ele está – exceto talvez seu irmão.”

“Chega,” advertiu Mark.

A atenção de Abe no entanto, virou curiosidade. Ele se inclinou para frente, astuto como sempre. “Qual era o nome desse homem?”

“Robert Doru,” Mark disse depois de alguns momentos de hesitação.

Não era ninguém que eu conhecesse, e eu percebi como insensato tudo isso era. Esse cara era uma causa perdida e tinha provavelmente imaginado toda a coisa de ter salvado um Strigoi em um momento de insanidade. Dimitri se foi. Essa parte da minha vida estava terminada. Eu precisava voltar para Lissa. Aí então, eu percebi que Abe tinha ficado imóvel.

“Você o conhece?” eu perguntei.

“Não. E você?”

“Não.” Eu examinei o rosto de Abe. “Você com certeza parece como se soubesse de alguma coisa, Zmey.”

“Eu sei sobre ele,” Abe clarificou. “Ele é uma realeza ilegítima. Seu pai teve um caso, e Robert foi o resultado. Seu pai na verdade o incluiu como parte da família. Robert e seu meio-irmão tornaram-se bem próximos, porém poucos sabem sobre isso.” Claro que Abe saberia sobre isso. “Doru é o sobrenome da sua mãe.”

Sem surpresa. Doru não era um nome da realeza. “Qual era o sobrenome do seu pai?”

“Dashkov. Trenton Dashkov.”

“Este,” eu disse a ele, “é um nome que eu conheço.”

Eu tinha encontrado Trenton Dashkov anos atrás enquanto acompanhava Lissa e sua família a uma festa de férias de feriado real. Trenton era um velho e curvado homem até então, bondoso mais na beira da morte. Moroi frequentemente vivem até o cem anos, mas ele já tinha passado dos 120 – o que era velho mesmo para os padrões deles. Não havia tido nenhum sinal ou sussurro sobre ele ter um filho ilegítimo, mas o filho legítimo de Trenton estava lá. Esse filho tinha até dançado comigo, mostrando uma grande cortesia a uma humilde garota dhampir.

“Trenton é o pai de Victor Dashkov,” eu disse. “Você está dizendo que Robert Doru é o meio irmão de Victor Dashkov.”

Abe confirmou com a cabeça, ainda me olhando de perto. Abe, como eu tinha notado, sabia de tudo. Ele provavelmente sabia da minha história com Victor.

Oksana franziu a testa. “Victor Dashkov é alguém importante, não é?” Lá na cabana na Sibéria deles, ela foi afastada do tumulto das políticas dos Moroi, sem saber que o homem que teria sido rei estava trancado em uma prisão.

Eu comecei a rir – mas não porque eu achei alguma graça na situação. Essa coisa toda era inacreditável, e minha histeria era o único jeito de deixar sair todos os loucos sentimentos dentro de mim. Exasperação. Resignação. Ironia.

“O que é tão engraçado?” perguntou Mark, assustado.

“Nada,” eu disse, sabendo que se eu não parasse de rir, eu provavelmente começaria a chorar. “Essa é a coisa. Isso não é de forma nenhuma engraçado.”

Que maravilhosa reviravolta para a minha vida. A única pessoa viva que poderia saber algo sobre salvar Strigoi era o meio irmão do

meu maior inimigo, Victor Dashkov. E a única pessoa que poderia saber onde Robert estava era o próprio Victor.

Victor sabia muito sobre espírito, e agora eu tinha uma boa ideia de onde ela tinha começado a aprender sobre isso.

Não que isso importasse. Nada disso importava mais. O próprio Victor seria capaz de converter Strigoi por todo o bem que teria me feito.

Dimitri foi morto pelas minhas mãos. Ele se foi, salvo pelo único jeito que eu sabia. Eu tinha escolhido entre ele e Lissa uma vez antes, e eu tinha escolhido ele. Agora não poderia haver dúvida. Eu escolhia ela. Ela era real. Ela estava viva. Dimitri era o passado.

Eu estava encarando a parede de forma distraída, e agora olhando para cima eu encontrei diretamente com os olhos de Abe.

“Certo, velho,” eu disse. “Me empacote e me mande para casa.”

VINTE E NOVE

O vôo foi mais como trinta horas.

Sair do meio da Sibéria para o meio de Montana não era fácil. Eu voei de Novosibirsk para Moscou para Amsterdã para Seattle para Missouri. Quatro vôos diferentes. Cinco aeroportos diferentes. Muita correria. Era exaustivo, mas quando entreguei meu passaporte para voltar para os EUA, em Seattle, eu senti uma estranha onda de emoção em mim... alegria e alívio.

Antes de partir da Rússia, eu pensei que Abe fosse voltar comigo e terminar ele mesmo sua tarefa, me entregando em mãos para quem quer que tenha contratado ele.

"Você realmente vai voltar agora, não vai?" ele perguntou no aeroporto. "Para a escola? Você não vai descer em nenhuma das suas paradas e desaparecer?"

Eu sorri. "Não. Vou voltar para St. Vladimir."

"E você vai ficar lá?" ele pressionou. Ele não parecia tão perigoso quanto havia parecido em Baia, mas eu podia ver um brilho de dureza em seus olhos. Meu sorriso diminuiu. "Eu não sei o que vai acontecer. Eu não tenho mais um lugar lá."

"Rose –"

Eu ergui minha mão para impedir ele, surpresa com minha própria determinação. "Chega. Nenhum especial de depois das aulas. Você disse que foi contratado para me fazer voltar. Não é seu trabalho dizer o que eu vou fazer depois disso." Pelo menos, eu esperava que não. Quem quer que fosse que me queria de volta tinha que ser alguém na academia. Eu estaria lá em breve. Eles tinham ganhado. Os serviços de Abe não eram mais requeridos.

Apesar da vitória dele, ele não parecia feliz em me deixar ir. Olhando para o quadro de partidas, ele suspirou. "Você precisa

passar pela segurança, ou vai perder seu vôo.”

Eu acenei. “Obrigado por...” Pelo que exatamente? Ajuda dele? “... por tudo.”

Eu comecei a me afastar, mas ele tocou meu ombro. “Isso é tudo que você vai usar?”

A maior parte das minhas roupas ficaram espalhadas pela Rússia. Um dos alquimistas encontrou tênis, jeans, e um suéter, mas era com isso que eu teria que viajar de volta aos EUA. “Eu não preciso de mais nada.” Eu disse a ele.

Abe arqueou a sobrancelha. Virando para um dos seus guardiões, ele fez um pequeno gesto em minha direção. Imediatamente, o guardião tirou seu casaco e me entregou. O cara era magro mas o casaco dele ainda era grande demais para mim.

“Não, eu não preciso –”

“Pegue,” ordenou Abe.

Eu o peguei, e para meu choque, Abe começou a tirar seu cachecol do pescoço. Era um dos seus bons: cashmere, tecido com cores brilhantes, mais apropriado para o caribe do que para Montana. Eu comecei a protestar também, mas o olhar dele me silenciou. Eu coloquei o cachecol ao redor do meu pescoço e o agradei, me perguntando se o veria de novo. Eu não me incomodei em perguntar porque eu tinha o pressentimento que ele não iria me dizer mesmo.

Quando finalmente pousei em Missouri 30 horas mais tarde, eu tinha certeza que não queria voar em um avião tão cedo – em, tipo, nos próximos cinco anos. Talvez dez. Sem

bagagem, sair do aeroporto foi fácil. Abe tinha informado sobre minha chegada, mas eu não fazia ideia quem eles mandariam alguém para me pegar. Alberta, que comandava os guardiões em St. Vladimir, parecia a escolha provável. Ou talvez minha mãe. Eu não sabia onde ela estava no presente momento, e de repente, eu realmente, realmente queria ver ela. Ela seria uma escolha lógica também.

Então foi com surpresa que eu vi que a pessoa esperando por mim na saída do aeroporto era Adrian.

Um sorriso se espalhou no meu rosto, e eu aumentei meu ritmo. Eu joguei meus braços ao redor dele, surpreendendo nós dois. “Eu nunca estive tão feliz em ver você em toda minha vida,” eu disse.

Ele me apertou com força e então me soltou, me admirando. “Os sonhos nunca fazem justiça a vida real, pequena dhampir. Você está incrível.” Eu me limpei depois de lutar com Strigoj, e Oksana continuou a me curar apesar dos meus protestos – até mesmo os ferimentos no meu pescoço, os quais ela nunca perguntou nada. Eu não queria que mais ninguém soubesse sobre eles.

“E você está...” Eu o estudei. Ele estava bem vestido, com um casaco meio comprido e um cachecol verde que combinava com seus olhos. O cabelo castanho escuro dele tinha aquela bagunça que ele gostava, mas o seu rosto – ah, bem. Eu notei antes, Simon tinha dado alguns socos nele. Um dos olhos de Adrian estava inchado e marcado com ferimentos. Mesmo assim, pensar sobre ele e tudo o que ele fez... bem, nenhuma dessas falhas importavam. “...lindo.”

“Mentirosa,” ele disse.

“Lissa não poderia ter curado o olho roxo imediatamente?”

“É um ferimento de honra. Me faz parecer mais masculino. Anda, sua carruagem te espera.”

“Porque eles enviaram você?” eu perguntei enquanto caminhávamos em direção ao estacionamento. “Você está sóbrio, não está?”

Adrian não se dignou a responder. “Bem, a escola não tem nenhuma responsabilidade oficial com você, já que você abandonou e tudo mais. Então eles não são realmente obrigados a virem te buscar. Nenhum dos seus outros amigos pode sair do campus... mas eu? Eu sou espírito, andando por aí. Então peguei um carro emprestado, e aqui estou.”

As palavras dele provocaram reações misturadas em mim. Eu estava tocada por ele ter tido o trabalho de vir aqui mas incomodada

com a parte sobre a escola não ter responsabilidade por mim. Por toda minha viagem, eu fiquei pensando em St. Vladimir como meu lar... ainda sim, nos termos mais técnicos, realmente não era mais. Eu poderia ser apenas um visitante.

Enquanto começávamos a sair com o carro, Adrian me contou sobre o pós luta na escola. Depois do grande show psíquico, eu não entrei muito na mente de Lissa. Oksana tinha curado meu corpo, mas mentalmente, eu ainda estava exausta e lamentando. Embora eu tenha cumprido o que fui fazer, a imagem de Dimitri caindo e caindo ainda me atormentava.

“Acabou que você tinha razão sobre Avery ter um laço com Simon e Reed,” Adrian disse. “Pelas informações que conseguimos reunir. Parece que Simon foi morto em uma

luta que Avery testemunhou anos atrás. Todos pensaram que foi um milagre ele ter sobrevivido, sem perceber a verdade.”

“Então ela manteve seus poderes escondidos como o resto de vocês,” eu disse. “E então Reed morreu mais tarde?”

“Bem, aí é que está a coisa estranha,” disse Adrian, franzindo. “Ninguém sabe dizer quando ele morreu. Eu quero dizer, ele é da realza. Ele foi paparicado a vida toda, certo? Mas baseado no que conseguimos tirar dele – o que não foi muito, já que todos eles estão bem acabados agora – parece que Avery pode ter matado ele intencionalmente e então trazido ele de volta.”

“Como com Lissa,” eu disse, lembrando das palavras de Simon durante a briga. “Avery queria matar ela, trazer ela de volta, e se ligar a ela. Mas porque Lissa dentre todas as pessoas?”

“Meu palpite? Porque ela é uma usuária de espírito. Agora que espírito não é mais um segredo, era só questão de tempo antes de Avery saber sobre Lissa e eu. Eu acho que Avery pensou que se ligando com Lissa ela fosse aumentar seu próprio poder. Como estava, ela estava sugando muita energia daqueles dois.” Adrian balançou a cabeça. “Eu não estava brincando sobre sentir espírito por todo o campus. A quantidade que Avery tinha que usar para

compelir tantas pessoas, mascarar sua aura, e quem sabe mais o que... bem, era incrível.”

Eu olhei para a estrada diante de nós, considerando as consequências das ações de Avery. “E é por isso que Reed está tão perturbado – porque ele estava tão irritado e pronto para brigar. Ele e Simon estavam absorvendo toda aquela escuridão que ela estava produzindo ao usar espírito. Como o que eu faço com Lissa.”

“Yeah, só que você não é nada como aqueles caras. Não era tão óbvio com Simon – ele era melhor em manter o rosto limpo – mas os dois estavam no limite. E agora? Eles passaram do limite. Os três.”

Eu lembrei de Simon olhando para o nada e Avery gritando. Eu tremi. “Quando você diz passar do limite...?”

“Eu me refiro a total e completamente insanos. Aqueles três vão ficar internados pelo resto de suas vidas.”

“Por causa do que você... todos nós fizemos?” eu perguntei, perplexa.

“Parcialmente,” ele concordou. “Avery estava usando todo o seu poder em nós, e quando jogamos de volta para eles e então uma... bem, eu acho que foi uma sobrecarga na mente deles. E para ser honesto, considerando como Reed e Simon já estavam, o palco provavelmente já estava montado para isso. Com Avery também.”

“Mark tinha razão,” eu murmurei.

“Quem?”

“O outro shadow-kissed que encontrei. Ele estava falando sobre como Lissa e eu poderemos ser capazes de curar a escuridão uma da outra algum dia. É necessário um cuidadoso equilíbrio entre o usuário de espírito e o shadow-kissed. Eu ainda não entendo completamente, mas suponho que o pequeno circo de Avery de três não foi capaz de lidar com esse tipo de balanço. Eu não acho que se ligar a mais de uma pessoa seja saudável.”

“Huh.” Adrian não disse nada por um tempo e simplesmente ponderou tudo isso. Finalmente, ele riu. “Cara, não acredito que você encontrou outro usuário de espírito e um

shadow-kissed. É como encontrar uma agulha em um palheiro, mas esse tipo de coisa sempre acontece com você. Mal posso esperar para ouvir o que mais você esteve fazendo.”

Eu desviei o olhar e coloquei minha bochecha contra o vidro. “Na verdade não é muito interessante.”

Nenhum dos oficiais da academia sabia sobre meu papel na briga com Avery. Então não foi como se alguém tivesse me questionado sobre isso quando voltamos. Eles ainda estavam fazendo limpeza e fazendo a Adrian e Lissa muitas perguntas. Espírito era um fenômeno tão novo que nenhum deles sabia o que pensar sobre o que tinha acontecido. Avery e seus parceiros de laço foram levados para ajuda, e o pai dela já tinha saído em uma licença temporária. Adrian me registrou como convidada dele, o que me fez ganhar um passe para o campus. Como todos os visitantes, eu também recebi uma lista de onde eu ficaria e o que eu poderia e não poderia fazer. Eu prontamente a ignorei.

“Eu preciso ir,” eu disse a Adrian imediatamente.

Ele me deu um sorriso sábio. “Eu imaginei.”

“Obrigado... por ir me buscar. E desculpe por ter deixado você –”

Ele ignorou minhas preocupações. “Você não estava me deixando. Você voltou; isso é o que conta. Fui paciente todo esse tempo – eu posso aguentar um pouco mais.”

Eu mantive seus olhos por um momento, surpresa com os sentimentos quentes que de repente passaram dentro de mim. Eu os mantive para mim mesma, só dando a Adrian um rápido sorriso antes de sair andando pelo campus.

Eu recebi vários olhares estranhos quando fui para o dormitório de Lissa. Foi logo depois das aulas terem acabado, então o trânsito de alunos estava bem cheio com pessoas indo e voltando para chegar a algum lugar. Ainda sim, quando eu passei, silêncio caiu e as

peessoas pararam de andar e conversar. Eu me lembrei de quando Lissa e eu voltamos para a academia depois de fugir. Passamos pela cafeteria e recebemos um tratamento similar dos nossos colegas.

Talvez fosse minha imaginação, mas parecia pior dessa vez. Os olhares eram mais chocados. O silêncio mais pesado. Da última vez, eu acho que as pessoas acreditaram que nós tínhamos fugido como um tipo de brincadeira. Dessa vez, ninguém sabia porque parti. Eu saí do ataque da escola como uma heroína, só para abandonar e desaparecer. Eu acho que alguns dos colegas de dormitório de Lissa pensaram que estavam vendo um fantasma.

Ignorar as fofocas e opiniões dos outros era algo que eu tinha muita pratica, e eu passei pelos espectadores sem olhar para trás, subindo pelas escadas dois degraus por vez. Eu me fechei para os sentimentos de Lissa enquanto andava pelo corredor dela. Parecia bobo, mas eu queria que fosse surpresa. Eu só queria abrir meus olhos e ver ela pessoalmente, sem me preocupar em como ela estava se sentindo ou o que ela estava pensando. Eu bati na porta.

Adrian havia dito que me ver em sonhos não se comparava a me ver em pessoa. O mesmo era verdade com Lissa. Estar na mente dela não era nada como estar realmente perto dela. A porta abriu, e foi como se uma aparição se materializasse diante de mim, algum tipo de mensageiro descendo de cima. Eu nunca estive tanto tempo longe dela, e depois de todo esse tempo, parte de mim se perguntou se eu estava imaginando isso.

A mão dela foi para sua boca, e ela me olhou de olhos bem abertos. Eu acho que ela se sentia da mesma forma – e ela nem foi avisada da minha visita. Ela só foi avisada de que eu chegaria “logo”. Sem duvidas eu parecia um fantasma para ela também.

E com aquela reunião... era como se estivesse emergindo de uma caverna – uma em que estive pelas últimas 5 semanas – e entrado na luz do dia. Quando Dimitri se transformou, eu me sentia como se tivesse perdido parte de minha alma. Quando deixei Lissa, outro pedaço se foi. Agora, vendo ela... eu comecei a pensar que minha alma poderia ser curada. Talvez eu pudesse realmente seguir em

frente. Eu não me sentia 100% inteira ainda, mas a presença dela preencheu aquela parte sumida de mim. Eu me senti mais como eu mesma do que me sentia a séculos.

Várias perguntas e confusão estavam no silêncio entre nós. Apesar de tudo que passamos com Avery, ainda havia muitos assuntos não resolvidos de quando eu parti da escola. Pela primeira vez desde que pus o pé no terreno da escola, eu me sentia com medo. Medo que Lissa fosse me rejeitar ou gritar comigo pelo que eu havia feito.

Ao invés disso, ela me deu um gigante abraço. “Eu sabia,” ela disse. Ela já estava sufocando em seu choro. “Eu sabia que você iria voltar.”

“É claro,” eu murmurei sob o ombro dela. “Eu disse que iria.”

Minha melhor amiga. Eu tinha minha melhor amiga de volta. Se eu tivesse ela, eu poderia me recuperar do que havia acontecido na Sibéria. Eu poderia seguir com minha vida.

“Desculpe,” ela disse. “Sinto muito pelo que fiz.”

Eu me afastei surpresa. Entrando no quarto, fechei a porta atrás de nós. “Desculpe? O que você tem para sentir muito?” Apesar da minha alegria de ver ela, eu vim aqui esperando que ela ainda estivesse brava comigo por ter partido. Nenhuma daquela confusão com Avery teria acontecido se eu tivesse ficado. E eu me culpava.

Ela sentou na cama, os olhos molhados. “Pelo que eu disse... quando você partiu. Eu não tinha direito de dizer as coisas que disse. Eu não tenho direito de te controlar. E eu me sinto horrível porque...” Ela esfregou a mão nos olhos, tentando secar o pior das lágrimas. “Eu me sinto horrível porque eu te disse que não traria Dimitri de volta. Eu quero dizer, eu sei que não importava, mas eu deveria ter oferecido –”

“Não, não!” Eu sentei na frente dela e agarrei as mãos dela, ainda apavorada por estar com ela de novo. “Olhe para mim. Você não tem nada pelo que se desculpar. Eu disse coisas que não deveria ter dito também. Acontece quando as pessoas estão chateadas.

Nenhuma de nós deveria se sentir culpada por isso. E quanto a trazer ele de volta..." Eu suspirei. "Você fez a coisa certa ao se recusar. Mesmo que tivéssemos encontrado ele antes dele se transformar, não teria importado. Você não pode se ligar com segurança a mais de uma pessoa. Esse era o problema com Avery."

Bem, isso era parte do que havia dado errado com Avery. Manipulação e abuso de poder tinham tido um enorme papel também.

O choro de Lissa se aquietou. "Como você fez aquilo, Rose? Como você estava no fim quando eu precisei de você? Como você sabia?"

"Eu estava com outro usuário de espírito. Eu a conheci na Sibéria. Ela pode ativamente tocar a mente das pessoas – a de qualquer um, não só com quem ela tem um laço – e se

comunicar. Como Avery podia, na verdade. Oksana entrou na minha mente enquanto estava conectada com você. É realmente estranho como aconteceu." Para dizer o mínimo.

"Outro poder que eu não tenho," disse Lissa amargamente.

Eu sorri. "Hey, eu ainda estou pra conhecer outros usuários de espírito que podem dar um soco como você. Aquilo foi poesia em movimento, Liss."

Ela gemeu, mas senti o prazer dela ao usar o velho apelido. "Eu espero não ter que fazer aquilo nunca mais. Eu não fui feita para ser uma lutadora, Rose. Era você que estava no comando. Sou eu que espera com apoio moral e cura pós batalha." Ela ergueu suas mãos e olhou para elas. "Ugh. Não. Eu definitivamente não preciso de mais batidas e socos."

"Mas pelo menos agora você sabe que pode. Se quiser algum dia praticar..."

"Não!" ela riu. "Eu tenho coisas demais para praticar com Adrian agora – especialmente depois do que você me disse sobre mais e mais coisas que todo mundo pode fazer com espírito."

“Tudo bem. Talvez seja melhor que as coisas voltem a ser como eram.”

O rosto dela ficou sóbrio. “Deus, espero que sim. Rose... eu fiz tantas coisas idiotas enquanto Avery estava por perto.” Através da ligação, eu senti o seu maior arrependimento: Christian. O coração dela doía por ele, e ela derramou muitas lágrimas. Depois de ter Dimitri arrancado de mim, eu sabia como era perder esse tipo de amor, e eu jurei para mim mesma que eu faria algo para ajudar ela. Mas agora não era a hora. Ela e eu precisávamos nos reconectarmos primeiro.

“Mas você não conseguiu se impedir,” eu apontei. “Ela era muito forte na compulsão – especialmente quando ela fez você beber e matou suas defesas.”

“Yeah, mas nem todo mundo sabe ou vai entender isso.”

“Eles vão esquecer,” eu disse. “Eles sempre esquecem.”

Eu entendia a angustia dela por sua reputação, mas eu duvidava que houvesse um dano realmente permanente – fora Christian. Adrian e eu analisamos a manipulação de Avery e entendemos as coisas com o comentário de Simon sobre Lissa ter um infeliz acidente. Avery queria que Lissa parecesse instável naquele evento e Avery de alguma forma não teria a força para ressuscitar ela. Se Lissa realmente tivesse morrido, ninguém iria investigar muito. Depois de semanas de um comportamento maluco de bêbada, ela perder o controle e um acidente caindo da janela, seria trágico mas não uma possibilidade impossível.

“Espírito é um saco,” Lissa declarou. “Todos querem se aproveitar de você – não usuários como Victor e usuários como Avery. Eu juro, eu voltaria a meus remédios se não estivesse paranóica sobre me proteger de outras pessoas como Avery. Porque ela queria me matar e não o Adrian? Porque eu sou sempre o alvo?”

Eu não pude me impedir de sorrir apesar do assunto sério. “Porque ela queria você como serva e ele como namorado. Ela provavelmente queria um cara que fosse aumentar seu prestígio na

sociedade e não poderia arriscar matar ele em uma tentativa ousada. Ou quem sabe? Talvez ela eventualmente tentasse com ele também. Eu honestamente não ficaria surpresa dela se sentir ameaçada por você e só queria se certificar que ela tivesse a única outra usuária de espírito sob seu controle. Encare os fatos, Liss. Poderíamos passar horas tentando descobrir como Avery Lazar pensava e não chegar a lugar nenhum.”

“Verdade, verdade.” Ela saiu da cama e sentou perto de mim no chão. “Mas quer saber? Eu sinto que podemos falar sobre qualquer coisa por horas. Você está aqui a 10 minutos e é como... bem, é como se você nunca tivesse partido.”

“Yeah,” eu concordei. Antes dele ser um Strigoï, estar com Dimitri sempre pareceu natural e certo. Estar com Lissa também era natural e certo – embora fosse um diferente tipo de certo. Em minha dor por Dimitri, eu quase esqueci o que tinha com ela. Havia dois lados de mim.

Naquele jeito estranho que ela tinha de adivinhar pensamentos, Lissa disse, “Eu falei sério sobre o que comentei mais cedo. Desculpe pelo que eu disse – sobre agir como se eu tivesse algum direito de mandar na sua vida. Eu não tenho. Se você decidir ficar e me guardar, você fará isso por sua própria escolha e sua bondade. Eu quero me certificar que você viva e escolha sua própria vida.”

“Não tem nada „gentil? sobre isso. Eu sempre quis proteger você. Eu ainda quero.” Eu suspirei. “É só que... eu só tinha coisas para cuidar. Eu tinha que me recompor – e desculpe por não ter lidado com você muito bem.” Havia muitas desculpas acontecendo, mas percebi que era assim que era com as pessoas que você se importa. Você perdoa um ao outro e segue em frente.

Lissa hesitou antes de me perguntar a próxima pergunta, mas eu sabia que ela estava vindo. “Então... o que aconteceu? Você... você encontrou ele...?”

A principio, eu não achei que queria falar sobre isso, mas então percebi que eu precisava. E o negócio era que, algumas coisas diferentes tinham dado errado com Lissa e eu antes. Uma foi que ela

me tomou como garantida. A outra é que eu não contei a ela a verdade – e então me resenti com ela mais tarde. Se iríamos consertar essa amizade e perdoar uma a outra, tínhamos que nos certificar que não repetíssemos o passado.

“Eu encontrei ele,” eu disse finalmente.

E eu comecei a história, contando a ela sobre tudo o que tinha acontecido comigo: minha viagem, os Belikov, os alquimistas, Oksana e Mark, os não prometidos, e é claro, Dimitri. Como Lissa tinha brincado mais cedo, conversamos durante horas. Eu revelei meu coração para ela, e ela ouviu sem me julgar. O rosto dela era compassivo o tempo todo, e quando eu cheguei no fim, eu estava chorando, todo o amor e raiva e angustia que estive mantendo dentro de mim desde a noite na ponte explodiu para fora de mim. Eu não tinha contado a mais ninguém em Novosibirsk sobre o que exatamente eu estive fazendo durante meu tempo com Dimitri. Eu não me atrevi a contar a ninguém que fui uma meretriz de sangue para um Strigoi. Eu fui vaga, esperando que se eu não falasse sobre isso, talvez não fosse real.

Agora, com Lissa, eu tinha que aceitar a realidade de tudo e o que eu realmente sentia: eu tinha matado o homem que amava.

Uma batida na porta nos tirou do mundo que continha apenas eu e ela. Eu olhei para o relógio e me surpreendi por ver que já era quase hora do toque de recolher. Eu me perguntei se estava sendo expulsa. Mas quando Lissa abriu a porta – depois que eu rapidamente sequei meus olhos – o trabalhador que esperava na porta tinha uma mensagem diferente.

“Alberta quer ver você,” a mulher me disse. “Ela achou que você poderia estar aqui.”

Lissa e eu nos olhamos. “Quando? Agora?” eu perguntei.

A mulher deu de ombros. “Pelo jeito dela? Yeah, eu diria agora. Ou mais cedo.” Ela fechou a porta. Alberta era a capitã dos guardiões no campus, e quando ela falava, as pessoas agiam.

“Eu me pergunto sobre o que é isso?” perguntou Lissa.

Eu levantei, com pressa para sair. “Várias coisas eu imagino. Eu vou ver ela e voltar para a casa de hóspedes. Não que eu vá dormir. Não tenho ideia em que horário estou.”

Lissa me deu um abraço parcial, um que nós duas tivemos dificuldade para soltar. “Boa sorte.”

Eu comecei a virar a maçaneta da porta e então pensei em algo. Eu tirei o anel de prata do meu dedo e entreguei para Lissa.

“É esse o anel que você – oh!” Ela colocou sua mão ao redor dele, o rosto dela ficando extasiado.

“Você consegue sentir a mágica nele?” eu perguntei.

“Yeah... está fraca, mas está aqui.” Ela ergueu o anel para a luz e o olhou. Ela provavelmente não iria notar quando saísse porque eu tinha o pressentimento que ela iria estudar o anel a noite toda. “É tão estranho. Eu posso quase imediatamente sentir como ela fez isso.”

“Mark disse que nós provavelmente vamos ter um tempo para passar antes de curar como eles fazem... mas talvez possamos descobrir como fazer amuletos enquanto esperamos?”

Os olhos de jade dela ainda estavam no anel. “Yeah... eu acho que posso.”

Eu sorri pela excitação dela e tentei sair de novo, mas ela pegou meu braço. “Hey... Rose... eu sei que vou te ver amanhã, mas...”

“Mas o que?”

“Eu só queria dizer, depois de tudo o que aconteceu... bem, não quero que nunca mais a gente se separe desse jeito. Eu quero dizer, eu sei que não podemos ficar juntas a cada segundo – e que é meio bizarro mesmo – mas nos ligamos por uma razão. Fomos feitas para cuidar uma da outra e estar lá uma pela outra.”

As palavras dela mandaram calafrios através de mim, como se estivéssemos envolvidas em um poder maior do que nós mesmas. “Seremos.”

“Não, quero dizer... você sempre esteve lá por mim. Toda vez que estou em perigo, e você vem correndo para me salvar. Não mais.”

“Você não quer mais que eu te salve?”

“Não é o que eu quero! Eu quero estar lá por você também, Rose. Se eu posso dar um soco, eu posso fazer qualquer coisa. Embora aquilo tenha doido.” Ela exalou em frustração. “Deus, não estou fazendo sentido. Olha, o ponto é que se você tiver que sair sozinha, me leve com você. Não me deixe pra trás.”

“Liss –”

“Estou falando sério.” A beleza iluminada dela queimou com determinação e propósito. “Qualquer que seja o obstáculo que você tenha que passar, vou estar lá por você. Não passe por ele sozinha. Jure para mim que se você decidir ir embora de novo, você irá me levar. Vamos fazer isso juntas.”

Eu comecei a protestar enquanto um milhão de medos passavam pela minha mente. Como eu poderia arriscar a vida dela? Ainda sim, olhando pra ela, eu sabia que ela tinha

razão. Para melhor ou para pior, tínhamos um laço do qual não podíamos escapar. Lissa estava de fato amarrada aquele pedaço da minha alma, e somos mais fortes lutando juntas do que separadas.

“Ok,” eu disse, batendo na mão dela. “Eu juro. Da próxima vez que eu sair para fazer algo idiota que pode me matar, você pode ir junto.”

TRINTA

Alberta estava esperando por mim no escritório do prédio administrativo dos guardiões. O papel de Alberta como capitã aqui era incrível considerando o baixo número de mulheres no nosso rank. Ela estava nos seus cinquenta anos e era uma das mulheres mais duronas que eu tinha conhecido. O cabelo cor de areia dela estava mostrando alguns grisalhos, e anos trabalhando do lado de fora tinham escurecido a pele dela.

“Bem vinda de volta, Rose,” ela disse, se levantando enquanto me aproximava. Ela certamente não me abraçou, e ela agia como negócios, mas o fato dela estar usando meu primeiro nome era um gesto generoso dela. Isso, e eu pensei ter visto uma faísca de alívio e felicidade nos olhos dela. “Vamos para o meu escritório.”

Eu nunca estive ali antes. Qualquer problema disciplinar que eu tinha com os guardiões normalmente eram dirigidos ao comitê. Sem surpresas, o escritório era impecável, tudo arrumado com uma eficiência militar. Sentamos em lados opostos da mesa dela, e eu me preparei para o interrogatório.

“Rose,” ela disse, se inclinando em minha direção. “Vou ser brusca com você. Não vou te dar sermão ou exigir explicações. Honestamente, já que você não é mais minha estudante, não tenho o direito de perguntar ou te dizer nada.”

Era como o que Adrian havia dito. “Você pode dar sermão,” eu disse a ela. “Eu sempre respeitei você e quero ouvir o que você tem a dizer.”

O fantasma de um sorriso passou no rosto dela. “Muito bem, o negócio é o seguinte. Você estragou tudo.”

“Wow. Você não estava brincando sobre ser brusca.”

“As razões não importam. Você não deveria ter partido. Você não deveria ter desistido. Sua educação e treinamento são muito valiosos – não importa o quanto você acha que sabe – e você é talentosa demais para arriscar jogar fora seu futuro.”

Eu quase ri. “Para falar a verdade? Não tenho mais certeza sobre qual é meu futuro.”

“E é por isso que você precisa se formar.”

“Mas eu desisti.”

Ela bufou. “Então volte!”

“Eu – o que? Como?”

“Com papelada. Como tudo no mundo.”

Para ser honesta, eu não sabia o que faria quando voltasse para cá. Minha preocupação imediata era Lissa – estar com ela e me certificar que ela estava bem. Eu sabia que não poderia mais ser oficialmente sua guardiã, mas achei que assim que estivéssemos juntas, ninguém poderia impedir ela de andar com uma amiga. Eu seria a guarda costas contratada dela, por assim dizer, como os que Abe tinha. E enquanto isso, eu iria andar pelo campus como Adrian.

Mas voltar?

“Eu... eu perdi um mês. Talvez mais. Meus dias estavam atrapalhados. Era a primeira semana de maio, e eu parti perto do fim de março, no meu aniversário. Quando era isso? Cinco semanas? Quase seis?”

“Você perdeu dois anos e conseguiu alcançar. Tenho fé em você. E mesmo que você tenha problemas, se formar com notas baixas é melhor do que não se formar.”

Eu tentei me imaginar de volta nesse mundo. Realmente só havia passado um pouco mais de um mês? Aulas... intrigas do dia a dia... como eu poderia voltar a isso? Como eu poderia voltar para esta vida depois de ter visto o jeito que a família de Dimitri vivia, depois de estar e perder Dimitri – de novo.

Ele teria dito que me amava?

“Eu não sei o que dizer,” eu disse a Alberta. “Isso é um pouco demais para absorver.”

“Bem, você deveria se decidir rapidamente. Quanto mais cedo você voltar para as aulas, melhor.”

“Eles realmente me deixariam voltar?” Essa era a parte que eu acha inacreditável.

“Eu vou permitir,” ela disse. “De jeito nenhum vou deixar alguém como você escapar. E agora que Lazar se foi... bem, as coisas estão malucas por aqui. Ninguém vai me dar muitos problemas para preencher a papelada.” O sorriso torto diminuiu um pouco. “E se eles nos derem problemas... eu fui levada a entender que você tem um benfeitor que pode cobrar alguns favores para suavizar as coisas.”

“Um benfeitor,” eu repeti. “Um benfeitor que usa roupas extravagantes e muitas joias?”

Ela deu nos ombros. “Ninguém que eu conheça. Nem sei o nome dele – só que ele ameaçou retirar uma quantidade considerável de doação da escola se você não for aceita de volta. Se você quiser voltar.”

Yeah. Tratos e chantagem. Eu tinha certeza que sabia quem era meu benfeitor. “Me dê um tempo para pensar. Eu vou decidir em breve – prometo.”

Ela franziu, pensativa, e então me deu um aceno. “Muito bem.”

Nós duas levantamos, e ela me levou até a entrada do prédio. Eu olhei para ela. “Hey, se eu me formar... você acha que tem algum jeito de eu estar na fila para ser a guardiã oficial de Lissa de novo? Eu sei que eles já escolheram pessoas para ela e que estou em, ah, um pouco de desgraça.”

Paramos perto das portas, e Alberta pôs a mão no quadril. “Eu não sei. Podemos certamente tentar. A situação ficou muito mais complicada.”

“Yeah, eu sei,” eu disse tristemente, lembrando das ações de Tatiana.

“Mas, como eu disse, podemos tentar. O que eu disse sobre se formar com notas baixas? Você não irá. Bem, talvez em matemática e ciências – mas isso está fora do meu controle. Você será a melhor entre os novatos. Eu mesma vou trabalhar com você.”

“Ok,” eu disse, percebendo a concessão da parte dela. “Obrigada.”

Eu tinha acabado de sair quando ela chamou meu nome. “Rose?”

Eu peguei a porta e olhei para trás. “Yeah?”

O rosto de Alberta ficou gentil... algo que nunca vi antes. “Sinto muito,” ela disse. “Sinto muito por tudo que aconteceu. E que nenhum de nós possa fazer nada sobre isso.”

Eu vi nos olhos dela então que ela sabia sobre Dimitri e eu. Eu não tinha certeza de como. Talvez ela tenha ouvido depois da batalha; talvez ela tenha adivinhado de antemão. Independentemente, não havia punição no rosto dela, só um pesar e empatia sincera. Eu dei a ela um breve aceno de reconhecimento e saí.

Eu encontrei Christian no dia seguinte, mas nossa conversa foi breve. Ele estava a caminho de se encontrar com alguns dos estudantes dele e já estava atrasado. Mas ele me

abraçou e parecia genuinamente feliz em me ver. Mostrava o quão longe tínhamos chegado, considerando a relação antagonista que tivemos quando nos conhecemos.

“Já era hora,” ele disse. “Lissa e Adrian se dividiram na preocupação com você, mas eles não foram os únicos. E alguém precisa colocar Adrian em seu lugar, sabe. Eu não posso fazer isso o tempo todo.”

“Obrigado. Me mata dizer isso, mas eu senti sua falta também. O sarcasmo de ninguém se compara ao seu na Rússia.” Minha diversão caiu. “Mas já que você mencionou Lissa –”

“Não, não.” Ele ergueu a mão em forma de protesto, o rosto endurecendo. “Eu sabia que você iria ir aí.”

“Christian! Ela te ama. Você sabe que o que aconteceu não foi culpa dela –”

“Eu sei disso,” ele interrompeu. “Mas não significa que não doeu. Rose, eu sei que é a sua natureza se intrometer e dizer o que todo mundo tem medo, mas por favor... não dessa vez. Eu preciso de tempo para entender as coisas.”

Eu tive que engolir muitos comentários. Lissa tinha mencionado Christian em nossa conversa ontem. O que aconteceu entre eles era um dos maiores arrependimentos dela – provavelmente a coisa que ela odiava mais em Avery. Lissa queria se aproximar dele e fazer as pazes, mas ele manteve distância. E sim, ele tinha razão. Eu não deveria me intrometer – ainda. Mas eu precisava consertar isso.

Então eu respeitei os desejos dele e simplesmente acenei. “Ok. Por agora.”

Minhas últimas palavras fizeram o sorriso dele se entortar um pouco. “Obrigado. Olha, eu tenho que ir. Se algum dia você quiser mostrar para aqueles garotos como chutar traseiros do jeito antigo, apareça. Jill iria desmaiar se te visse de novo.”

Eu disse a ele que iria e deixei ele ir, já que eu tinha lugares para estar. Mas de jeito nenhum eu tinha terminado com ele.

Eu tinha um encontro com Adrian e Lissa, em um dos lounges da minha casa de convidado. Falar com Christian me atrasou, e eu corri pelo lobby do prédio, mal olhando meus arredores.

“Sempre com pressa,” uma voz disse. “É de se admirar que alguém consiga fazer você parar de se mover.”

Eu parei e virei, meus olhos largos. “Mãe...”

Ela estava inclinada contra a parede, os braços cruzados, com seu cabelo ruivo tão encaracolado e bagunçado quanto o meu. O rosto dela, manchado como o de Alberta por enfrentar o clima, estava cheio de alívio e – amor. Não havia raiva e nem condenação. Eu nunca fiquei tão feliz em ver ela na minha vida.

Eu estava nos braços dela em um instante, descansando minha cabeça no peito dela embora ela fosse mais baixa que eu.

“Rose, Rose,” ela disse através do meu cabelo. “Nunca mais faça isso. Por favor.”

Eu me afastei e olhei para o rosto dela, surpresa por ver lágrimas saírem dos olhos dela. Eu tinha visto minha mãe chorar depois do ataque na escola, mas nunca, nunca eu a vi chorar por completo. Certamente não por mim. Me fez querer chorar também, e eu inutilmente tentei secar o rosto dela com o cachecol de Abe.

“Não, não, está tudo bem. Não chore,” eu disse, achando estranho a troca de papéis. “Desculpe. Não vou fazer isso de novo. Senti tanto a sua falta.”

Era verdade. Eu amava Olena Belikov. Eu achava que ela era gentil e maravilhosa e eu iria guardar as memórias dela me confortando sobre Dimitri e sempre saindo do seu caminho para me alimentar. Em outra vida, ela poderia ter sido minha sogra. Nessa, eu sempre iria considerar ela como uma mãe adotiva.

Mas ela não era minha verdadeira mãe. Janine Hathaway era. E parada ali com ela, eu estava tão feliz – tão, tão feliz – por ser filha dela. Ela não era perfeita, mas ninguém é, como eu estava aprendendo. Ela era, no entanto, boa e corajosa e feroz e compassiva – e eu acho que ela me entendia melhor do que eu perco as vezes. Se eu pudesse ser metade da mulher que ela era, minha vida seria bem gasta.

“Eu estava tão preocupada,” ela me disse, se recuperando. “Onde você foi – eu quero dizer eu sei que você foi para Rússia... mas porque?”

“Eu pensei...” Eu engoli e de novo vi Dimitri com minha estaca no peito. “Bem, tinha algo que eu precisava fazer. Eu pensei que tinha que ir fazer sozinha.” Eu não tinha certeza sobre essa última parte agora. Verdade, eu tinha completado meu objetivo por conta própria, mas eu estava percebendo agora quantas pessoas me amavam e estavam aqui por mim. Quem sabe o quão diferente as

coisas poderiam ter sido se eu pedisse ajuda? Talvez tivesse sido mais fácil.

“Eu tenho muitas perguntas,” ela avisou.

A voz dela endureceu, e eu sorri. Agora ela voltou a ser a Janine Hathaway que eu conhecia. E eu a amava por isso. Os olhos dela passaram por meu rosto e então para meu pescoço, e eu vi ela endurecer. Por um momento de pânico, eu me perguntei se Oksana tinha esquecido de curar uma das marcas de mordida. A ideia de minha mãe ver o que eu tinha me rebaixado a fazer na Sibéria fez meu coração parar.

Ao invés disso, ela se esticou e tocou as cores brilhantes do cachecol de cashmere, o rosto dela cheio de admiração tanto quanto choque. “Isso... isso é o cachecol de Ibrahim... é uma herança de família...”

“Não, pertence a um gangster moderno chamado Abe...”

Eu parei assim que o nome cruzou meus lábios. Abe. Ibrahim. Ouvir os dois em voz alta me fez perceber o quão similar eles eram. Abe... Abe era apelido para Abraham em inglês. Abraham, Ibrahim. Só havia uma pequena variação. Abraham era um nome comum o bastante nos EUA, mas só ouvi Ibrahim uma vez, falado pela rainha Tatiana quando ela estava se referindo a alguém com quem minha mãe tinha se envolvido...

“Mãe,” eu disse descrente. “Você conhece Abe.”

Ela ainda estava tocando o cachecol, olhos mais uma vez cheios de emoção – mas de um tipo diferente do que ela tinha para mim. “Sim, Rose. Eu conheço ele.”

“Por favor não me diga...” Oh, cara. Porque eu não podia ser uma ilegítima meia-real como Robert Doru? Ou até a filha do carteiro? “Por favor não me diga que Abe é meu pai...”

Ela não precisou me dizer. Estava na cara dela, a expressão sonhadora lembrando um outro tempo e lugar – um tempo e lugar que sem dúvidas tinha envolvido minha concepção. Ugh.

“Oh, Deus,” eu disse. “Eu sou a filha de Zmey. Zmey Junior. Zmeyette, até.”

Isso chamou a atenção dela. Ela olhou para mim. “Do que diabos você está falando?”

“Nada,” eu disse. Eu estava atordoada, tentando desesperadamente pensar nessa novidade em meu mundo. Eu convoquei uma imagem daquele rosto todo e com barba, os olhos e cabelos escuros... sim, eram os mesmo que os de Abe. Eu sempre soube que meu pai era turco. Esse era o misterioso sotaque de Abe, o que não era russo mais ainda era estrangeiro para meus ouvidos. Ibrahim deve ser a versão turca para Abraham.

“Como?” eu perguntei. “Como diabos você se envolveu com alguém assim?”

Ela parecia ofendida. “Ibrahim é um homem maravilhoso. Você não o conhece como eu.”

“Obviamente.” Eu hesitei. “Mãe... o que Abe faz para viver?”

“Ele é um negociante. E ele conhece e faz favores para muita gente, e é por isso que ele tem a influencia que tem.”

“Mas que tipo de negócio? Eu ouvi falar em ilegais. Não é... oh Deus. Por favor não me diga que ele vende meretrizes de sangue ou algo assim.”

“O que?” ela parecia chocada. “Não. É claro que não.”

“Mas ele faz coisas ilegais.”

“Quem disse? Ele nunca foi pego com nada ilegal.”

“Eu juro, você quase soou como se estivesse tentando fazer uma piada.” Eu nunca teria esperado que ela defendesse um criminoso, mas eu sabia melhor que a maioria sobre o que o amor poderia nos fazer coisas malucas.

“Se ele quiser te dizer, ele vai te dizer. Fim da história, Rose. Além do mais, você certamente tem sua conta de segredos também. Vocês dois tem muito em comum.”

“Você está brincando? Ele é arrogante, sarcástico, gosta de intimidar as pessoas, e – oh.” Ok. Talvez ela tivesse razão.

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios dela. “Eu nunca realmente esperei que você o conhecesse desse jeito. Eu nunca esperei que você o conhecesse, ponto final. Nós dois achamos que seria melhor se ele não se envolvesse em sua vida.”

Um novo pensamento me ocorreu. “Foi você, não foi? Você contratou ele para me encontrar.”

“O que? Eu o contatei quando você sumiu... mas eu certamente não o contratei.”

“Então quem foi?” eu me perguntei. “Ele disse que ele estava trabalhando para alguém.”

O sorriso cheio de amor remanescente se tornou torto. “Rose, Ibrahim Mazur não trabalha para ninguém. Ele não é o tipo de pessoa que você pode contratar.”

“Mas ele disse... espera. Porque ele estava me seguindo? Você está dizendo que ele estava mentindo?”

“Bem,” ela admitiu, “não seria a primeira vez. Se ele estava te seguindo, não era porque alguém estava obrigando ou pagando ele. Ele o fez porque queria. Ele queria te encontrar e se certificar que você estava bem. Ele se certificou que todos os seus contatos soubessem te procurar.”

Eu repassei minha breve história com Abe. Sombria, insultante, enfurecida. Mas ele dirigiu pela noite para me resgatar quando fui atacada, foi fiel a seu objetivo de me trazer de volta para a escola em segurança, e aparentemente tinha me dado uma herança porque ele achava que eu fosse ficar com frio no meu caminho para casa. Ele é um homem maravilhoso, minha mãe havia dito.

Eu suponho que existam pais piores para se ter.

“Rose, aí está você. Porque demorou tanto?” Minha mãe e eu viramos enquanto Lissa entrava no lobby, o rosto dela brilhando

quando ela me viu. “Andem – as duas. A comida está esfriando. E você não vai acreditar no que Adrian conseguiu.”

Minha mãe e eu trocamos um breve olhar, nenhuma de nós precisando falar. Tínhamos uma longa conversa diante de nós, mas teria que esperar. Eu não fazia ideia de como Adrian tinha arranjado isso, mas quando chegamos no lounge, havia comida chinesa na mesa. A academia quase nunca servia, e mesmo quando servia, nunca tinha o gosto... certo. Mas essa era da boa. Tigelas e tigelas de frango com molho agridoce e omelete. Em um canto estava uma lata de lixo, e eu vi uns desenhos de entrega com um endereço em Missouri escrito do lado.

“Como diabos você trouxe isso para cá?” eu exigi. Não apenas isso, ainda estava quente.

“Não questione essas coisas, Rose,” disse Adrian, olhando para seu prato com arroz frito. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo. “Só deixe rolar. Assim que Alberta acertar sua papelada, você vai comer assim todo dia.”

Eu parei no meio da mastigação. “Como você sabe disso?”

Ele meramente piscou. “Quando você não tem nada para fazer a não ser andar pelo campus o tempo todo, você capta as coisas.”

Lissa olhou entre nós. Ela esteve em aula o dia todo, e não tivemos muito tempo para conversar. “O que é isso?”

“Alberta quer que eu me matricule de novo e me forme,” eu expliquei.

Lissa quase derrubou seu prato. “Ela vai deixar?”

“Foi o que ela me disse.” Eu disse.

“Então aceite!” minha mãe exclamou.

“Sabe,” disse Adrian, “eu meio que gosto da ideia de nós cairmos na estrada juntos.”

“Tanto faz,” eu respondi. “Você provavelmente não me deixaria dirigir;”

“Pare com isso,” minha mãe estava firmemente de volta a si, nenhuma dor sobre a partida de sua filha ou seu amor perdido. “Você precisa levar isso a sério. Seu futuro está em jogo.” Ela acenou em direção a Lissa. “O futuro dela está em jogo. Termine sua educação aqui e seja guardiã e –”

“Sim,” eu disse.

“Sim?” ela perguntou, confusa.

Eu sorri. “Sim, eu concordo.”

“Você concorda... comigo?” Eu acho que minha mãe não conseguia se lembrar de isso acontecendo. Nem eu conseguíamos para falar a verdade.

“Yup. Eu faço os testes, me formo, e me torno um membro respeitável da sociedade como puder. Não que soe muito divertido,” eu provoquei. Eu mantive meu tom leve, mas por dentro, eu sabia que precisava disso. Eu precisava voltar para as pessoas que me amavam. Eu precisava de um novo propósito, caso contrário eu nunca iria superar Dimitri. Eu nunca iria parar de ver o rosto dele ou ouvir sua voz.

Ao meu lado, Lissa ofegou e apertou suas mãos juntas. Sua alegria me inundou. Adrian não exibia suas emoções tão abertamente, mas eu podia ver que ele também estava

contente por me ter por perto. Minha mãe ainda parecia meio atordoada. Eu acho que ela estava acostumada comigo sendo irracional – o que, normalmente, eu era.

“Você realmente irá ficar?” ela perguntou.

“Bom Deus.” Eu ri. “Quantas vezes eu tenho que dizer isso? Sim, eu irei voltar para a escola.”

“E ficar?” ela incitou. “Os dois meses e meio inteiros?”

“Isto não está implícito?”

Seus rosto estava sério – e mais como o de mãe. “Eu quero ter certeza se você não vai planejar e fugir de novo. Você irá ficar e

terminar o ensino não importa o que? Vai ficar até a sua graduação? Você promete?”

Eu encontrei os olhos dela, surpresa com a sua intensidade. “Sim, sim. Eu prometo.”

“Excelente,” ela disse. “Você ficará contente que fez isso ao decorrer da vida.” Suas palavras eram do tipo formal de guardião, mas em seus olhos, eu vi amor e alegria.

Nós terminamos o jantar e ajudamos a empilhar os pratos na área do serviço de limpeza. Enquanto raspava restos de comida em uma lata de lixo, eu senti Adrian ao meu lado.

“Isso é muito doméstico de você,” ele disse. “É meio excitante, realmente. Me dando todo o tipo de fantasias sobre você em um avental aspirando minha casa.”

“Oh, Adrian, como eu senti falta de você,” eu disse rolando os olhos. “Eu não suponho que você vá ajudar?”

“Nah. Eu ajudei quando eu comi tudo no meu prato. Nenhuma sujeira no caminho.” Ela pausou. “E sim, você é bem vinda.”

Eu ri. “Você sabe, foi uma boa coisa que você não falou muito enquanto eu prometia a mamãe que eu ficaria aqui. Eu poderia ter mudado de ideia.”

“Não estou certo se você conseguiria ter ficado contra ela. Sua mãe parece como alguém que muitas vezes consegue as coisa que quer.” Ele lançou um olhar disfarçado para onde Lissa e minha mãe estavam conversando do outro lado da sala. Ele abaixou a voz. “Isso deve ser de família. Em fato, talvez eu devesse pedir a ajuda dela em algo.”

“Adquirir cigarros ilegais?”

“Chamar sua filha para sair.”

Eu quase derrubei o prato que segurava. “Você me chamou para sair uma tonelada de vezes.”

“Não de verdade. Eu fiz sugestões inapropriadas frequentemente seguidas por nudez. Mas eu nunca chamei você para sair para um

encontro real. E, se memória serve, você disse que me daria uma justa chance uma vez que eu deixasse você limpar meu fundo de garantia.”

“Eu não limpei ele,” eu zombei.

Mas estando ali, olhando para ele, eu lembrei que eu tinha dito que se sobrevivesse a minha busca por Dimitri, eu daria a Adrian uma chance. Eu teria dito qualquer coisa para conseguir o dinheiro que eu precisava na época, mas agora, eu via Adrian por novos olhos. Eu não estava pronta para casar com ele por nenhum desenrolar da imaginação, nem eu o considerava material confiável para namorar. Eu nem mesmo sabia se eu queria um namorado algum dia.

Mas ele tinha sido um bom amigo para mim e todo mundo durante todo esse caos. Ele foi carinhoso e firme, e sim, eu não podia negar... que mesmo com um pálido olho preto, ela ainda era extraordinariamente bonito.

E apesar disso não dever importar, Lissa tinha conseguido fazer ele confessar que boa parte da paixão cega dele por Avery foi induzida por compulsão. Ele gostava dela mas não tinha sido querer uma ligação romântica, mas os poderes dela tinha aumentado a intensidade para mais do que ele realmente sentia. Ou assim ele dizia. Se eu fosse um cara e tudo isso tivesse acontecido comigo, eu provavelmente diria que estava sob a influência de magia também.

Ainda, do jeito que ele olhava para mim agora, eu achei difícil de acreditar que alguém tinha tomado o meu lugar para ele no último mês ou algo assim.

“Me faça uma oferta,” eu disse finalmente. “Escreva ela, e me dê um esboço ponto por ponto do porque você é um bom suposto pretendente.”

Ele começou a rir, então olhou para a minha cara. “Seriamente? Isso é como dever de casa. Há uma razão para eu não estar na faculdade.”

Eu estrolei os dedos. "Faça, Ivashkov. Eu quero ver você passar por um bom dia de trabalho."

Eu esperei uma piada ou um pode esperar, mas ao invés, ele disse, "Ok."

"Ok?" Agora eu me senti como minha mãe tinha sentido mais cedo, quando eu concordei rapidamente com ela.

"Yep. Eu estou indo de volta para o meu quarto agora para começar traçar minha tarefa."

Eu o fitei incredulamente enquanto ele alcançava algo no seu casaco. Eu nunca tinha visto Adrian se mover tão rápido quando qualquer tipo de trabalho estava envolvido. Oh não. No que eu tinha me enfiado?

Ele de repente pausou e alcançou o bolso de seu casaco com um sorriso exasperante. "Na verdade, eu já praticamente te escrevi um ensaio. Quase esqueci."

Ele pegou um pedaço de papel dobrado e balançou isso no ar. "Você tem que arrumar um telefone para você. Eu não irei ser sua secretária outra vez."

"O que é isso?"

"Um cara estrangeiro me ligou mais cedo... disse que meu número estava na memória do telefone dele." De novo, Adrian olhou para Lissa e minha mãe. Elas ainda estavam concentradas na conversa. "Ele disse que tinha uma mensagem para você e não queria que eu dissesse para mais ninguém. Ele me fez escrevê-la e lê-la de volta para ele. Você é a única pessoa pela qual eu faria isso, você sabe. Eu acho que eu vou mencionar isso quando eu escrever minha proposta de encontro."

"você poderia apenas me entregar isso?"

Ele me passou a nota com uma piscada, me fazendo uma reverência, e então disse boa noite para Lissa e minha mãe. Eu meio que me perguntei se ele realmente estava indo escrever uma proposta de encontro. Principalmente, minha atenção estava na

nota. Eu não tinha nenhuma dúvida de quem tinha ligado para ele. Eu usei o telefone de Abe para ligar para Adrian em Novosibirsk e tinha depois dito a Abe sobre o envolvimento financeiro de Adrian na minha viagem. Aparentemente, meu pai – ugh, esse ainda era um pensamento

surreal – tinha decidido que aquilo fazia de Adrian confiável, entretanto eu me perguntei porque minha mãe não poderia ter sido usada como mensageira.

Eu desdobrei a nota, e levei alguns segundos para decifrar a letra de Adrian. Se ele fosse me escrever uma proposta de encontro, eu realmente espero que ele digite. A nota dizia:

Mandei uma mensagem para o irmão de Robert. Ele me disse que não havia nada que eu pudesse oferecer que faria ele revelar a localização de Robert – e acredite em mim, eu tenho muito a oferecer. Assim ele disse enquanto ele tiver que passar o resto da vida dele lá, a informação morreria com ele. Pensei que você gostaria de saber.

Era dificilmente o bem que Adrian queria que fosse. Talvez era um pouco crítico, mas então, Abe não iria querer seu conteúdo facilmente entendido por Adrian. Para mim, o significado era claro. O irmão de Robert era Victor Dashkov. Abe tinha de alguma forma enviado uma mensagem na qual quer que fosse horrível e remota prisão que ele estava preso. (De alguma forma, não me surpreendeu que Abe conseguisse fazer isso.) Abe sem dúvidas tinha tentado um dos seus tratos com Victor para descobrir onde Robert estava, mas Victor recusou. Nenhuma surpresa nisso também. Victor não era a pessoa mais prestativa, e eu não poderia culpar ele totalmente agora. O cara estava trancado para sempre “lá” – na prisão. O que alguém poderia oferecer a um homem condenado que faria diferença em sua vida?

Eu suspirei e guardei o bilhete, de alguma forma tocada pelo que Abe tinha feito por mim, por mais inútil que tenha sido. E de novo, o mesmo argumento me veio a cabeça. Mesmo que Victor não tenha dado a localização de Robert, porque importava? Quanto mais eu

pensava sobre os eventos na Rússia, mais ridículo se tornava se quer considerar transformar um Strigoi de volta a sua forma original. Só a verdadeira morte podia libertar eles, só a morte....

A voz da minha mãe me poupou de reviver a cena na ponte mais uma vez na minha cabeça. Ela me disse que tinha que partir mais prometeu que conversaríamos mais tarde. Assim que ela se foi, Lissa e eu nos certificamos que tudo estava arrumado no lounge antes de ir para o meu quarto. Ela e eu ainda tínhamos muito o que conversar. Nós subimos, e eu me perguntei sobre quando eles iriam me tirar da casa de hóspedes e voltar para o dormitório. Provavelmente quando Alberta terminasse com a fita vermelha. Ainda parecia impossível aceitar que eu iria ser capaz de voltar a minha velha vida e seguir em frente pelo que tinha acontecido no ultimo mês.

“Adrian te deu uma carta de amor?” Lissa me perguntou. A voz dela era provocativa, mas através do laço, eu sabia que ela ainda estava preocupada sobre meu luto por Dimitri.

“Ainda não,” eu disse. “Explico mais tarde.”

Fora do meu quarto, um dos atendentes estava prestes a bater na porta. Quando ela me viu, ela me entregou um grosso envelope. “Estava trazendo para você. Chegou hoje pelo correio.”

“Obrigada,” eu disse.

Eu peguei dela e olhei. Meu nome e o endereço da St. Vladimir estavam escritos numa excelente caligrafia, o que achei estranho, já que minha chegada aqui tinha sido repentina.

Não havia endereço para devolução, mas tinha carimbos da Rússia e foi entregue por correspondência global.

“Você sabe de quem é?” Lissa perguntou quando a mulher se foi.

“Não sei. Eu conheci muitas pessoas na Rússia.” Poderia ser de Olena, Mark, ou Sydney. Ainda sim... algo que eu não conseguia explicar me colocou em alerta.

Eu abri de um lado e virei. Minha mão se fechou ao redor de algo frio e metálico. Eu sabia o que era antes de eu puxar para fora. Era uma estaca de prata.

“Oh Deus,” eu disse.

Eu virei a estaca, passando meus dedos pelo padrão geométrico na sua base. Não havia dúvidas. Era única. Essa era a estaca que peguei do cofre de Galina. A que eu –

“Porque alguém te mandaria uma estaca?” perguntou Lissa.

Eu não respondi e ao invés disso peguei o próximo item dentro do envelope. Uma pequena nota. Ali, em uma letra que eu conhecia bem demais, dizia:

Você esqueceu outra lição: Nunca vire suas costas até ter certeza que seu inimigo está morto. Parece que vamos ter que repassar a lição da próxima vez que eu te ver – que vai ser logo.

Amor, D.

“Oh,” eu disse, quase derrubando o cartão. “Isso não é bom.”

O mundo girou por um momento, e eu fechei meus olhos, respirando fundo. Pela centésima vez, eu repassei os eventos na noite que escapei de Dimitri. Cada vez, minhas emoções e atenção estavam sempre no rosto dele quando eu o empalei, a visão do corpo dele caindo na água negra. Agora minha mente convocou os detalhes da luta. Eu lembrei como o desvio de último minuto dele tinha interferido com minha mira ao coração. Por um momento lá, eu não consegui afundar a estaca o bastante – até que vi o rosto dele ficar calmo e vi ele cair.

Mas eu não tinha afundado a estaca o bastante. Meu primeiro instinto estava certo, mas as coisas aconteceram rápido demais. Ele caiu... e então o que? A estaca estava solta o bastante para cair sozinha? Ele foi capaz de tirar ela? O impacto no rio a derrubou?

“Todos aqueles bonecos de prática, para nada,” eu murmurei, lembrando de como Dimitri me fez enfiar de novo e de novo a estaca

no peito deles para que passasse as costelas e entrasse no coração.

“Rose,” exclamou Lissa. Eu tinha o pressentimento que essa não era a primeira vez que ela dizia meu nome. “O que está acontecendo?”

A morte mais importante da minha vida... e eu a perdi. O que iria acontecer agora? Parece que teremos que repassar a lição da próxima vez que eu te ver – o que vai ser logo.

Eu não sabia o que sentir. Desespero por não ter libertado a alma de Dimitri e cumprido a promessa que eu tinha secretamente feito a ele? Alívio por não ter matado o homem que eu amava? E sempre, sempre a pergunta: Ele teria dito que me amava se tivéssemos tido alguns momentos a mais?

Eu ainda não tinha respostas. Minhas emoções estavam passando feito loucas, e eu precisava deixar elas na espera e analisar o que eu sabia aqui.

Primeiro: dois meses e meio. Eu prometi a minha mãe dois meses e meio. Nenhuma ação até lá.

Enquanto isso, Dimitri ainda estava andando por aí, ainda um Strigoi. Enquanto ele estivesse solto no mundo, não haveria paz para mim. Nenhum encerramento. Olhando para o cartão de novo, eu percebi que não teria paz nem se tentasse ignorar ele. Eu entendi a mensagem no cartão.

Dimitri estava vindo atrás de mim dessa vez. E algo me disse que eu tinha estragado minha chance de ser transformada em Strigoi. Ele estava vindo me matar. O que ele tinha dito quando escapei da mansão? Que de jeito nenhum nós dois poderíamos viver no mundo? E ainda sim, talvez pudéssemos...

Quando eu não respondi ela imediatamente, Lissa ficou mais preocupada. “Seu rosto está me assustando um pouco. O que você está pensando?”

“Você acredita em contos de fadas?” eu perguntei, olhando nos olhos dela. Mesmo enquanto dizia as palavras, eu podia imaginar Mark desaprovando.

“O que... que tipo de conto?”

“Do tipo não são para você desperdiçar sua vida.”

“Eu não entendo,” ela disse. “Estou totalmente perdida. Me diga o que está acontecendo. O que posso fazer?”

Dois meses e meio. Eu tinha que ficar aqui por dois meses e meio – parecia uma eternidade. Mas prometi a minha mãe que ficaria, e me recusava a ser apressada de novo – particularmente com as apostas tão altas. Promessas. Eu estava me afogando em promessas. Eu tinha até prometido a Lissa algo.

“Você falou sério antes? Você quer ir comigo na minha próxima busca maluca? Não importa o que?”

“Sim.” Não havia incerteza ou hesitação na palavra, nenhum vacilo nos olhos verdes dela. É claro, eu me pergunto se ela se sentiria da mesma forma quando ela descobrisse o que iríamos fazer.

O que alguém poderia oferecer a um homem condenado que fizesse diferença em sua vida?

Eu ponderei sobre isso mais cedo, tentando entender o que faria Victor Dashkov falar. Victor tinha dito a Abe que não havia nada que ninguém pudesse oferecer que fizesse ele dar informações sobre a lendária habilidade do seu irmão de restaurar Strigoi. Victor estava cumprindo uma sentença de prisão perpétua; nenhum suborno poderia importar mais para ele. Mas uma coisa poderia, eu percebi. Liberdade. E só havia uma forma de conseguir isso.

Teríamos que tirar Victor Dashkov da prisão.

Mas eu decidi não mencionar isso para Lissa ainda.

E eu sabia que por agora eu tinha uma chance de salvar Dimitri. Mark disse que era um conto de fadas, mas eu teria que arriscar. A pergunta era: quanto tempo eu tinha até que Dimitri viesse me matar? Quanto tempo eu tinha para descobrir se o impossível era na verdade possível? Esse era o verdadeiro problema. Porque se Dimitri aparecesse antes de eu ter a chance de encontrar o dragão dessa história – Victor – as coisas iriam ficar feias. Talvez toda essa coisa

do Robert fosse uma enorme mentira, mas mesmo que não fosse... bem, o tempo estava passando. Se Dimitri viesse até mim antes de eu conseguir pegar

Victor e Robert, eu teria que lutar com ele. Sem duvidas. Eu não poderia esperar uma cura mágica. Eu teria que matar Dimitri para valer dessa vez e perder qualquer chance que eu poderia ter de trazer de volta meu príncipe. Merda.

É uma boa coisa eu trabalhar bem sob pressão.

FIM

(Nota 1) Rouxinol (passarinho).

(Nota 2) Um burocrata é um administrador que tem permissões ao nível do software para, dentre outras coisas, promover qualquer utilizador registado a administrador e qualquer administrador a burocrata.

(Nota 3) Refeição comum em que cada participante prepara um prato ou uma porção.

(Nota 4) Um tipo de banheira.

(Nota 5) Bonnie e Clyde é um filme norte-americano de 1967 que conta de maneira romancada a história real de Bonnie Parker e Clyde Barrow, um jovem casal de assaltantes de banco e assassinos que aterrorizaram os estados centrais dos Estados Unidos durante a Grande Depressão no país.